



Fazer Cultura. Arte e política cultural em Salta, Argentina

Laura Belén Navallo Coimbra

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal de Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antopologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos de Souza Lima

Co-orientador: Prof. Dr. Gustavo Blázquez

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Navarro Coimbra, Laura Belén

Fazer Cultura. Arte e política cultural em Salta, República Argentina. Rio de Janeiro, 2010.

Dissertação . Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós – Graduação em Antropologia Social.

258 fl.

Orientador: Antonio Carlos de Souza Lima; Co-orientador: Gustavo Alejandro Blázquez.

1. Cultura. 2. Arte. 3. Política cultural. 4. Antropologia de Estado. 5. Pró – Cultura Salta, Argentina

Fazer cultura. Arte e política cultural em Salta, Argentina

Laura Belén Navallo Coimbra

Prof. Antonio Carlos de Souza Lima

Prof. Gustavo Blázquez

Dissertação de mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre

Aprovada por:

Presidente, Prof. Antonio Carlos de Souza Lima

Doutor, PPGAS/UFRJ

Prof. Gustavo Blázquez

Doutor, Universidad Nacional de Córdoba

Prof. Adriana de Resende Barreto Vianna

Doutora, PPGAS/UFRJ

Prof. Marcos Otávio Bezerra

Doutor, UFF

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2010

Agradecimentos

Aproveito esta oportunidade para agradecer a todas as pessoas que colaboraram para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente aos professores com quem compartilhei diferentes disciplinas e que me ajudaram a pensar os temas aqui tratados. Por isso, meus sinceros agradecimentos a Renata Menezes, Olivia Cunha, Moacir Palmeira. A Lygia Sigaud que, no curto período compartilhado, colaborou para despertar inquietações através de seu rigor teórico e crítico. Sou agradecida aos comentários atentos de Adriana Vianna, seu tratamento sempre respeitoso e ao tempo divertido, irônico, ameno, lúcido. A Fernando Rabossi por me acompanhar desde as teorias antropológicas, as discussões e as leituras compartilhadas, e por sua presença neste trânsito como estrangeira, por tudo o que significa viver a experiência de “mestranda”. Também por seu “encorajamento” nos encontros no chafariz.

Eu gostaria de agradecer ao pessoal da Secretaria do Programa, Tania, Izabel, Adriana. Ao carinho ofertado por Alessandra e Carla da biblioteca

Meus agradecimentos às pessoas com quem tive a oportunidade de trocar opiniões, que me informaram sobre distintos assuntos vinculados à investigação e que não tiveram dificuldade em atender às minhas perguntas e demandas, algumas delas mantendo a continuidade através do correio eletrônico. Meu respeito à confiança de: Oscar Aguirre, José Mario Carrer, Carmen Martorell, Luciano Tanto, Roberto Salvatierra, Raquel Peñalva, Gabriela Doña, Gabriela Recagno, Agustín Usandivaras. Também agradeço ao pessoal administrativo de diferentes instituições da cidade de Salta que me informaram e guiaram, na medida de suas possibilidades, para conseguir leis, decretos e indicações.

Queria oferecer meus mais profundos e sinceros agradecimentos a Gustavo Blázquez, amigo e (co)orientador, que desde o momento em que o conheci, em um congresso de antropologia, soube me acompanhar e me orientar em minhas inquietações. Naquele evento, com aguda perspicácia, bastou uma só avaliação para fazer os presentes rirem enquanto se referia ao meu trabalho. Seu comentário surgiu a partir do convite para um baile que o hotel onde nos alojávamos oferecia aos assistentes. A partir de então dançamos e, embora esse momento acadêmico só tenha gerado horas de estar sentada, é a dança que me faz ser outra. Esse relâmpago também lhe agradeço. Além disso, porque por seu intermédio pude conhecer Antonio Carlos, querido e orientador.

Ao Antonio Carlos, por sua imensa confiança, dedicação, generosidade e pela amizade que começamos a compartilhar. Agradeço seu apoio em todos os momentos, seus comentários agudos, críticos e alentadores, a partir dos quais se tornou possível a realização deste trabalho. Deste modo, desejo que o diálogo iniciado seja sucedido de outros.

A minha querida família sempre atenta às minhas alegrias, necessidades e aos meus caprichos, por seu incondicional apoio. A minha mamãe Wilma, meu irmão Fernando, minha

irmã Tatiana, minha sobrinha Tania, meu cunhado Jorge. A minhas tias que sempre estão presentes lá das terras mais longínquas, mas com muito afeto e proximidade. Ao Tuty e a Niña, e também ao meu primo Bernardo.

A passagem pelo mestrado foi cálida e divertida junto à carinhosa companhia de Paula, Martinho, Isis e Aline. Sobretudo com Isis e Aline, pudemos compartilhar este momento de finalização, encorajando-nos cotidianamente através de encontros, cervejas e telefonemas. Meus sinceros agradecimentos pela amizade iniciada e que promete continuar.

Também quero agradecer aos amigos que fui fazendo nesses anos, nesta maravilhosa cidade: Guillermo, Paulo Victor, Isabel, Nina, Camille, Kelly, Caio. Aos amigos com os quais compartilho diferentes experiências e que me acompanham desde diversas latitudes: Negra e Federico, Silvia, Tadeu, Paula, Gala, Romina, Stephanie, Cyro, Jaína, José Luis, Santi e Anita e Mariela e Roly, Latuf, Andrea, o Gallego, Sonia, Mabel, Leo Mercado, Luna.

A meus companheiros e amigos da Brasil Soka Gakkai Internacional com quem o drama da vida cotidiana se transforma em alegria, por seu apoio e alento permanentes. A Vera, Vivi, Rafaela, Veridiana, Silvinha, Alexandre, Cleide e sua família, Eliana, Célia, e a todos os que continuam aparecendo... meus mais profundos e sinceros agradecimentos. Também agradeço ao presidente da organização o Sr. Daisaku Ikeda.

Ao Hernán, Hernancito, por seu apoio incondicional, sua tolerância, pelas conversas sempre mantidas, pelo amor, a doçura e o afeto, pelos desafios percorridos e os que virão. Sinceramente, sem sua ajuda constante e a coragem ofertada teria sido um pouco mais difícil avançar. Resta-me nesta oportunidade dedicar-lhe este texto que, com paciência, vem acompanhando desde os seus inícios.

Realmente, o desenvolvimento deste mestrado foi possível graças às bolsas de estudo recebidas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPE), durante 12 meses, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), também concedida pelo mesmo período.

Muito obrigada!

Fazer cultura. Arte e política cultural em Salta, Argentina

Resumo

A presente dissertação se pergunta pelos modos de fazer "cultura" entanto política cultural. Para levar adiante esse propósito, uma associação civil sem fins lucrativos –Pro Cultura Salta– realiza na cidade homônima de Argentina, desde sua criação, em 1976, um evento denominado "Abril Cultural Salteño". Neste trabalho se analisa como se faz "cultura", e quais são as relações políticas que diversas pessoas mantêm entre si, que lhes permitiu realizar um "mês cultural". Essas atividades são percebidas por seus atores como práticas não políticas, pois a arte não pertence a esse universo. Porém, me proponho mostrar, partindo da análise, como são produzidas, por meio das atividades artístico-culturais, formas de governo; como são construídos sujeitos de governo; como são criadas identidades, consolidadas de "imagens de nós" como o "nosso ideal"; como se apresenta "Salta é Cultura" como processo civilizatório. A partir dessas interrogações, e analisando diversos "Abris Culturais", me pergunto neste trabalho como esse projeto transformou-se numa política de Estado da Provincia de Salta, e pelo lugar que ocupa Pro Cultura nesse processo.

Fazer cultura. Arte e política cultural em Salta, Argentina

Resumen

Esta disertación indaga los modos de hacer “cultura” en tanto política cultural. Para ello analizo una asociación civil sin fines de lucro -Pro Cultura Salta- realiza en la ciudad homónima de Argentina, desde el momento de su creación (1976-1977), un evento denominado “Abril Cultural Salteño”. Aquí me propongo analizar cómo se realiza “cultura”, las relaciones políticas que diversas personas mantienen entre sí y que les permitió concretizar un “mes cultural”. Esas actividades son percibidas por sus actores como prácticas no políticas, ya que el arte no pertenece a ese universo. Por lo tanto, me propongo mostrar cómo a través de las actividades artísticas-culturales se producen formas de gobierno y sujetos de gobierno, cómo se crean identidades, cómo se consolidan “imágenes de nosotros” como “nuestro ideal”, cómo se presenta “Salta es cultura” como proceso civilizatorio. A partir de estos interrogantes, y analizando distintos Abriles Culturales, cuestiono cómo ese proyecto se convierte en una política de Estado de la Provincia de Salta y el lugar que ocupa Pro Cultura en ese proceso.

Lista de quadros

- Quadro n° 1. Pag. 52
- Quadro n° 2. Pag. 55
- Quadro n° 3. Pag. 132

Lista de mapas e fotos

1. Mapa de Salta. Pag. 41
2. Foto do cartaz do Primeiro Abril Cultural Saltenho, 1977. Gravura original de Osvaldo Juane. Pag. 81
3. Foto de *El Intransigente*, 12/4/1977. Vida Social IV-V. Pag. 82
4. Foto de *El Tribuno*, 11/4/1977. Manchete do jornal. Pag. 86
5. Foto de *El Tribuno*, 5/4/1978. Manchete de jornal, foto de perto. Pag. 91
6. Foto do cartaz do Segundo Abril Cultural Saltenho, 1978. Gravura original de Osvaldo Juane. Pag. 92
7. Foto de *El Intransigente*, 4/4/1978. Cables 4. Pag. 94
8. Foto de *El Tribuno*, 19/4/1978. El Tribuno Regional 5. Pag. 99
9. Foto do cartaz do Terceiro Abril Cultural Saltenho, 1979. Desenho de Marcos Roda. Pag. 102
10. Foto de *El Intransigente*, 24/4/1979. Locales 15. Pag. 111
11. Foto de *El Intransigente*, 24/4/1978. Cables 2. Pag. 118
12. Foto do cartaz do VI Abril Cultural Saltenho, 1982. Baseado em uma pintura ao óleo do artista Jorge Hugo Román. Pag. 124
13. Foto do Programa Geral do XVIII Abril Cultural Saltenho, 1994. Pag. 126
14. Foto do cartaz do XXI Abril Cultural Saltenho, 1997. Baseado em um tecido de José Luis “Pajita” García Bes. Pag. 130
15. Foto do cartaz do XXII Abril Cultural Saltenho, 1998. Sem referencia de desenho. Pag. 134
16. Foto do Programa Geral do XXIII Abril Cultural Saltenho, 1999. Desenho gráfico do arquiteto Javier Zamarian e Martín Mendoza, baseado em uma pintura do artista Miro Barraza. Pag. 137
17. Foto do Programa Geral do XXV Abril Cultural Saltenho, 2001. Pag. 143
18. Foto do Programa Geral do XXVI Abril Cultural Saltenho, 2002. Foto de Silvio Segal, desenhado por Lucía Usandivaras e Virginia Davids Cornejo. Pag. 148
19. Foto do Programa Geral do XXVIII, 2004. Fotografia de Sebastián Canepa, desenhado por Correveydile. Pag. 153
20. Foto da capa de livro “*Pró –Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*”, 2006. Pag. 155

21. Foto da contracapa de livro "*Pró –Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*", 2006.
Pag. 156
22. Foto da capa de *El Tribuno*, 18/6/2000. Pag. 173
23. Foto da Sala "Juan Carlos Dávalos", Casa da Cultura. *El Tribuno*, 18/6/2000. Pag. 176
24. Foto de *El Tribuno*, 27/4/2001. Pag. 180
25. Foto do Programa do Concerto Inaugural da Orquestra Sinfônica de Salta. 2/5/2001.
Pag. 182
26. Foto do Programa do Concerto Inaugural da Orquestra Sinfônica de Salta. 30/4/2001.
Pag. 189

Sumário

Introdução.....	12
Capítulo I. Pró-Cultura Salta	44
Capítulo II. Abril Cultural Saltenho: criando imagens e valores	70
Capítulo III. Organização: Pró-Cultura Salta	121
Capítulo IV: “Cultura” e os processos sociais de criação da Orquestra Sinfônica de Salta	161
Algumas considerações finais	192
Referências bibliográficas	200
Anexo do Capítulo I	208
Estatuto Social	209
Anexo do capítulo III.....	217
Programas de los “Abriles Culturales Salteños”	218

Introdução

Construindo um problema

Nesta dissertação me proponho a indagar como se faz “cultura” enquanto uma política cultural. Para isso tomei como objeto de análise uma associação civil sem fins lucrativos chamada “Pró-Cultura Salta” que, desde o momento de sua formação, pôs em andamento um evento chamado “Abril Cultural Saltenho”. Os “Abris Culturais Saltenhos” são realizados desde 1977. Em 1998, um novo grupo de pessoas assume o diretório de Pró-Cultura. Enquanto estes assumiam suas funções na associação, homenageavam os “fundadores”. Propuseram-se a dar continuidade ao projeto inicial da entidade: os Abris Culturais e outras atividades, embora com intensos tons provinciais. Sons, cores, ritmos foram sendo construídos desde 1998 como os elementos simbólicos do governo provincial, ao mesmo tempo em que este se fundia com Pró-Cultura Salta. Nos primeiros anos dos Abris Culturais traziam-se elencos de outras “terras” e, em algum momento, começaram a emergir como a “própria cultura” de Salta. Uma série de inaugurações fez de Salta “cultura”. Foi reinaugurado o edifício da Casa da Cultura, criou-se a “Orquestra Sinfônica de Salta”, criaram-se museus.

A partir da análise deste “acontecimento” quero mostrar: sob que disposição encontravam-se as pessoas que criaram a associação? quais foram as eficácias de suas práticas e de seus projetos? como é possível que aquelas disposições mostrem as disposições presentes? Ou seja, como é possível que exista entre os primeiros diretórios e os últimos uma relação de continuidade sem que por esta razão se estabeleçam relações de causalidade?

Poderá se notar que não se trata de um “fato dado”, um “episódio”, mas sim da construção de um “evento”. Se levarmos a sério alguns enunciados de Foucault (1991, p. 76-77), a “eventualização” trata de quebrar qualquer associação de autoevidência, isto é, que diante de certas circunstâncias outras são “inevitáveis”; ao contrário, as relações e as condições histórico-sociais de possibilidade se produzem em regimes de práticas e de sentidos, forma de conceber o mundo, relações dos seres humanos consigo mesmos e com a “verdade”. Neste caso, me pergunto: como escapar de uma leitura “evidente” sem que por isso o “tempo”, a “rotinização”, a permanência de uma instituição como a Pró-Cultura Salta a tornem homogênea? No transcurso da associação parecia existir “continuidade”. Sua duração pode criar a ilusão da evidência, assim como suas ações sempre semelhantes. De alguma maneira,

durante trinta anos, foi inscrevendo-se “cultura”, definindo-se, vivida e experimentada de diversas formas.

Então, o que torna possível essas condições de realização do social? Que classe de relações se produz e como estas relações se efetua? Como se sustenta a “continuidade”? Este “acontecimento” abarca alguns momentos, os acima mencionados, não abrange os “XXX Abris Culturais Saltenhos”, a não ser a fundação do Pró-Cultura Salta e os Abris Culturais; sua afirmação como projeto cultural; o enaltecimento de uma governação através da “cultura”.

A mudança dos membros do diretório a partir de 1998 fez com que os Abris Culturais fossem “governamentalizados” e que a “cultura” começasse a ser parte de uma política de governo; como se produziu essa transformação será outro dos problemas tratados nesta investigação.

Sobre o trabalho de campo e os capítulos desta investigação

A escolha de “Pró-Cultura Salta” não foi por acaso. Para me licenciar em antropologia realizei uma investigação associada aos processos sociais de criação da “Orquestra Sinfônica de Salta”, e entre as coisas que tematizei estavam seus “concertos inaugurais”. Eles se produziram como fechamento do “XXV Abril Cultural Saltenho”, no ano de 2001. A presença da associação civil não só era frequente, como também ocupava uma preeminência singular em meu objeto de investigação.

No sentido comum dominante, “Pró-Cultura Salta” está associada ao governo e, mais ainda, os “Abris Culturais Saltenhos” são concebidos como uma atividade da Secretaria de Cultura da Província. Ao indagar sobre estes temas, fui descobrindo que eram entidades “separadas”, embora fossem os mesmos rostos que circulavam em um lugar e no outro.

Em março de 2009, tendo conversado com o orientador desta investigação, o Dr. Antonio Carlos do Souza Lima, decidi voltar a Salta para realizar trabalho de campo, embora o tema fosse muito amplo. Ia trabalhar com as “políticas culturais” da província. Sabe-se lá o que estava imaginando! Ao chegar à cidade do Córdoba, lugar de passagem para logo me orientar para o norte, conversando com o Dr. Gustavo Blázquez, que logo se tornaria co-orientador, sobre o que estava por iniciar-se, ele começou a me perguntar “qual era o tema”, “qual era a unidade de análise”, “como tinha pensado realizar a investigação”, “o que ia fazer”... Diante de minhas hesitações contínuas, e por ter orientado a investigação anterior, comentou se não tinha pensado em adotar “Pró-Cultura Salta”; eu havia considerado, embora não como uma

“unidade de análise”. Claro, disse, é isso! Eureka! Inclusive chegava para um novo Abril Cultural...

Assim, comecei a realizar o trabalho de campo; imediatamente consegui um programa, e passei a indagar sobre as atividades propostas para o “XXXIII Abril Cultural”. Contatar-me com as pessoas do diretório nesse momento foi um pouco difícil, porque estavam muito atarefados com o evento, inclusive as secretárias que trabalham no Pró-Cultura. Então, iniciei um trabalho de “arquivo”, procurei compilar os cartazes e as programações anteriores, as composições dos anteriores diretórios. Precisava entender como a associação havia surgido.

Passei uma noite pela sede do Pró-Cultura Salta, entrei na secretaria e perguntei a uma das senhoritas que estavam ali se podia entrevistar Agustín Usandivaras, o presidente da instituição. Apresentei-me, comentei o motivo de minha busca, reiterei a pergunta se podia falar com ele ou marcar um dia para ser atendida. Sua secretária, Fernanda, dirigiu-se a Agustín e transmitiu a mensagem; ele saiu rapidamente, aproximou-se e perguntou o que queria. Disse-lhe que era antropóloga, que estava interessada em conhecer a história da instituição, anos antes havia trabalhado com a Orquestra Sinfônica, que meu interesse se vinculava às políticas culturais em Salta e que, de algum modo, queria dar continuidade àquela investigação, expliquei que estava fazendo um mestrado em antropologia social e este encontro fazia parte de meu trabalho de campo. Tendo entendido o assunto, ele me deu de presente imediatamente o livro dos “XXX Abris Culturais Saltenhos” para que eu fosse me informando. Disse à sua secretária, olhando para mim, que podia marcar um encontro. Saí muito contente por ter conseguido o meu propósito. Nos dias seguintes dirigi-me no horário e no dia acordado, cheguei, a secretária me viu entrar e lembrou de seu esquecimento, desculpendo-se, aludiu que Agustín nesse dia não podia, havia tido um súbito compromisso. Remarcamos o encontro. Na próxima vez teve o cuidado de me chamar para me avisar que estava sendo impossível encontrar-se comigo, entre o Abril, médicos e diversas coisas.

Nesse tempo telefonei para Gabriela Recagno, integrante do diretório de Pró-Cultura, antropóloga que trabalha no Museu de Arqueologia de Alta Montanha. Conhecíamos-nos porque nesse lugar trabalhei durante dois anos como “guia”. Eu a chamei para lhe perguntar se podia me ajudar a marcar uma visita com Agustín Usandivaras, eles têm uma relação de proximidade. Ela sugeriu esperar uns dias até que o Abril finalizasse. Segui suas recomendações. E, logo que os balanços e as reflexões foram realizados, pude ser atendida. Isso depois de três desencontros. Mas conseguimos nos encontrar. Atendeu-me um dia à primeira hora, às 9 da manhã, conversamos quase uma hora.

Nesse tempo me dediquei a procurar as pessoas que puderam participar da formação inicial de Pró-Cultura assim como na organização dos Abris Culturais Saltenhos. Encontrei-me com Raquel Peñalva, José Mario Carrer, Luciano Tanto, Gabriela Doña, Carmen Martorell, Roberto Salvatierras e Oscar Aguirre.¹

Enquanto isso me dispus a ver nos periódicos o que diziam sobre os Abris e a inauguração da associação. Meu trabalho de campo devia ser realizado em dois meses. Não podia me dedicar à leitura pausada de cada um dos artigos jornalísticos, tirar cópias levava muito tempo, então peguei minha câmara digital e fotografei os comentários dos Abris que apareciam. Trabalhei com os dois jornais disponíveis da época: *El Tribuno* e *El Intransigente*.² Notei rapidamente que se estabeleciam algumas diferenças na produção e na promoção do evento, como o conteúdo que se divulgava, coisas que se publicavam em um e em outro não.

Ao iniciar a investigação, tive a intenção de abranger os 30 anos dos Abris Culturais. Assim que vi que a maior parte do tempo eu passava no arquivo da província fotografando notas, que já tinha decorrido um mês, percebi que isto devia ser modificado. Então, fiz um primeiro recorte, só tomaria o período da ditadura militar (1977-1983) e o primeiro período democrático (1983-1989). Contava com *El Tribuno* para compreender esse período; *El Intransigente* foi fechado pelo governo ditatorial em meados de 1982.

Fundamentalmente o que me orientou a adotar essas fontes era saber como o evento era apresentado e o que se dizia dele. Havia uma dificuldade: a maioria dos membros do primeiro diretório já tinha falecido. Quem pôde me informar sobre esse período foram Raquel Peñalva, José Mario Carrer e Luciano Tanto. Houve outra dificuldade em relação aos primeiros Abris, existiam seus cartazes e algum folheto de circulação, mas não se encontravam as “programações”. Embora contássemos, a partir de 1997, com o detalhe de todas as atividades através dos programas de difusão e dos diversos materiais gráficos.

No transcurso da investigação, orientadores, amigos investigadores, professores da Universidade Nacional de Salta com quem eventualmente me encontrava “sugeriram-me” que recortasse o período de análise, já que o prazo com que contava era reduzido. “Talvez”, respondia... Pude compreender isto melhor no momento de analisar todo o material recolhido, ao classificá-lo e estabelecer alguns eixos de análise. Foi no transcurso que decidi deixar os “80” fora, inclusive não consegui abranger todo o período da ditadura militar. Por isso, tomei

¹ No desenvolvimento desta dissertação, conforme aparecem estas pessoas, irei citando-as e descrevendo-as.

² No capítulo 2 estes jornais serão caracterizados.

para realizar o capítulo 1 os três primeiros anos, para compreender quais eram as condições de realização do evento e o que se produzia com eles.

Não trabalhar a década dos 80 e o início dos 90 não foi somente por causa da quantidade de informação com que contava ou porque estava sendo difícil dar conta dela, embora também o fosse pelas condições de realização de uma investigação de mestrado, mas sim que neles se produziu um corte entre o que vinha acontecendo nos 70 e a mudança que se produziria em fins dos 90. Os 80 por si mesmos merecem um estudo.

As relações entre a Pró-Cultura Salta e as formas de apresentação da província não se realizavam da mesma maneira. Ao notar esse vínculo mais entre o primeiro diretório e os últimos da primeira década do século XXI, eu me perguntei: Quais são as relações entre essas comissões diretivas? Que elementos as tornam possíveis? Como se produz uma aparente relação de continuidade entre elas? Como se realizam os Abris Culturais e o que se faz neles? Basicamente foram estas as perguntas gerais que guiaram este trabalho.

Aqui me proponho a problematizar essas relações que podem ser colocadas de diversas maneiras: “Estado-associação civil”, “formas de governo”, “relações interpessoais”, “políticas culturais”, “cultura”, “política e cultura”, “processo civilizatório”.

No primeiro capítulo, abordo a formação de “Pró-Cultura Salta” e o “Abril Cultural Saltenho”. No segundo, vejo como através dos três primeiros Abris Culturais se constroem sujeitos morais ao mesmo tempo em que se apresenta Salta. No terceiro, indago sobre as conotações “organizar” neste tipo de práticas sociais e as relações que se estabelecem com o “Estado”. Ali me aproprio de dois eventos que considero significativos, uma “comemoração” que o novo diretório realiza para os “fundadores”, já que essa ação Pró-Cultura se situa no cenário da “produção cultural” e da “adesão” que se presta ao governo no momento em que este leva a cabo diversas políticas governamentais. A segunda celebração relaciona-se com o festejo dos “XXX Abris Culturais” e a reafirmação de “Salta é Cultura”. No quarto capítulo, analiso os processos sociais que implicaram a criação da Orquestra Sinfônica de Salta como política de governo em matéria cultural, à luz dos Abris Culturais, e as formas de realização de Pró-Cultura Salta. Também neste capítulo abranjo a reinauguração do novo edifício da Casa da Cultura e como mediante essas inaugurações se redefinem os sentidos em torno de “cultura”, constroem-se “moralidades” e se realiza um projeto civilizatório.

Para levar a cabo este estudo, considero importante esclarecer algumas noções teóricas a partir das quais problematizo as relações e as produções sociais, políticas como simbólicas.

Relações interpessoais e relações políticas: efeitos, afetos e valores

Essa é a autoimagem dos grupos que, em termos de seu diferencial de poder, são A criação de uma “associação civil” que teve como objetivo realizar distintos tipos de atividades vinculadas à “arte” e à “cultura” produziu um projeto para a província de Salta que pode ser entendido como uma “política cultural”. Ao abordar este tema, reflito sobre “políticas”, “políticas culturais”, “construções de identidade” e, quer se queira ou não, encontro-me indefectivelmente com o “Estado”.³ Nessa arena, questiono então sobre os limites do “governamental”, os agenciamentos das pessoas, as formas que estas têm de relacionar-se e os projetos que realizam.

Neste sentido, considero que um modo de analisar as relações sociais seja por meio dos vínculos que as pessoas estabelecem entre si. Parto das relações interpessoais que os indivíduos constroem, isto é, suas “amizades” e, a partir daí, vou armando as “redes sociais” emergentes nas quais cada sujeito aciona distintos tipos de recursos que existem à sua disposição. Na dinâmica social, esses recursos são intercambiados, possibilitando ou não a viabilidade de projetos, bens, serviços ou favores. Desta forma, noto que as “amizades” que as pessoas mantêm não podem deixar de ser analisadas em termos políticos, porque através delas consegue-se mobilizar distintas esferas do mundo social.

Esta aproximação permite considerar que o Estado, enquanto administração pública, perde sua abstração idealizada ou real, vigente no sentido comum de um grupo social ou em postulados analíticos; ao contrário, produz tanto diversas subjetivações quanto desigualdades sociais. Ao não se tratar de uma abstração, quero precisamente focalizar o dinamismo das relações como a fluidez mediante a qual as pessoas transitam em diversos âmbitos governamentais. Esse trânsito muitas vezes se materializa em espaços concretos nos quais as ações dos sujeitos têm lugar.

Habitamos sociedades reguladas por códigos jurídicos e legais que estabelecem distinções entre “organismos estatais” ou “governamentais”, “civis”, “não-governamentais” ou “comerciais”. Essas diferenciações, sancionadas pela força da lei, são condições de possibilidade de diversos tipos de ações sociais. Muitas vezes apelar para uma categoria ou para outra permite que os sujeitos ativem seus diversos capitais, ou seja, que a alusão a elas possa ser estratégica, situacional ou corresponder aos fins da ação social.

Considero importante iniciar esta problematização a partir das noções de “amizade” ou, como prefere chamá-la George Foster (1963), de “contratos diádicos”. Os autores que

³ Todas estas categorias serão construídas e tematizadas ao longo desta investigação e principalmente aqui na introdução.

tomei para esta reflexão são: Eric Wolf (1966), George Foster (1963), Jeremy Boissevain (1966) e Julian Pitt-Rivers (1971).⁴ Para eles, a amizade seria um tipo de vínculo entre outros, como o parentesco, a vizinhança, o patronato. Preocuparam-se em considerar e dar conta do caráter político dessas relações, chamando a atenção para o fato de que estas não necessariamente se encontram ligadas às estruturas formais e administrativas de um aparelho governamental. Entretanto, mediante uma série de mecanismos como a reputação; os falatórios; o intercâmbio de favores e presentes; a confiança ou a lealdade exercem poder.⁵

Estas relações sociais, para colocá-las em termos de Eric Wolf, são “*estruturas intersticiais*” aos poderes políticos e econômicos (Wolf, 2003, p. 94). Dessa maneira, configuram um universo de relações sociais complexas. George Foster, em um estudo sobre o grupo de camponeses mexicano, desenvolveu a noção de “contratos diádicos” para dar conta das uniões estabelecidas entre duas pessoas. Estas uniões implicam uma série de expectativas e compromissos mútuos, isto é, que se baseiam no princípio da reciprocidade (Foster, 1967, p. 214).

Segundo este autor, o modelo sociológico de contrato diádico é um tipo de “*estrutura informal*” inerente a qualquer instituição. Por isso, “*as instituições sociais formais*” proveem os indivíduos de um número infinito de possibilidades de alianças, culturalmente definidas, a partir das quais as pessoas podem interatuar. Sendo assim, o indivíduo “*seleciona*” ou é “*selecionado*” por meio dos mecanismos do contrato diádico, aquelas relações que lhe resultem significativas (Foster, 1967, p. 214). Esses contratos diádicos podem ser de dois tipos: “*verticais*”, como o caso dos padrões-clientes, ou “*horizontais*” ou “*entre colegas*”, supondo-se que as pessoas que estabelecem o contrato compartilham níveis socioeconômicos e/ou *status* semelhantes. Ambas se sustentam no intercâmbio de bens e serviços (Foster, 1967, p. 214).

Para Foster, os contratos diádicos se apoiam em pares de contratantes mais que em grupos, pois cada indivíduo se situa no centro de sua rede de contratos, sendo cada uma delas privada e única (Foster, 1967, p. 214). Embora cada rede possa sobrepor-se a outras, estas, segundo o autor, não têm significância. Para Boissevain, este ponto, discutindo com Foster, será de vital importância, porque é nessa superposição de redes que o sistema de patronato terá lugar. Já que ali a possibilidade de que uma pessoa *X* se converta em amigo ou se aproxime de *E* é porque *E* estabelece determinados vínculos com *A*, sendo que *X* pretende se

⁴ Os anos referidos dos artigos seguem a partir de sua primeira publicação, embora as citações mencionadas procedam dos textos utilizados aqui, não coincidindo necessariamente. Esta escolha se deve às traduções utilizadas ou aos livros que foram reunidos.

⁵ Embora utilize estes autores, não posso deixar de mencionar os trabalhos do Marcos Otávio Bezerra (1995; 1999) que, para levar a cabo suas investigações em torno da “*corrupção*” ou sobre a “*política no Brasil*”, também usa como ferramenta de análise estes autores, entre outros.

beneficiar da amizade que possa estabelecer com A. Foster não desconhece a função e a potencialidade de E como “mediador” ou “alavanca”, mas não lhe dá a importância que Boissevain considera e lhe atribui. Esta figura de mediação será denominada por Boissevain de “broker”.

Essa trama complexa, mediante a qual umas pessoas se aproximam de outras em função dos benefícios que podem obter das amizades que as segundas dispõem, é denominada por Wolf de “amizade instrumental”, diferente de uma “amizade expressiva ou emocional” que se sustenta em uma “necessidade emocional” ou como uma “força de compensação” (Wolf, 2003, p. 103).

Outro aporte importante nesta problemática é a investigação de Julian Pitt-Rivers (1971) na comunidade espanhola de Alcalá. O autor destaca que a amizade é um tipo de “instituição social” que se conecta com a “estrutura de autoridade”, vinculada particularmente às figuras do Estado. A amizade como relação social se baseia em uma série de valores igualitários, como a cooperação mútua, implica “reciprocidade”. Poder-se-ia dizer que aquilo que sustenta essa relação é a “simpatia”, uma determinada “afinidade”, portanto, trata-se de uma associação “voluntária” e pode durar um período indefinido de tempo.

O autor mostra como a amizade se constrói a partir de uma série contínua de intercâmbios de presentes, serviços, favores e ajudas recíprocos que supõem, ao mesmo tempo, um desinteresse de dar. Entretanto, o paradoxo da relação exige devolução, implica um retorno, pois precisamente nesse vai e vem é que a amizade se sustenta. A relação não se acaba com a retribuição de um favor, esta tem uma duração que excede a transação, embora os intercâmbios sejam intrínsecos a ela. Essa entrega “desinteressada” dá conta da “estima” que se tem pela pessoa, faz parte da “simpatia”. Por isso mesmo, não se pode desprezar um presente de um amigo, rechaçá-lo pode colocar em perigo a amizade. Ao mesmo tempo, não se pode aceitar um presente ou um favor se se souber que não se pode retribuir, pois isto afetaria diretamente a honra da pessoa, na medida em que estaria evidenciando certa “inferioridade”, e é esse gesto que desonra, já que a lógica de tais intercâmbios admite que eles sejam realizados entre pares.

A amizade também supõe serem aliados em face de uma pessoa considerada “inimiga”, cuida-se dela na medida em que se está atento a comentários desonrosos ou desprestigiadores do ser estimado, isto quer dizer que os falatórios servem tanto para aumentar o prestígio de uma pessoa como para depreciá-la e criar rivalidades entre grupos. Neste sentido, este vínculo se baseia em uma noção moral que permite a regulação social entre os indivíduos.

Essa forma de analisar os vínculos interpessoais como relações políticas estará presente na hora de considerar como os integrantes de Pró-Cultura Salta constroem suas associações através de um jogo contínuo de reputações, construções de si tanto em nível pessoal como grupal. Tal abordagem será desenvolvida e problematizada no primeiro capítulo, assim como no terceiro, em dois momentos diferentes que dão conta de dois conjuntos de pessoas que estabelecem entre si vínculos afetivos como instrumentais, em que se conectam com as estruturas de poder.

Estes autores apontam as relações políticas que se estabelecem entre os indivíduos mediante aqueles tipos de vínculos aparentemente fundados nos afetos e no desinteresse. Também poderiam ser analisadas as relações intersubjetivas através da sociologia de Norbert Elias (2000). Em sua análise sobre a comunidade urbana periférica chamada “Winston Parva”, procura dar conta de quais são esses mecanismos sociais a partir dos quais o poder se realiza.

Assinala o autor que a questão do poder é um tema “humano universal”, por isso se pergunta: como é possível que grupos interdependentes pensem sobre si mesmos, autorrepresentem-se como humanamente superiores, desqualificando outros e aludindo à falta de “virtude”? Afirma então que:

seguramente superiores a outros grupos interdependentes [...] os grupos mais poderosos, na totalidade dos casos, vêem-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de *carisma grupal*, de uma *virtude específica* que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros [...] De que modo os membros de um grupo mantêm entre si a *crença* de que são não apenas mais poderosos, mas também seres humanos melhores do que os de outros? Que meios utilizam eles para impor a crença em sua superioridade humana aos que são menos poderosos? (Elias, 2000, p. 19-20. Itálico meu).

A partir destas interrogações, Elias analisou “Winston Parva” vendo os meios de controle social que o grupo dos “estabelecidos” exercia sobre os “outsiders”. Esse controle social era produzido através de comentários elogiosos ou depreciativos. Desta maneira, os “estabelecidos” se atribuíam propriedades exemplares ou se autoelogiavam, contribuindo assim para a formação de um carisma grupal, enquanto adjudicavam aos “outsiders” características negativas que os desonravam.

Será um ponto central nesta análise a referência ao “carisma grupal”, porque mediante esse sentimento as pessoas, as famílias, as coletividades inserem-se em um grupo singular. Gozar da satisfação de fazer parte do grupo e de seu carisma, como também de todos os benefícios a que isso conduz, significa viver conforme um conjunto de normas e padrões de

comportamento que garantam a continuidade dessa reputação. Isto implica aprender e incorporar “padrões específicos de controle dos afetos”.

Contrariamente a uma visão positiva e autoelogiosa que um grupo “estabelecido” outorga a si mesmo, os “outsiders” são vistos como “anômicos” ou como “contaminação”, o contato com eles coloca em perigo a reputação coletiva, denegrindo o grupo.

Elias, ao se interessar em como as classificações operam entre os grupos, sugerirá analisar a “sociodinâmica da estigmatização”, contemplando tanto os modos de classificar coletivamente, os preconceitos individuais que as pessoas forjam em relação à outra, como também a forma com que ambas operam entre os grupos. É a partir dessas interdependências de construção de valores individuais como coletivos, entre os grupos e em seu interior, que se pode compreender a natureza das interdependências em uma representação social específica. Trata-se então de um duplo movimento articulado entre si: o autocontrole individual e a opinião grupal.

Considero que a sociodinâmica das estigmatizações contribui para pensar como o Pró-Cultura Salta se atribui características que o tornam especial. Seus participantes sentem-se e percebem a si mesmos como “humanamente superiores” em face do resto da população, enquanto a “sociedade” só lhe resta participar de seu projeto cultural para alcançar esse nível cultural ideal que não tem e que, por sua vez, desqualifica os seus integrantes como seres humanos. Esse processo de consolidação de um grupo que vê a si mesmo como melhor começa a ser desenvolvido no capítulo 1, quando analiso as redes sociais que formam a associação civil. Ali começo a esboçar os fundamentos sobre os quais se baseiam os Abris Culturais Saltenhos, enquanto a dinâmica social e as construções de imagens geradas nos Abris Culturais serão desenvolvidas em profundidade no segundo capítulo e retomadas no quarto capítulo.

O processo pelo qual pessoas e grupos veem a si mesmos como “superiores”, manipulando estigmatizações, contribui para que se sustentem como coletividade, conseguindo, ao mesmo tempo, fazer com que outros grupos acreditem na sua condição de “inferioridade”. Estas diferenças não estão determinadas por condições materiais ou objetivas, mas sim pretendem sustentar-se em aspectos ou aspirações “humanas”. Isto quer dizer que aquilo que se apresenta como superior ou inferior em termos de poder é vivenciado como superioridade ou inferioridade “humana”, portanto, o que se constrói através desses mecanismos são “sujeitos morais”.

Estes mecanismos de controle e regulação social se baseiam naquilo que Elias denomina de “fantasias coletivas” criadas pelo conjunto de pessoas de maior poder. As

diferenças e as desigualdades surgidas dessas forças sociais apresentam-se como “naturais”. O “establishment”, como o autor também denominará os “estabelecidos”, “ignora” o caráter construído das estigmatizações e da subordinação que produz.

A operação e a função das crenças dos “establishment” a respeito de seus grupos outsiders: o estigma social que seus membros atribuem ao grupo dos outsiders transforma-se, em sua imaginação, num estigma material – é coisificado. Surge como uma coisa objetiva, implantada nos outsiders pela natureza ou pelos deuses. Dessa maneira, o grupo estigmatizador é eximido de qualquer responsabilidade: não fomos *nós*, implica essa fantasia, que estigmatizamos essas pessoas, e sim as forças que criaram o mundo – elas é que colocaram um sinal nelas, para marcá-las como inferiores ou ruins (Elias, 2000, p. 35).

A referência a sinais “objetivos” defende a distribuição vigente de oportunidades de poder ou tem uma função de desculpa. A análise do autor aponta também como essas experiências e fantasias individuais são forjadas durante a vida por meio da modelação dos afetos e da conduta; portanto, as fantasias enaltecidas ou depreciativas têm um “caráter diacrônico” (Elias, 2000, p. 37).

Aqui me interessa destacar a vinculação entre “imagens de nós” e de “nosso ideal” e “imagens e ideal de eu” que os indivíduos podem realizar. Trata-se de uma interdependência não só de imagens, mas também de formas de experimentar o mundo. A “imagem de nós” e de “nosso ideal” faz parte da “autoimagem” e do “ideal de eu” tanto quanto a “imagem e ideal de eu” de uma pessoa singular que se refere como “eu”, implicando ao mesmo tempo uma imagem pessoal e grupal (Elias, 2000, p. 41). Assim, as construções ou as imagens que as pessoas realizam de si mesmas são experiências pessoais de um processo grupal, e aquelas imagens e ideais de “nós” são versões pessoais de fantasias coletivas (Elias; 2000, p. 43).

Nessas construções de “imagens de nós”, Pró-Cultura Salta outorga uma missão, a de civilizar a sociedade saltenha enquanto constrói uma fantasia coletiva, sendo esta “Salta é Cultura”. Essas imagens começam a produzir-se nos primeiros Abris Culturais Saltenhos e se consolidam na inauguração da Casa da Cultura assim como nos concertos inaugurais da Orquestra Sinfônica de Salta, objeto de análise do quarto capítulo desta dissertação.

Estado, políticas governamentais, formas de governo

Embora o “Estado” em si mesmo não se constitua como meu objeto de análise, encontro-me com ele permanentemente quando estudo suas ações. Essas aproximações associam-se à vinculação entre “cultura” e “política”, as definições em torno de “política cultural”, as relações pessoais entre os indivíduos, a função de muitos deles em cargos

públicos. Então, como construir instrumentos analíticos para problematizar estas questões? Se se pensar em “política cultural”, ela é geralmente problematizada por distintos autores (García Canclini, 1987; Wortman, 1996; Yúdice, 2002; Miceli, 1987, entre outros) como uma área de intervenção estatal, ou seja, como “política pública”, embora não exclusivamente. Por estes motivos, considero importante caracterizar o Estado, indagar sobre as formas de governo e sobre noções de “políticas governamentais”.⁶

Pró-Cultura Salta apresenta-se como a realização de um projeto cultural, embora nem sempre manifeste estar desenvolvendo uma “política cultural”; por isso considero importante definir o que entendo como tal. Para isso, consultei alguns autores que a meu ver contribuirão para problematizar este assunto, a ser fundamentalmente trabalhado no terceiro e no quarto capítulos.

Cris Shore e Susan Wright, na introdução ao seu livro *Anthropology of Policy* (1997), propõem-se a discutir como as “políticas”, “policies” (da palavra inglesa “policy”, geralmente traduzida como “política”, e que se associa a “Estado em ação”, as ações ou as políticas governamentais) tornaram-se um campo de conhecimento da antropologia. Por isso se perguntam: como essas “policies” são utilizadas como instrumentos de “governo”? como elas constroem seus tópicos como objetos de poder, que tipo de subjetividade ou identidade é criado? quais são as metáforas empregadas para mobilizar essas políticas a partir do uso de determinados símbolos que permitem a legitimidade política? como se estabelece a autoridade de um discurso? (Shore & Wright, 1997, p. 3). Argumentam então que as políticas classificam os indivíduos como “cidadãos”, “profissionais”, “criminosos” e, somando categorias de nosso interesse, “cultos”, “civilizados”, “educados”. Neste sentido, as políticas são maneiras de controlar e governar as populações, modelá-las, coletivizando formas de ação e modos de expressão.

A “cultura” neste trabalho é o objeto de controle e regulação; a partir dela se constroem representações dos saltenhos quando se cria uma “identidade saltenha” por meio

⁶ Cabe destacar que muitas vezes se utilizam indistintamente os termos “política pública” ou “política governamental”, embora isto mereça um esclarecimento. Assim como assinalam Souza Lima e Macedo e Castro, existem alguns “obstáculos” na hora de realizar este tipo de investigação. Um deles relaciona-se a “pressupostos apriorísticos” de que as “políticas governamentais sejam consideradas como ‘públicas’”, sendo o “público” problemático, na medida em que se refere a noções de “*fins públicos, coletivos, onde os mecanismos portadores de 'equidade social' (outra expressão de moda) funcionam gerando apenas positivities*” (2008, p. 365-366). Interpreto neste sentido que “público” é um termo difuso e amplamente usado para fazer referência a múltiplos temas e situações das ações de governo, e não só delas. Também em muitos casos se encontra associado ao “bem social”, ou a uma problemática específica que diz respeito aos “problemas ou assuntos de uma coletividade”.

das atividades propostas para os Abris Culturais. Em relação a estas, ativa-se uma série de metáforas, contraditórias às vezes, ao mesmo tempo em que se legitima um devenir saltenho enquanto culto e civilizado. Como isso se produz, vincula-se às técnicas e às estratégias empregadas, às formas de governo que normalizam os indivíduos e os tornam sujeitos morais.

Se estes autores nos previnem de algo, é evitar uma leitura instrumentalista do “governo” que conceitualizaria as políticas como medidas efetuadas de “*cima para baixo*”. Esta visão transforma-a em uma técnica racional, uma ação orientada para que os “*decisions makers*” resolvam problemas e produzam mudanças (Shore & Wright, 1997, p. 5). Pelo contrário, quando eles se referem a “governo”, tratam de analisar processos mais complexos não apenas como imposições produzidas de “*fora*” ou de “*cima*”, mas sim como aquilo que influencia as normas e as condutas das pessoas, o que contribui para a formação de um modelo de governo em uma ordem social específica. Em relação a esta noção de governo, aquela em que se pode notar a presença das formulações desenvolvidas por Michel Foucault, poderia ser colocada de outra forma, isto é, como os regimes de práticas, as relações com o “*verdadeiro*” e o “*falso*” (*regimes de veridicidade*) constituem os meios de que as pessoas dispõem para se relacionarem com o poder, com o saber e consigo mesmas.

Outro aspecto que estes autores estabelecem, e que é de meu interesse, é a relação entre “*policies*” e moralidade. Muitas vezes, na linguagem das políticas públicas, o que se apresenta como “*neutro e objetivo*” e é condizente com uma lógica da legalidade racional torna opaco o caráter moral, obscurece a força de construção de sujeitos morais, os processos de subjetivação. Bem se poderia citar aqui a proposta do Émile Durkheim a respeito deste assunto.

Embora Durkheim problematize diretamente a questão do Estado em suas “*Lições de sociologia*” (1974 [1912]), um dos pontos que destaca é como este constrói certa “*moralidade cívica*”, entre as funções que cabem ao Estado, mediante a elaboração de “*representações coletivas*”.⁷ Seu interesse pelas “*representações coletivas*” poderia ser rastreada em outros

⁷ Para Durkheim, entre as funções que competem ao Estado, entendido também como o domínio que se exerce sobre um território, estão o manejo da justiça e o controle das guerras e dos conflitos, tanto no interior de seu território como em relação a outros Estados (Durkheim, 1974, p. 97-98). De maneira semelhante, Max Weber define Estado como “um instituto político de atividade continuada, quando e na medida em que seu quadro administrativo mantenha com êxito a pretensão ao *monopólio legítimo* da coação física para a manutenção da ordem vigente” (Weber; 2005, p. 43-44. O itálico pertence ao texto citado). Weber estabelece outras particularidades do “estado moderno”: “Caracteriza hoje formalmente o estado ser uma ordem jurídica e administrativa – cujos preceitos podem variar – pela qual se orienta a atividade – “*ação da associação*” – do quadro administrativo (por sua vez regulado por preceitos estabelecidos) e que pretende validade não só diante dos membros da associação – que pertencem a ela essencialmente por nascimento – mas também em relação a toda a ação executada no território a que se estende a sua dominação (ou seja, enquanto “*instituto territorial*”). É, além disso,

trabalhos seus, como *As formas elementares da vida religiosa* (1912) ou no trabalho com Marcel Mauss denominado *As formas de classificação primitiva* (1903). As representações que o Estado produz se caracterizam por ser “*conscientes e reflexivas*” e valem para toda a coletividade (Durkheim, 1974, p. 95). O fato de que o Estado elabore representações coletivas converte-o no “*órgão mesmo do pensamento social*”, “*não pensa por pensar, para construir sistemas e doutrinas, mas sim para dirigir a conduta coletiva*” (Durkheim, 1974, p. 96). Para desenvolver esta ideia, problematiza a regulação, por parte do Estado, entre “*indivíduo e sociedade*” (antinomia também presente em *A divisão do trabalho social*, 1893) a partir da proteção dos direitos individuais e dos direitos da coletividade, sendo os primeiros uma obra deste, na medida em que os cria e os converte em realidade (Durkheim, 1974, p. 103, 106).

Durkheim estabelecerá como dever fundamental do Estado chamar progressivamente o indivíduo à existência moral, e aqui convém perguntar: como essa moral se produz, é só uma atribuição do Estado? Chama a atenção o autor para o fato de que o Estado não deve se confundir com os órgãos de execução, mas sim que se trata de uma associação política formada por um conjunto de “*grupos secundários*”, entre eles as administrações. Os órgãos de execução estão “*qualificados para pensar e atuar em lugar e por conta da sociedade*”. Eles produzem as “*representações e as resoluções coletivas*” (Durkheim, 1974, p. 94).

Se um dos deveres do Estado é chamar o indivíduo à “*existência moral*”, não se trata de uma moral individual, mas sim de uma “*disciplina*” moral distinta que tem por meta a “*coletividade nacional e não o indivíduo*” (Durkheim, 1974, p. 116). Então dirá o autor que é este órgão eminente o encarregado de disciplinar tal moralidade. Essa moralidade vincula o “*ideal nacional*” encarnado pelo Estado e o “*ideal humano*”. Este pensamento também esteve presente no desenvolvimento que fiz de Elias (2000) a respeito das construções que uma coletividade realiza em torno de “*imagens de nós*” e as associações que estas têm com a “*imagem e ideal de eu*”.

Esta conceitualização de Durkheim em torno das representações coletivas produzidas pelo Estado através dos grupos secundários será uma maneira de considerar a Pró-Cultura Salta e as imagens produzidas durante os Abris Culturais. Estas relações e formas de construir moralidades serão desenvolvidas nos capítulos 2 e 4 deste trabalho. Deste modo, a partir da análise dos programas dos Abris Culturais e das atividades que se realizam, tratarei de explicar como se disciplinam os sujeitos ao mesmo tempo em que se convertem em sujeitos morais.

característico: que hoje exista coação “legítima” enquanto a ordem estatal a permita ou prescreva [...] Este caráter *monopolista* do poder estatal é uma característica tão essencial da situação atual como o é seu caráter de *instituto racional* e de *empresa continuada*” (Weber; 2005, p. 45. Itálico do próprio texto).

O que separa Durkheim de Cris Shore e Susan Wright é que os dois últimos estão pensando não tanto no Estado, mas sim nas políticas que este produz e suas consequências sociais. Embora Durkheim estabeleça as distinções entre órgãos de execução, administrações e grupos secundários como constitutivos do “Estado”, não problematiza as “políticas” em si mesmas, mas as funções que são próprias ao Estado, sendo uma delas a constituição de moralidades. Por outro lado, as “políticas públicas”, como estabelecem Shore e Wright, constituíram-se como um objeto de conhecimento durante a década de 70, ao menos para a antropologia política.

Outro aspecto que os autores consideram importante para que se compreendam as políticas é o uso da linguagem, já que através dela se pode explicar a arquitetura das relações de poder. Este assunto é de meu interesse porque, para o caso de Pró-Cultura Salta, a linguagem associada com “cultura” aparecerá geralmente “*desinteressada*”, distante de qualquer propósito político. Essa prática se apresentará como “*amor pela arte*”, sendo este o motivo que guia a ação de um grupo de pessoas, afastado de qualquer interesse ou propósito político, embora com os anos afirme que sim, que se tratou de uma “*política*” para a província, sem que ela fosse produzida pelos órgãos governamentais.

Rapidamente mencionei nesta seção, a propósito de Souza Lima e Macedo e Castro, que ao estudar as “*políticas públicas*” se deve evitar qualquer associação do “público” como constitutivo “dos fins das ações do Estado”, por isso, os autores se propõem a falar de “*políticas governamentais*”, definidas como:

[...] planos, ações e tecnologias de governo formuladas não só por organizações administrativas de Estados Nacionais, mas também a partir de diferentes modalidades de organizações não redutíveis àquelas que estão definidas em termos jurídicos e administrativos enquanto partícipes das administrações públicas nacionais. Pensamos aqui não apenas em ONGs e movimentos sociais, mas também em organizações multilaterais de fomento e cooperação técnica internacional para o desenvolvimento. Isto implica em dizer que a *identificação de problemas sociais*, a *formulação de planos de ação governamental*, sua *implementação* e a *avaliação* de seus resultados se dão em múltiplas escala espaciais, com temporalidades variáveis, no entrecruzamento de amplos espaços de disputa, muitas vezes desconectadas entre si na aparência. Tal desconexão é efeito dos modelos analíticos que visam entender os dispositivos de governo adotados como portadores da racionalidade tão perseguida na ciência política, e que calcam tal racionalidade numa lógica fortemente marcada pela idéia de Estado Nacional. Parece-nos que os cenários atuais e históricos nos levam a perceber o quanto as políticas de governo de Estados nacionais são geradas, financiadas e avaliadas fora das fronteiras estritas de seus territórios, por feixes de agências e agentes, princípios e práticas que as trespassam (Souza Lima & Macedo e Castro, 2008, p. 369. Os itálicos são do texto).

A citação, por um lado, é uma definição de “política governamental” e, por outro, coloca em questão a produção da mesma como constitutiva dos Estados Nacionais circunscritos a seus territórios. A identificação de problemas sociais, a formulação, o planejamento e a aprovação das políticas excedem as fronteiras dos Estados e exigem uma complexificação maior de como estas são geradas e levadas a cabo. Por isso, os autores sugerem que seria um equívoco analisá-las por si mesmas e não como um *“acesso e parte necessária de um estudo antropológico do Estado”* (Souza Lima & Macedo e Castro, 2008 p. 370).

Ao mesmo tempo, os autores discutem *“o poder imaginário da forma Estado nacional”* como *“O Estado”*, insistindo em que esse Estado é *“mononacional”*, geralmente associado a certa homogeneidade cultural e racial (poder-se-ia adicionar também heterossexista), baseado principalmente em um modelo *“burguês liberal democrata”*. Tratar *“O Estado”* como uma entidade homogênea e durável no tempo é concebê-lo precisamente como entidade, reificá-lo, e implica também desconhecer sua constituição histórica, seus processos de formação e o fato de que está continuamente *se fazendo*, inclusive como objeto de crença e de centralidade. Por outro lado, aquilo que chamamos *“Estado Nação”* deve ser compreendido em processos de larga duração e como um *“tipo específico de formação social”* (Elias, 2006).

Por estes motivos, Souza Lima e Macedo e Castro, citando Steinmetz (1999), sugerem que o estudo da *“formação do Estado”* é inerentemente histórico, já que procura conhecer os processos contínuos de criação de *“Estados duráveis e as transformações das características estruturais básicas”*. Por isso, chamam a atenção que uma *“policy”* pode ser de *“transformação estrutural”* na medida em que modifique o Estado em sua condição presente, afetando ao mesmo tempo a produção das *“policies”*, enquanto outras *“policies”* afirmam e reproduzem uma forma atual de Estado. Ambos os tipos de políticas devem ser considerados na hora de analisá-lo, para chegar a compreendê-lo enquanto *“processo de formação”*.

Considero que estas noções em torno do Estado serão as referências a partir das quais analisarei as relações entre Estado e Pró-Cultura Salta e o projeto dos Abris Culturais como uma política governamental. Por outro lado, como assinalam estes autores, ao se desenvolverem e se levarem a cabo políticas governamentais que podem transformar as relações econômicas, sociais e políticas, dá-se conta de que o Estado está sempre se fazendo, tanto em sua estrutura quanto como objeto de crença e legitimidade. Esse estar se fazendo vincula-se às discontinuidades presentes nas formas de organização dos Abris Culturais, a serem tratadas no terceiro capítulo desta dissertação.

Apresentei até agora algumas definições de Estado, políticas governamentais e suas produções, as relações que estas têm com os processos de subjetivação e criação de moralidades, formas de governo. Um conjunto de ferramentas conceituais que ajudam a problematizar e a explicar determinados processos sociais. Ainda considero pertinente introduzir algumas indagações em torno de como estabelecer os limites entre “Estado” e “sociedade”, sob que técnicas e processos políticos essa separação se produz. Colocar esta distinção talvez contribua para situar em outro ângulo as relações entre a Pró-Cultura e o Estado, relação esta que atravessa toda a investigação, sendo mais problematizada em alguns capítulos, como foi apontado.

Estas indagações foram levantadas por Timothy Mitchell (1999), curioso de saber como a separação entre o Estado como “sistema” ou como “ideia” se sustenta, que mecanismos as produzem. Essa divisão foi postulada por Philips Abrams (1988), e de algum modo permeiam conceitualizações vigentes. Propõe ao mesmo tempo que uma teoria do Estado não deveria procurar clarificar essa distinção, entre o real e o ilusório, entre o material e o ideológico, mas sim historicizá-las.

Neste sentido se pergunta: “*como definir os aparelhos do Estado e estabelecer seus limites? [...] Onde está o exterior que habilita identificá-lo como tal?*” (1999, p. 76). E afirma que de maneira nenhuma pretende responder a estas interrogações através da separação das formas “materiais” do Estado das “ideológicas”, ou as “reais” das “ilusórias”. A proposta do autor se direciona para entender que essa separação faz parte de um processo político e, em vez de continuar utilizando-as como categorias analíticas, melhor seria examinar como se produz a separação entre “Estado” e “sociedade” ou “economia”, “*como o efeito criado faz que a separação seja uma?*” (Mitchell, 1999, p. 82).

Destaca, tomando o caso da Arabian-American Oil Company (Aramco) para mostrar como são negociados os impostos. Ao se tratar de grupos econômicos internacionais que influem na arrecadação fiscal de uma determinada sociedade (neste caso, a americana), os limites territoriais não servem para a demarcação da regulação das políticas. Nesse contexto, afirma que as “*fronteiras do Estado (ou do sistema político) não marcam um exterior real*”, mas sim mostram quão instável é essa linha. Entretanto não significa que seja “ilusória”, mas é ela que permite indagar pelas complexas distinções internas em diversos domínios de práticas (Mitchell, 1999, p. 83). Neste sentido, Mitchell se pergunta:

O que tem isto a ver com a sociedade moderna, como uma forma particular de uma ordem social e econômica, que fez possível a aparente autonomia do Estado como uma entidade independente? Por que esta classe de

aparelhos, com seus princípios básicos do sistema de leis, sua relação simbólica com a esfera que chamamos economia, e sua quase transcendental associação com a “nação” como a comunidade política fundamental [...] da era moderna? (Mitchell, 1999, p. 85. Tradução minha).

Enfatizará que se trata de ver através das técnicas das disposições de poder, como se apresenta o “exterior”, enquanto produz nas pessoas a obediência e a autorregulação de suas condutas. Isto faz com que o autor se pergunte obstinadamente sobre como o poder governamental excede os limites de Estado e, se se afirma que este aparentemente carece de unidade e identidade, então *“como essa aparência se constrói? Como a composição de realidade do Estado é composta?”*. A partir desta perspectiva e ao se pensar no projeto “nacional”, o Estado adquire unidade no nível da ideologia e na sociedade (Mitchell, 1999, p. 88-89). Para Mitchell, uma análise do Estado deve iniciar-se como “efeitos estruturais”, nem tanto vendo a estrutura atual, mas sim como um capitalista e aparentemente efeito metafísico de práticas que fazem com essas estruturas devam existir (Mitchell, 1999, p. 89).

Neste sentido, afirma que o conceito de Estado no século XX é inseparável da distinção fundamental emergente entre Estado e economia. A própria teorização do Estado não pode se produzir se se deixarem de fora estas relações. Assinala deste modo que existem dois efeitos estruturais em relação à “economia e ao Estado”. Um deles associa-se a quando as práticas políticas inventaram a economia, estabeleceram seu objeto delimitando-o nas fronteiras dos Estados Nacionais. O segundo, este se converteu em um objeto de conhecimento através de um processo extensivo de representação estatística.

O propósito perseguido pelo autor com estas argumentações é ver o conjunto de práticas, técnicas e táticas que são empregadas para estabelecer separações, principalmente aquelas entre Estado, sociedade e economia. Chama de efeito estrutural a esse processo de exteriorização e constituição de abstrações que simula o processo de formação.

Quer dizer que as funções e os efeitos do Estado se encontram na produção de crenças coletivas de rupturas entre ordens, centros de poder e periferias. Por um lado, produzir a cultura legítima que todos devem ter é parte desse processo. Por outro, sua análise me permite vincular como se geram transformações em torno da produção dos Abris Culturais, que regulações econômicas permitem que os capitais financeiros fluam de uma esfera para outra sem que por isso se distingam “economia”, “sociedade” e “Estado”. Ao mesmo tempo, essas distinções estão constantemente se rearticulando na medida em que o Estado se reproduz, e em cada reprodução se apresenta diferente.

A discussão dos temas aqui desenvolvidos vincula-se a alguns pontos centrais com os quais me encontrarei em diversos momentos. Relações interpessoais, forma de conceber o social, projetos políticos, maneiras de tratar o Estado. Mas se há algo que quero enfatizar nesta apresentação é que enquanto os Estados têm de levar a cabo suas políticas, planejá-las, avaliá-las nesse complexo nó de tensões e relações, eles produzem “cultura” em um sentido amplo.

Refletindo em torno de “cultura”

A partir das leituras acima mencionadas me pergunto então: qual é lugar que ocupa a cultura? O que se entende por ela? Os autores que escolhi para trabalhar estas problematizações são George Yúdice (2002) e Susan Wright (1998).

Interessa-me ver como ambos mostram o lugar da “cultura” e aquele que ela veio a ocupar nas sociedades contemporâneas. Um dos postulados se baseia em que noções “antropológicas” a “cultura” é utilizada, outro se relaciona com o “esvaizamento” de conteúdo do próprio termo. Ou seja, como em diversos discursos e práticas se fala de “cultura” referindo-se a muitas coisas de só uma vez e, enquanto ela é enunciada, diluem-se seus significados, embora não deixe de ser uma noção com um forte conteúdo político.

Em primeiro lugar, “cultura” é um termo que gerou muitas problematizações para a antropologia, porque implicou e continua sendo objeto de definição e de conhecimento. Poder-se-ia tomar o termo e discorrer pelas teorias antropológicas, desde suas primeiras conceitualizações até a atualidade. Mas esta seria outra investigação e cairíamos possivelmente em uma discussão circular e talvez tautológica.

Em segundo lugar, e como pretendo mostrar nesta dissertação, o uso que faço desta noção se encontra circunscrita a como os sujeitos analisados definem o termo, associado com as práticas artísticas e com o “cultivo de si”, embora essas conotações se modifiquem com o passar do tempo. Essas definições aparecerão ao longo de todo o trabalho, do projeto de criação de Pró-Cultura Salta e os primeiros Abris Culturais até as inaugurações finais analisadas no último capítulo.

Susan Wright (1998) propõe-se a indagar sobre alguns destes assuntos e o título de seu ensaio antecipa a direção de sua discussão, pois o denomina “A politização da ‘cultura’”, mostrando o caráter político da “cultura”. Um dos objetivos que Wright se propõe a levar a cabo é ver quais são as implicações que a antropologia como disciplina teve e continua gerando em distintos âmbitos da vida social. Para isso, estabelece as diferenças nas

abordagens que se produziram nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, marcando dessa maneira as distâncias entre esses lugares de produção acadêmica. Ela tampouco tem interesse em fazer uma revisão do termo a partir das conceitualizações disciplinares, já que isto foi desenvolvido por Kroeber e Kluckhohn em 1952. Entretanto, quer mostrar que enquanto nos Estados Unidos, durante os anos 70, a *“antropologia cultural”* se constituía em um dos quatro campos de investigação, na Grã-Bretanha desaparecia como horizonte possível de análise.

Constrói sua argumentação baseando-se na afirmação de Kroeber e Kluckhohn sobre a *“incidência dessa definição no tempo e a distribuição de todos os fenômenos culturais, seja no espaço ou no tempo, sempre revela significância”* (Wright, 1998, p. 7). Por isso se propõe a tratar a *“proeminência da cultura”* nos anos 90 tanto em sua definição, quanto como um fenômeno cultural. Pergunta-se então: *“qual é a importância do reaparecimento da “cultura” como um conceito central na antropologia britânica?”* (Wright, 1998, p. 7). Nota que não se trata apenas de uma questão disciplinar, mas sim abrange outra série de discursos nos quais esta adquire certa centralidade, por exemplo, entre os políticos, os tomadores de decisões (*decision-makers*) ou nos meios de comunicação. Estes apelam à *“cultura”* para legitimar seus discursos, dizendo que se referem ao seu *“sentido antropológico”*, gerando-se ali um primeiro problema... supondo-se que por si mesma *“cultura”* seja suficientemente evidente para garantir todo tipo de explicação e suficientemente *“profunda”* e, por isso, deve ser explicada. Então se questiona: *“como é que os tomadores de decisões politizam a “cultura”, como usam o conceito para abranger campos de poder? Como os antropólogos [e as antropólogas] utilizam novas aproximações teóricas para aproximar-se da “cultura” para explorar e revelar os efeitos recorrentes de seus usos nas políticas contemporâneas?”* (Wright, 1998, p. 7).

A partir daí se verá que esta *“politização da cultura”* se produz por meio de três classes de agentes: políticos, administradores ou gestores e acadêmicos que colaboram direta ou indiretamente nas conceitualizações, tornando-a uma ferramenta política.

Wright problematiza dois tipos de noções em torno dos usos de *“cultura”*: um que denomina de *“velhas ideias de cultura”*, para isso revisa alguns antropólogos do início do século XX e sintetiza seus postulados dizendo que se encarregaram de estudar entidades limitadas, com uma identidade fixa, invariáveis em tempo-espaço, portanto, são vistas como coerentes e em equilíbrio (Wright, 1998, p. 8). Entretanto, define os *“novos sentidos”* a partir de problematizações suscitadas por investigações levadas a cabo por diferentes autores e autoras em torno da migração, dos processos de independência durante o século XX, das relações de poder, dos estudos feministas. Entre essas investigações, referir-se-á à sua, desenvolvida no Irã nos anos 70, onde se interessou por conhecer as dinâmicas sociais, o fluido

das relações e as construções situacionais de tempo e espaço de “identidade”. Como resultado, pergunta-se como “múltiplas identidades” são negociadas, reinventadas, sem por isso estarem referidas a uma “cultura a-histórica”, consensual ou autêntica.⁸

Dirá então que essas “fraturas na antropologia social” levam a percorrer questões vinculadas a diversas formas de colonialismo, às transformações geradas pelo capitalismo e aos impactos que isto conduz nas “culturas locais” (referindo-se a um estudo realizado por Sherry Ortner em 1984). Entretanto, colonialismo e “cultura local” não se apresentam como unidades unívocas associadas a uma imagem. Pelo contrário, diferentes estudos mostram as relações assimétricas de poder nas múltiplas e contraditórias lógicas culturais. Cada ator dispõe de uma quantidade de manobras imprevisíveis em situações políticas, econômicas, de gênero que lhe permitem manipular diversos símbolos e práticas.

Neste sentido, Wright aponta que certas palavras-chave trocaram seus significados em tipos históricos diferentes, dependendo das lutas entre os grupos, transformando-se algumas vezes em categorias jurídicas. Em relação aos conflitos que suscitam os termos, podemos recordar aqui, a propósito de “cultura”, como na Alemanha do século XVIII serviu para diferenciar uma classe social de outra. Como a partir do uso de “cultura” um grupo de intelectuais se distanciou dos aristocratas para criar um projeto político ao mesmo tempo em que falavam de uma “história da cultura”, diferenciada e distanciada de uma “história política”. A esse respeito, desenvolverei mais adiante a argumentação de Norbert Elias (1997) que vai nesta direção.

Wright, e em alguma medida Elias, questiona: “como certos termos são empregados e disputados por atores diferencialmente posicionados que apelam para dimensões locais, nacionais ou globais para sustentar as desigualdades de poder? Quais têm o poder de definir? Como se faz para que os sentidos se insiram e que se utilizem instituições para dar-lhes autoridade? Com que materiais isso se produz?” (Wright, 1998, p. 9).

A politização da cultura resulta de vital interesse na medida em que por meio dela um grupo de pessoas como Pró-Cultura Salta se estabelece não só como grupo, mas também detém o poder de definir e instaurar ideias e valores em torno dela e, nesse sentido, suas práticas são performativas enquanto fazem a cultura de Salta.

⁸ Uma problematização semelhante é levada a cabo por Henrietta Moore em “Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência”. *Cadernos Pagu*, (14), p. 13-44, 2000. Neste trabalho a autora discute sobre a noção de “agência” e a construção de “subjetividades múltiplas” situadas contextualmente e potencialmente contraditórias, a partir das marcas de gênero vividas pelas pessoas e construídas socialmente.

Wright, para levar adiante seus argumentos, analisou três casos. O primeiro deles associado com a direita britânica sob a liderança da Margaret Thatcher, vendo como os políticos utilizaram o termo “cultura” para falar de nacionalismo e, a partir de daí, distanciarem-se de qualquer “*contaminação de racismo biológico*”, ao mesmo tempo em que foram envolvidas outras formas de racismos implícitos na ideia do “*inglês*” (Englishness), definido por um sentimento “*leal*” entre “*pessoas de mesmo tipo que o meu*” (Wright, 1998, p. 11). O segundo caso vincula-se a como escritores e consultores de “administração organizacional” usam o termo “cultura” atribuindo à antropologia novos propósitos, apoiados em noções de níveis de hierarquias e na formação de “equipes flexíveis”. Para isso, fala-se de “cultura organizacional”. A ideia “*antropológica de cultura*” é usada como metáfora de novas formas na organização da economia política. O terceiro caso que analisa relaciona-se com o “*desenvolvimento*” e as noções de “cultura” implicadas. Trabalhou neste sentido com um relatório realizado pela Unesco, chamado “*Nossa diversidade criativa*”, em 1995.

Nele, antropólogos e antropólogas tiveram um papel importante na formulação de ideias de “cultura”, já que se tornou programático, na medida em que pretendeu estabelecer propósitos “éticos” para as políticas de desenvolvimento mundial. Este relatório estabelece duas definições de “cultura”. Uma delas elaborada por pensadores do desenvolvimento que a concebem “*não só como um domínio da vida (econômica, política, religiosa), mas que é construtiva, constitutiva e criativa de todos os aspectos da vida, incluindo a economia e o desenvolvimento*” (Wright, 1998, p. 12). A segunda definição assenta-se em que o mundo é feito de “culturas” discretas ou de pessoas. Se se produzir uma queda do “*desenvolvimento*”, os aspectos culturais das identidades das pessoas tendem a deteriorar-se, enquanto seu êxito pode resultar no florescimento da cultura, da criatividade e do progresso (Wright, 1998, p. 12).

Esta ideia de cultura unida à noção de desenvolvimento encontra-se presente nos discursos feitos na reinauguração da Casa da Cultura, a ser tratado no capítulo 4. A cultura é vista e concebida como o meio que permite que as nações, a província, assim como as pessoas possam desenvolver-se. Os discursos políticos assinalam que todo crescimento econômico deve vir acompanhado de um desenvolvimento cultural, do contrário, afetaria a “humanidade” das pessoas e prejudicaria toda a sociedade.

Wright argumenta que esses princípios se sustentam em uma forma particular de ver a diversidade, assinalando a citação do Marshall Sahlins e a definição que este dá de cultura como “*o conjunto particular de formas de vida da gente ou da sociedade*”. Esta velha afirmação de “cultura” se baseia também no ensaio apresentado por Lévi-Strauss em 1952, na Unesco. Para Wright, o ensaio de Lévi-Strauss proveio de um mapa do mundo plano, onde a

variedade de culturas se sustentou na antropologia social de 1930. Isto supõe que se encontra ausente uma dimensão da “cultura” como um processo de disputas sobre o poder para definir conceitos, inclusive o de “cultura” (Wright, 1998, p. 13). Ao se sustentar nessas antigas noções de cultura, a “criatividade”, a “experimentação”, a “inovação” e a “dinâmica do progresso” são apresentadas como uma gama de entidades com fronteiras definidas. Com isso, determina-se que a civilização depende da “*diversidade criativa*”.

Por estes motivos, Wright afirma que o relatório da Unesco estabelece um “*código ético global*”, supondo-se o consenso mundial para ordenar sua pluralidade, fazendo dos “valores culturais” juízos a respeito do que seja aceitável ou não como diversidade. Isto supõe que os formuladores do relatório acreditem estar tratando com uma entidade dada e elaboram princípios para aprender como trabalhar com ela.

Definitivamente, a autora se propôs a delimitar dois conjuntos de “ideias antropológicas para cultura”; a primeira, “a velha ideia”, equipara a “cultura” às “pessoas”, a qual pode ser delineada a partir de fronteiras definidas, possuindo uma série de características próprias; uma segunda definição deixa de lado a noção de “cultura” como “coisa”, objetivada, mas atende aos processos políticos de disputas de poder para definir seus conceitos-chave. Esta segunda noção exige ver que as definições acadêmicas de “cultura” estão posicionadas e fazem parte de dinâmicas políticas, precisamente é o desafio dos antropólogos, das antropólogas e de outros especialistas dar conta de como se produzem esses processos de dominação e marginalização (Wright, 1998, p. 14-15).

Por outro lado, a autora chama a atenção para o fato de que a simples enunciação da ideia antropológica de cultura”, usada por diversos agentes sociais, seja estratégia de legitimação de um determinado projeto ou política, e que envolva indevidamente os antropólogos e as antropólogas na “politização da cultura” e, por isso, devemos estar atentos a como intervimos nessa “politização”.

Considero que as perguntas da autora permitem ver como um termo manifesta lutas não só por defini-lo, mas também às relações políticas e sociais que através dele são geradas, ou seja, tomando-se um conceito, podem ser mapeadas essas relações, além de se estabelecerem os sentidos produzidos, precisamente o desafio está em desentranhar a polissemia de uma noção que geralmente se apresenta como unívoca.

De uma maneira diferente, George Yúdice (2002) propõe mostrar como a “cultura” se esvaziou de conteúdo, embora através dela percebamos as implicações políticas, sociais e econômicas. Uma das perguntas que se faz o autor é como a cultura se transforma em “*recurso*”. Para isso, afirma que, diante da retirada do “Estado benfeitor”, a cultura é utilizada

para dar conta dos problemas sociais gerados pelo capitalismo avançado e por políticas neoliberais. Outra delas é *“de que maneira ‘cultura’, como recurso, cobra legitimidade e relega outras interpretações de ‘cultura’?”* (Yúdice, 2002, p. 13). Em primeira instância, assinala que *“recurso”* não deve ser entendido como *“mercadoria”*, mas sim implica um novo marco epistemológico em que parte da sociedade disciplinadora é absorvido em uma racionalidade econômica ou ecológica. A linguagem utilizada para referir-se a ela é a da *“gestão”*, da *“preservação”*, do *“acesso”*, da *“distribuição”*, do *“investimento”*. Quando se apela para *“recurso”*, pretende-se dar conta de certo predomínio de *“diversidade”*, o qual envolve uma *“administração”* dos *“recursos”*, dos conhecimentos e das tecnologias.

A ideia de *“recurso”* deriva de outros campos de conhecimento, como a biologia ou a ecologia supondo-se ao mesmo tempo *“(bio)diversidade”*. Trata-se de uma *“gestão”* de determinados recursos disponíveis, neste caso, chamado *“cultura”*. Mediante essa *“administração”* se pretende *“conservar”* as *“tradições culturais”* em que intervêm dimensões sociopolíticas e econômicas. Essas tradições culturais precisam ser observadas a partir das diferenças nacionais e regionais, como campos de forças diversamente estruturados, produzidas na dinâmica do comércio e no ativismo global (Yúdice, 2002, p. 17).

O *“recurso da cultura”* é utilizado para promover o desenvolvimento do capital e do turismo, como principal motor das indústrias culturais e como um incentivo para as outras indústrias que dependem da propriedade intelectual. Tal conceito *“absorve e anula as distinções, prevaletentes entre a definição de alta cultura, a definição antropológica e a definição maciça de cultura”* (Yúdice, 2002, p. 16).

Quando fala de *“cultura”*, o autor pretende distanciar-se de três sentidos habituais do termo: o primeiro vinculado com o *“conteúdo”*, como modelo de enaltecimento conforme foi concebido por Schiller na Alemanha decimonônica; outro associa-se com *“a distinção”* ou hierarquização de classes, segundo Bourdieu; finalmente, *“suas acepções tradicionais”*, como um estilo de vida integral (o autor chama a atenção para as questões levantadas por Raymond Williams. Aqui bem poderiam ser adicionadas argumentações de Wright em relação às *“velhas ideias de cultura”*, especificamente a definição elaborada por Edward Tylor no *Primitive Culture*, em 1871). Afastando-se dessas acepções, parece-lhe conveniente abordar o tema da *“cultura em nossa época, caracterizada pela rápida globalização, considerando-a como um recurso”* (Yúdice, 2002, p. 23).

Embora o autor procure distanciar-se destas três concepções, através do caso que aqui analiso, considero que muitas vezes estas operam juntas. A cultura que promove Pró-Cultura vem acompanhada de *“distinção”*, resulta da maneira com que as pessoas constroem a si

mesmas para diferenciar-se e distanciar-se de outras, embora seus discursos sejam “democratizantes”. Por outro lado, a ideia implícita nas formulações de Herder e de um grupo de alemães do século XVIII promovem uma noção relacionada ao processo de cultivo, de transformação e certamente associada à construção de “imagens de nós” como “nosso ideal”. A construção de imagens de nós atravessa toda a investigação. Embora suas citações aparentem homogeneidade, não posso deixar de destacar que existem descontinuidades discursivas como práticas. Em menor medida, apresenta-se a acepção de “cultura” como uma forma de vida integral. Nessa distância que o autor pretende estabelecer, as três acepções que o termo possa ter adquirido não necessariamente condizem com o estudo que aqui me proponho a desenvolver. Em alguns contextos sócio-históricos, é possível que a cultura como recurso tenha cabimento, como veremos no capítulo 3, embora simultaneamente as outras noções também sejam realizadas.

Segundo Yúdice, apelar para a “cultura” serve para resolver conflitos sociais através de diversas instituições: organizações não-governamentais; Fundo Monetário Internacional; Unesco; Banco Interamericano de Desenvolvimento, Bancos Multilaterais de Desenvolvimento. O trabalho de investigação consistiria, neste caso, em ver como os agentes transnacionais intervêm em assuntos locais conforme uma determinada “*performatividade cultural*”. Para desenvolver este argumento, o autor se remete à ética foucaultiana, enquanto “comporta uma prática reflexiva de autogestão em face de modelos impostos por uma formação cultural determinada” (2002, p. 16). As maneiras com que cada sociedade se apropria dessas negociações, os sentidos atribuídos a essas formas de produção cultural, os parâmetros interpretativos dos condicionamentos institucionais do comportamento e da produção de conhecimento e os pactos internacionais são o que Yúdice denomina de “*performatividade cultural*” (2002, p. 60).

O autor assinala como a linguagem da “cultura” foi se incorporando a diversos âmbitos da vida social, na medida em que o Estado foi se apartando de problemas, como a marginalização, as desigualdades sociais e econômicas, entre alguns âmbitos que cabem às ações de governo. Por meio da intervenção de diversas organizações civis e internacionais, a “cultura” é utilizada para mobilizar capitais financeiros e pôr em marcha “projetos sociais”, aparecendo dessa maneira noções como “*cidadania cultural*”; “*turismo cultural*”; “*direitos culturais*”; “*tolerância*” à “*multiculturalidade*”, “*desenvolvimento cultural*” etc. O financiamento de “*projetos culturais*” pelas instituições acima mencionadas é outorgado na medida em que estes geram emprego, crescimento econômico, promoção do desenvolvimento urbano, redução de gastos públicos, isto é, que se considerem aspectos que

justifiquem o investimento e que produzam um rendimento econômico (Yúdice, 2002, p. 29-30). Segundo estes critérios, o recurso da cultura se mede por sua *“utilidade”*, sua *“conveniência”*.

O autor postula uma *“economia política da cultura”* que implica, entre outras coisas, uma internacionalização da divisão do trabalho, entrelaça uma complexidade de tratados e negociações, relações sociais, políticas e econômicas. Por exemplo, os direitos de autor ficam em mãos de produtores e distribuidores, sendo papel do autor-criador ser fornecedor de conteúdos. Dirá então que se trata de uma *“culturalização”* da economia política a partir do trabalho intelectual e internacional (Yúdice, 2002, p. 35).

Essa *“culturalização”* pode implicar o fomento do *“turismo cultural”*, aparelhado com o embelezamento de certos lugares e cidades. Esse processo produz algumas formas específicas de controle das populações. Por um lado, ao promover o desenvolvimento cultural de uma localidade, seja mediante as artes, seja mediante o turismo, atrai-se um conjunto de *“especialistas”* (artistas, comerciantes, industriais etc.) e, por outro lado, um conjunto de pessoas *“não qualificadas”* é segregado e deslocado para outros lugares. Se conseguem inserir-se no mercado de trabalho, só o são como empregados mal pagos. Esse processo de *“culturação”* fomentado pelo *“turismo cultural”* será um dos temas apontados no terceiro capítulo, quando analiso as transformações nos modos de organização dos Abris Culturais Saltenhos que muitas vezes acompanham a modificação da cidade.

Argumenta Yúdice que, paradoxalmente, a promoção cultural fomentada por instituições internacionais deve considerar critérios de rendimento econômico apoiados algumas vezes no *“desenvolvimento humano”*. As intervenções que têm como fundamento o *“desenvolvimento cultural”*, por exemplo, fundamentam-se na *“coesão social”*, pois se propõem a fortalecer os vínculos sociais a partir do *“desenvolvimento humano”*.

Este vocabulário e, em grande medida, esta forma de produção da *“cultura”* encontram-se presentes nos propósitos da associação *“Pró-Cultura Salta”*. Muitas vezes se apela à *“cultura”*, entendida como *“arte”*, para fortalecer o *“corpo social”*. A *“arte”* permite que as pessoas se *“desenvolvam”* como *“seres humanos”*, melhorem sua qualidade de vida. Este ponto, desenvolvido no segundo capítulo desta dissertação, é apresentado de uma forma diferente no quarto.

Do mesmo modo que Susan Wright, Yúdice também mostra como a *“cultura”* se torna uma ferramenta política. Embora para a autora *“cultura”* tenha acepções antropológicas determinadas, para ele esta palavra não tem um significado em si mesmo, mas sim como um *“recurso para a política”*. O que me interessa resgatar destes autores é a tensão que carrega a

noção de “cultura”, algumas vezes referente a um “estado de coisas”, mas em outras, referente a “processos”, como soube assinalar Elias em “Uma dissertação sobre nacionalismo” (1997).

Aparece como uma ideia central nas argumentações de Yúdice a “*performatividade cultural*”, definida como a “*sinergia produzida pelas relações entre as instituições do Estado e a sociedade civil, a magistratura, a polícia, as escolas e universidades, os meios maciços e os mercados de consumo, dá forma ao entendimento e à conduta*” (Yúdice, 2002, p. 17). Considero que tal ideia possa resultar em uma contribuição a esta investigação, porque discute diretamente com o “fazer” a realização das relações sociais e como, ao mesmo tempo, se produzem “coisas”, pessoas, subjetivações. Dirá então que se trata de “*processos mediante os quais se constituem as identidades e as entidades da realidade social por reiteradas aproximações aos modelos [normativos] e também às exclusões constitutivas*” (Yúdice, 2002, p. 46).

Sua ideia de performatividade se baseia nos postulados de Judith Butler desenvolvidos em “Corpos que importam. Sobre os limites materiais e discursivos do sexo” (1993). Tomando as argumentações da autora, ela afirma que “*os princípios de inteligibilidade inscrevem não somente o que é materializável, mas também as zonas de ininteligibilidade que definem as já mencionadas 'exclusões constitutivas'*” (Yúdice, 2002, p. 47).

A performatividade seria então o “*ato de produzir aquilo que nomeia*” e nesse processo se efetuam exclusões obrigatórias. Vincula-se também com a repetição de normas, reproduzindo as hierarquias sociais relativas à raça, ao gênero e à sexualidade. Como a repetição nunca é exata, pelo contrário, é sempre diferente, os indivíduos, sobretudo aqueles que desejam “*desidentificar-se*”, não fracassam na repetição, mas sim em repetir “*fielmente*” as normas sociais (Yúdice, 2002, p. 66; a propósito de Butler). Isto implica que, sobretudo para Butler, trata-se de “*políticas de identidade*”, os modos de governamentalização que operam nas subjetividades.

Sobre este assunto Yúdice formulará, a partir da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, que se determinados movimentos sociais permitiram que os grupos se pensassem em função da “cultura”, também a política foi concebida nesses termos (Yúdice, 2002, p. 76). A identidade *não* é uma cultura, afirmação que realiza a partir das discussões suscitadas por Butler; assumir tal postura seria acreditar que esta se encontra objetivada nos grupos, em características específicas das pessoas, seria acreditar na coerência deles e em sua homogeneidade, tal como Wright afirmava.

A performatividade exposta por Judith Butler relaciona-se com o sexo, o gênero e sua materialidade. Esta não pode ser concebida

independentemente da prática forçada e reiterativa dos regimes sexuais reguladores; neste enfoque, a capacidade de ação condicionada pelos regimes mesmos do discurso/poder não podem se combinar com o voluntarismo ou o individualismo e muitos menos com o consumismo, e de modo algum supõe a existência de um sujeito que escolhe; o regime de heterossexualidade opera com o propósito de circunscrever e contornar a “materialidade” do sexo, e essa materialidade se forma e se sustenta como (e através de) a hegemonia heterossexual; a materialização das normas requer que se deem esses processos identificatórios, através das quais alguém assume tais normas ou se apropria delas e estas identificações precedem e permitem a formação de um sujeito, mas este não as realiza no sentido estrito da palavra; e os limites do construtivismo ficam expostos naquelas fronteiras da vida corporal onde os corpos abjetos ou deslegitimados não chegam a ser considerados “corpos” [...] daí que seja igualmente importante refletir sobre de que modo e até que ponto se constroem corpos, como refletir sobre de que modo e até que ponto *não* se constroem; além disso, interrogar-se sobre o modo com que os corpos não chegam a materializar as normas lhes oferece o “exterior” necessário, se não já o apoio necessário aos corpos que, ao materializarem a norma, alcançam a categoria de corpos que importam” (Butler, 2002 [1993], p. 38-39).

Embora a autora esteja discutindo um tema específico vinculado ao gênero e à sexualidade, sua análise poderia ser levada a outras esferas das práticas sociais, ou seja, se estas se produzem em regimes reguladores e hegemônicos de discurso/poder e, para que essa hegemonia seja eficaz, é necessário que existam processos identificatórios com as normas sociais que dão lugar à formação de “exclusões constitutivas”. Trata-se de um processo imbricado de regulação-exclusão, de legitimação e hierarquização de práticas que produzem subjetividades.

Talvez nesta investigação não aprofunde tanto as “exclusões constitutivas”, embora as discussões que estes autores realizam me permitam compreender como através das performances da cultura disciplina-se o gosto, normalizam-se os indivíduos em relação a quais disciplinas artísticas podem conceber como desejáveis, produzem-se sujeitos morais, institui-se “Salta é Cultura” como projeto político além de cultural. Em tal projeto ficam de fora outras práticas, como a cumbia, o rock, o punk, a música eletrônica, o quarteto, os grafitis, as performances de rua, os espetáculos circenses, os músicos de rua, o candomblé. No limite da tolerância entram o folclore (dança e música), os artesanatos.

Os autores aqui apresentados me permitem considerar que mediante diversas apelações a “cultura” se realiza performática e performativamente. Nessa realização lutas têm lugar, já que diversos setores sociais procuram dar um sentido ao termo, gerando cumplicidade entre os interlocutores, seja discordando, seja acreditando em sua univocidade. No caso de Salta, existe um interesse por parte dos membros do diretório de Pró-Cultura,

assim como por parte do governo provincial e, como pretendo mostrar, a maioria das vezes trabalhando juntos, outorgam-lhe um “conteúdo” através das práticas artísticas. E não é somente um significado, mas sim um “valor”. Os sentidos de “cultura” aparecem quando as interações sociais se produzem. Eventualmente implicará disputa de espaços sociais... Por meio das relações de amizade e das redes que através delas se efetuam, a “cultura” é polissêmica em seus significados e uma ferramenta política.

Recapitulando, no primeiro capítulo analisarei as relações sociais que as pessoas estabelecem entre si; as imagens que constroem de si mesmas como “nosso ideal”; o projeto que se propõem a levar a cabo, denominado Abris Culturais Saltenhos. A partir deste evento, afirmam o que entendem por arte e cultura. A análise das “amizades” me permite considerar as relações que se estabelecem com as “estruturas de autoridade”. Para abordar estes temas, utilizo diversas fontes: ata institucional, entrevistas, livro dos “XXX Abris Culturais Saltenhos”, no qual se narra a história da instituição, entre outras.

No segundo capítulo, estudo os três primeiros Abris Culturais, os valores em torno da cultura e da sociedade, e as formas de criar sujeitos morais e como se constrói Salta na região e no país. Para isto, tomo como fonte, fundamentalmente, artigos jornalísticos. O terceiro capítulo aborda as transformações nas formas de organização dos Abris Culturais e retomo novamente as noções de redes sociais e as relações que estas permitem com o governo provincial. Aí também tematizo as eficácias e os efeitos das separações entre Estado, sociedade e economia. Entre as implicações dessas modificações, trato de problematizar em torno de como se define uma política cultural como uma política de governo. Neste capítulo, além disso, analiso duas celebrações. Uma vinculada à comemoração que o diretório de então realizava para os fundadores; a outra é a festa realizada pelos XXX Abris Culturais Saltenhos. Para levar a cabo essa análise, utilizei em menor medida o livro publicado para o acontecimento dos XXX Abris, a observação da celebração, as entrevistas e principalmente uma análise dos programas das atividades de cada Abril Cultural.

Finalmente, o quarto capítulo é uma etnografia das inaugurações do novo edifício da Casa da Cultura e dos concertos inaugurais da Orquestra Sinfônica de Salta e das relações que se estabelecem entre estes acontecimentos, concebidos por seus atores como uma política de governo cultural, e o lugar que ocupa Pró-Cultura Salta neles. Aí tenciono retomar os modos em que se apresenta a cultura, aqueles a que se dirigem essas ações, como se constroem cidadãos enquanto saltenhos e sujeitos morais, ao mesmo tempo em que se constroem imagens de Salta. Neste capítulo, além de ter presenciado os eventos, trabalho com material jornalístico, jurídico e entrevistas.

Salta

Salta é uma província no norte da Argentina. Seus territórios se limitam com as atuais fronteiras políticas dos países do Chile, da Bolívia e do Paraguai e com as províncias do Jujuy, Chaco, Formosa, Santiago do Estuário, Tucumán e Catamarca.⁹

Em 1577 o rei espanhol Felipe II envia para a América o licenciado Hernando de Lerma como “governador da Província do Tucumán”. O encargo dessa viagem relacionou-se com a criação de cidades que pudessem afiançar o domínio espanhol na zona e prover de “homens”, “mercadorias” e “animais” que ajudassem na exploração mineira do Potosi. Obedecendo aos propósitos do Rei, Hernando de Lerma chega ao território, hoje chamado República Argentina, em 1580 e se estabelece em uma das primeiras cidades criadas no sul do Virreinato do Peru, em Santiago del Estero, fundada em 1533.



Posteriormente à sua chegada, o vice-rei do Alto Peru, Francisco de Toledo, ordena a fundação de uma cidade que ficasse ao norte de Santiago, porque ali se precisava “pacificar” os índios “calchaquies” e “homahuacas”, ao mesmo tempo em que se precisava melhorar a comunicação e os comércios com o Alto Peru.

Dessa maneira, Hernando de Lerma sobe ao “Vale de Salta” e funda uma cidade em 16 de abril de 1582. Conhecia-se o lugar porque era uma paragem. Diz-se que ali viviam os índios *salla*, que se traduz como “peña-lugar”, (“lugar-rocha”) também denominado *sagta*, “muito formoso”, ou *sagtay*, “reunião do sobressalente”.¹⁰

Em inícios do século XIX, esta localidade se tornou um lugar importante de

lutas contra os espanhóis, também chamados “realistas” – por pertencerem à “realeza

⁹ Ilustração n° 1. Mapa da Província de Salta na República Argentina.

¹⁰ A história da fundação de Salta nós a realizamos a partir da página do Museu Histórico do Norte que antigamente foi o Cabildo. Ver: <http://www.museonor.gov.ar>

espanhola”, pois esteve em jogo a delimitação das fronteiras “nacionais”. Um dos líderes que lutaram contra eles no norte argentino foi o general Martín Miguel de Güemes, que com os anos se tornaria influente. Em seu nome se constroem as versões mais tradicionalistas e conservadoras da história saltenha.

Em Salta não faltam elementos que o recordem: nomes de ruas, praças, monumentos, imagens. Diz-se que brigou “corajosamente” contra os espanhóis junto com um “exército de gaúchos”, montados a cavalo. Fala-se da proeza de seus ataques.

A senhorita Célia, minha professora de quinto grau, contava que muitas vezes o exército de Güemes era menor em número do que o do adversário e, para combatê-lo, simulava-se o galope de cavalos,percutindo sobre os arreios dos seus. Ao longe, ouviam-se grandes tropas, o que atemorizava o inimigo dispersando-o no monte. Ali eram atacados pelos gaúchos.

Também se conta que esses gaúchos vestiam seu vestuário “típico”: bombachas, camisas, botas de couro ou alpargatas e usavam um poncho de cor vermelha e negra.

Outras versões contam que Güemes era fanho e que gostava muito de mulheres. Sabe-se que o que lhe causou a morte foi uma bala. Alguns falam que foi em pleno combate, outros, escapando da casa de uma amante.

Na praça Belgrano, a duas quadras da praça principal 9 de Julho, há uma placa que recorda o lugar “onde foi ferido”. Em frente a esta praça encontra-se o edifício da Polícia da Província. A praça Güemes fica 200m distante da anterior e diante dela localiza-se a Legislatura. Esta última está a 500m da praça 9 de Julho.

Sobre estas anedotas, algumas mais “reais” que outras, constrói-se a “história de Salta”. A presença do “general” estabelece recorrências possíveis através das quais se pode transitar pela cidade.

Güemes converte-se assim em um emblema, seu nome aparece não só em espaços oficiais, mas também como denominações de restaurantes, hospedagens, lojas, galerias, clínicas privadas, associações “gauchescas”, pequenos fortes (estes ligados às associações gauchescas).

As ruas, na cidade de Salta e em diferentes municípios da província, levam seu nome e também o de outros membros de sua família. “Güemes” é uma linhagem, objeto de conhecimento, símbolo provincial, “orgulho dos saltenhos”.

As cores do “poncho saltenho” evocam a imagem deste “gaúcho-eminente”, a formação do Estado Nacional em início do século XIX, assim como a delimitação do território

“saltenho”. Com elas, em 1998, criou-se a bandeira provincial. Anos antes, por decreto da província, os táxis da cidade deveriam ser pintados nestas tonalidades.

Assim como as cores, a data de falecimento do general marcará o calendário provincial. Será escolhido o “17 de junho” para realizar inaugurações, festas cívicas, desfile. Esse dia será a oportunidade para que os chefes do Estado provincial reafirmem a crença de seu governo.

Nem todos os governos escolhem sempre as mesmas datas para afirmar sua legitimidade, embora todos escolham um dia vinculado a algum acontecimento da história local. Durante a década dos 40, por exemplo, o dia eleito para as celebrações era “20 de fevereiro”, dia da “Batalha de Salta”. Nos 70, o “16 de abril” se tornaria uma data-chave porque comemora o dia da fundação da cidade. As datas de guerras, de batalhas, independência, falecimento de algum prócer, fundação, criação da bandeira, manifestação de “Santos patronos” diante dos fiéis conformam um calendário de cerimoniais de uma localidade. Em relação a estas datas, os governos afirmam a crença da legitimidade na “ordem dada”, atestam sua dominação ativando um conjunto de elementos simbólicos.

Como veremos no primeiro capítulo, “Pró-Cultura Salta” escolheu o mês de abril para realizar os “Abris Culturais Saltenhos”, evocando a fundação da cidade e (re)fundando-a.

Com os anos, eles se tornaram constitutivos da agenda de eventos da província. Explicar este fenômeno será um dos propósitos a serem desenvolvidos ao longo desta dissertação.

Capítulo I. Pró-Cultura Salta

Este capítulo tem por objetivo considerar a formação de Pró-Cultura Salta e a ocorrência de um mês cultural que, levado adiante por um grupo de homens, torna-se o Abril Cultural Saltenho.

Para descrever a “ocorrência” de alguns homens criei um relato que conta a sua origem, apoiado em diferentes narrações obtidas mediante entrevista, documentação produzida pela associação civil Pró-Cultura Salta ou por outras fontes que se referem ao assunto.¹¹ Na medida em que avance na formação da instituição, introduzirei algumas características das pessoas que fizeram brotar esta ideia, querendo ao mesmo tempo produzir um texto que mantenha o encanto que teve para elas, a fascinação que se reitera cada vez que se narra o seu surgimento. Esse encanto fala do “mito de origem”, que posteriormente será denominado de “Abril Cultural Saltenho”. Em seguida a esse relato mítico, analisarei as características de Pró-Cultura Salta como instituição, a assembleia que a constituiu, as pessoas que ali estiveram presentes, a ata de fundação e também o “estatuto social” criados nessa ocasião.

Essa descrição procura dar conta das relações sociais sobre as quais se assenta Pró-Cultura, pois se trata de grupos de “amigos” que, pelos laços estabelecidos entre si, conseguem ativar diversas redes e concretizar os Abris Culturais. Essas relações, pelo caráter de proximidade que as sustentam, apagam os vínculos que mantêm com o Estado. Esse efeito de distanciamento se produz pelo uso de uma linguagem carregada de “desinteresse”, afastado de qualquer propósito “político”. A arte é promovida porque alguns homens “amam” a cultura e “sentem” o que Salta necessita. Desta maneira, a associação constrói um modo de experimentar o “Saltenho”, graças ao fato de que podem articular diversas redes sociais.

Pró-Cultura, como seu nome indica, está “a favor da “cultura”, pretende incentivá-la. Embora seu “mito de origem” coloque os senhores como “pioneiros”, não surge de um nada nem de um dia para o outro, mas sim porque existia um conjunto de atividades culturais

¹¹ Estes relatos se constroem a partir das entrevistas realizadas com Raquel González de Peñalva, Luciano Tanto e José Mario Carrer. Oportunamente situarei cada uma destas pessoas. Também trabalhamos com as narrações produzidas por: “Programa de atividade de XXIII Abril Cultural Saltenho. “Homenagem aos fundadores” (1999); os livros *Pró-Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos* (2006), produzido pela instituição, e *Com os pés no cenário. Trajetória do Grupo Arte Dramática e seu diretor Salo Lisé* (2003), de Gloria Lisé.

anteriores à formação da instituição e muitos dos promotores do Abril Cultural participavam e colaboravam nelas.

Todas estas indagações levaram a que me perguntasse como se produzem formas de legitimação de valores sociais em torno de um objeto, neste caso chamado cultura, e esta entendida como arte. Isto ajuda a debater as relações sociais que são geradas mediante a cultura dos organismos que intervêm em sua gestão. Como se faz política e essa classe de política em torno de um objeto chamado “cultura”? Basicamente quando me referir à arte ou à cultura, eu o farei concebidas por esta associação civil e, a partir daí, estabelecerei algumas problematizações.

Bate-papos de café

Em 1976, em frente à praça principal da cidade de Salta, chamada 9 de julho, havia um escritório de redação do jornal *O Tribuno*, contíguo ao hotel Plaza. As pessoas que redigiam para a coluna “matutino” chegavam a esse lugar no meio da manhã, sem necessariamente terem que cumprir um horário de entrada para a sua atividade, porque sua jornada de trabalho se estendia pelas noites. No meio da manhã alguns amigos tomavam seu tradicional café, conversavam sobre diversos temas e, nessas conversas, surgiam ideias que, a princípio, para eles mesmos pareciam despropositadas.

Entre os homens que se aproximavam para tomar um café estava Ricardo Castro, um apaixonado pelo cinema e pelo teatro. Viajava sempre para a “Primavera Cultural”, que se realizava durante o mês de setembro na cidade vizinha de San Miguel de Tucumán. Um de seus amigos assinala que, por ser vendedor de máquinas de padaria, isto lhe permitia viajar por distintos lugares do país e, dessa forma, participar de eventos artísticos culturais, como também estabelecer amizades com distintas pessoas. Entretanto, foi sua paixão pelo cinema o que o pôs em movimento. Em 1971 cria o “Cinema Arte” (um ciclo de projeções de filmes não-comerciais ou ao menos filmes que não se passavam em cinemas comerciais) e, a partir dessa data, além do cinema, periodicamente levava a Salta espetáculos com uma só pessoa ou pequenos grupos de teatro procedentes da cidade de Buenos Aires.

Entre esses homens estava Luciano Tanto,¹² jornalista do jornal mencionado. Segundo ele, ambos se encontravam a cada manhã para tomar um café e conversar. Luciano e Ricardo

¹² Nascido em 11/4/1942. Foi correspondente na Itália do jornal *O Tribuno* durante 1980-1989. Trabalho a que se refere como “exílio” durante a última ditadura militar na Argentina (1976-1983).

começaram a estabelecer sua amizade a partir de um trabalho conjunto na redação de uma revista sobre cinema, editada pela Universidade Nacional de Tucumán (quando em Salta ainda existia uma filial dela antes de tornar-se Universidade Nacional de Salta, em 1975). Havia outras pessoas nesse projeto. Cada vez que Ricardo voltava de Tucumán trazia histórias para contar sobre o movimento que ali se gerava e sobre as atividades artísticas, pois naquela época Tucumán era “a Paris de Salta”, assinalou Luciano. Estes dois senhores começaram a amadurecer a ideia de fazer algo similar em Salta, por que não? E a essas conversas, de quando em vez, unia-se Ramiro Peñalva, chefe de redação do jornal *O Tribuno*. Ramiro, além de sua atividade de jornalista, era escritor.¹³ Anos antes, entre 1968-1970, esteve no cargo de secretário de Estado de Imprensa nos governos provinciais do engenheiro Hugo Alberto Rovaletti e de Carlos Ponce Martínez, enquanto na presidência se encontrava o general Juan Carlos Onganía, um governo conquistado por um golpe de Estado.

Estes homens, unidos pelo interesse de criar um movimento cultural em Salta, conversaram e tomaram mais de um café...

A esses debates se foram somando outras pessoas, como Benito Crivelli.¹⁴ Italiano de nascimento, emigrado para a Argentina com 17 anos aproximadamente, chegou a Salta logo depois da vinda de um irmão mais velho. Conseguiram instalar-se na cidade por solicitação de uns sacerdotes salesianos para o manejo de uma produção jornalística. Com o tempo, Benito seria contratado pelo jornal *O Intransigente* para encarregar-se desta produção. Em Salta conseguiu ser dono da livraria O Colégio, lugar que funcionou como um espaço de realização de diversas atividades culturais: apresentações de livros, encenação de peças de teatro (o “miniteatro” da livraria O Colégio), concertos de música de vez em quando. Ali se realizaram os encontros da “Associação Amigos da Música”, da qual Benito era presidente. Benito também se uniria ao projeto dos rapazes, pois compartilhava esses interesses e gostos.¹⁵

Ricardo chamou um amigo para que se incorporasse a eles, Esdras Gianella, um artista local, vinculado à escultura, que por sua vez era secretário do Clube de Leões de Salta. Em tal Clube se realizou também o “cinema arte”, onde Ricardo projetava filmes.

Desses cafés participavam eventualmente mulheres, por exemplo, Raquel González de Peñalva, esposa de Ramiro. Professora de sexto grau de um colégio renomado da localidade, o

¹³ Programa de atividade de XXIII Abril Cultural Saltenho. “Homenagem aos fundadores” (1999).

¹⁴ Nasceu em 15/7/1925 em Bérghama, Itália. Morreu em Salta em 25/8/1998.

¹⁵ Algumas das referências em torno da vida do senhor Crivelli e de seu apoio em distintas atividades artísticas foram extraídas do livro de Gloria Lisé denominado *Com os pés no cenário. Trajetória do Grupo Arte Dramática e seu diretor Salo Lisé* (2003).

Belgrano, dirigido por sacerdotes católicos da ordem religiosa “Canônicos Regulares do Letrán”. Este colégio era de ensino masculino, embora com os anos se fizesse misto, primeiro no secundário e, no transcurso de 10 ou 15 anos, extensivo a todos os níveis educativos. Em raras ocasiões compareceu aos cafés Zenaide Lisi, pianista de forte atividade pedagógica na cidade, além de destacar-se por seu próprio virtuosismo. Esposa do Benito Crivelli, “*ela não freqüentava tanto estas reuniões pela dedicação à sua profissão*”, disse Raquel.

Nas conversas do café começou a se discutir que mês seria o mais apropriado para levar adiante este projeto e como fazê-lo... Então, foi Ramiro quem propôs “*institucionalizar um pouco mais a coisa*”, apontou Raquel. Dessa maneira, conseguiriam apoio, subsídios, unir ideias e recursos de distintos tipos. Decidiu-se fazer, como em Tucumán, um mês de atividades artísticas. Ricardo, interessado pelo teatro, queria que fosse um mês teatral, “*não sei se convirá*”, comentaram os outros, “*por que não um mês cultural, algo que seja eclético?*”, disse Luciano. “*Sim, que haja música, pintura, teatro, todas as artes*”, continuaram argumentando.

Mas que mês seria o mais adequado?, começaram a perguntar-se:

- *setembro não, porque é a festa do Senhor e da Virgem do Milagre,*
- *outubro tampouco, está muito em cima,*
- *a gente está pensando em outra coisa, é fim de ano,*
- *o início do ano tampouco; em março todos estão ocupados com as aulas e o ciclo letivo,*
- *talvez o melhor seja abril*
- *sim, as colinas estão verdes ainda, podem se fazer coisas ao ar livre*
- *claro, além disso é o mês da fundação de Salta*
- *o clima continua agradável, não faz tanto frio ainda*

Ao refletirem sobre pôr em marcha esta “*aventura cultural*”,¹⁶ se deram conta de que “*para que a coisa tenha mais presença*”, seria bom institucionalizar, criar uma organização que lhes permitisse acionar distintos lugares contando com diferentes tipos de respaldos. Foi nesse momento que Luciano tomou uma decisão, não lhe interessava fazer parte de nenhuma instituição, embora se propusesse a continuar trabalhando. Dessa maneira, falou com Roberto Romero, dono do jornal *O Tribuno*. Este homem se dispôs a colaborar em tudo de que precisassem, dando-lhes um espaço na seção “*Sociedade, Cultura e Espetáculos*”.

¹⁶ Denominação utilizada por Ricardo Castro na celebração da “Homenagem aos fundadores” (1999). In: Programa de atividade de XXIII Abril Cultural Saltenho.

Esta ideia se tornou o “Abril Cultural Saltenho. Ganhamos primeiro um espaço nessa seção do jornal e logo, vendo a presença que estava conquistando, Roberto Ihes cedeu uma página inteira para o evento, esta se chamando “Abril Cultural Saltenho”.

Pró-Cultura Salta

Pró-Cultura Salta é uma associação civil sem fins lucrativos criada em dezembro de 1976. Como muitas instituições, o colocar-se em marcha e a realização efetiva de suas atividades se iniciam em um determinado momento e, depois de alguns anos, “oficializa-se” seu funcionamento. Com isto quero dizer que esta associação, como um entre vários casos, começa a atuar a partir de dezembro de 1976, aparecendo sua ata institucional em novembro de 1979.

O estatuto sobre o qual se assenta e que dá origem a esta associação foi aprovado pelo Ministério de Governo, Justiça e Educação da Província mediante Resolução Nº 58-D. reconhece-se sua Pessoa Jurídica em 9 de junho de 1980. Esse estatuto teve uma modificação em 1999, Resolução Nº 294/99, e é ele que se encontra em vigência atualmente.

Como mencionei, a instituição surge por iniciativa de um grupo de homens que estava interessado em levar adiante uma proposta cultural para a cidade. Nos relatos¹⁷ aparece como uma “necessidade” que Salta tem, um “desejo” e “gosto” pelas artes. Propõem-se a levar a cabo um evento que durasse um mês com diversas produções artísticas, porque era do que Salta estava “faminta”.¹⁸ Esses homens fazem de sua preferência por determinadas atividades culturais (cinema, teatro, música clássica, literatura) um projeto “comum”, extensivo a todos os habitantes da cidade. Sentem como própria uma “necessidade coletiva”, fazendo de seus interesses o de “todos os Saltenhos”.

Esse processo de construção de imagens coletivas parte de uma referência individual ou de um grupo reduzido de pessoas. A esse respeito, Norbert Elias nos sugere que se trata de uma interdependência não só de imagens, mas também de formas de experimentar o mundo. A “imagem de nós” e de “nosso ideal” faz parte da “autoimagem” e do “ideal de eu”, tanto quanto a “imagem e ideal de eu” de uma pessoa singular, que se refere como “eu”, implica, ao mesmo tempo, uma imagem pessoal como grupal (Elias, 2000, p. 41). Isto quer dizer que as construções ou as imagens que as pessoas realizam de si mesmas são experiências pessoais de

¹⁷ Ver nota 11.

¹⁸ Quem utiliza tal expressão é Luciano Tanto.

um processo grupal, e que aquelas imagens e ideais de “nós” são versões pessoais de fantasias coletivas (Elias, 2000, p. 43).

Elias apresenta uma variedade e uma quantidade de elementos a partir dos quais se pode compreender a dinâmica social, particularmente através das relações intersubjetivas e os mecanismos utilizados para “fazer naturais” diferenças das distribuições de poder. Por outro lado, ajuda a ver como distintas imagens se consolidam e exercem controle social.

Irei mostrando que as pessoas que se aventuram a levar a cabo um mês cultural podem realizar uma atividade com determinadas características porque dispõem de certas relações sociais, como cargos em diversas instituições, que lhes permitem mobilizar distintos recursos.

Um deles é Ramiro Peñalva que, como assinalou sua esposa Raquel, “*tinha um perfil mais institucional*”. Talvez esse perfil se deva à sua participação como funcionário do Estado em anos anteriores e, “*conhecendo como é a coisa*”, decide convocar uma assembleia na qual estivessem presentes pessoas representando diversas instituições do meio e todos aqueles indivíduos que pudessem estar interessados na proposta. A convocatória foi publicada no jornal *O Tribuno*, embora também se telefonasse para as pessoas, sendo Raquel a encarregada deste assunto.¹⁹

Em geral, as entidades que participaram da assembleia foram colégios de profissionais, associações internacionais não-governamentais que perseguem “*fins sociais*”, instituições culturais e educacionais de diversas índoles. Também foram convocados artistas (pintores, escultores, poetas, escritores, músicos, diretores de coros, entre outros).

O encontro foi na antiga Casa da Cultura, hoje completamente remodelada, no dia 17 de dezembro de 1976. Ali funcionou a Direção Geral de Cultura da Província e também a LV9 Rádio Salta. Este edifício tinha duas salas, uma denominada Juan Carlos Dávalos e a outra Scotti,²⁰ onde usualmente se produziam espetáculos, conferências, exposições, seminários etc.

Entre as pessoas e as entidades que participaram estavam: Juan José Pautassi, artista plástico, “paisagista”, representando o Clube Kiwanis de Salta. O Clube Kiwanis é uma associação civil criada nos Estados Unidos no ano de 1915 que, em seguida, se uniu como membro do Clube Canadá. Dele participam diferentes países do mundo e está voltado para

¹⁹ A descrição desta assembleia se baseia nos relatos de Raquel González de Peñalva, José Mario Carrer e na narração feita no livro *Pró-Cultura Salta. XXX Aniversário Cultural Saltenho* (2006).

²⁰ Juan Carlos Dávalos foi um poeta saltenho da primeira metade do século XX, pertencente a uma família de pecuaristas e com participação em assuntos políticos. Eduardo Scotti foi um artista plástico, de quem não tenho muitas referências.

trabalhar com crianças e adolescentes. Este Clube em Salta apoiou diferentes tipos de atividades culturais e artísticas, sem necessariamente trabalhar com problemáticas de infância e adolescência. É uma instituição que ao que parece não está mais na Argentina nem em Salta.²¹

Esdras Gianella, como mencionei, foi escultor e docente da Escola Provincial de Belas Artes Tomás Cabrera. À assembleia foi como secretário do Clube de Leões de Salta, lugar onde se realizaram ciclos de cinema, exposições, aconteceram conferências, fizeram-se reuniões sociais.

O Clube de Leões, igualmente como o Clube Kiwanis ou o Rotary Clube, é uma forma de associação que articula redes locais, nacionais e internacionais; estabelecem-se em diferentes territórios com o propósito de “solucionar problemas de saúde, sociais e culturais de suas comunidades”.²² Este Clube surge nos Estados Unidos entre 1915-1917, sendo seu antecessor os “clubes de almoço”, associação que tinha como lema “recomenda meu negócio e recomendarei o teu”, ou seja, estava originariamente relacionado com a atividade econômica.

Entre outros tipos de associações culturais, estava presente a Associação Amigos da Música. Esta associação costumava reunir-se na livraria O Colégio, onde se realizavam concertos, apresentações de peça de teatro, entre algumas atividades culturais. Representando-a, estava a senhora María Fanny Rodríguez, escritora. Também esteve o senhor Nicolás Jorge Sauma pelo Coro Polifônico de Salta. Este coro foi criado em 1948 pelos sacerdotes católicos Francisco de Molina e Rafael Anduaga e um grupo de sócios. Foi uma das primeiras formações musicais na província de repertório clássico, embora se conheçam outras anteriores, como as orquestras juvenis promovidas por sacerdotes católicos vinculados ao colégio Bacharelado Humanista. Cabe mencionar que esses grupos musicais surgiram em função da circulação de diferentes músicos, alguns provenientes de bandas de música da polícia e/ou do exército, ou de outras localidades onde pudessem profissionalizar-se como tal e nem por isso fazer uma carreira na força pública.

Também participaram a Aliança Francesa e a Associação Cultural Argentino-Britânica, associações que se dedicam a difundir o idioma e a cultura francesa e inglesa,

²¹ O Clube Kiwanis tem uma página oficial na internet, na qual se podem ver seus propósitos e tipo de atividades que realiza. As referências sobre sua participação em Salta foi dada por José Mario Carrer através de intercâmbios por correios eletrônicos.

²² Sugiro consultar a página da Web desta instituição, sendo a da Argentina: <http://www.leonismoargentino.com.ar>

respectivamente. Muitas vezes essas instituições promovem conferências, exposições de artistas, concertos de música, tudo relacionado aos países referidos e também em função do intercâmbio que possa surgir com a Argentina. Representando estas instituições estiveram Mario San Román, pela Aliança Francesa, e Noemí Avellaneda e Elena Odriozola, pela Associação Cultural Argentino-Britânica.

Participou também o Instituto Saltenho de Cultura Hispânica. Desconhecemos que tipo de atividade realizava e/ou realiza em Salta, embora saibamos que é uma organização que foi criada pelo governo espanhol em 1946 aproximadamente, no marco de um congresso. Nesse contexto, outros países “hispânicos” que o assistiam apoiaram a sua criação. O Instituto se propõe a estudar assuntos vinculados à “hispanidade” em relação a uma “história comum”.²³ Em cada país a entidade mantém pessoa jurídica própria e conta com os seus recursos. Representando o instituto estava o senhor Juan Antonio Urrestarazu Pizarro, advogado, presidente desta associação e da LV9 Rádio Salta.

Lá estava também Héctor Figueroa pelo Ateneu Cultural O Tribuno. Este foi criado pelo jornal *O Tribuno*, cujo proprietário naquela época era o senhor Roberto Romero, que assumiu entre os anos 1983-1989 o governo da província. No Ateneu Cultural havia oficinas de corte e costura, crochê, encanamento, pintura, folclore (dança, música), eletricidade, cursos de inglês, esgrima, entre outros. Elas se realizavam em distintos bairros da cidade, geralmente nos centros vizinhos. Com o tempo, o Ateneu Cultural se tornaria a “Fundação Roberto Romero”, oferecendo mais ou menos o mesmo tipo de atividades, embora sendo fundação, contavam com um edifício próprio no centro da cidade de Salta.

Entre os grupos de profissionais que assistiram a essa reunião estavam os representantes da Câmara de Comércio e Indústria, da Câmara de Turismo, da Câmara de Livrarias e Papelarias, da Associação Saltenha de Agências de Publicidades, Colégio de Advogados, Colégio de Escrivães, Colégio de Profissionais de Ciências Econômicas, Círculo Médico de Salta, Associação de Odontologia.

Pela Câmara de Indústria e Comércio esteve José Mario Carrer, oftalmologista e dono de uma ótica;²⁴ Pedro Néstor Fernández pela Associação Saltenha de Agências de Publicidade;

²³ A esse respeito consultamos as páginas: <http://www.culturahispanicacba.com.ar/>

²⁴ José Mario Carrer (4/12/1937). Crítico musical, pertencente à Academia de Críticos de Música da Argentina, realiza esta atividade em *O Tribuno* desde 1986, e em www.mundoclasico.com desde 1999. É autor do livro *A música que eu vivi*. Presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Salta. Presidente da Câmara de Óticas de Salta. Oftalmologista, profissão que exerce. Diretor Geral de Cultura (1991-1995), durante o governo democrático do capitão-de-mar-e-guerra Augusto Ulloa. Cofundador do Abril Cultural Saltenho e membro de Pró-Cultura Salta. Cofundador e presidente do Mozarteum Argentino, filial Salta. Cofundador da Fundação Banco do

Benito Crivelli pela Câmara de Livrarias e Papelarias, sobre a qual já fizemos referência; Mario D'Jallad pelo Colégio de Advogados; Pascal Zarzoso pela Câmara de Turismo; Nora L. Morais de Colina pelo Círculo Médico; Luis J. Brandán pela Associação de Odontologia; Fernando Magadán e Haydée Alvarengo de Magadán pelo Conselho Profissional de Ciências Econômicas.

Estavam ali presentes pessoas como Arturo D. Boteri, fotógrafo e professor de filosofia e psicologia dos colégios secundários Belgrano e Polivalente de Artes; Norma M. Campos; Ramiro A. Peñalva e Raquel M. González de Peñalva; Julio Moreno; Jorge Hugo Román, artista plástico; Julio Pastor Paz, advogado, representando a Universidade Nacional de Salta, e José Juan Botelli, músico e poeta, que havia assumido por alguns meses a Direção Geral de Cultura, durante 1976.

Nessa assembleia foi criada “Pró-Cultura Salta”, escolhendo-se a figura legal de “associação civil sem fins lucrativos”, que teve como principal objetivo realizar um mês cultural ao qual denominaram “Abril Cultural Saltenho”. Dela saiu a primeira comissão diretiva, tendo a seguinte configuração:

Quadro n° 1

<i>Diretório de Pró-Cultura Salta</i>	<i>Integrantes</i>
Presidente	Ricardo Castro
Vice-presidente	Ramiro Peñalva
Secretário	Esdras Gianella
Tesoureiro	Fernando Magadán
Membros	Benito Crivelli José Mario Carrer María Fanny Rodriguez
Órgão de Fiscalização	
Titular	Guillermo Juan Schwarz
Suplente	Nora L. M. de Colina

Noroeste (hoje Fundação Salta). Cofundador e vice-presidente da Fundação do Banco Provincial de Salta. Vice-presidente da União de Entidades Comerciais Argentinas. Vice-presidente da Câmara Argentina de Comércio. Vice-presidente da Ferinoa (Feira Internacional do Noroeste Argentino). Vice-presidente do Instituto Provincial de Seguros. Prefere apresentar-se como “um homem desesperado pelo desenvolvimento cultural da gente de minha província”. Modo de apresentação que surgiu durante um diálogo que mantivemos e no qual perguntei como gostaria de ser apresentado, além de todas as ocupações que desempenhou. Alguns desses dados foram extraídos de *Jornalismo e literatura. O campo cultural saltenho dos 60 aos 2000*. Livro publicado por Editorial da Universidade Nacional de Salta, em 2007, baseado em um projeto coletivo de investigação dirigido por Susana Rodriguez e codirigido por Elisa Moyano.

A assembleia dava conta das relações pessoais que os indivíduos mantinham entre si, como mostrei a partir dos “bate-papos de café”, isto é, um grupo reduzido de pessoas ampliou e chamou seu “círculo de amigos”, de tal forma que a senhora Raquel Peñalva chama pessoalmente algumas pessoas, além de usar os meios de comunicação para a convocatória.

No livro “XXX Abris Culturais Saltenhos”, a narração da assembleia não descreve os vínculos que tinham os indivíduos que estavam presentes. Mesmo que se nomeie cada um, eles são apresentados em relação às instituições. Embora, como Raquel soube me dizer, se buscasse que as pessoas presentes fizessem parte de alguma entidade, fossem elas colégios de profissionais, fossem associações culturais ou instituições educativas, para conseguir os recursos econômicos que o Abril Cultural demandaria.

Esse primeiro diretório se apoia nesse estreito núcleo de conhecidos com quem se mantém determinada “afinidade”, elemento que permite as alianças entre as pessoas e define uma “amizade”, tal como Pitt-Rivers (1971) nos assinalou. Ricardo Castro era amigo de Esdras Gianella, Ramiro Peñalva, Benito Crivelli. Benito, por sua vez, conhecia María Fanny Rodriguez por sua participação em “Amigos da Música”, encontro que se realizava em sua livraria, e Fanny também era amiga do José Mario Carrer, pela “afinidade” que compartilhavam pela música clássica. Fernando Magadán se entusiasma com a ideia e fica em Pró-Cultura Salta até fins dos anos 90; algo semelhante acontece com Nora L. Morais de Colina, que participou por muitos anos do diretório.

Embora alguns mantivessem uma relação mais estreita e afetiva, outros a foram consolidando na própria instituição. É importante remarcar que as instituições que colaboraram durante anos caracterizam-se por serem entidades não só com propósitos “sociais”, mas também pelo fato de sua atuação exceder as fronteiras provinciais e nacionais. Os recursos de tais entidades são administrados e deslocados nesses níveis de circulação.

Destaco isto porque autores como George Yúdice (2002) apontam este fenômeno social atribuindo-o como uma característica da “globalização” e de políticas neoliberais. Este autor concebe outro tipo de organizações que põem em movimento capitais financeiros para a produção cultural internacional: Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, Bancos Multilaterais, organizações civis e não-governamentais.

Entretanto, essa mobilidade de recursos econômicos e também sociais, na medida em que uma associação como “Dante Aghilieri”, promotora da cultura e do idioma italiano e que podia trazer músicos desse país para que apresentassem seus repertórios em distintas localidades argentinas, esteve presente em instituições com outras características, em

associações que perseguiram “fins sociais” para o “desenvolvimento humano”, ao mesmo tempo em que funcionavam como espaços de socialização, ou seja, a “cultura” passa a ser outra forma de “filantropia”.

Todos estes elementos são omitidos na ata institucional de 1979 porque se trata de um documento jurídico; nela se mencionam as pessoas, seu estado civil, sua direção, seu documento nacional de identidade, seu domicílio; ali não aparecem os vínculos de proximidade entre os sujeitos a não ser que estivessem casados. Começam a aparecer no livro dos *XXX Abris Culturais Saltenhos*, quando a escritora Carmen Martorell, também membro do diretório, destaca a “ideia extraordinária” de um grupo de pessoas, a “mística e a permanência” da instituição, a “benevolência” e o “compromisso” dos sujeitos envolvidos, enquanto os recorda com “carinho”.

A partir dessas descrições, como dos bate-papos pessoais que mantive com alguns deles, pude tecer os vínculos de proximidade entre os indivíduos e como são incorporadas as diversas entidades civis.

A ata de fundação

A “ata de fundação, aprovação de estatutos e eleição de presidente e membros do diretório da associação civil *Pró-Cultura Salta*” que analisarei data de 14 de novembro de 1979.

Nela se encontram os nomes das distintas pessoas que participaram de “*assembleia constituinte*”. Na ata se estabelece uma “*ordem do dia*” dos assuntos a serem tratados: a) fundação da entidade; b) aprovação dos estatutos sociais; c) eleição das autoridades e d) designação de duas pessoas para tramitar a obtenção da pessoa jurídica da associação.

A assembleia que produziu sua ata de fundação não coincide com a assembleia recentemente descrita e, como se verá, seu diretório também será diferente. Isto quer dizer que se trata de dois momentos na instituição mas que, curiosamente, esta segunda assembleia efetiva a criação de “Pró-Cultura Salta”.

Entre os participantes que se mantêm em ambas estão: Benito Crivelli; Fernando Magadán; Haydée Alvarengo de Magadán; Ramiro Peñalva; Raquel González de Peñalva; José Mario Carrer; Julio Pastor Paz; Mario Ricardo D'Jallad. Aqueles que estão presentes nesta ocasião e que não estiveram na anterior são: Jorge Oscar López; Manuel Eudaldo Cabral; Mirta Susana D'Agata de Cabral; Branca Tapia Gómez, Luis Eduardo López; Elsa Salfity; Ernesto Jacobo Lachs; José Alberto Melendez e Hilda Beatriz Bitar de Melendez.

A ata informa sobre a realização da primeira ordem do dia, a fundação de “*Pró-Cultura Salta*”. Em seguida se “reconhece sua origem no organismo do mesmo nome, que funciona de

fato desde 17 de dezembro de 1976 e que, unindo o esforço de toda Salta, organizou e realizou três ciclos do 'Abril Cultural Saltenho' nos anos 1977, 1978 e 1979”.

“*Depois de amplas deliberações*” resolvem os estatutos e se reelege o diretório, ficando a seguinte configuração:

Quadro n° 2

<i>Diretório de Pró-Cultura Salta</i>	<i>Integrantes</i>
Presidente	Benito Crivelli
Vice-presidente	Fernando Magadán
Secretário	Luis Eduardo López
Tesoureira	Blanca Tapia de López
Membros	Jorge Oscar López Manuel Eudaldo Cabral Mario Ricardo D’Jallad
Membros Suplentes	Ernesto Jacobo Lachs Elsa Salfity Mirta Susana D’Agata de Cabral
Órgão de Fiscalização Titular Suplente	Contadora Pública Nacional: Hilda Beatriz Bitar de Cabral C.P.N.: Haydéé Alvarengo de Magadán

Deixam de participar do diretório os senhores Ricardo Castro, José Mario Carrer e Ramiro Peñalva. Este último já tinha assumido o cargo de diretor-interventor da Direção Geral de Cultura da Província, a partir do dia 26 de julho de 1977, decreto provincial nº 2477.

José Mario Carrer comentou comigo que o seu afastamento da instituição se deveu à mudança dos critérios em torno de como conseguir que os diferentes grupos fossem a Salta para participar do Abril Cultural Saltenho. Nos primeiros anos, buscou-se falar diretamente com os artistas, “*comprometê-los com a ideia*”, evitar negociações com os representantes e, dessa maneira, reduzir os gastos de produção. Isto significava que as pessoas que constituíam o diretório se dedicassem exclusivamente a isto, tendo que ter disponibilidade horária e econômica para viajar a Buenos Aires ou a Tucumán e encontrar-se pessoalmente com os artistas e, dessa forma, falar-lhes sobre o Abril Cultural.

Com os anos, isso foi se modificando e as pessoas que foram ingressando no diretório não compartilhavam o mesmo princípio. Diante dessa situação, José Mario Carrer decide desvincular-se de Pró-Cultura.

Podemos supor que Ricardo Castro afastou-se por divergências semelhantes, embora ele não tenha deixado de incorporar, como parte da programação dos Abris Culturais, o ciclo de Cinema Arte, que durante alguns anos se chamou “Ciclo de Cinema Maldito”.

Uma vez estabelecido o novo diretório, designaram-se as pessoas encarregadas de tramitar a pessoa jurídica da entidade; eles foram Mario Ricardo D'Jallad e Manuel Eudaldo Cabral que, por sua vez, tiveram a liberdade de “*fazer modificações no estatuto*” no caso de que assim fosse exigido pela Inspeção Geral de Pessoas Jurídicas.

O estatuto social

O estatuto social que rege a associação civil mantém uma linguagem “*administrativa*”;²⁵ nele se detalham os objetivos que tem a entidade, as ações que se propõe a desenvolver, as funções que cabem a cada um dos membros do diretório, a frequência de seus encontros, a qualidade das convocatórias (assembleias ordinárias ou extraordinárias), o órgão encarregado de administrar os recursos e prestar contas ao Estado, as sanções impostas aos membros diante de qualquer descumprimento de suas tarefas, a dinâmica estabelecida com os sócios e a participação que estes podem assumir pelo tipo de “sociedade” que estabeleçam com a instituição.²⁶ Esta linguagem administrativa, que aparenta neutralidade e se propõe a fins definidos, convive com outra completamente emotiva, desinteressada, humanista, porque aponta para o melhoramento da vida dos seres humanos mediante a promoção artística.

A associação para poder atuar e conseguir seus propósitos requer a formalização de seus interesses, embora estes pretendam ser alheios à política. Entretanto, esse processo de institucionalização dá lugar à formação mesma do Estado; este se produz na medida em que estabelece a demarcação de suas funções, delega a outras entidades certos trabalhos,

²⁵ A relação com a linguagem, eu a quero estabelecer a partir das sugestões propostas por Cris Shore e Susan Wright (1997). Os autores assinalam que uma característica das “policies” é a linguagem nela utilizada, geralmente “neutra e objetiva” que condiz com uma lógica da legalidade racional. Entretanto, mascara os processos de normalização e sujeição que produzem nos indivíduos. Por isso, ela resulta, por um lado, em uma “chave” para entender a arquitetura das relações de poder enquanto mobilizam distintos tipos de metáforas, produzem efeitos, criam imagens... Essas metáforas conjugam-se com outras, por exemplo, “nação”, “país”, “província”, “comunidade”, “povo”, “democracia”, “região”. Por outro lado, refere-se ao caráter persuasivo dos discursos, que merecem ser considerados como “políticas das práticas discursivas”. Finalmente, se trata de ver quais são as lutas suscitadas através de “palavras-chave”? (Shore & Wright, 1997, p. 20).

²⁶ Ver Anexo deste capítulo, “Estatuto Social”.

enquanto se encarrega de controlar e fiscalizar como as atividades das diversas instituições que “não” o constituem levam a cabo suas tarefas. O Estado cria a separação de si mesmo com a “sociedade” e, nessa diferenciação, cabem as associações civis. Esse processo é o que Mitchell (1999) denominou de “efeito de Estado”, enquanto se perguntava: Como se estabelecem os limites entre Estado e sociedade? Com que técnicas? O que marca o exterior do Estado?

Os limites são tênues, as linhas não são ilusórias, estabelece-se essa separação mediante códigos civis, comerciais, jurídicos em geral; olhar seu processo de formação constitui nosso trabalho. Por isso, julgo que atender às relações pessoais permite indagar sobre estas questões.

Vários membros de Pró-Cultura Salta já tinham estabelecido esses vínculos; o caso que mais se destaca é o de Ramiro Peñalva, que pouco depois de fazer parte do diretório assumiu rapidamente o cargo de diretor geral de Cultura, como já assinalai. Outros, como Elsa Salfity, segundo membro do diretório entre 1979-1983, seria ao mesmo tempo diretora da Escola Provincial de Belas Artes durante o período 1976-1979. Parte de sua gestão nessa escola consistiu primeiro na remodelação do prédio e depois na mudança para um novo estabelecimento.

As relações interpessoais conformam “estruturas intersticiais” (Wolf, 1966) ou, como assinala Bezerra, elas “*atravessam, coexistem e desempenham tarefas no contexto do quadro institucionalizado*” (1995, p. 38). Esse quadro institucionalizado pode ser tanto a própria associação Pró-Cultura Salta, como a administração pública provincial. Os interstícios não se referem apenas aos lugares onde se fazem as “amizades”, mas sim ao tipo de vínculo que estrutura as práticas sociais, em geral, e as funções públicas, em particular.

Voltando ao estatuto social da instituição, convém destacar que teve como finalidade específica “voltar-se para a **elevação** e o desenvolvimento do **nível cultural** da **população** da Província”, mediante diferentes atividades artísticas, entre elas: o cinema, o teatro, a música,²⁷ as artes plásticas (pintura, gravura, escultura, xilografia etc., isto é, por meio de diferentes técnicas), a literatura, a fotografia, e “outras disciplinas”, entendendo-se por outras mais – associação que estabeleço a partir da análise dos programas levados a cabo – a filosofia, a antropologia, a arqueologia, a história. De algum modo, se trata de ações vinculadas à

²⁷ Fala-se da música em termos genéricos, mas como veremos nos capítulos seguintes, mediante a análise dos programas de cada Abril Cultural Saltenho, esta se trata majoritariamente do que se entende coloquialmente por “música clássica”, em menor medida o folclore, o rock, o jazz. Não se incorporam nunca gêneros musicais como a cumbia ou o quarteto, sendo estes, principalmente a cumbia, no caso de Salta e do norte argentino em geral, amplamente difundida e escutada pelos setores populares.

educação em geral, em muitos casos dizem respeito aos vínculos que estas possam criar com a arte (o negrito me pertence).²⁸

Previu-se realizar

salões de pintura, escultura, gravura e desenho; exposições individuais e coletivas de arte; salões de fotografia; concursos literários; apresentação de espetáculos teatrais e cinematográficos; publicação de conferências, estágios, seminários e mesas redondas mencionadas e das obras premiadas nos concursos literários; amostras de documentação histórica; audiovisuais sobre distintos temas; amostras de artesanatos etc.; tudo isso dentro *da mais elevada hierarquia e da maior qualidade possível*, sob a denominação de “Abril Cultural Saltenho” (o itálico me pertence).²⁹

Por outro lado, foi previsto que existiriam “*prêmios aquisições*” com o objetivo de contribuir para o incremento do “*patrimônio provincial*”. Com os anos se verá que as “*empresas patrocinadoras*” outorgarão um prêmio dessa categoria, por exemplo, “prêmio aquisição Cerveja Salta”, embora a obra “adquirida” não fique em mãos da empresa ou da instituição promotora, mas sim que estas, por sua vez, as “doem” à província.³⁰

O estatuto não define explicitamente o que é arte ou cultura, embora, com a enunciação das disciplinas promovidas, estabeleça quais são consideradas como tal. Sublinha-se somente que estas sejam da “*mais elevada hierarquia e [da] maior qualidade*”. Esse conjunto de atividades, acompanhadas de práticas relativas a elas (cursos, seminários, concertos, exposições, projeções etc.) produzirá indiretamente uma noção de “cultura”, referida fundamentalmente a essas disciplinas artísticas. Desta forma, empregarão “arte” e “cultura” como termos intercambiáveis. E, quando se falar de “práticas culturais”, se referirá também a essas disciplinas.

No estatuto explicita-se minuciosamente como Pró-Cultura pretende levar a cabo seu projeto, o tipo de ações que desenvolverá, com que instituições se associará. Esclarece que sem o apoio de outras organizações seria impossível cumprir sua missão.

Outro dos objetivos da associação vincula-se à difusão do programa do Abril Cultural Saltenho, tanto na cidade de Salta como em diversas localidades do interior da província, algo

²⁸ Trata-se dos artigos 2 e 3 do Estatuto Social. Ver Anexo “Estatuto Social” (1ª grupo).

²⁹ Trata-se dos artigos 2 e 3 do Estatuto Social. Ver Anexo “Estatuto Social” (1ª grupo).

³⁰ O funcionamento das aquisições por parte das empresas é complexo. Em geral, essas homenagens outorgam como prêmio uma determinada quantia em dinheiro aos artistas e, por sua vez, doam essas obras, provavelmente em função da liberação de uma percentagem do imposto sobre os lucros.

que, como veremos, realiza-se no primeiro Abril Cultural. Esta proposta é assinalada como uma “*irradiação para o interior*”, sendo o centro a cidade de Salta.

A proposta de Pró-Cultura Salta pode ser concebida como uma “*policy*”, na medida em que se trata de “*planos, ações e tecnologias de governo formulados não apenas por organizações administrativas dos Estados Nacionais*” (Souza Lima & Macedo e Castro, 2008, p. 369), entendendo-se por governo aquilo que influencia as normas e as condutas das pessoas em uma ordem social específica.

Este tipo de política, que pode ser chamada de governamental, embora o governamental muitas vezes possa associar-se à administração pública e, no caso de Pró-Cultura Salta, transitam o “Estado” e a “sociedade”, codifica explícita ou implicitamente normas e valores sociais, articulando princípios de organização social, e constitui modelos de sociedade e um guia de ação (Shore & Wright, 1997, p. 6).

A ação que se propõe a pôr em marcha a instituição vincula-se à área artística, fomentando o “cultivo” do espírito dos saltenhos. O projeto da associação atribui a si dirigir suas ações em relação à arte e à cultura, por isso, quer envolver as diversas instituições: escolas, universidades, meios de comunicação, diferentes “*organismos culturais, turísticos, esportivos*”, empresas, indústrias, colégios de profissionais.

No que corresponde às entidades educativas (privadas ou públicas), propõe-se a colaborar, através dos Abris Culturais, para “*revisar os programas de formação plástica e musical*”, enquanto os estudantes sejam “*encorajados para a concorrência*”, “*guiados*” nas exposições, ou seja, que se formem.

Se se mantiver a ideia a respeito das *policies* enquanto formas de governo, elas produzem sujeitos sociais e morais, ao mesmo tempo em que constituem modelos de sociedade e, nesses termos, se poderia afirmar que efetivamente Pró-Cultura leva a cabo uma “política governamental”, uma “política cultural”.

Dos bate-papos de café a Pró-Cultura Salta: “sete loucos”

Até aqui aqueles que puseram em marcha esta “ocorrência” dispunham de uma série de recursos sociais que lhes permitiram torná-la viável. Quando alguns deles contam a “história”, não deixam de sentir orgulho por sua proeza e, por isso, nada melhor que parafrasear Roberto Arl, achando-se “sete loucos” que puseram em marcha uma atividade “sem precedentes”. Mais que pelo conteúdo mesmo da novela de Arl, é por aquilo que sugere: a “aventura” a que se lança um grupo de amigos.

Eles são fundadores de uma ideia que, embora não se atrevam a colocar nestes termos, mudaria a *“história cultural de Salta”*. Talvez não compartilhem hoje os modos com que é administrada Pró-Cultura ou as maneiras com que se levam a cabo os Abris Culturais, pois para muitos deles se transformou em uma *“máquina cansada”*, *“burocratizou-se”*, *“rotinizou-se”*. Não deixa de ser interessante que as metáforas empregadas para se referir à gestão atual do diretório digam respeito ao próprio fazer da administração pública, como uma *“máquina burocrática”* que *“rotiniza”* suas atividades.

Entretanto, estes qualificativos estabelecem uma distância entre um *“nós”* que busca promover desinteressadamente a *“cultura”* e um *“outro”* visto com interesses diversos, nitidamente políticos, embora eles sejam *“nossos amigos”*.

As pessoas que conformaram o primeiro diretório e todas aquelas que assistiram à assembleia já se conheciam *“de antes”*. Em cada Abril Cultural voltariam a se encontrar nos eventos que juntos faziam possível, topariam uns com os outros na sala de espera dos edifícios disponíveis para a ocasião, porque os frequentavam, trabalhavam e participavam deles. A assembleia de dezembro de 1976, que fora composta por instituições e seus representantes, foi conformada também por um grupo de pessoas afins.

Por exemplo, mencionamos que Ricardo Castro era vendedor de máquinas de padaria e por isso viajava por distintas localidades. Enquanto viajava, conversava com alguns conhecidos seus. Poderia se dizer que nesses anos visitou em Buenos Aires seu amigo José Miguel Cousello, crítico de cinema que trabalhava na cinemateca nacional, onde Ricardo conseguia os filmes para projetar no Clube 20 de Fevereiro, no Clube de Leões ou no Ministério de Bem-estar Social. Leopoldo Torre Nilsson também se encontraria com Ricardo em Buenos Aires e em Salta. Este cineasta gravou em Salta, com alguns atores locais, *Güemes. A terra em armas*. Tanto Leopoldo como José Miguel seriam convidados para o primeiro Abril Cultural Saltenho por Ricardo, como retribuição aos favores prestados, como parte das reciprocidades das relações entre *“colegas”* (Foster, 1967). As projeções do cinema Arte seriam no Clube de Leões, onde Esdras Gianella era secretário.

Do mesmo modo, José Mario Carrer, em sua qualidade de presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Salta, conseguia a colaboração de diversas empresas privadas para o fomento das atividades através do diálogo com seus amigos, a quem *“comprometia com a ideia”* do Abril Cultural Saltenho. Este homem não só mediou entre diversas instituições para conseguir os auspícios e a adesão ao Abril Cultural, como também, em termos de Boissevain

(1966), foi um “broker”,³¹ na medida em que durante sua participação na associação podia viajar, graças às passagens que provavelmente conseguia das linhas aéreas, para distintas localidades do país e administrar a apresentação dos grupos artísticos para os Abris Culturais.

Ramiro Peñalva, quando da assembleia de dezembro de 1976, não era diretor geral de Cultura, cargo que assumiria posteriormente. Segundo José Mario, ele não quis aceitá-lo em princípio, pois não lhe parecia “ético”; só o fez da forma que um “*cavalheiro pode resolver*” o assunto, algo que “*já não se usa*”. Um cavalheiro porque, como era vice-presidente de Pró-Cultura Salta, não considerava ser pertinente aceitar um cargo público. Entretanto, a comissão diretiva se reuniu para tratar o tema e “convencemos Ramiro a renunciar à Pró-Cultura e a aceitar o cargo, porque entendíamos que era um homem valioso para a cultura, para a Direção de Cultura da Província”, comentou José Mario Carrer.

José Mario conta como foi eleito Ramiro, já que ele colaborou de maneira singular na tramitação do cargo. A família Carrer tinha como dentista um homem apelidado Davids que, por sua vez, tinha seu irmão René Julio Davids – capitão de fragata – ocupando o cargo de ministro do Governo de Justiça e Educação; deste ministério dependia a Direção Geral de Cultura da Província. No interior da família, Davids discutiu sobre a pessoa com quem se poderia falar para que ocupasse a função de Interventor da Direção Geral de Cultura e, então, o dentista chamou José Mario Carrer, perguntando-lhe se Ramiro se atreveria a assumir tal posição. O motivo do telefonema foi antecipar uma possível resposta através de José Mario, pedir-lhe que assumisse a mediação para que Ramiro aceitasse e, logo após a confirmação da resposta, falar diretamente com Ramiro e oferecer-lhe a direção.

Enquanto isso, José Mario se comprometeu a dialogar com Ramiro que, em primeira instância, não quis aceitá-lo, porque podia ser visto que seu esforço em Pró-Cultura Salta tanto como no Primeiro Abril Cultural Saltenho tivesse sido só por interesse, quando em realidade o que se destaca todo o tempo é um esforço coletivo e um “desinteresse interessado”, na medida em que não se propõe a outra coisa que “elevar o nível cultural da população saltenha” e, nesses termos, o objetivo da instituição não almeja fins políticos.

Entretanto, Ramiro não deixa imediatamente Pró-Cultura Salta, só se desvincula dela em 1980. Isto quer dizer que atuou em ambas as instituições aproximadamente durante

³¹ Boissevain define o “broker” como “a pessoa-chave no sistema [patrão-cliente], que está no meio [...] aquele que tem relações diádicas com uma ampla variedade de pessoas, e está, desta maneira, ocupando uma posição entre duas pessoas, possivelmente desconhecidas para cada uma das outras, em uma mútua relação de benefícios dos quais ele obtém um proveito” (Boissevain, 1966, p. 24-25. Tradução minha).

quatro anos. A partir de 1976 viveu-se uma ditadura militar na Argentina e muitos cargos públicos foram renovados em curtos períodos de tempo. O músico e poeta José Juan Botelli assume o cargo de diretor de cultura da Província por decreto provincial Nº 94/76, de 26 de março de 1976 até 29 de julho de 1976, durando só quatro meses nessa função. Meses depois, assume o professor Jorge Adolfo Martorell, em 8 de setembro de 1976, mediante decreto provincial Nº 2172/76, deixando o lugar em 22 de julho de 1977 (decreto provincial Nº 2461/77), momento em que Ramiro Arturo Peñalva toma posse da direção até o fim da ditadura militar, em 1983. Ele se manteve no cargo durante seis anos, algo pouco comum nesses tempos e nessas formas de governo.

Em torno de Pró-Cultura Salta e dos Abris Culturais Saltenhos

Os bate-papos de café na ata institucional de Pró-Cultura Salta se apagam. Mas dela emergem determinados valores sobre os quais se constroem os “Abris Culturais Saltenhos”.

Se existe uma marca dos bate-papos de café na ata institucional é com o propósito de a associação “inclinarse à elevação e ao desenvolvimento do nível cultural da população da Província”. O que supõe tal afirmação? Como se torna possível que um grupo de amigos desenvolva este objetivo? Que outros amigos necessitam estes homens para que “a realização do 'Abril Cultural Saltenho' seja o resultado de um *mancomunado esfuerzo* de toda Salta”?

Em primeiro lugar, supõe que a “população da Província” tenha um nível cultural “plano”, como uma “meseta” (platô) sem muitos acidentes, se pensarmos em uma metáfora geográfica. Como era vista Salta por alguns destes homens? Era uma “*cidade infame, onde as moças aspiravam casar-se bem e os rapazes, sua grande ambição era ir estudar em outro lugar*”.³²

Luciano assinalou que

as classes dominantes de Salta, cujas características históricas uma delas foi o menosprezo por seu povo, eram por uma vez protagonistas e freio da evolução social, com três claros componentes políticos: conservadores, conservadores radicais e conservadores peronistas. A realidade econômica, sempre ligada ao mundo rural, girava em torno da posse da terra, do controle da água e da eterna roda da renovação do crédito bancário (Luciano Tanto *apud* Lisé, 2003, p. 30).

³² Comentou Luciano Tanto.

Por estas características, fundamentalmente associadas aos seus traços conservadores, com forte tradição religiosa e folclórica, temia-se que “*não [se] entendesse do que se tratava*” os Abris Culturais, particularizou Luciano.

Da mesma forma, José Mario Carrer e Raquel G. da Peñalva assinalaram que Salta nos anos 70 estava em um “*declive*”, “*achatada*”, já que a partir dos anos 50 tinha havido uma explosão “*popular*”, vinculada a cantores e autores da música folclórica, como também em função da circulação entre eles de “*próceres*” da literatura.³³

Entre as atividades promovidas, estavam as realizações dos “Festivais Latino-americanos de Folclore”, organizados por Roberto Romero com o apoio do governo provincial, e iniciados a partir de 1963. Tais festivais tiveram lugar na Praça 9 de julho, ao lado da igreja Catedral. Ali existia uma quadra de esportes de basquete e, nesse espaço, era montado o cenário, constituindo-se nas sonoridades que acompanhavam o trânsito pela cidade.³⁴

Na década de 70 acontece um decréscimo desse movimento, embora esses festivais sejam mencionados pelas pessoas com quem conversei sobre o surgimento dos Abris Culturais. Para elas, a lembrança dos festivais não surge no sentido de afinidade e/ou alegria. Mais por esse conjunto de razões propõem-se a fazer um mês cultural que dê um novo rumo à produção local, incorporando outras artes, outras estéticas que, talvez, embora não sejam ditas mas sugeridas, sejam mais “civilizadas” e “cultas”.

Este grupo de amigos, que se constrói como “pioneiros” da “cultura” na localidade, só pode ser compreendido através da leitura que eles mesmos fazem de seu passado e de sua gestão no Abril Cultural. Mediante o uso de estigmatizações, desqualificam outras formas de produção artística, como é o caso do folclore. Ao se estabelecerem como pioneiros, “ignoram”

³³ O movimento literário da época é diverso e complexo. Uma das figuras mais emblemáticas, ao menos até os anos 50, foi o poeta Juan Carlos Dávalos (nome que leva o auditório da Casa da Cultura). Sua poesia exalta o gaúcho e o campo como emblema nacional. Em contraposição a essa poética, surgiu em 1944 um movimento conhecido como “A Carpa”, integrado por poetas de distintas cidades do noroeste (Jujuy, Tucumán, Salta). Diferentemente do anterior, estes evocaram diversas pessoas, dando conta da desigualdade social da época; uma das pessoas tematizadas foi o “índio”. Os “próceres” porque durante o governo de Juan Carlos Romero existiu, na entrada da Secretaria de Cultura, uma montagem de diversas fotos em que apareciam tanto músicos como poetas, como Juan Carlos Dávalos, Walter Adet, Manuel J. Castilla, entre alguns poetas. Músicos: Jaime Dávalos (filho do Juan Carlos, também poeta e artista plástico), “Cuchi” Leguizamón, Dino Saluzzi, entre aqueles de quem me lembro. Tal montagem teve como título “Salta é Cultura”. Para uma análise mais detalhada, minuciosa, em torno destes movimentos literários, pode se consultar Moyano (2007).

³⁴ Queria assinalar que durante o governo do Roberto Romero, 1983-1989, estes Festivais viveram um novo auge, deslocando-se e ficando em segundo plano os “Abris Culturais Saltenhos”. Provavelmente isto se deva ao caráter e ao modo de conduzir o governo da província, como também ao tipo de apoio e os setores que o governante se dispunha a aderir. Isto merece uma investigação em profundidade que eu gostaria de levar a cabo em algum momento.

o poder de que dispõem e se legitimam nessa posição. O interessante deste assunto é que aquilo que se apresenta como superior ou inferior em termos de poder é vivenciado como superioridade ou inferioridade “humana”, portanto, o que se constrói por meio destes mecanismos são “sujeitos morais” (Elias, 2000). A construção de sujeitos morais a partir da promoção dos Abris Culturais será desenvolvida com maior profundidade no próximo capítulo.

As atividades que inspiraram este projeto em torno da “cultura” foram o cinema, a música e o teatro. Da produção teatral posso mencionar o desenvolvimento de dois grupos que possibilitaram a circulação de pessoas e a formação de espaços para a sua realização. Um deles foi o grupo Phersu que, além de ser uma companhia de teatro, se propôs a ensinar esta matéria em níveis educacionais, seja como terciário (educação superior não-universitária) ou professorado, algo que com o tempo perde força.

Ao fim da década de 90 e início do século XXI, nos discursos proferidos pelo governo da província, que se poderia chamar aqui de hegemônicos, quando se alude a um passado glorioso em matéria cultural, não é precisamente o teatro a disciplina de que se lembra como constitutiva de um legado digno de ser recordado. As disciplinas construtoras desse discurso de “cultura” serão a música e a poesia, afirmadas em expressões como “Salta, terra de poetas e guitarristas” ou “Salta, terra de músicos e poetas”. A primeira afirmação coloca a literatura em primeiro lugar e, em seguida, o folclore objetivado em seus violões – esse momento se refere ao auge dos Festivais Latino-americanos de Folclore e à circulação de poetas – enquanto “Salta, terra de músicos e poetas” alude à música clássica e está presente nos discursos inaugurais da Orquestra Sinfônica de Salta, a partir de 2001.

O outro grupo de teatro está relacionado com a participação e a gestão de Salo Lisé no Grupo de Arte Dramática (GAD), por sua vez integrado por atores e atrizes do ex-Phersu. Entre 1970-71, o governo da Província faz concurso público para constituir o elenco do “Teatro Estável de Salta”, tendo este só quatro meses de vigência, dissolvendo-se depois por falta de orçamento.

Durante a década de 70, o GAD realizou seus ensaios e suas apresentações no miniteatro da livraria de Benito Crivelli, O Colégio, por falta de um espaço adequado para a realização dessas encenações.

Embora o grupo Phersu tivesse recebido a doação de um terreno por parte do governo provincial e ter conseguido do Fundo Nacional das Artes um empréstimo para erguer o “Teatro Phersu”, tal obra nunca conseguiu ser completada por falta de dinheiro. Por este motivo, o teto do cenário não se concluiu, já que é uma das coisas mais caras na construção deste tipo de edifício. Isto fez com que em março de 1975 o governo provincial levasse a leilão o prédio,

tendo já possíveis compradores. Para evitar esta medida, um grupo de homens decide “tomar” o teatro Phersu. O protesto foi encabeçado por Salo Lisé e Benito Crivelli; também participaram Osvaldo Juane, Neri Cambronero (artistas plásticos), José Orono, Jorge Cabrera (atores), Mario Simpson (artista plástico), Gustavo “Cuchi” Leguizamón, José Alberto “Pepe” Sutti, José Juan Botelli (músicos), Luciano Tanto, César Fiaschi, Ricardo Castro e Raúl Aráoz Anzoátegui (escritor) (Lisé, 2003, p. 22-23). Nessa época o teatro não foi arrematado. Com os anos se converteu em escritórios de arrecadação da Municipalidade da Cidade de Salta.

Alguns anos antes da tomada do teatro Phersu, em 1968, foi criada a Orquestra de Câmara Municipal de Salta, dirigida pelo José Alberto Sutti.³⁵ Este senhor, que então dirigia o Coro Polifônico de Salta junto com a senhora Ana Mercedes Alderete de Torino, chamada entre seus conhecidos de Pastorita Alderete,³⁶ criaram em 1969 a Escola Superior de Música de Salta “José Lo Giudice”.

Um dos concertos inaugurais da Orquestra de Câmara Municipal foi celebrado na igreja Catedral em frente à Praça 9 de Julho, junto ao prédio onde se realizavam os festivais de folclore. Ambas as práticas sonoras parecem ter convivido sem tensão aparente. Entretanto, para a inauguração da Orquestra Municipal, a imprensa assinala:

Efetivamente, nossa província e sua formosa capital, apesar do desdobramento de harmonias folclóricas e da afeição ao violão que, junto com a capa (de pescar) e a escopeta formam a trilogia dos hobbies de seus habitantes, demonstram a pobreza à beira da miséria quando se refere à música (8 de Julho de 1968. Jornal *O Tribuno*: “Salta Progride: foi criada a Orquestra Municipal de Câmara”).³⁷

³⁵ José Alberto Sutti nasceu na província da Santa Fé, provinha de uma família de músicos e, com seus irmãos, apresentava-se em um quarteto vocal. Em sua província natal, no tempo em que começava a apresentar-se como compositor, esteve a cargo da direção da Orquestra Sinfônica do Círculo Católico de Operários de Rosario e de conjuntos de câmara com músicos desta orquestra. Logo emigra para a província de Córdoba para continuar seus estudos em direção orquestral, mas em razão de os cursos terem sido fechados, muda-se para a localidade de Bell Ville. Ali cria o Coro Polifônico da cidade e prepara o coro de Câmara Estável de “La Peña”. Aparentemente sua vida em Córdoba mantinha um trânsito pelas localidades de Bell Ville, Córdoba e Rio Cuarto. Forma a orquestra de cordas de “La Peña” e viaja a Rio Cuarto para preparar um Coro Polifônico e uma formação musical. Ao cabo de um tempo, seu nome aparece nos programas de concertos como diretor do coro do Teatro Rivera Indarte (hoje Teatro do Libertador General San Martín) da cidade de Córdoba. Em outras ocasiões, aparece como diretor da Orquestra Sinfônica do teatro, e também vinculado aos criadores do campo musical desta cidade. Em 1967 é convidado por Ángel Zerda, presidente do grupo de sócios do Coro Polifônico de Salta, para dirigi-lo. Pepe Sutti muda-se e estabelece-se na cidade.

³⁶ A senhora Ana Mercedes Alderete de Torino foi coreuta do Coro Polifônico de Salta, cantora solista em alguns concertos. Também fez parte da Comissão de Cultura da Municipalidade (“Programa de concerto por motivo do 20º Aniversário do Coro Polifônico; Nota jornalística Salta agradeceu ao Senhor Cantando em sua Casa”).

³⁷ Navallo, Laura Belén. *Tocando Cultura. Políticas e poéticas do termo “cultura” a partir de uma análise dos processos sociais de criação da Orquestra Sinfônica de Salta*. Licenciatura em Antropologia, Escola de Antropologia, Universidade Nacional de Salta, 2007.

Nesse contexto de pobreza musical, humana, um grupo de homens se propõe a levar a cabo um círculo de atividades artísticas que pudessem contribuir para a “*elevação do nível cultural da Província*”. Por esses motivos, eles encarnam e fazem de seu interesse um desejo que compartilham com todos os saltinhos. Ao tornar realidade estes objetivos, Salta “*progride*”.

Esse processo que faz da cultura um lema de autolegitimação de um grupo de pessoas me faz pensar como alguns “*intelectuais*” de classe média de uma localidade constroem uma imagem de “*nós*” como “*nosso ideal*”, com fortes conotações políticas, ao mesmo tempo em que, implicitamente, se destaca o caráter “*não-político*” do trabalho e a promoção da cultura. Esse “*nós*” não se circunscreve somente a “*alguns homens*”, mas sim nele também se reconhece o governo. Esta linguagem e as ações realizadas configuram um conjunto de sentimentos e valores que cria uma determinada moral. Moral esta que, por certo, como manda o estatuto da associação, deve ser de “*solução irrepreensível*”.

As dimensões (anti)políticas da cultura

Norbert Elias (1997) já refletia sobre isto em *Uma digressão sobre o nacionalismo*. Neste texto, o autor se propõe a discutir sobre a formação de nacionalismos tomando como ponto de partida os sentidos dos termos “*civilização*” e “*cultura*” e a associação deles com um tipo de prática histórica. Para dar conta desse processo, analisa um grupo de intelectuais alemães de classe média do século XVIII que utilizava o termo “*cultura*” para expressar sua autoimagem e seus ideais. Para eles, “*cultura*” era vista para informar sobre o desenvolvimento geral da humanidade.

Entre as perguntas levantadas pelo autor se destaca como “*civilização*” e “*cultura*” no século XVIII se referiam a processos sociais, enquanto no século XX alude a termos estáticos.

A definição etimológica de “*cultura*” descreve o desenvolvimento de transformação da natureza pelos seres humanos mediante um processo de cultivo, significado atualizado a partir do Renascimento. Elias chamará a atenção sobre a perda do caráter processual do termo “*cultura*” no século XX, tornando-se mais um estado de coisas.

Estes elementos são aqueles que contribuirão posteriormente para o desenvolvimento do nacionalismo, porque, ao se reificar a noção de cultura, se dará lugar à emergência de características substanciais como definidoras de uma coletividade assentada em territórios delimitados.

Os intelectuais do século XVIII empregaram o termo alemão “kultur” (cultura) para formular uma “história da cultura” distanciada de uma “história da política” (enfocada nas proezas dos príncipes e das cortes dos Estados absolutistas) e para apagar toda a conotação política nessa formulação, sendo percebida a cultura por excelência como “antipolítica” e humanista, centrada no desenvolvimento do ser humano.

Esta ideia de “cultura” aparecerá entre as ações a que se propõe Pró-Cultura Salta. O objetivo primordial, como assinalarei reiteradas vezes, é precisamente a “*elevação do nível cultural da população da província*”. Os atores deste projeto utilizam a cultura para legitimar suas posições como “establishment”, enquanto promovem o “cultivo” do espírito dos saltenhos.

É esse processo de “*evar o nível cultural da população*” que se configura como uma forma de experimentar o “saltenho” e de se tornar “saltenho”. A arte e a cultura serão os meios pelos quais as pessoas se tornarão sujeitos dignos, indivíduos cultos e civilizados.

Elias quis determinar como “cultura” foi empregada em relação a uma “cultura nacional”, homogênea e homogeneizadora. Enquanto se cria uma imagem de si, forma-se simultaneamente um conjunto de emoções e valores que em definitivo se transformam em moralidades, em que diferentes grupos sociais (chame-se aristocracia ou classe média) apelam para seus códigos de comportamentos, isto é, um conjunto de normas internalizadas que configuram diversas subjetividades. Estas normas não são vistas pelos sujeitos como “construídas”, mas sim como “dadas”, algo que antecede o indivíduo. Estes códigos de comportamento de distintos setores sociais relacionam-se também com códigos, que poderíamos chamar aqui de governo.

Como tentarei mostrar no próximo capítulo, os Abris Culturais Saltenhos ao longo dos anos sofrem muitas modificações, embora existam alguns elementos que lhe deem continuidade, e estes se relacionam com o interesse de seu diretório em afirmar aspectos que dão conta do “saltenho”. O saltenho se referirá muitas vezes à natureza do lugar, à terra que é “*ampla e generosa*” porque permite que a cultura se desenvolva ali.

Entretanto, nesse “brotar” do saltenho de uma terra generosa, que é “por natureza” “rica em cultura”, destaca-se o “esforço” realizado pelas pessoas que conformam o diretório de Pró-Cultura para que “um ano mais” o Abril Cultural Saltenho se concretize. Não existe cultura sem o trabalho laborioso para que da terra emerjam grandes coisas.

Os promotores do Abril Cultural Saltenho fazem tudo “voluntariamente”, nessa afirmação manifestam seu “desinteresse”; não perseguem “lucros” de nenhum tipo pelo trabalho empreendido; levam a cabo os Abris Culturais só pelo “amor” que as pessoas têm

pelo “desenvolvimento cultural” e a preocupação de “elevar” o nível cultural da população. Trata-se de um amor à arte e à cultura que estes sujeitos compartilham entre si, e estendem seu desejo tornando-o o de toda a Província.

Por outro lado, quando se fala dos Abris Culturais, estabelece-se que, em realidade, o que eles fizeram “em todos esses anos” foi criar uma “imagem de Salta”. “*Sacou-se*” e “*apresentou-se*” Salta e os artistas locais, se lhes “*deu presença*”.³⁸ Salta constrói-se para si mesma dentro de suas fronteiras políticas ao mesmo tempo em que se constitui e se ressignifica como província em uma comunidade política nacional. Comunidade que se consolida, para usar os termos de Max Weber, em função de um conjunto de laços sociais e afetivos ou pelos processos de “comunicação” na medida em que se fortalece um sentimento comum (2005, p. 317).

Elias (1997) alertou sobre a constituição de códigos morais. Um dos valores declarados na ata institucional é a afirmação de uma “*solução moral irrepreensível*” como característica inerente às pessoas que queriam integrar o diretório de Pró-Cultura Salta. Paradoxalmente, é um valor que forja valor, na medida em que sua formulação como elemento constitutivo de um estatuto procede de um valor moral anterior à colocação como mandato e, como tal, deve ser obedecido.

Sobre esses valores e códigos, a associação civil produz sua legitimidade, o que lhe permite, assim, encarnar o objetivo principal de “*elevar o nível cultural*” das pessoas mediante a realização de atividades da mais alta hierarquia e qualidade”. Só “cavalheiros” poderão levar a cabo estes propósitos. Esse tornar-se “cavalheiro” vincula-se a uma “etiqueta”, a um modo de comportamento que se pretende transmitir para toda a população e, enquanto tal, consolida-se como um modelo social particular.

Deste modo, nota-se que suas finalidades se orientam no sentido de mostrar espetáculos de hierarquia que deem conta do “progresso” da cidade e da formação de públicos através de exposições, estágios, seminários, conferências, oficinas. Pró-Cultura Salta atua conjuntamente com “*organismos oficiais e privados*” para levar a cabo seus objetivos. Desta maneira, poder-se-ia dizer então que o projeto da entidade tende a ser totalizador, de tal forma abrange todos os âmbitos entendidos como “culturais” e todas as atividades que nesta denominação caibam.

³⁸ Afirmação da senhora Carmen Martorell. Notar-se-á com mais ímpeto sua participação nos capítulos seguintes, tanto em Pró-Cultura Salta como em outras instituições.

Esse processo social particular me leva a assinalar que a cultura não é de modo algum um campo de ação desinteressado, ao contrário, mobiliza um conjunto de recursos sociais, econômicos e propriamente políticos que produzem conflitos por controlá-lo. Considero que mediante esse “interesse desinteressado”, no sentido de que não existem os “dons desinteressados” apontados por Pierre Bourdieu,³⁹ e parafraseando-o, geram-se formas de dominação, obediência e governo. Estas indagações serão os eixos de trabalho dos próximos capítulos.

³⁹ Pierre Bourdieu (1996) assinala que o “desinteresse” é um dos elementos que constituem a lógica dos intercâmbios dos bens simbólicos. Dirá que existe um “self-deception” coletivo na economia de bens simbólicos, economia antieconômica que se fundamenta na recusa (*verneinung*) do interesse e do cálculo ou no trabalho coletivo de manutenção. Quando se efetua um “dom generoso”, sem esperar uma retribuição, está se atuando de acordo com a lógica do intercâmbio dos bens simbólicos, que consiste em “ignorar” a regra.

Capítulo II. Abril Cultural Saltenho: criando imagens e valores

“– Que isso, papai? – disse Gonzalo – Um monumento?
– É o El Chocón.⁴⁰ Mas também é um monumento.
– Em homenagem a quê? – perguntei.
– Ao trabalho do homem.”

Dulce de Leche. Livro de Leitura da quarta série. Ed. Estrada, 1974

“– Que isso, papai? – disse Gonzalo – Um monumento?
– Não, não é um monumento; é uma grande obra de engenharia. Mas também é um exemplo do que fazemos nós,
os argentinos.”

Dulce de Leche. Ed. Estrada. Versão de 1977

Em 1976 foi instaurado um novo regime de governo na Argentina, conquistado pelo golpe de Estado encabeçado alternativamente pelo General Jorge Rafael Videla (1976-1981), por Roberto Eduardo Viola (março a dezembro de 1981), por Leopoldo Fortunato Galtieri (1981-1982) e por Reynaldo Benito Bignone (1982-1983). A ditadura implicou o desaparecimento de milhares de pessoas por divergências políticas, uma profunda crise econômica e o desmantelamento do Estado. Nesse período anteciparam-se as políticas neoliberais que acabaram sendo confirmadas durante a década de 1990 com a presidência de Carlos Saúl Menem (Suriano, 2005, p. 13).⁴¹

Elizabeth Jelin menciona que o “*clima de violência política, e de um Estado que vinha recorrendo progressivamente a mais e mais repressão ilegal produziu o golpe de Estado de 24 de março de 1976*” (Jelin, 2005, p. 512). No entanto, durante a presidência de Isabel Martínez de Perón

já vinha sendo instalada uma legislação repressiva importante. As ações repressivas eram realizadas por uma combinação de ação oficial estatal e forças paramilitares [...]. Os decretos presidenciais secretos que encomendavam às forças armadas o “aniquilamento” da guerrilha, organizados no Operativo Independência na província de Tucumán, datam de fevereiro de 1975 (Jelin, 2005, p. 512-513. Aspas da autora).

Os anos 70 foram uma década de importantes comoções sociais, de lutas políticas na Argentina. Dar conta do panorama histórico da época implica poder distinguir as diferenças

⁴⁰ O *El Chocón* é uma represa e central hidrelétrica localizada entre as províncias de Rio Negro e Neuquén. Sua primeira turbina foi inaugurada em 1972 e a última, em 1977.

⁴¹ Juan Suriano aponta que desde junho de 1975, durante a presidência de Isabel Martínez de Perón, seu ministro de economia, Celestino Rodrigo, já deixava transparecer orientações neoliberais. Essas políticas começaram a ser realizadas na gestão do ministro de Economia José Alfredo Martínez de Hoz, que assumiu com o General Videla em 1976. “O argumento apontava para a diminuição do déficit do setor público e o redimensionamento da indústria a partir da redução da proteção tarifária com o consequente corte do sector” (2005, p. 13).

locais. As maneiras como se vivia o “Processo de Reorganização Nacional” não foram as mesmas nos diversos cantos do país.

A violência política da repressão foi tão variada quanto os lugares onde ela era produzida. A “Operação Independência” em Tucumán seguramente não foi a repressão que denunciada pelas “Mães da Praça de Maio”. Trata-se de regiões diferentes que se constituem como tal em seu processo de formação como Estados provinciais em relação ao Estado Nacional, embora Buenos Aires, diferentemente de Tucumán, se constitua como província, capital federal e como representação de “o argentino”.

As manifestações públicas, suas marchas e os discursos presidenciais ocorriam geralmente na capital federal. Imediatamente eram transmitidos e difundidos por diversos meios de comunicação a lugares *diferentes*. Os processos de construção de legitimidade e crença no Estado eram produzidos em diversas escalas: provinciais e nacional. A “Capital Federal” se apresenta múltipla, já que algumas vezes alude a “Buenos Aires” enquanto província, outras, como a “cidade de Buenos Aires” ou até “a nação argentina”.

Esse fenômeno social não só se manifesta no momento de se gerirem e se realizarem determinadas políticas governamentais, como também como historiadores e antropólogos, ao nomearem algumas disciplinas, produzem conhecimentos de determinadas problemáticas sociais, fazem circular suas pesquisas e como estas são apropriadas em diversas regiões do país. Muitas vezes isso gera um problema e um desafio no momento em que se quer explicar determinados processos sociais, porque são feitas afirmações generalizadoras que supõem certa homogeneidade entre eles na “Argentina”.⁴²

Para discutir a transição para a democracia, Ana Wortman estuda uma política cultural específica: o programa cultural de bairros, realizado na cidade de Buenos Aires. Analisando tal programa, propõe-se a debater “paradigmas de ação cultural”, as disputas em torno do significado do termo “cultura” para o cerne do programa, associados a projetos culturais de “democratização cultural” e as relações que essas ações tiveram durante o governo democrático radical.

Esta crítica não desmerece as perguntas colocadas pela autora, que contribuem para que sejam consideradas as relações entre “políticas culturais” e a produção de crença legítima no Estado. Tampouco nega a delimitação clara de seu objeto de análise, ainda que às vezes se

⁴² Poderia assinalar aqui a análise realizada por Ana Wortman (1996) que se propõe a estudar “as políticas culturais da transição”. Em diversas oportunidades ela fala como determinadas políticas culturais foram implementadas na “Argentina” a partir do vínculo entre “cultura” e “política”, seja durante o período da ditadura militar (1976-1983), seja durante o governo radical do presidente Raúl Alfonsín (1983-1989), ou ainda as que no seu momento estavam sendo realizadas no governo de Carlos Saúl Menem (1989-1999).

torne extensivo a todo o território nacional, por isso, sendo necessário refletir como determinadas discussões geralmente não são levantadas no mesmo momento nem acionadas da mesma forma nas diferentes províncias, por mais que se viva um determinado governo nacional. Por esta razão, considero importante cuidar dos usos feitos em torno de afirmações como a “sociedade argentina” ou na “Argentina”.

Os grandes enfrentamentos políticos aos quais se dirigia a repressão militar estiveram associados majoritariamente à fragmentação da classe trabalhadora, seja pelos processos de segmentação no interior do “partido peronista”, seja pelas transformações nos grêmios e nos sindicatos, ou os movimentos de esquerda, a influência e a presença da Igreja Católica nos processos políticos. Aqui não pretendo ampliar nem esgotar a discussão, apenas estabelecer que aquilo que se apresenta como uma “realidade” merece ser estudada a partir das variações regionais e locais como processos sociais específicos.

Salta não esteve alheia aos movimentos sindicalistas, apesar de não se desenvolver na província um processo de industrialização. A presença de grêmios e sindicatos esteve associada aos trabalhadores rurais ou a comerciantes. Não faltaram associações como “Juventude Peronista”, “Jovens Terceiro Mundistas”, “Peronismo Autêntico”, “Frente Anti-imperialista Universitária” ou “Frente Justicialista de Liberação”, como tampouco estiveram ausentes as forças do Estado (Forças Armadas Argentinas, Polícia Provincial, Polícia Federal, Gendarmaria Nacional, Serviço de Inteligência do Estado) dispostas a combater a “guerrilha urbana como a rural”.⁴³ Sua configuração social e econômica faz com que se diferencie de cidades como Buenos Aires, Santa Fé, Córdoba e mesmo Tucumán.⁴⁴

Nesse contexto social e político foi criada a Pró-Cultura Salta e deu-se início aos Abris Culturais Saltenhos. A partir dessas transformações na área da “cultura”, proponho-me a analisar como são efetuados os projetos culturais, as imagens que são criadas em Salta, os valores suscitados mediante a promoção da arte, os sujeitos sociais e morais que dessas

⁴³ Rubén Correa, “Curto Governo em Salta: Miguel Ragone e anos turbulentos”. Inédito.

Cabe mencionar que Miguel Ragone, médico, foi ex-governador da província pela “Lista Verde”, um braço do Partido Justicialista, e assassinado em 11 de março de 1976. Seu governo durou um curto período 25/5/1973-23/11/1974. Nesse lapso de tempo, funcionários do governo nacional chamaram várias vezes a sua atenção. Foi conhecido como o “médico do povo”.

⁴⁴ As pesquisas históricas produzidas na Universidade Nacional de Salta tendem a reproduzir os modelos de análise realizados para as grandes cidades acerca das lutas operárias e das fragmentações partidárias. Pouco se diz dos “objetos” em disputas. Noto, por outro lado, uma carência em relação ao panorama geral de organização social e econômica que contextualize o motivo das lutas sociais e dos desaparecimentos de pessoas. Por outro lado, esses anos “turbulentos” não estão no horizonte de possibilidade de análise antropológica. Existe um só trabalho final de licenciatura que se propôs a problematizar a produção de conhecimento, o trabalho antropológico e a inserção desses profissionais em instituições do Estado, entre elas na Universidade Nacional de Salta: Martínez, Miguel. *A antropologia em Salta (1970-1982)*. Monografia de licenciatura, Universidade Nacional de Salta, 2005.

práticas emergem. Para isso, estudo as primeiras inaugurações do Abril Cultural Saltenho, as apreciações e as críticas que foram realizadas sobre as diversas atividades, assim como o trabalho social e pedagógico efetuado pela Pró-Cultura Salta nesse mês cultural, tomando como referência alguns artigos jornalísticos de dois jornais da época: *El Intransigente* e *El Tribuno*.⁴⁵

Nesse sentido, considero que a associação civil não somente se propõe a realizar um mês de atividades artísticas, mas também por meio disto cria uma proposta de cultura, ao mesmo tempo em que concebe um tipo de ser humano e imagina Salta – esse ser humano que se está fazendo e gerando num vir a ser, ou ao menos assim se pretende, “saltenho”. Como isso se realiza? Como a Pró-Cultura Salta constrói sua legitimidade? Que técnicas emprega e principalmente sobre quais projetos políticos é fundada?

Os propósitos da associação enunciados no seu estatuto, embora só apareçam posteriormente, vão se desenvolvendo desde o Primeiro Abril Cultural Saltenho. Isto está vinculado com: a participação de instituições artísticas, sejam elas musicais ou visuais, principalmente, e educativas, em geral; o incentivo para que os jovens compareçam às atividades; a realização de palestras, jornadas ou cursos referentes às artes mencionadas assim como à literatura, ao cinema, ao teatro; também conta com a transferência de diversos eventos para outras regiões da província.

Inaugurações

Tomarei como exemplo algumas inaugurações para dar conta de como a Pró-Cultura Salta realiza seus projetos culturais mediante as aberturas de cada Abril Cultural, as conferências, as atividades artísticas, entre outras celebrações. Nelas são criados os eventos,

⁴⁵ A professora de história Raquel del Valle Guzmán de Michel comenta que “O diário *El Intransigente* teve em Salta – ao longo de vários anos – a função de colocar em jogo esse olhar divergente da realidade saltenha. Não se tratou de uma realidade homogênea, já que passou por distintas etapas tanto econômicas como financeiras e sofreu mudança de donos e conflitos políticos, porém, já o nome adotado define uma postura que, lado a lado com o radicalismo, está situada na defesa dos princípios democráticos. Identificado primeiro com o neoconservadorismo, depois com o desenvolvimentismo [...] No caso do *El Intransigente* seu perfil se define – a partir do peronismo – pelo enfrentamento com a posição político-ideológica do *El Tribuno*, e adotada nos sucessivos golpes militares que alternaram a democracia nas décadas de 1960 e 1970” (Guzmán, 2007, p. 44-45). Em 1957, o governo militar de Pedro Eugenio Aramburu (na província estava o interventor federal Alejandro Lastra) ordena a liquidação do *El Tribuno*, comprado em sociedade por Bernardino Biella, Jorge Raúl Decavi e Roberto Romero. Em 1958 ganhou a eleição presidencial Arturo Frondizi pela “União Cívica Radical Intransigente”, sendo governador da província Bernardino Biella. Jorge Decavi foi eleito deputado nacional pela província, encarregando Roberto Romero da direção do jornal, que, a partir dos anos 1960 começou a militar no Partido Justicialista. A esse respeito pode se consultar o endereço digital: <http://www.portaldesalta.gov.ar/libros/intransigente.htm>

fundada uma ordem de coisas, estabelecidas hierarquias e diferenças sociais, são produzidos sentidos, ativados símbolos, é feita cultura, e concebida arte, são construídos sujeitos sociais e produzidas moralidades. Isto quer dizer que elas têm um caráter performativo sobre a vida social (Bourdieu, 1985), enquanto fazem coisas, ao mesmo tempo são performáticas, já que por meio delas a sociedade encontra sua maneira de se realizar (Moore & Myerhoff, 1977).

Parto da premissa de que as inaugurações podem ser analisadas como “rituais”, sejam como “ritos de instituição” (Bourdieu, 1985) ou mesmo como “rituais seculares” (Moore & Myerhoff, 1977).⁴⁶ Sally Moore e Bárbara Myerhoff apontam que os rituais geralmente eram discutidos e concebidos em sua dimensão religiosa, ainda que exista um conjunto de celebrações que não possam ser analisadas nestes termos. Embora tanto os rituais religiosos quanto os seculares deem sentido à vida social, eles diferem no caráter das crenças e como elas se conectam com a sociedade.

Moore e Myerhoff estabelecem que ambos os tipos de cerimônias conectam ideias e práticas culturais, por isso, é razoável se perguntar se existe comparação entre os referentes culturais e ideológicos das celebrações seculares e o tipo de crença que se encontra explicitada nos rituais religiosos. Nos últimos, a crença na religião se funde com o ritual, enquanto nos rituais seculares as conexões entre as cerimônias e um conjunto maior de costumes e atitudes, a partir dos quais estes têm lugar e adquirem sentido, não são evidenciados necessariamente. Apenas em certas ocasiões, como as celebrações nacionais ou as comemorações cívicas, tende-se a manifestar a dimensão “simbólica” desses encontros, geralmente associados às crenças políticas, à história nacional, às glórias passadas como os futuros objetivos do Estado. Nesse caso, as cerimônias seculares aparecem mais ligadas a partes especializadas do conteúdo social e cultural do que com os laços universais que os rituais religiosos acarretam (*ibidem*, p. 11).

As problemáticas levantadas pelas autoras contribuem para analisar as inaugurações às quais aqui me proponho, enquanto

[...] o ritual e a cerimônia são empregados para estruturar e apresentar interpretações particulares da realidade social em uma forma que as reveste de legitimidade. Os rituais não somente pertencem à parte mais estruturada do comportamento social, como também podem ser construídos como uma

⁴⁶ Cabe mencionar que Moore e Myerhoff (1977) são as organizadoras de um livro originado a partir de uma conferência realizada na Áustria em 1974, chamada “Secular Rituals Considered: Prolegomena toward a Theory of Ritual, Ceremony and Formality”. Em tal ocasião participaram, além das autoras, Jack Goody; Victor Turner; Terence Turner; John Middleton; Bruce Kapferer; Eva Hunt; Evon Vogt e Suzanne Abel; Elizabeth Colson; Max e Mary Gluckman; Roberto DaMatta e Frank Manning.

intenção de estruturar a maneira como as pessoas *pensam* sobre a vida social (*ibidem*, p. 4. Gripo das autoras. Tradução nossa.)

Trata-se de ver através dos rituais como ideias são construídas, não como um “*espelho das disposições sociais ou dos modos de pensamento, mas como uma ação que as reorganiza ou que ajuda a criá-las*” (*ibidem*, p. 5). Nesse sentido, as cerimônias estão relacionadas à “criação”, à “performance” e suas “consequências” estão associadas a diferentes significados.⁴⁷

Desse modo, as autoras se perguntam “*se considerarmos verdade que o ritual é carregado de mensagens acerca da perpetuação social e cultural, o que há relativo aos rituais coletivos que eles geralmente têm um papel de celebração tradicional? Por que é um veículo apropriado para esses propósitos?*” (*ibidem*, p. 7). As perguntas se orientam para considerar como certas propriedades formais dos “rituais coletivos” ou “celebrações” fazem com que estes se tornem instrumentos vinculados à tradição (“*instruments traditionalizing*” (*ibidem*, p. 7), isto é, as cerimônias coletivas são eficazes em mostrar como “tradicional” novos materiais, assim como perpetuar velhas tradições. Isto é possível mediante alguns mecanismos próprios da ação ritual, tais como: repetição, atuação, comportamento estilizado, ordem, estilo de apresentação evocativa, dimensão coletiva (*ibidem*, p. 7-8). Esses componentes referem-se ao aspecto teatral do ritual, nele se justapõem símbolos, em tempo e espaço, que podem criar a aparência de unidade (*ibidem*, p. 9).

Myerhoff postula que o ritual é uma forma que dá certos significados a seus conteúdos. O trabalho ritual é parcialmente atribuído às suas características morfológicas. Seu meio é parte de sua mensagem e pode conter qualquer aspecto da vida social, do comportamento ou da ideologia, dado a si mesmo pela ritualização (*ibidem*, p. 8).

Finalmente, as autoras afirmam alguns pontos (discutidos na conferência denominada “Rituais Seculares”, nome também do livro por elas introduzido) a partir dos quais podem ser estudadas as consequências dos rituais seculares. Para isso foram distinguidas cinco formas. A

⁴⁷ Richard Schechner (2000), baseando-se nas fases dos “dramas sociais” propostas por Victor Turner (ruptura, crise, reparação ou reintegração), por sua vez fundadas no modelo dos “ritos de passagens” de Arnold Van Gennep (separação, margem ou liminaridade, agregação), postula uma noção de “performance” que se compõe de sete momentos, sendo eles: treinamento, oficina, ensaio, aquecimento, performance, esfriamento, consequências. Schechner abarca instâncias anteriores às próprias performances, já que toma o conhecimento prévio e a aprendizagem de que estas precisam para ser realizadas. A separação em momentos das performances e dos ritos realizada por estes autores (Schechner, Turner, Moore, Myerhoff, Van Gennep) persegue uma finalidade analítica ao mesmo tempo em que, por um lado, se constroem modelos interpretativos das práticas sociais. Por outro, permite considerar as celebrações como processos, podendo estabelecer em cada fase determinados tipos de relações e significados nela produzidos.

primeira alude aos “*propósitos explícitos*”, os motivos da convocatória. O segundo se refere a “*símbolos e mensagens explicitados*”, torna visíveis as metáforas raízes (“*root metaphor*”, Turner, 1974). O terceiro, as “*afirmações implícitas*”, ou seja, em um nível subjacente repete maneiras menos conscientes de materiais sociais e psicológicos, expressando muitas vezes profundas contradições do sistema social ou cultural. O quarto, as “*relações sociais afetadas*”, na medida em que são produzidos efeitos nos participantes que envolvem diretamente seus papéis sociais e identidades. Esta diferenciação pode ser frutífera analiticamente para dividir os efeitos sociais das mensagens transmitidas, os paradigmas inventados e os símbolos exibidos, já que demonstra que estes geralmente não são congruentes. E quinto, “*cultura versus caos*”, as cerimônias coletivas podem ser interpretadas como uma afirmação cultural acerca da ordem em contraposição a um vazio cultural. Nesse sentido, as cerimônias são declarações contra a indeterminação, já que através de formas e formalidades são produzidos os significados realizados pelo homem, culturalmente determinados, regulados, nomeados e explicados. As cerimônias por excelência são afirmações dramáticas em oposição à indeterminação dos assuntos do homem mas, ao contrário, é a afirmação da forma (*ibidem*, p. 16-17).

Entendo que quando Moore e Myerhoff falam das “formas” estão se referindo ao caráter repetitivo de certos padrões a partir dos quais essas cerimônias são celebradas. Por exemplo, nas inaugurações dos Abris Culturais Saltenhos, geralmente quem inicia a abertura do evento é o presidente da associação Pró-Cultura Salta, em seguida às suas palavras, um funcionário de governo; depois, conta-se com a presença de um grupo musical, que toca algumas músicas, segue com agradecimentos o presidente da diretoria e convida os presentes a visitarem uma mostra que também entra no calendário de atividades do mês como “inaugural”.

Na sucessão desses acontecimentos surgem diversos sentidos, alguns propósitos são enunciados explicitamente, outros subjazem e podem ser ativados de acordo com as condições dos participantes, isto é, nem tudo o que se diz e faz se configura da mesma maneira para cada um dos assistentes do evento, assim como tampouco nem todas as conseqüências, muitas vezes sentidas pelos organizadores e compartilhadas com os funcionários de governo, podem ser ditas. Com isso quero dizer que o caráter moralizador de que se investem as atividades culturais promovidas nos Abris Culturais não é manifestado totalmente. É produzido através da reiteração e da rotinização, e ali se estrutura a eficácia ritual.

Por outro lado, as cerimônias, especialmente as “inaugurais”, consagram uma ordem de coisas, fazendo com que estas se apresentem não somente com naturalidade, mas também como inovadoras. Nesse sentido, a noção de “rito de instituição” de Pierre Bourdieu (1985) pode ser frutífera.

Este autor, interessado nos ritos, pergunta-se pela “função social do ritual” e “pela significação social da linha de demarcação do limite que o ritual estabelece entre o lícito e a transgressão” (Bourdieu, 1985, p. 78). Considera, colocando em debate Arnold van Gennep e Victor Turner, que os ritos de passagem iniciam algumas pessoas, mas outras jamais passaram por ele, daí sua atenção colocada nessa linha de demarcação.⁴⁸

No contexto dessa discussão, Bourdieu prefere chamar de “ritos de instituição”, de consagração ou ritos de legitimação os ritos que foram chamados “ritos de passagens”:

Falar de ritos de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desestimar enquanto arbitrário ou reconhecer enquanto legítimo, natural, *um limite arbitrário*; ou, o que vem a ser o mesmo, a realizar solenemente, ou seja, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental que se trata de salvaguardar a todo custo (Bourdieu, 1985, p. 79).

Os ritos apresentados solenemente, festejados e oficiados consagram diferenças, pois mediante eles toda propriedade de “*natureza social*”, enquanto socialmente construída, aparece como “*natureza natural*”.⁴⁹

A consagração opera apresentando uma ação ou situação como inovadora, por mais que seja conhecida pelas pessoas que participam do ritual ou que tenham juízos divergentes. A consagração institui, sanciona, santifica um estado de coisas e estabelece limites que aparentam ser fundadas em diferenças objetivas. Essa ação se realiza em um âmbito público de oficialização e se relaciona com “*um ato inaugural de constituição, de fundação, que desemboca em disposições permanentes, hábitos, usos*” (Bourdieu, 1985, p. 83).

⁴⁸ Victor Turner estuda em *A selva dos símbolos* (1967) alguns ritos de passagem entre os ndembu, ao sul da África Central. Ali analisa os ritos de circuncisão nos meninos e outros ritos nas meninas. O que Pierre Bourdieu assinala em Victor Turner é que este não considera como em cada um desses ritos, sejam femininos ou masculinos, são estabelecidas diferenças e legitimadas por meio de sua realização. É precisamente esse limite, esse umbral, que interessa a Bourdieu pesquisar.

⁴⁹ Não posso deixar de mencionar os apontamentos realizados por Norbert Elias (2000) em relação a “sociodinâmica das estigmatizações” e os efeitos que estas produzem, como mencionei na introdução. Ou seja, como os grupos “estabelecidos” ativam uma série de mecanismos a partir dos quais apresentam como naturais diferenças que se fundamentam na desigualdade de poder. Essas diferenças aparecem como características “objetivas” e como condição de humanidade, o que permite a afirmação de “superioridade” de um grupo sobre outro.

Para que um rito de instituição encontre sua realização, seus participantes devem ser capazes de reconhecer a *“investidura ou nomeação”*, acreditar no oficiante, na cerimônia, embora os sentidos que motivam cada um a permanecer nele sejam diferentes.⁵⁰

O celebrante deve ser uma pessoa reconhecida pelo grupo, um delegado autorizado que possa officiar a cerimônia de acordo com as maneiras estabelecidas, seja na utilização de instrumentos, seja no lugar ou no momento escolhido. Todas essas variáveis e elementos conjugados e sustentados pela crença coletiva, tanto no ritual como no porta-voz, conferem a este sua eficácia. Nesse sentido, esses rituais são performativos, atos de magia social, porque as palavras realizam o que enunciam e as práticas fazem e transformam as coisas e a vida social.

A eficácia ritual estrutura-se na naturalização das construções sociais e delimita quem se consagrou no rito e quem não. Sua eficácia simbólica relaciona-se com o poder de atuar sobre o real, intervindo sobre a representação do real. É nesse tempo e nesse interstício liminar que são produzidos os agenciamentos dos sujeitos.

À luz desta leitura, os ritos de instituição condensam uma quantidade de práticas, sentidos e representações sociais que se explicitam em suas cerimônias e nas crônicas sobre elas ou em suas narrações, como diria Turner (1982). Ao mesmo tempo em que se apresenta como natural é construído o motivo pelo qual se foi convidado a participar das festas, destacando-se nelas elementos de outras inaugurações-celebrações que permitem reificar um estado de coisas. Mediante a reiteração de enunciados que atingem as pessoas, as palavras deixam de ser simplesmente elas para se tornarem realidade.

As inaugurações dos Abris Culturais Saltenhos foram realizadas na sala Juan Carlos Dávalos da Casa da Cultura, lugar que concentra ainda hoje tanto a administração da Direção Geral de Cultura (atualmente denominada Secretaria de Cultura e Turismo), onde são efetuados diferentes tipos de atividades artísticas, assim como no estabelecimento que abrigou durante muitos anos o escritório de Pró-Cultura Salta. Desde o início da instituição, grande parte das atividades programadas para o mês cultural foi realizada ali.

As diferentes apresentações que aqui analiso compreendem o período 1977-1979. As pessoas convidadas e convocadas pela imprensa para os atos inaugurais foram “as autoridades militares, civis e eclesiásticas”. Procede-se à inauguração do evento com a entoação do “Hino Nacional Argentino”, interpretado pela Orquestra de Câmara Municipal, dirigida pelo músico José Alberto Sutti. Depois da entoação do hino, seguem-se as palavras de abertura, em

⁵⁰ Claramente se podem notar nas afirmações de Bourdieu as heranças de Marcel Mauss (2003) e Claude Lévi-Strauss (1975) em relação à crença no oficiante e à eficácia simbólica como ritual.

primeiro lugar, as do presidente de Pró-Cultura Salta, em seguida, de algum funcionário do governo (governador, ministro de governo) e, finalizando, do diretor geral de Cultura.

Após essas apresentações, ao menos nos anos de 1978 e 1979, a Orquestra Municipal continuou oferecendo um concerto. Depois, alguma outra exposição no mesmo edifício era visitada, já que compunha o circuito de atividades inaugurais do Abril Cultural Saltenho.

Primeiro Abril Cultural Saltenho

O Primeiro Abril Cultural Saltenho foi realizado no dia 11 de abril de 1977, na Sala Juan Carlos Dávalos, da Casa da Cultura. Teve início com a entoação do Hino Nacional, depois do presidente da Pró-Cultura Salta, Sr. Ricardo Castro, proferiu algumas palavras. Em relação a esta atividade a imprensa destaca:

Uma significativa cerimônia, em que foi manifestado o positivo alcance da difusão cultural, ocorreu na abertura do Primeiro Abril Cultural Saltenho. Nos discursos tanto do titular da comissão organizadora quanto do ministro Di Pasquo, representando o Poder Executivo Provincial, foi dada relevância à importância da realização de um ciclo cultural e de tão variadas expressões artísticas. É a oportunidade de oferecer ao povo saltenho e em todos os seus níveis uma mostra de real hierarquia, com o aval de prestigiosas instituições culturais de nosso meio, tanto oficiais quanto privadas (*El Intransigente*, 12/4/1977. Vida Social V).⁵¹

É aberto o Primeiro Abril Cultural Saltenho, destacando-se a “real hierarquia” dos eventos “oferecidos” ao “povo saltenho”. Nessa enunciação, reconhece-se que as práticas apresentadas até esse momento não alcançavam este requisito. “Hierarquizar” implica estabelecer um sistema de valores, ponderar sobre alguns mais que outros, conferir-lhe uma ordem. Vimos no capítulo anterior como foi concebido o Abril Cultural, não se reconheceram como valiosas as práticas folclóricas, de forte presença entre os 40 e os 60, nem tampouco outros antecedentes culturais, por exemplo, o teatro, a não ser que fossem atividades empreendidas pelo círculo de amigos dos integrantes de Pró-Cultura Salta.

O presidente da associação, sr. Ricardo Castro, nas suas palavras de abertura remeteu a uma série de datas comemorativas do ano 1977, conferindo maior importância à inauguração do Abril Cultural. Mencionou que nesse ano foram celebrados os 150 anos da morte de Beethoven (em 26 de março) e no dia da inauguração, em 11 de abril, foi comemorado “o dia mundial do teatro”, instituído pela Unesco. Dessa maneira continuou:

⁵¹ Cabe destacar que somente este jornal reproduz os discursos inaugurais, não o diário *El Tribuno*.

[...] iniciamos algo importante e transcendente para Salta, e com a aspiração de que chegue a ser, por que não, algo importante e transcendente para o país. Este Primeiro “Abril Cultural Saltenho”, que hoje inauguramos, teve sua origem em uma ideia que foi amadurecida largamente por um grupo de pessoas que concordava com a necessidade de gerar algo de grande movimento que despertasse a consciência cultural em Salta (*El Intransigente*, 12/4/1977. Vida Social V).

É uma “necessidade”, por isso se desenvolve um “movimento” que contribua para despertar a “consciência cultural”. Ou então se poderia dizer, um “movimento cultural” que desperte a “consciência do povo”. Em relação a isto, Raquel Peñalva declarou que

[...] as pessoas não entendiam muito bem... que tinha uma coisa num dia... uma coisa... outra... em outro dia, outra... quando na realidade não tinha nada [...] então, no primeiro Abril Cultural funcionou muito bem, quando as pessoas não entendiam muito bem o que era isso de uma maratona cultural [...] agora está tudo institucionalizado [...] naquele momento era tudo uma coisa original (Entrevista, 8/5/2009).

A incorporação de certa quantidade de atividades em um lugar onde aparentemente não acontecia nada estabelece um novo ritmo, sentido pelas pessoas que o projetaram e viveram como um impulso, uma revolução, na medida em que se permitiu mudar a dinâmica vivida ali.

Após Ricardo Castro agradecer a todas as pessoas e instituições que tornaram possível aquele Abril Cultural, ele se desculpa pelas possíveis “imperfeições e defeitos”. No entanto, considera que

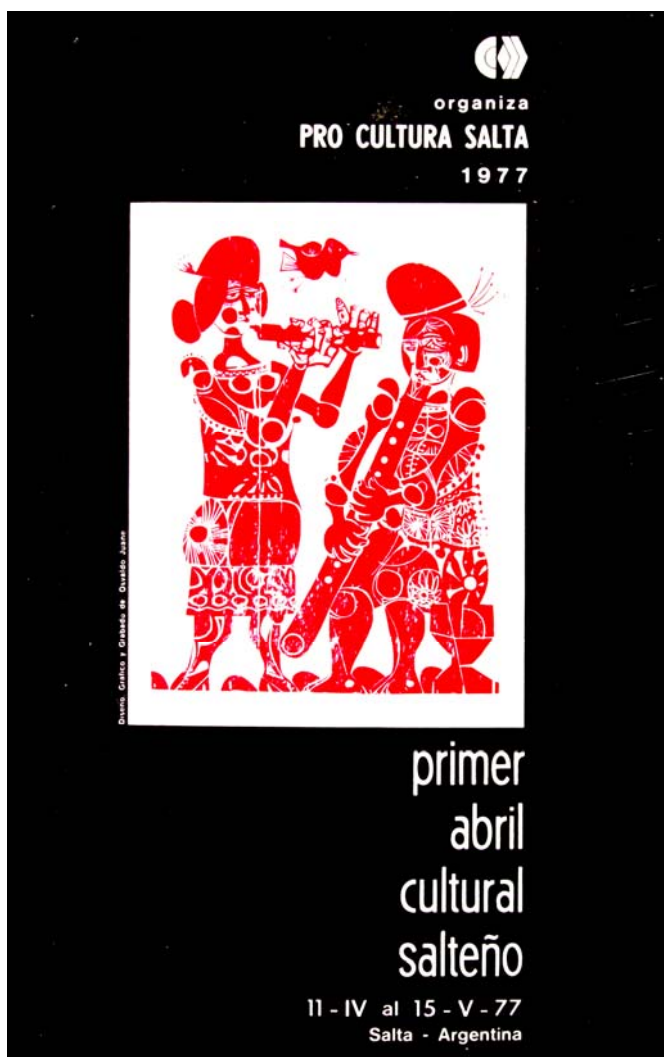
[...] o saldo há de ser positivo e, sobretudo, pensamos que o importante era começar, colocar em andamento essa empresa, o que definitivamente será nosso único mérito. Depois virão outros, é o que aspiramos, que darão continuidade a ela, a aperfeiçoar e conseguirão essa importância e projeção que se almejava no início. Ou seja, o final dessa tarefa significa nada mais que o começo...

A Pró-Cultura Salta, suas instituições ligadas, seus associados, os organismos oficiais e as entidades que colaboraram têm a enorme satisfação de ter cumprido, em grande medida, com os objetivos propostos, tendo reunido em uma extensa programação manifestações culturais de grande valor e hierarquia para formar esse Primeiro “Abril Cultural Saltenho” que hoje, por meu intermédio, entregamos ao povo de Salta para alimento de seu espírito (*El Intransigente*, 12/4/1977. Vida Social V).

O presidente de Pró-Cultura se situa como o “*intermediário*”, em função do qual a “*empresa*” se coloca em funcionamento. Esse empreendimento se propõe “*continuidade*” em um ritmo sustentado de trabalho e, como toda empresa, deseja seu crescimento e “*projeção*”. Ao mesmo tempo, é oferecido ao “*povo*” de Salta um presente que serve para “*alimentar o espírito*”.

Todavia, tal empreendimento não se consegue somente pela mera “vontade” de um grupo de pessoas, mas requer a colaboração de um conjunto de entidades privadas e oficiais para tornar essa vontade e esse desejo realidade. Somente assim a empresa consegue concretizar seus objetivos, sendo Ricardo Castro o seu veículo. A “*empresa*” manifesta que seu “*final*”, na medida em que o primeiro Abril Cultural estava sendo realizado, é seu “*começo*”, projetando-se, como vimos no estatuto social, por 99 anos.

A apresentação do Abril Cultural Saltenho como um “*movimento cultural que desperta*



a consciência do povo” refere-se simplesmente a uma mobilização do espírito. Esse despertar provocado por um conjunto de atividades artísticas e culturais pretende produzir uma realização espiritual distante, pelo menos aparentemente, de um movimento político. No entanto, mediante esta análise, pode se notar o caráter político um tanto quanto civilizatório de tal projeto cultural, na medida em que se busca construir certa sociedade e determinado tipo de indivíduo.

Por sua vez, o ministro de Governo, sr. Raúl Di Pasquo, disse algumas palavras em nome do governador, o capitão de mar-e-guerra Damião Gadea, que não

estava na província naquele momento, e elogiou a iniciativa de Pró-Cultura Salta “*pelo bem da comunidade*”, afirmando o “*incondicional apoio oficial para esse ciclo que será um estímulo para os artistas e uma positiva contribuição à cultura do povo*”.⁵²

O projeto que se inaugura pretende ser da mais “*alta hierarquia*”, orientado para o “*povo*”. Resulta interessante ver que o “*povo*” se encontra subtraído de qualquer conotação

⁵² *El Intransigente*, 12/4/1977. Vida Social V.

Cartaz do Primeiro Abril Cultural Saltenho. Gravura original do artista Osvaldo Juane.

“popular”, termos muitas vezes homologados à categoria e ao sujeito social de “trabalhador”, fortemente acoçada naqueles tempos. Ao contrário, no próprio regime da ditadura militar, essa política cultural tem lugar e provavelmente se dirige a eles. Tal como se apresenta na epígrafe deste capítulo, o trabalho humano não podia ser mencionado, fora expropriado para se tornar uma manifestação da grandiloquência “nacional”.

Essa política é composta então pela preocupação de uma associação civil que se incumbem da missão de “*espiritualizar o povo*”, apoiada pelos governantes e que, ao ser difundida e projetada para toda uma província, se torna “popular”, enquanto se promove um conjunto de práticas artísticas da mais “*alta hierarquia*” que, na linguagem cotidiana, se reconhece como “a cultura de elite”, ou então são associadas à “alta cultura”, sendo elas as “belas artes”, a “música clássica”, o “balé”, o “teatro”, a “literatura” etc.

O ministro de Governo, Di Pasquo, finalizando seu discurso citou a poetiza Gabriela



UN ASPECTO DEL ACTO inaugural del Primer Abril Cultural Salteno. El discurso apertura estuvo a cargo del presidente de Pro Cultura Salta señor Ricardo Castro y asistieron autoridades provinciales.



EL MINISTRO de Gobierno con el Rector Ernesto Di Pasquo, hablando en representación del Poder Ejecutivo Provincial. Anunció una nueva política administrativa para la Dirección de Cultura.

Mistral, diciendo que “*o que a alma faz por seu corpo é o que o artista faz por seu povo*”.⁵³ Nesta ideia fundem-se tanto os propósitos da instituição como a dos artistas, ambos têm por finalidade contribuir para o “povo”. Talvez por esses motivos Di Pasquo, como representante do Estado, deu seu apoio à Pró-Cultura Salta em tudo o que fosse necessário.⁵⁴

Após as palavras de abertura, como ato inaugural, o poeta saltenho Raúl Aráoz Anzoátegui deu um conferência, intitulada “*Indagações sobre nossa cultura*”. Nela são mencionados diferentes aspectos, entre eles, afirma-se e

⁵³ *El Intransigente*, 12/4/1977. Vida Social V.

⁵⁴ Foto do jornal *El Intransigente*, 12/4/1977. Vida Social IV- V.

argumenta-se sobre uma crise cultural, os contextos históricos e a influência europeia na formação de uma cultura na Argentina, evidenciados pelo uso da linguagem falada e escrita. Aponta ainda que “*as regiões nacionais*” não experimentaram do mesmo modo a colonização nem o processo de formação do Estado Nacional. Dessa maneira, estabelece que o Noroeste é composto de “*uma forja de raças*” que contribui com seus ritos e costumes, conferindo à cultura características próprias.

Enquanto – querendo ou não – o interior permaneceu em geral à margem da transformação das ideias – que antes teriam seus centros em Córdoba e em Charcas – e quando estava envolvido numa luta civil que absorvia as energias da juventude destemida, Rivadavia e Sarmiento sonhavam, junto ao estuário do grande rio, em modernizar as comunicações, cimentar as instituições bancárias, fundar institutos e academias, promover a imigração etc., e com Alberdi e outros se converteram na intelectualidade **ilustrada** que tinha como objetivo essencial a cultura e a apoiavam em todas as manifestações. Mais tarde, Roca – provinciano igual ao sanjuanino e ao autor de *As Bases* – colocou a serviço de sua gestão na capital da República o francês Groussac, figura-chave daquele período cultural e de uma geração anterior; o mesmo Rosas, com igual finalidade, lançou mão do polígrafo italiano Pedro de Angelis (*El Intransigente*, 17/4/1977. Literaria 15. Grifo do autor).

O poeta narra uma história de como são estruturadas as diferenças regionais e provinciais, como os ideólogos e políticos do século XIX realizaram a cultura e sua política para consolidar o Estado Nacional argentino. No entanto, continuará sua narração determinando como essas influências ilustradas chegaram até a província vizinha de Tucumán, criando ali um lugar para o crescimento cultural. Dessa maneira, a presença do poeta e jornalista Paul Groussac marcará a história tucumana, porque residiu nessa província durante dez anos, dando aulas e dirigindo a Escola Normal. Outra pessoa que soube influenciar a literatura local foi o boliviano Ricardo Jaime Freyre mediante sua paixão tanto pelas teorias do modernismo quanto por Darío. Posteriormente, entre muitos outros, será a passagem de Lino Eneas Spilimbergo por tal região que contribuirá para as artes plásticas, a fim de que logo se fale de Tucumán como “a Paris de Salta”.

Tucumán, aos olhos de Aráoz Anzoátegui, foi uma cidade com características próprias que a particularizam em relação ao resto das províncias do noroeste. Um dos motivos de tal crescimento e apoio à cultura foi a criação da Universidade Nacional de Tucumán, em 25 de maio de 1914, particularmente a abertura, em 1937, do Departamento de Filosofia e Letras. Diferentemente dessa província, o movimento de artistas e intelectuais do noroeste argentino

tende a uma busca por continuar seus estudos e carreiras na capital da República, sempre havendo exceções.

[...] Nos nossos se observa como se algo os tivesse queimado, uma evasão ao contrário: Juana Manuela Gorriti, no século XIX, e com um pé no mesmo século e outro no XX, Joaquín Castellanos – ambos saltenhos – fizeram o melhor da literatura longe da terra nativa. Lugones – cordobês nascido próximo ao limite de Santiago do Estero e cuja família tem nessa cidade profundas raízes – mudou-se para Buenos Aires do mesmo jeito que o tucumano Ricardo Rojas e, ultimamente o santiaguenho Bernardo Canal Freijó e o catamarquenho Luis Franco. Daniel Ovejero, narrador de condições excelentes, emigrou de sua Jujuy natal escrevendo na metrópole seus mais interessantes contos revalorizados há muito pouco; sendo Juan Carlos Dávalos aquele cuja prosa obtém, atualmente, maior vigência que seus versos, um dos escassos exemplares que manteve sua fidelidade à pátria (*El Tribuno*, 18/4/1977. Locales 12).

Assim como Aráoz Anzoátegui aponta as migrações das províncias de nascimento para a metrópole, como ele mesmo chama Buenos Aires, marca também alguns casos que se destacam “fazendo escola” nas regiões sem necessariamente abandonarem suas terras. Em Salta, chama a atenção Ernesto Scotti, artista plástico a quem se deve o nome de uma sala na Casa da Cultura; em Tucumán, na área de música, os senhores Cilario e Alex Conrad, que se formaram como músicos, cultivaram um público, criaram e dirigiram a Orquestra Sinfônica da Universidade Nacional de Tucumán.

Por outro lado, o poeta levanta questões a respeito da pesquisa folclórica realizada na região, nas províncias de Tucumán, Salta e Jujuy. Para isto destaca os trabalhos empreendidos por Juan Alfonso Carrizo junto a Ernesto Padilla, Alberto Rouges e Juan B. Terán; a edição entre 1926 e 1942 de *Os cancioneros populares de Salta, Jujuy, Tucumán, La Rioja e Catamarca* e os *Antecedentes hispano-medievais da poesia tradicional argentina*. Para Carrizo, ressalta Aráoz Anzoátegui, o conhecimento do folclore é de suma importância, já que

[...] é um imperativo, um dever inevitável e impostergável esse estudo, porque assistimos à **ruína**, à mudança de fisionomia do país, devido à imigração vinda desde 1860 e à concepção materialista de nosso ensino [...] Nossos educadores não cuidaram de formar na Argentina dissociada de hoje a fonte emocional que caracteriza toda nação forte (*El Tribuno*, 18/4/1977. Locales 12. Grifo do autor).

O folclore constitui então as bases sobre as quais se assenta “a identidade nacional”, ali se estrutura a sua importância. As legendas, os mitos, os ritos, a música permitem conhecer os argentinos. A imigração é vista como uma ameaça ao “autêntico” ser nacional. Por isso, somente é possível encontrá-la em regiões afastadas dos portos, sendo o noroeste lugar por excelência da sobrevivência desse conjunto de saberes.

O poeta assinala que o ensino não dá conta da tarefa que lhe é própria: consolidar “a fonte emocional” que constitui a formação de uma “nação”. Provavelmente por esses motivos apoie a iniciativa da Pró-Cultura Salta, na medida em que ela se propõe a espiritualizar o povo e a dar os elementos para fortalecer uma identidade, chamada neste caso de “saltenha”.

O percurso que faz Aráoz Anzoátegui pelos antecedentes da produção literária, os lugares de origem dos poetas e seus deslocamentos, as diferenças em matéria de produção cultural entre províncias, os estudos folclóricos contribuem para gerar uma imagem tanto de província como de região, ao mesmo tempo em que estas se constroem diferentemente do resto do país. De algum modo, esta perspectiva se aproxima da noção de “*formações nacionais de alteridade*” postulada por Briones (2005).

Claudia Briones assinala esse conceito como as regularidades e as particularidades de um país, ou então das províncias que resultam de distintos tipos de articulações: sistemas econômicos, estruturas sociais, instituições jurídico-políticas e aparelhos ideológicos. Nelas são administradas hierarquizações socioculturais ao mesmo tempo em que se regulam as condições de existência de “*outros internos*”, que são reconhecidos como parte de uma sociedade sobre a qual o Estado estende sua soberania (2005, p. 16).

A apropriação que realizou da noção da autora vincula-se a como são produzidos e se (re)produzem historicamente as formações dos Estados Provinciais em relação aos processos de formação do Estado-Nação argentino.⁵⁵ Esses processos, territorialmente situados, são realizados também a partir de representações simbólicas construídas no que se refere aos “centros” de profissionalização, centros que também evocam a crença na centralidade do Estado.

Aráoz Anzoátegui, enquanto delimita os atributos do “saltenho”, muitas vezes sem querer valorizar, não deixa de aderir a uma ideia de cultura e de prática política que a apoie. A respeito disto comenta:

Houve, duro é admitir isto e temos lembrado, tremendas lacunas em nossa estrutura social e política. E elas ainda existem, a ponto de que a história viva nos ultrapassa enquanto nós – como disse no início – buscamos nos prender a nossos velhos esquemas que caíram em desuso [...]. Os próprios governos furtaram-se ao problema de muitos anos, não dando à cultura o lugar que lhe corresponde. As soluções devem ser integrais. Quando a Alemanha quis sair da crise de seu segundo pós-guerra mundial, ao mesmo tempo em que saneava sua economia – não depois – reconstruiu seus teatros com imensos sacrifícios ou colocou sua indústria editorial à frente do mundo. Aos artistas – aos criadores – foi-lhes proporcionado o trabalho a que suas atitudes estavam destinadas, sem cair nos espetáculos

⁵⁵ Em relação aos processos de “*formação de Estado*”, pode ser consultado Steinmetz (1999); Elias (2006); Souza Lima & Macedo de Castro (2008), entre muitos outros.

circenses. E digo “espetáculos circenses” porque é o erro mais frequente quando se pretende alentar com muito pouco investimento o reflorescimento em nível popular [...] “O público em geral está acostumado a maus espetáculos” – sublinhei [em uma mesa redonda em 1975] – porque sempre foi fomentado o mau gosto. Tem que romper com isso e demonstrar que existem espetáculos ou manifestações artísticas muito importantes que ainda não são populares por uma razão muito simples; o indivíduo é educado em uma sociedade de consumo na qual lhe são vendidos os produtos. Porém, quando souber que ler “Dom Quixote” não é chato, vai começar a lê-lo; e quando frequentar certos espetáculos, começará a gostar disso e se sentirá mais seguro de si mesmo [...] Centremos então neste enfoque em tempo e lugar: o populismo não pode se fazer em níveis de conformismo, deve fazê-lo para que o povo tenha acesso à cultura (*El Tribuno*, 18/4/1977. Locales 12).

Trata-se, aos olhos do autor, de promover “*atividades de alta hierarquia*”, distintas dos “*espetáculos circenses*”; poder-se-ia dizer também “*nada de palhaçadas com rótulo de arte*”, isto se consegue e, por isso, coincide com o projeto de Pró-Cultura Salta, por meio da educação, mostrando espetáculos “*de nível*”, fazendo com que o acesso seja para todo o “*povo*”, mediante receitas econômicas ou até gratuitos. Assim ressaltam as pessoas que entrevistei sobre o início dos trabalhos desse mês cultural. Por este último motivo, destaca-se e agradece-se com ênfase o apoio tanto de instituições privadas como a do governo, já que foram eles grandes contribuintes.

O povo será educado através da divulgação da afluência aos espetáculos, pelos meios de comunicação, porque estes não só informam sobre as atividades como também contam as trajetórias dos grupos, dos artistas, suas carreiras, os projetos profissionais que eles têm.

O ato inaugural foi finalizado com a entrega do prêmio do concurso de romances “*Homero Robles*” ao sr. Francisco Zamora. A cerimônia foi oficializada pelo vice-presidente de Pró-Cultura Salta, Ramiro Peñalva, sendo entregue o prêmio por Carlos Robles. Este prêmio, embora tenha feito parte da inauguração do Abril Cultural Saltenho, não foi organizado por



Pró-Cultura Salta, mas pela Direção de Cultura. Assim se concluiu a cerimônia de abertura do Primeiro Abril Cultural Saltenho.⁵⁶

Mediante esse rito de instituição, tem início um novo tempo para a história da cultura de Salta. A Pró-Cultura se propõe a elevar o nível de vida do povo, mostrando espetáculos de hierarquia. O governo, os artistas, os intelectuais, a Igreja Católica e diversas pessoas afins à ideia estarão propensos à proposta. Cria-se uma cidade que pode, a partir desse momento, ter orgulho de um “movimento cultural” ainda por produzir-se. É estabelecida a diferença entre um passado enriquecido por ritos e costumes de povos pré-hispânicos e uma imagem de “cultura” de Salta à qual se deve aspirar. Esse passado heterogêneo em função das diversas culturas que o compõem somente é matéria de estudos folclóricos, arqueológicos ou então etnológicos. A população saltenha (que remete principalmente à cidade capital) precisa conhecer, frequentar diferentes tipos de eventos, “alimentar seu espírito”. Um grupo reduzido de pessoas se atribuirá esta missão, ativando todos os seus vínculos sociais. Eles são o ideal de si do qual o resto dos saltenhos deve se aproximar, ou melhor dito, eles constituem, enquanto constroem, a imagem do “saltenho”.

As atividades do Primeiro Abril Cultural Saltenho

A missão civilizatória de Pró-Cultura Salta é colocada em andamento mediante a utilização de diversos recursos. O diário *El Tribuno* promoverá durante todo o mês uma série de atividades, no contexto do Primeiro Abril Cultural Saltenho, a ser difundido pela Rádio Salta, assim como pelo canal televisivo, Canal 11.⁵⁷ Através de frequência de rádio são transmitidos concertos de música clássica e, pela televisão, são projetados óperas, balés ou concertos de orquestras renomadas da Europa ou dos Estados Unidos. A Universidade Católica de Salta trabalhou em conjunto com a Rádio Salta transmitindo um programa dedicado “aos grandes maestros da música universal”, audição apresentada pelo “departamento de música da mencionada universidade em adesão ao Abril Cultural Saltenho”.⁵⁸

Outra forma de “conscientizar o povo” foi mediante uma série de conferências informativas sobre as distintas atividades artísticas. Uma delas foram as palestras denominadas “*Os elementos plásticos através da arte argentina*”, realizadas pela artista plástica saltenha Elsa Salffity, que as apresentou com transparências, o que permitiu a

⁵⁶ Foto. *El Tribuno*, 11/4/1977. Tapa do jornal.

⁵⁷ É importante esclarecer que isso somente se difunde por este jornal porque tanto o Canal 11 como *El Tribuno* eram propriedades de Roberto Romero, senhor que assumirá o governo da província a partir de 1983.

⁵⁸ *El Tribuno*, 20/4/77. Sociales y Cartelera VII.

ilustração de sua narração. A respeito disso, a imprensa diz que o “ciclo se viu apinhado de um público jovem, especialmente estudantes, que assim obtêm um conhecimento essencial no artístico”.⁵⁹

Embora exista um conjunto de atividades desse tipo, promulgadas por diversos artistas vindos de diferentes disciplinas, serão também envolvidas nesse projeto educativo-cultural diversas instituições do meio. Uma delas foi a escola de Belas Artes “Tomás Cabrera”, assim como o Museu Arqueológico de Salta. Ambas tiveram sob seus cuidados cursos ou conferências vinculados às suas áreas de atuação. No contexto da primeira instituição apontei as conferências de Elsa Salffity, dirigidas principalmente a estudantes do nível secundário; enquanto a segunda entidade ofereceu durante o Abril Cultural de 1977 um curso sobre arqueologia chamado “Presença do Passado”.⁶⁰

Quando analisei o estatuto da organização, essas atividades foram contempladas, ou seja, o propósito de Pró-Cultura Salta era, e é, realizar um projeto cultural tão abrangente que abarcasse não somente a exibição e a apresentação de diversos grupos artísticos, mas que envolvesse a participação das escolas artísticas, as universidades e as instituições educativas de todos os níveis de ensinos. Por outro lado, propunha-se a comprometer os meios de comunicação nessa tarefa, já que eles são “*veículos de cultura*”. Nesse sentido, é estabelecido como propósito “*a elevação do nível dos mesmos, tanto no que toca o conteúdo das publicações e espaços televisivos e de rádio como o correto uso do idioma*”.⁶¹

A imprensa, como “veículo de cultura”, colabora com a construção dos espetáculos marcando os “eventos de hierarquia”; assim apresenta a Camerata Bariloche dirigida pelo violinista Alberto Lisy, entidade levada a Salta com fundos da Universidade Nacional; o grupo de Antonio Agri que se apresenta no II Abril Cultural Saltenho, violinista notável por seu virtuosismo no instrumento e de reconhecida trajetória por ter tocado durante vários anos na orquestra de tango de Astor Piazzola.

Os espetáculos considerados de hierarquia estão associados à música clássica, às letras, às belas artes, ao balé, embora também tenham se transferido para a cidade de Salta conjuntos com outro tipo de propostas musicais. Entre eles, o próprio Antônio Agri com tangos e música popular, uma “Jazz Band”, ou Charly García com “A máquina de fazer pássaros”, interpretando rock nacional.

⁵⁹ *El Intransigente*, 27/4/1977. Vida Social IV-V.

⁶⁰ *El Tribuno*, 4/4/1977. Cartelera 9.

⁶¹ Artigo 3. Estatuto Social de Pró-Cultura Salta, 1979. Nas notícias até agora apresentadas pode se notar que “o correto uso do idioma” é uma aspiração por parte da associação, algo que não coincide com as formas que tem a imprensa de narrar os diversos assuntos. Talvez por este motivo se estabeleça como um objetivo.

Em relação ao grupo que acompanha Charly García, a imprensa destaca que se trata de um conjunto “seguidor da tendência da denominada música progressiva”.⁶² Em outro artigo, a música progressiva é definida como “uma sofisticada variante dos ritmos modernos ou ‘beat’ com origem no ‘rock and roll’, mas com projeção à técnica mais requintada no domínio de cada instrumento”.⁶³ Enquanto da “Porteña Jazz Band” se diz que é um jazz “em sua forma mais pura, vale dizer, o estilo New Orleans”, talvez querendo dizer com isso que se trata do “mais autêntico no seu gênero”.⁶⁴

No programa do Primeiro Abril Cultural houve uma quantidade considerável de conferências, tanto sobre cinema quanto sobre literatura, chamando-se personalidades importantes em cada área. Miguel Couselo, Mario Simpson, Leopoldo Torres Nilsson para falar sobre cinema e, no caso da literatura, Syria Poletti ou Beatriz Guido, sendo que Leopoldo Torres Nilsson e Beatriz Guido são marido e mulher. Não faltaram ainda os concertos de música clássica.⁶⁵

Desde o início da associação civil foram concretizadas todas as intenções, inclusive a atuação de grupos internacionais. Tal foi o caso do concerto oferecido pela Orquestra da Universidade do Chile, com sede em Antofagasta. O concerto foi patrocinado pela Câmara de Comércio Exterior, chegando à cidade no trem internacional, conhecido também como “Trem para as nuvens”.⁶⁶ Diga-se de passagem que tal trem é uma das atrações turísticas da província de Salta, um ícone a partir do qual é construída a imagem de “Salta, a Linda”.

Talvez sejam essas ações sociais que permitam construir posteriormente associações entre uma imagem turística da província junto a outra vinculada à cultura. Neste caso, Salta não seria somente “Linda” mas também “Cultura”. Este último enunciado refere-se ao momento em que a Orquestra Sinfônica é apresentada como a “bandeira cultural” da província, a partir de sua criação no ano de 2001. Muitos dos concertos que a Orquestra Sinfônica realizou, tanto em outras regiões do país como em países limítrofes, foram acompanhados por um *stand* da Secretaria de Turismo, que distribuía folhetos e fazia propaganda pela província.

Não é descabido pensar que o patrocínio e a transferência da Orquestra da Universidade do Chile, sob a responsabilidade da Câmara Exterior, foram em função das possibilidades de estabelecer, por meio dessa atividade cultural, um conjunto de relações

⁶² *El Tribuno*, 4/4/1977. Cartelera 9.

⁶³ *El Intransigente*, 17/4/1977. Cables 4; Sociales y Espectáculos 12.

⁶⁴ *El Tribuno*, 4/4/1977. Cartelera 9.

⁶⁵ Ver Anexo: Programas dos Abris Culturais, correspondente ao ano de 1977.

⁶⁶ “Presença do Chile no Abril Cultural Saltenho”. *El Tribuno*, 25/4/1977. Sociales y Cartelera X.

diplomáticas e comerciais entre ambos os países. Raquel Peñalva comenta que, efetivamente, mediante essas ações, conseguiu-se estabelecer uma comunicação entre Antofagasta, Iquique (cidade portuária) e Salta. Do Chile não somente se apresentou uma orquestra, como foram exibidos tecidos e prataria, também aos cuidados da mesma universidade. O vínculo com esse país a partir de 1977 permitirá que em 1989 a prefeitura da cidade de Iquique desenvolva um “festival de folclore saltenho”, trazendo, entre outros grupos, “Los Nocheros”.⁶⁷

Nos anos aqui apresentados não se ouvia falar de “turismo cultural”, embora essas relações comecem a ser esboçadas, apoiadas pela dinamização do comércio exterior, por um lado, e interno, por outro. Essas discussões são colocadas no final dos anos 90, sobretudo quando se discute sobre o processo de “culturação” que implica uma “economia política da cultura” a partir da divisão do trabalho intelectual e artístico internacional (Yúdice, 2002, p. 35).⁶⁸

O caso propriamente da participação de grupos internacionais não dá conta de uma “divisão internacional do trabalho”, mas pretende realçar a proposta cultural da associação, ainda que sejam delineadas as relações entre “cultura” e “turismo” ou “cultura” e “comércio”, marcando-se as interdependências e a mobilização mútua desses universos sociais.

II Abril Cultural Saltenho

A inauguração do Abril Cultural, como a do ano anterior, foi realizada na Casa da Cultura, no dia 4 de abril de 1978. Estiveram presentes alguns membros da diretoria de Pró-Cultura Salta e funcionários de governo, entre eles:

O governador, capitão de mar-e-guerra senhor Roberto Augusto Ulloa; o chefe da Guarnição, coronel Aguado Benítez; o ministro do Bem-Estar Social, Marcelo Coll; o ministro de Governo, Justiça e Educação, capitão de mar-e-guerra René Julio Davids; o secretário de Educação e Cultura, Roberto Figueroa; outros funcionários de governos representantes, de instituições culturais e dos meios informativos de nossa cidade (*El Intransigente*, 5/4/1978. Contracapa).

Deu-se início à cerimônia com a entoação do Hino Nacional Argentino, interpretado pela Orquestra de Câmara Municipal, dirigida pelo professor José Alberto Sutti. Em seguida, o presidente de Pró-Cultura Salta, senhor Benito Crivelli, disse umas palavras de abertura.

⁶⁷ Comenta Raquel Peñalva que os Nocheros, grupo folclórico que se torna muito famoso sobretudo na década de 90, naquele momento eram jovens e fizeram muito sucesso na cidade chilena.

⁶⁸ Um trabalho bastante importante sobre a “economia política” que pode ser consultado é *Ruidos. Ensayo sobre economía política de la música*, de Jacques Attali (1995).

A performance foi repetida e se reinstituiu a celebração de 1977. Esse ritual citou os valores promulgados no encontro passado, construindo “identidades” e reafirmando ao mesmo tempo em que legitimava a proposta cultural da associação civil.⁶⁹



Benito Crivelli, em seu discurso, estabeleceu como a cultura, ou melhor dito, um determinado “*projeto político nacional é em última instância um projeto cultural*”, provavelmente tal projeto sendo reforçado mediante a entoação do Hino Nacional, criando-se através da canção o sentimento de pertencer a uma mesma coletividade nacional. Nesse processo de comunização é cultivada uma “imagem de nós”, como “nosso ideal”, a partir dela um grupo de pessoas se afirma como “superior” não somente em relação às distribuições desiguais de poder, mas também essa superioridade se afirma por meio de “virtudes humanas”, isto é, como valores e condições do ser humano dignos de serem promovidos (Elias, 2000).

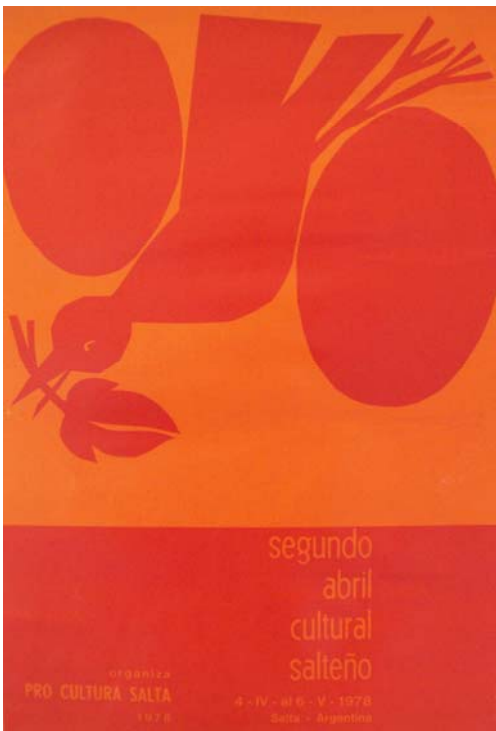
Para realizar essa afirmação, cita as palavras do secretário de Estado e Cultura da Nação, Dr. Juan José Catalán, que dias antes tinha estado na cidade chamando a atenção para essas questões. Continua dizendo:

[...] essa época em que vivemos, com toda a sua problemática, levou o homem a um tecnicismo exacerbado através de seus deslumbrantes descobrimentos no campo da ciência. O homem atual quer estar, acima de todas as coisas, digamos, “informado”, situando-se, assim, em uma contínua corrida para chegar primeiro a essa “informação”, mas durante sua corrida, não perdeu algo? Acrescentou que o homem, como ínfima partícula do universo, é o único que poderá salvar a si mesmo se cultivar e encontrar sua própria razão de ser.

⁶⁹ Foto. *El Tribuno*, 5/4/1978. Tapa do jornal; foto de perto.

...
“Na arte está a verdadeira defesa do homem” – continuou Crivelli, Pró-Cultura Salta fez suas essas pautas no mesmo instante de seu nascimento, materializando sua primeira e, desde esse momento, segunda edição do Abril Cultural Saltenho. A participação maciça da população saltenha no Primeiro Abril Cultural Saltenho demonstrou que Salta está sensível a toda manifestação cultural de primeira magnitude, e gostaria de ressaltar, a juventude participou e com certeza o fará esse ano, com seu natural entusiasmo, com sua eletiva presença, as distintas manifestações, por ser ela a principal depositária de nosso esforço (*El Intransigente*, 5/4/1978. Contracapa).

A arte, mais uma vez, será o canal mediante o qual as pessoas podem se desenvolver como seres humanos, apenas ali “encontram sua razão de ser”, sua verdadeira natureza, já



que assistindo às atividades podem “cultivar” a si mesmos. Essa ideia de cultura alude a um de seus significados etimológicos, como o “cultivo” do espírito e o processo de transformação das pessoas em cidadãos.

Raymond Williams (2000) em *Palavras-Chave* desenvolve o processo histórico social de construção de sentido da palavra “cultura”, entre outras. Para Williams, a palavra da qual deriva é o radical *colore*, mas considera ainda outros significados como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração, assim como colonizar, colonização. Cada uma dessas acepções separou-se da raiz latina, embora possam hoje ser encontradas superposições. Por exemplo, “habitar” desenvolveu-se através do latim *colonus* até chegar a *colônia*. “‘Honrar com veneração’ evoluiu através do latim *cultus* até *culto*” (Williams 2000, p. 87).

O significado desta palavra em seus primeiros usos era um substantivo que dava conta de um processo de troca, de transformação seja relacionado à agricultura ou aos animais (Williams 2000, p. 88). A partir do século XVI, e por influência de Cícero, aquele processo se estendeu ao desenvolvimento humano no sentido de lavoura, de cultivo, até o fim do século XVIII e princípio do XIX.

Cícero o usava vinculado a temas espirituais e abstratos, como *excolere animun*, cultivar a mente, e *cultura animi*, no sentido de mente cultivada. Para os romanos, o termo

“cultura” sempre esteve ligado à natureza e, por estar relacionado à agricultura, gozava de prestígio. Essa *cultura animi* de Cícero também se associou à aprendizagem da filosofia, sendo uma adaptação do ideal grego de paideia (Arendt, 2003, p. 324). *Paideia* para Platão “constituía a culminação de um longo processo [...] não somente apontava adaptar os cidadãos à cidade. Tinha que contribuir para revelar as qualidades humanas presentes no estado virtude em todos os futuros cidadãos, mas que tinha que saber descobrir mediante treinamentos particulares” (Schnapp apud Schinitt-Levi, 1995, p. 27), isto é, *paideia* [civilidade] era a formação dos seres humanos enquanto humanos e habitantes da cidade.⁷⁰

Sobre isso, Panofsky (1985) declara:

O conceito de *humanitas* com o significado de valor foi formulado no círculo dos próximos a Scipião, o Jovem, sendo Cícero seu porta-voz mais entusiasta e explícito. Significava assim a qualidade que distingue o homem não somente dos animais, mas também, igualmente, e em maior grau, de quem pertence à espécie *homo*, sem que por isso tenha de merecer o qualificativo de *homo humanus*, ou seja, **do bárbaro ou do homem vulgar desprovido de *pietas* e *paideia*, ou igualmente, do respeito pelos valores morais e dessa agradável mistura de saber e de urbanidade que somente poderíamos definir com o desacreditado termo de “cultura”** (1985, p. 18. Grifo nosso).

Os autores citados estão determinando, da mesma forma que Williams, que o termo cultura marca um processo de cultivo que, por extensão, se aplica às qualidades humanas, aos valores do homem, o processo mediante o qual as pessoas se tornam cidadãos, diferenciando-se ao mesmo tempo daquelas pessoas “*bárbaras – desprovidas de cultura – humanas*”.

A ideia de “*paideia*” dá conta do forjamento dos jovens mediante treinamentos particulares nos quais eram formados como seres humanos e cidadãos. Talvez por estes motivos, a associação Pró-Cultura Salta tenha se proposto a incentivar que a juventude participasse do Abril Cultural, “*com seu natural entusiasmo, por sua própria escolha*”, porque ela é “*a principal depositária de nosso esforço*”, como apontou Benito Crivelli.

Existe uma série de elementos que afastam o indivíduo dessa condição sublime de existência: a informação, a ambição por se profissionalizar, os processos de informatização, condições que fazem os homens descuidarem “*[d]os verdadeiros aspectos de seu espírito*”. Como já chamei a atenção em outros momentos, é este o propósito de Pró-Cultura Salta, missão da qual se orgulha.

Após estabelecer os critérios de ação e os propósitos da associação, agradece Benito Crivelli como representante da diretoria de Pró-Cultura Salta:

⁷⁰ Cartaz do Segundo Abril Cultural Saltenho. Gravura original do artista Osvaldo Juane.

[...] ao Superior Governo da Província, à Direção de Cultura, às universidades locais, às entidades culturais e educacionais de nossa cidade, aos distintos meios de comunicação de massa, e aos senhores que neste momento nos honram com sua presença, lhes entregamos o Segundo Abril Cultural Saltenho, abril que pretende ser um empurrão periódico dessa atividade cultural de Salta, unindo esforços aliados do governo e da população para o progresso cultural de Salta (*El Intransigente*, 5/4/1978. Contracapa).

O governo e a população se unem para fazer “progredir” culturalmente a província, para cultivar os homens, moldar a juventude, construir cidadãos legítimos como habitantes de Salta. O governo fornece a infraestrutura, contribui economicamente, facilita o funcionamento do mês cultural. A população contribui para que “Salta progrida”, participando dos espetáculos, aproveitando, porque a ela se “entrega” o II Abril Cultural. Entre o governo e a população está Pró-Cultura Salta, não é nem um nem outro, a associação encontra-se no “limiar”. Como entidade civil está próxima da população, mas sua ação lhe permite transitar nos espaços governamentais, porque alguns de seus membros são funcionários do Estado. Sua posição, embora também possa afirmar sua constituição como instituição liminar, lhe permite potencializar seus recursos, não somente na ordem do econômico ou do político, mas também no do simbólico, pois, como venho enfatizando, lhe é atribuída a missão de espiritualizar o povo. Essa missão foi pronunciada nos discursos inaugurais do Primeiro Abril Cultural Saltenho e reiterada na sua segunda edição do ano de 1978.



Depois da apresentação de Benito Crivelli, o diretor geral de Cultura Ramiro Peñalva, integrante também da diretoria de Pró-Cultura, finalizou com palavras de agradecimento e, desse modo, se concluiu a abertura.

Deu-se continuidade às atividades inaugurais do II Abril Cultural com a interpretação de duas peças musicais executadas pela Orquestra de Câmara Municipal. Uma vez terminadas, os presentes se dirigiram à sala Scotti, onde se produziu a abertura da mostra “Quatro Pintores Argentinos Contemporâneos”, integrada pelos artistas Pérez Celis, Ramiro Dávalos, Miguel Ocampo e Pablo Suárez – exposição patrocinada pelo Banco Regional do Norte, banco que

estaria abrindo novas instalações naquele ano, assim como uma fundação cultural, denominada “Fundação do Banco do Noroeste”.⁷¹

Em um artigo anterior ao II Abril Cultural, o diário *El Tribuno* apontou que o programa estava constituído por “quarenta e quatro expressões de arte e cultura nacional e estrangeira”. Sobre este total foi destacado que apenas 18 atividades seriam pagas, sendo as restantes gratuitas.⁷²

Esse aporte permitiria o “*enriquecimento da cidadania que vê chegar com alegria ‘esta florada de outono’*”, sendo esta “florada de outono” o Abril Cultural que permite o crescimento da cidadania.

Em outro artigo, publicado desta vez pelo diário *El Intransigente*, é mencionado um desconto de 50% para o “*alojamento de artistas, expositores, palestrantes e jornalistas que venham a Salta participar do Abril Cultural Saltenho*”. Esse desconto foi concedido pela “*Câmara de hotéis, restaurantes, confeitarias, bares e afins*” diante da solicitação feita por Pró-Cultura Salta. A colaboração prestada foi efetuada “*em favor da promoção cultural da província*”, apontada desse modo pelo presidente da Câmara, Sr. Pascual Zarzoso.⁷³

Dessa maneira, conseguiu-se diminuir os custos de produção mediante o compromisso de entidades públicas e privadas para concretizar tal evento.

No que se refere às atividades artísticas apresentadas no II Abril Cultural, elas foram diversas, tendo um maior número de concertos de música (música clássica em sua maioria, um de tango, outro de folclore e outro de jazz) e, em menor medida, conferências, jornadas e cursos; exposições de artes plásticas; balé e cinema.

Realizando-se o projeto cultural, reiniciaram os cursos sobre arte, principalmente plástica, em diversos bairros da cidade. Os alunos de “cursos superiores” da escola de Belas Artes “Tomás Cabrera” junto com o “Ateneu Cultural El Tribuno” fizeram esta tarefa. Os temas tratados foram “*análise e história da arte, desde o desenho, pintura e gravura a esculturas e outras técnicas*”.⁷⁴ Os lugares foram o salão Juan Carlos Dávalos da Casa de Cultura, no centro

⁷¹ Pode se perceber que entre esta instituição e Pró-Cultura Salta existe certo diálogo, evidenciado pelo subsídio de vários eventos do Abril Cultural. Do mesmo modo que a associação civil realizou atividades semelhantes vinculadas com a música, o teatro, concursos literários, salões de pinturas “regionais” e eventos, outras foram realizadas talvez mais ligadas ao próprio banco, como “teleconferências” de comércio exterior. Entre as atividades que realizou essa instituição houve um ciclo de “cinema de arte” sob a responsabilidade de Ricardo Castro, que naquela época tinha se afastado de Pró-Cultura Salta, assim como José Mario Carrer. Nos 15 anos seguintes, ambos fariam parte da Fundação do Banco.

Foto, *El Intransigente*, 4/4/1978. Cables 4.

⁷² *El Tribuno*, 3/4/1978. Locales 14.

⁷³ *El Intransigente*, 3/4/1978.

⁷⁴ *El Tribuno*, 12/4/1978. Sociales y Cartelera VI.

da cidade, nos centros vizinhos dos bairros El Tribuno, zona sul; Ciudad del Milagro, zona norte; Tres Cerritos, zona leste; na biblioteca “Campos Caseros” (Clube Rivadavia) e na sede central do Ateneu Cultural El Tribuno, na Rua General Güemes 464, também no centro da cidade.⁷⁵

Dentro daquela programação foi planejada a transferência de certos conjuntos para outras regiões da província, uma ação que Pró-Cultura Salta previu em seu estatuto social, do mesmo modo que a anterior. A respeito disso, na imprensa se lê:

[...] Este ano convém ressaltar que tiveram sorte as gestões para se apresentar em várias cidades [...] alguns dos mais qualificados espetáculos que atuarão também nas salas da capital. Na lista de apresentações confirmadas estão as que efetuará a Oficina de Marionetes “Triângulo”, da cidade de Córdoba, que sentará bases na zona Nordeste da província, ditando um curso sobre teatro e oficina de marionetes, na cidade de San Ramón de la Nova Orán, com apresentações em Tartagal e Embarcação. “Triângulo” estará na província a partir de 10 de abril.

Para o dia 15 de abril está prevista a atuação na cidade General Güemes do teatro Contemporâneo da cidade de Buenos Aires, com a obra de Discépolo e De la Rosa “Gíacomo” [...] Em Rosario de la Frontera ou Metán, ou em ambas, se apresentarão [...] a Santa María Jazz Band [...] Em Cafayate já está se apresentando o Quarteto Zupay, que envia a Secretaria de Cultura da Nação e que apresenta música do Século de Ouro Espanhol e história da música até nossos tempos, para chegar ao folclore nacional. Outras atuações de destaque já estão sendo negociadas para a província.

Reunião com intendentes

No entanto, a pedra fundamental para conseguir novas apresentações será a reunião informativa que, sob o consenso de uma das jornadas do Congresso de intendentes da Província, será efetuada na próxima quarta-feira, entre os chefes comunais e membros do comitê executivo de Pró-Cultura Salta. Ali serão acordadas pautas para conseguir que outras realizações de hierarquias cheguem a distintas cidades da Província. Como se pode notar, um resultado alentador que permite estender a influência benéfica dessa programação cultural ao âmbito de nosso extenso território e seus habitantes (*El Tribuno*, 2/4/1978. Sociales-Cartelera VI).

Em um Congresso de intendentes, espaço com certeza em que os responsáveis pelas distintas cidades da província puderam discutir diversos tópicos, a cultura foi considerada

⁷⁵ Como mencionei no primeiro capítulo, o Ateneu Cultural El Tribuno foi um espaço cultural criado pelo diário *El Tribuno*, que dava diversos cursos em diferentes centros locais da cidade. No lugar que aqui é apresentado como sua sede, na rua General Güemes 464, posteriormente seria construído um teatro e diversas salas para dar conferências e ministrar cursos, denominado primeiro como “Fundação do Banco do Noroeste” e, a partir do ano 2000-2002 aproximadamente, seria “Fundação Salta”. Ambas as fundações foram formadas talvez por um mesmo grupo de empresários, embora as propriedades de cada uma delas tenham sido modificadas com o tempo. Entre os membros de sua diretoria pode ser mencionada a presença durante 16 anos de Raquel Peñalva; em período semelhante esteve José Mario Carrer e Carmen Martorell (a quem farei referência no próximo capítulo).

como um “assunto” a mais, envolvendo os municípios para participarem, pois se trata de uma “ação benéfica” para os “habitantes” de “nosso extenso território”.

Os “membros do comitê executivo de Pró-Cultura Salta”, junto com os “chefes comunais”,⁷⁶ discutiriam essas questões, considerando que as atividades da associação são um “resultado alentador” e, por isso, merecem ser implementadas em diversas regiões. Dessa maneira, assume-se que o campo da cultura compete ser realizado por essa entidade, sendo ela a responsável.

Essa ação permite refletir sobre os limites entre o Estado e outro tipo de instituições consideradas da “sociedade civil” ou, ainda, como me referia anteriormente citando outros textos jornalísticos, da “população”. A partir de algumas reflexões de Timothy Mitchell (1999), me pergunto pelos mecanismos e pelas técnicas de poder que constituem o aparelho do Estado, ao mesmo tempo em que se colocam em questão os seus limites. A linha que estabelece a distinção entre Estado e sociedade é tão tênue quanto instável. Entretanto, argumentará o autor, não é ilusória. A tarefa não consiste em tomar a separação Estado e sociedade (ou a distinção Estado e economia) como entidades autônomas, associando uma esfera com o imaterial, abstrato ou ideológico e o segundo termo com o material e o objetivo, mas que se trata também de refletir sobre a própria distinção, como é que ela ocorre, isto é, mediante quais processos políticos é estabelecida essa distinção entre Estado e sociedade? Quais mecanismos e quais técnicas são empregados para que essa relação se torne realidade?

Como tentei mostrar no primeiro capítulo, os membros da comissão diretiva dispõem de um conjunto de propriedades sociais e políticas que lhes permitem ativar diversas redes sociais. A Câmara de Comércio, por exemplo, nessa segunda edição do Abril Cultural, é apontada como uma grande contribuinte para que os artistas possam conseguir descontos em seus pagamentos e, dessa maneira, diminuir os custos de seus cachês. Também se pode notar que a presença de um diretor geral de Cultura no grupo possibilita que seja o “comitê executivo” que dialogue sobre assuntos culturais com os intendentess municipais. Nesse sentido, a associação assume a execução dessa tarefa – será uma tarefa delegada por parte da Direção Geral de Cultura ou uma iniciativa própria de Pró-Cultura Salta para colocar em andamento seu projeto cultural? É aí que a distinção entre Estado e sociedade perde sentido.

⁷⁶ Resulta interessante a expressão “chefes comunais”, utilizada pela imprensa para chamar os intendentess. “Chefe” poderia associar-se a um tipo de liderança em uma comunidade indígena baseada em sistema de clãs e “chefias”; à subordinação a uma figura central em certos tipos de empregos (industriais, domésticos, agrários), mais do que ao representante de um sistema político “democrático”. Esta designação sugere a obediência de todo um povo, dos habitantes de um território a uma pessoa determinada. Poder-se-ia dizer que não somente se trata de obediência, mas de submissão aos “chefes comunais”.

Vejo que se trata de pessoas que vagam por diversos escritórios, alguns estatais outros não, misturando-se nessa peregrinação com as funções de uma “associação civil” e as da “administração pública”... Inclino-me a considerar que Pró-Cultura Salta está no “entre”, e esse lugar lhe permite estabelecer distintos tipos de negociações e, por meio delas, ser reconhecida pela “sociedade” pelo trabalho “benéfico”, de “conscientização do povo” que realiza e, dessa maneira, ganhar prestígio e honra, elementos que ao mesmo tempo possibilitam que continue a fazer essa tarefa.

Constituindo uma região: Reabertura do Teatro Mitre

No ano de 1978, na cidade de San Salvador de Jujuy, foi reaberto, uma vez reformado, o Teatro Mitre. Essa inauguração ocupou uma considerável atenção por parte da imprensa local. No ato de abertura houve uma apresentação do Ballet Estável do Teatro Colón, após sua atuação na cidade de Salta. A partir do que apontam as notícias jornalísticas, parecia que esse teatro estivera vários anos em desuso, e a reforma veio com o objetivo de ativar um espaço propício para a encenação de espetáculos. O edifício também foi preparado para que ali funcionassem os escritórios da Direção de Cultura da Província de Jujuy.

Essa celebração é semelhante às inaugurações dos Abris Culturais, na medida em que se aprova o desenvolvimento cultural como projeto político. Também dá conta de um conjunto de enunciados que circularam e construíram uma ideia de país, cidadão e “argentino”, ao mesmo tempo em que demonstra o apoio que o governo nacional disponibilizou, naquele momento histórico, para esses propósitos.

Tratei de mostrar como isso ocorreu em Salta e, buscando ampliar o olhar para outra cidade, proponho-me a enriquecer a abordagem descrevendo a inauguração do Teatro Mitre, porque permite estabelecer os vínculos tecidos entre as elites governantes de ambas as províncias que de alguma maneira se propõem a consolidar uma região.

O teatro apresenta, por suas condições infraestruturais, *“os mais adiantados serviços técnicos e estruturais para o funcionamento”*. Em relação à decisão de reformar o móvel, destaca-se a *“prioridade do governo”* de colocar em *“primeiro plano”* a cultura.⁷⁷

Na imprensa se lê:

⁷⁷ *El Tribuno*, 11/4/1978. *Tribuno Regional* 20. A partir do trabalho de arquivo que consegui realizar no diário *El Tribuno* entre os anos 1976-1989, pude mapear que o jornal tem uma seção chamada “Tribuno Regional”, assim como existem outras denominadas “Nacional” ou “Economía”. Fundamentalmente ali são publicadas notícias da província de Jujuy e de outras localidades da província Salta (Orán; Rosario de la Frontera; Metán etc.). Atualmente esse diário conseguiu se instalar na província de Jujuy editando *El Tribuno Jujuy* e conquistando o mercado da informação.



Esse complexo cultural é, em síntese, o eixo por onde girará toda a filosofia política em matéria de cultura que se inspira no Processo de Reorganização Nacional, cujo objetivo fundamental é o homem, seu desenvolvimento social, intelectual e cultural [...] Dentro dessas pautas, o teatro servirá ao povo da cidade e da província, com matéria de primeiríssima qualidade, buscando cobrir uma função didática em cada apresentação (*El Tribuno*, 11/4/1978. *Tribuno Regional* 20).

Em outro artigo jornalístico é enfatizado que:

[...] o Ballet Estável do Teatro Colón da Capital Federal oferecerá o nível adequado à culminação do esforço orçamentário do governo provincial, que incluiu entre suas prioridades o desenvolvimento cultural do homem, supremo valor da sociedade moderna.

...
Inauguração

No ato inaugural de hoje, falará o ministro de Governo, Justiça e Educação, coronel Ricardo Aldano. Depois será entoado o Hino Nacional Argentino. Foram convidados o ministro do Interior, general Harguindeguy, e o de Cultura, doutor Catalán, e os secretários destes ministérios. Também foram convidados os governadores e os ministros de governos do NOA [Noroeste Argentino] e os diretores de Turismo e de Cultura da região. Compartilhará a alegria dos habitantes de Jujuy um grupo de jornalistas de veículos nacionais, regionais e locais (*El Tribuno*, 19/4/1978. *Tribuno Regional* 20).

De alguma maneira, o projeto e a cerimônia inaugural desse coliseu não se distanciam do que foi visto nos Abris Culturais. Ambas as ações, ao se basearem na promoção do mesmo tipo de atividades artísticas, fundem-se com os ideais do “*Processo de Reorganização Nacional*”, que promove o desenvolvimento do “*homem*” como “*valor supremo da sociedade moderna*”. A partir dessas políticas de Estado em que os governos provinciais e o nacional congregam seus esforços, afirmam-se na documentação e na monumentalização da cultura, sendo apagada ao mesmo tempo qualquer evidência de “*barbárie*” presente no silêncio da diferença.⁷⁸

Distintos funcionários de governo foram convidados para a cerimônia, representantes tanto do governo nacional como provinciais, sobretudo aqueles vinculados às dependências de Cultura e Turismo. Coloca-se ênfase na participação dos membros do Noroeste Argentino, porque evidentemente não é um ato importante somente para Jujuy, mas para toda a região.

⁷⁸ Foto. *El Tribuno*, 19/4/1978. *Tribuno Regional* 5.

De igual modo são celebrados os Abris Culturais, ou seja, um movimento cultural, um acontecimento que foi planejado para que repercutisse em toda uma área geográfica, produzindo uma transformação “positiva”.

A “região” como categoria está em permanente construção. A ela é atribuído um conjunto de propriedades comuns, formadas por processos históricos e sociais semelhantes, embora cada região apresente particularidades. Esses elementos que fazem de uma cidade ou província ser peculiar são remarcados para destacar sua grandeza ou então para melhorá-los. Por sua vez, a região é construída sobre territórios definidos por fronteiras provinciais, ao fundar-se neles, resulta um campo de domínio político. Desse modo, as províncias estabelecem redes territorializadas, ao mesmo tempo em que são construídas como um polo político em relação ao resto das províncias do país e da capital da República. Apelar para a região implica construir imagens de si e, enquanto representações sociais, fazem parte dos mecanismos e dos processos políticos nela ativados.

Na inauguração do Teatro Mitre, a imprensa lembra quem foi Bartolomeu Mitre e porque o teatro leva seu nome. Nessa alusão monumentaliza-se a imagem do “prócer”:

Mitre

O nome do velho e agora remoçado coliseu de Jujuy distingue o militar e homem público que possibilitou a construção da ferrovia até La Quiaca, Bartolomeu Mitre, que do seu posto na Câmara decidiu a votação para que essa linha fosse construída ao longo da histórica Quebrada de Humahuaca. Os habitantes de Jujuy do começo do século decidiram que esse seria o nome do Teatro de Jujuy, em honra ao distinto militar, estadista, escritor, historiador e jornalista, cuja vida e obra foram entrelaçadas nas páginas mais apaixonadas, heróicas e bonitas de nossa história (*El Tribuno*, 19/4/1978. Tribuno Regional 20).

Mitre é honrado porque levou a Jujuy o trem da civilização. Nada melhor que manter o nome do teatro por esses motivos. Permitiu que essa província ficasse incorporada nos limites geográficos da Argentina, consolidada durante o século XIX. A ferrovia contribuiu para a demarcação do território nacional. La Quiaca se converteria na fronteira norte, limítrofe com a Bolívia.

Será a província de Jujuy que terá um teatro para encenar todo tipo de espetáculos, enquanto Salta traçará um plano para realizar as apresentações. Ambas as províncias compartilharão dos mesmos eventos; chegados a Salta será mais fácil deslocar os grupos para Jujuy, pois os custos de produção serão mais baixos. Assim, o Balé do Teatro Colón se apresenta primeiro em Salta e depois o Teatro Mitre é inaugurado. Como este caso há vários outros, por exemplo, em 1983 é criada uma filial do Mozarteum Argentino em Salta (entidade

encarregada de difundir a “música universal”, da qual participam grupos instrumentais geralmente da Europa), e muitos conjuntos que davam concertos na cidade eram levados posteriormente a San Salvador (nome da capital da província de Jujuy).

Outro caso seria a criação da Orquestra Sinfônica de Salta (2001), instituição que oferece frequentemente concertos nessa região. Da Orquestra surgiram vários grupos, entre eles, a “Camerata del Norte”, que oferece regularmente apresentações no Teatro Mitre. Grande parte dos músicos da Orquestra se dedica ao ensino de seu instrumento, além de dar aulas particulares, estão incorporados às instituições públicas e, alguns deles viajam semanalmente para a cidade vizinha para formar instrumentistas.

Aos olhos de um saltenho, Jujuy é uma cidade satélite de Salta e, se pensamos na construção de uma região, pareceria que em Salta estão concentrados os recursos econômicos, culturais e turísticos. Suponho que isto nem sempre tenha sido assim, mas essa marca se acentua durante o governo de Juan Carlos Romero (1995-2007, a quem me referirei mais tarde). Esse governador colocou em funcionamento um conjunto de políticas vinculadas ao turismo e à cultura, nesta última, a criação da Orquestra Sinfônica à qual fiz referência. A promoção do turismo produziu a ativação do mercado interno que trouxe junto o desenvolvimento de serviços de hotelaria, comida, locais de comércio etc. Por sua vez, potencializou-se a exploração de certos lugares, sendo um deles uma área denominada “*vales e quebradas*”, que inclui, entre outros lugares, a mencionada “Quebrada de Humahuaca”, localizada na província de Jujuy. Essa política fez com que Salta monopolizasse o usufruto turístico, limitando o desenvolvimento da província vizinha que tem paisagens igualmente maravilhosas.

O II Abril Cultural Saltenho teve um espaço chamado “*a presença de Jujuy em Salta*”. Para a ocasião um grupo de artistas plásticos de Jujuy expôs na cidade, referindo-se um deles, o sr. Oscar Herrera, à “*profunda raiz de duas cidades nortistas*” que constroem um “imenso território montanhoso, constituindo nossa primeira província da arte”. O artista menciona as diversas culturas que são incluídas na região, cada uma com características próprias, no entanto, tendo um denominador comum, “*a riqueza arqueológica*”.⁷⁹

Embora se trate de duas províncias com domínios territoriais definidos, parecem constituir uma única província, fundindo-se a partir de elementos comuns. Tratando-se da exibição de obras de arte, busca-se através disto construir uma unidade entre ambas as províncias.

⁷⁹ *El Tribuno*, 11/4/1978. Sociales y Cartelera VI.

Fala-se de Jujuy e Salta através das semelhanças geográficas e sociais, compartilham uma mesma formação geológica que faz com que essas províncias tenham paisagens similares. Quanto ao social, destaca-se sempre a presença de um passado indígena, reconhecido em seus vestígios arqueológicos como elementos constitutivos desses territórios. Assim também o poeta Aráoz Anzoátegui caracterizou a região.

Criando imagens de Salta

Como mencionei, uma das características dos primeiros Abris Culturais Saltenhos está relacionada com a formação de um público.⁸⁰ Isto pode ser lido principalmente a partir do trabalho pedagógico realizado pelos meios de comunicação. Durante o mês de abril os diários locais (tanto *El Intransigente* quanto *El Tribuno*, e não apenas eles, mas também as rádios) antecipam o programa, contam as trajetórias de cada espetáculo, fazem entrevistas com os membros de um determinado grupo, criam o evento.

O evento é constituído pela entrega de um prêmio a um grupo artístico, uma determinada “projeção” estruturada em sua experiência, sua trajetória, seja como conjunto ou pela destreza de cada um de seus membros. Por outro lado, a projeção ocorre porque, “graças” ao trabalho da Pró-Cultura Salta, a cidade tem a possibilidade de participar de diversas atividades. Dessa maneira, os saltenhos “podem ter acesso a espetáculos de hierarquia”, para parafrasear a imprensa e Pró-Cultura Salta.

Nesse processo de formação de público surgem traços que contribuem para idealizar uma concepção de cultura, tanto pelo que deve ser como também pelos atributos com os quais se conta. Nas entrevistas que foram realizadas com diferentes artistas, eles manifestaram suas próprias ideias sobre arte e cultura, ao mesmo tempo em que afirmam suas noções de Salta. Sendo convidados, dificilmente criticam a cidade, ao contrário,



⁸⁰ Sobre a formação de públicos, podem ser consultados alguns trabalhos de Pierre Bourdieu (1990, 1991).

geralmente se mostram agradecidos e contentes por estar nela, ainda que em certos momentos fiquem evidentes as características que tornam a província uma “província do interior”.⁸¹

Isto pode ser percebido com *Los mirasoles*, uma obra de teatro de autoria do escritor catamarquenho Julio Sánchez Gardel, do final do século XIX, e que foi apresentada em 14 de abril de 1979 pela Comédia Nacional Argentina do Teatro Nacional Cervantes, dirigida naquela época por Julio Ordano.

Embora tenha se apresentado uma só vez na cidade de Salta, “teve muita imprensa”... Diferentes artigos antes e depois do espetáculo foram publicados e davam conta de que consistia a obra, bem como porque ela estava sendo realizada.

[...] “Los Mirasoles” é uma história simples de amor, com um desencontro, com um final. Contudo, mostra o isolamento das províncias do interior que não conseguem um desenvolvimento próprio em relação ao porto. Fala da típica vida provinciana dali. Informou posteriormente Ordano que a peça foi estreada em Catamarca, de onde vem o autor, por “uma política inteligente de parte do governo de levar às províncias espetáculos com o mesmo critério como ocorre em Buenos Aires” (*El Intransigente*, 14/04/1979. Locales 17).

O jornalista faz menção a uma política implementada por instituições dependentes do governo nacional, dando a entender que o critério tende a ser o mesmo tanto na capital do país quanto em diversas províncias. Dessa maneira, supõe que se rompe com as diferenças estabelecidas com o porto, representando a centralização política e econômica da Argentina, e as províncias do interior, como empobrecidas e marginais pelas distâncias em relação a esse porto.

Entretanto, o que está representado em *Los Mirasoles* é justamente a afirmação dessa distância, na medida em que a peça de teatro tematiza essa problemática social assim como é a produção bonaerense a que é “levada” ao interior. Nessa representação como sua produção, se entendemos a produção como a criação e a colocação de uma atividade artística, atuam desde um centro que se desloca. No centro são realizadas diversas atividades para serem divulgadas em outras regiões, o centro funciona centrifugamente, ainda que não seja esse um problema apenas de Buenos Aires na relação com o resto das províncias, mas uma lógica inerente em todas elas. De igual modo funciona em Salta: da cidade capital às cidades do interior da província.

Em outra matéria de jornal intitulada “Diretor Ordano: ‘o melhor teatro de costumes para o público de Salta’” são reiteradas e, em sua repetição, reforçadas determinadas

⁸¹ Cartaz do Terceiro Abril Cultural Saltenho. Desenho de Marcos Roda.

características do interior. Desta vez sob um olhar telúrico, a distância que separa Buenos Aires de outras províncias permite que nelas se conservem certas qualidades que por diversos processos sociais na capital se perderam:

[...] Ordano destacou a importância da obra [...] considerada um verdadeiro modelo de comédia de costumes, e especialmente representativa de seu gênero por sua descrição de ambientes, no seio incontaminado de um âmbito de província [...] o argumento é projetado mais além, ao manifestar, com um realismo surpreendente, o isolamento, a incomunicabilidade das províncias.

Aprender do Interior

[...] pormenorizou [Rodolfo] Graziano [diretor do teatro Cervantes], além de homenagear autores de províncias (Julio Sánchez Gardel, neste caso) através da representação de suas obras, “é propósito do Teatro Cervantes tomar contato e aprender a realidade teatral do interior do país. Nós, os artistas da capital, temos um ritmo próprio e acreditamos que para este e qualquer elenco de Buenos Aires é muito importante aprender a recriar um autêntico clima de província”, declarou (*El Tribuno*, 15/4/1979. Locales 15).

Assim, aparece Salta, entre outras regiões, como um lugar não contaminado, puro, um lugar com o qual se pode aprender, porque não perdeu suas características provincianas e, para continuar encenando obras deste tipo, a visita, como modo de aproximação e conhecimento, contribui e enriquece a formação dos artistas. Graziano, entre seus objetivos, declara, na sua qualidade de diretor de um teatro nacional, “*aprender a realidade teatral do interior do país*”, ainda que não mencione nada a respeito dessa possível experiência. Tal silêncio se deve ao fato de não ter podido se encontrar com nenhum elenco saltenho? Será porque ali não existe? A que se refere com o “ritmo próprio dos artistas da capital”? Esta afirmação supõe a lentidão da gente do interior? No entanto, no ano anterior, a mesma imprensa anunciava o início das aulas de teatro na prefeitura de Salta com o propósito de se criar em 1979 um elenco do “Teatro Estável da Prefeitura de Salta”, ao qual fiz referência no primeiro capítulo deste trabalho.

Outra forma de caracterizar a província é por sua “autenticidade”, caracterizações produzidas por saltelhos, diferentemente do olhar “não contaminado” e “puro” dos portenhos. A autenticidade é vinculada aos elementos que ainda “não se perderam”, ou então por sua diversidade cultural, pois ela deveria ser “orgulho” e uma forma em razão da qual a arte se inspire.

Esses aspectos são enunciados para a exposição de tapeçaria do artista plástico saltenho Carlos Luis “Pajita” García Bes,⁸² realizada para o II Abril Cultural no Museu Arqueológico de Salta. A inauguração da mostra contou com a presença de um grupo de músicos “não-profissionais” do departamento de Santa Victoria (província de Salta), interpretando “música autóctone” com “*erkes, charango, violino, caixa e quena*”.⁸³

A diretora do Museu, a professora de história Leonor Navamuel de Figueroa, fez um discurso de abertura. Nele, ressaltou a “honra” que aquele momento significava para ela, porque García Bes fora seu “mestre” e a iniciara “nas Belas Artes e no entusiasmo pelos temas autóctones”. Na primeira parte de seu discurso argumentou por que o chama de “mestre”, para isso fazendo referência à maiêutica socrática. Depois disse que o que ali se mostrava era “essa terra de Salta”, sendo a “autenticidade” a primeira coisa que se destaca em suas obras.

[...] García Bes assume uma tradição e a partir dela, com inspiração e liberdade criadora, cria sua tapeçaria. E este é outro aspecto da personalidade do artista, que está nos trazendo um paradigma não apenas para alcançar um nível regional, mas Americano, originalidade e estilo próprio na Arte. A América Indígena, tão rica e original em manifestações artísticas, com temas e modos de composição próprios e simbologias que nos remetem a uma audaz fantasia criadora, transforma-se com o choque cultural da conquista e com as sucessivas contribuições imigratórias posteriores em uma mera repetição dos estilos artísticos de além-mar. Já Spengler, em seu livro “A decadência do Ocidente”, diz que a cultura cria, a civilização copia. Por que não retornar aos temas, ritmos, símbolos e modos de compor indígenas, como continuação e desenvolvimento de um estilo assumido com inteira liberdade criadora? (*El Intransigente*, 19/4/1978. Locales 11).

A professora ressaltou a “originalidade” do artista ao se basear e ao se inspirar nas manifestações artísticas indígenas (prefere chamá-los de americanos), talvez ajudado por suas investigações realizadas na área. No entanto, propôs como crítica a “cópia”, a ambição permanente de olhar em direção à Europa, não somente pela adoção de preferências artísticas, mas também pela maneira em com que se ensina arte. Para ela deveria ser

⁸² Nasceu em 30 de novembro de 1914. Formou-se pela Escola de Belas Artes, em Buenos Aires, em 1938, e em 1942 pela Escola Superior de Belas Artes “Ernesto de la Cárcova”. Durante 1948 trabalhou na Universidade Nacional de Tucumán com Lino Enea Spilimbergo, artista de reconhecida trajetória. Criou a Escola Provincial de Belas Artes “Tomás Cabrera” 1950, sendo até 1956 professor e diretor da mesma. Em 1968 junto com a artista portenha Blanca Pastor realiza um estudo e revelação de petroglifos de Salta. Foi Diretor de Cultura da Província em 1969. Entre os anos 1970-1973 foi designado técnico folclorista pelo Fundo Nacional das Artes. Em 1974 a Academia Nacional de Belas Artes o designa “Acadêmico Delegado”. Morre em 17 de novembro de 1978. In: *Pro Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*. 2006, p. 35.

⁸³ *El Intransigente* 19/4/1978. Locales 11.

considerada a iconografia indígena e, a partir daí, (re)criar e aprender. Dessa maneira, afirmou que a “arte ancestral que é nossa” permitiria desenvolver um estilo próprio, algo que fosse “Americano”, e por isso carregar de personalidade as criações que fossem realizadas.

A sra. Navamuel de Figueroa contestou veemente o caráter europeu das artes, da educação, considerando “um pecado” desconhecer “nossas tradições”. Ao contrário, caso queira se aprender algo da Europa, disse, é assumindo suas tradições, tal como o fez o velho continente.

Por isso ressaltou a “autenticidade” de García Bes, porque incorporou à sua linguagem estética a mitologia indígena, as formas de composição plástica, sendo de algum modo fiel a Salta e às suas tradições. Dessa maneira comentou:

García Bes aponta o caminho da autenticidade, com técnicas artesanais e materiais que pertencem à tradição de uma terra que sente, vive e quer; diverte-se criando, com aguda sensibilidade artística, composições plásticas dos relatos que [...] o vento dos morros traz desde o fundo dos tempos para sussurrar ao ouvido. Nessa tapeçaria vivem contos e lendas; mitos e tradições; homens, animais e plantas. A grande serpente que atravessa o céu anunciando a chuva ou que baixa pelas quebradas em uma correnteza furiosa; o felino, pai dos animais; a árvore da vida. O Sol e a Lua. Símbolos e mitologias que são a explicação do mundo e do homem e que García Bes traduz em tramas e torções que mostram as tradições de sua terra [...] A obra se dá ao assumir o artista sua própria realidade como fruto de sua união [...] que, como disse, é o mundo de Salta [...] também se traduz em música [...] através de compassados sons, nos fala da terra, nos fala do nosso em uma linguagem que nos chega através do ar ou do vento (*El Intransigente*, 19/4/1978. Locales 11).

Este evento “rico” evocado pela tapeçaria de García Bes não foi diretamente organizado por Pró-Cultura Salta, mas apresentou-se em “colaboração”. Parecia que fazia parte do nível de tolerância pela diferença. O artista é reconhecido, pois com os anos a associação lhe renderia várias homenagens, suas obras serão utilizadas como ilustração dos programas e como cartazes dos Abris Culturais. Mas Pró-Cultura não esteve tão presente neste evento, atrevo-me a afirmar que talvez os membros da diretoria não compartilhassem dos mesmos critérios que a professora, ao contrário, são precisamente as “artes europeias” as que se buscam estabelecer como “a cultura”, nela estrutura-se o reconhecimento das hierarquias dos eventos encenados no Abril Cultural.

O passado indígena é mencionado como alguns atributos da população saltenha, mas isso não aparece como digno de orgulho. Mas ao se afirmar constantemente o “*despertar da consciência do povo*” ou ao “*mostrar eventos de hierarquia*”, a diversidade cultural – entendida

a partir da presença de diversos grupos indígenas – desaparece. Contudo, a “autenticidade” saltenha não deixa de ter um espaço na programação, ainda que seja como “colaboração”.

Em outras ocasiões, os artistas se referiram a Salta como um lugar de “*vanguardia da cultura nacional*”, argumento que se sustenta no simples fato da estreia de um filme, como é o caso de *Lá longe e faz tempo*, filme dirigido por Manuel Antín.

Em uma entrevista realizada pelo diário *El Intransigente*, este cineasta diz que “ama Salta” pela contribuição que dá à “*cultura nacional*”, embora confesse que “*não [a] conhecia pessoalmente*”, no entanto, sente-se “*muito feliz e muito orgulhoso*” de que a estreia seja ali.⁸⁴ Talvez esse sentimento se sustente na iniciativa realizada por Pró-Cultura Salta no contexto do Abril Cultural Saltenho, para o qual ele foi convocado a participar.

Outro conjunto de imagens sobre Salta está relacionado com o público e com os elementos que os saltenhos disponibilizam para apreciar ou não uma “obra de arte”. Por isso, a imprensa e Pró-Cultura Salta estão encarregadas de educar, ensinar o “gosto legítimo”. Sobre os espectadores, fala-se que “*não estão acostumados*” a eventos de hierarquia, ao contrário, encontram-se habituados a “*espetáculos medíocres*”, ou então, “*não é um público de música clássica*”, isto é, um conjunto de estigmas em torno deles ao mesmo tempo em que se realiza uma pedagogia para que se consiga apreciar os espetáculos criando valores morais e culturais.

Para dar conta desses aspectos selecionei quatro espetáculos: um balé, uma obra de teatro e dois concertos de música clássica. O primeiro deles é o grupo de Esther Ferrando e o “Ballet de aquí a la vuelta”, procedentes de Buenos Aires, previsto para ser realizado no Teatro Ópera. Não pôde se apresentar nesse local porque o piso estava encerado e poderia causar algum acidente aos bailarinos, por isso tiveram que se transferir para a Casa da Cultura.

Tal evento não foi somente de dança, mas envolveu outras disciplinas, foi humorístico principalmente. O problema surgiu quando ao longo do espetáculo os bailarinos “profissionais” começaram a tropeçar, a fazer uma “perfeita *pirouette*” aparentando não consegui-lo. Nesse momento o público não sabia se ria ou se continha a gargalhada, não entendia se se tratava de uma piada ou não. Diante da dúvida, a risada apertada entre os dentes vacilava no silêncio.

Um espetáculo desta “natureza” foi apresentado pela “primeira vez em nosso meio”. Mas como o público está acostumado às “tradicional acadêmicas locais”, a “risada deve ser

⁸⁴ *El Intransigente*, 27/4/1978. Locales 11.

contida diante dos erros contínuos e a mediocridade do espetáculo”. Segundo a imprensa, isto não somente lembra as academias, mas “as pobres tentativas surgidas de um elenco oficial”.⁸⁵

Comentários semelhantes foram pronunciados diante da apresentação de “Giacomo”, uma obra grotesca escrita por Armando Discépolo e Rafael De la Rosa, interpretada pelo “Grupo de Teatro Contemporâneo”, também de Buenos Aires. Sobre isso, disse *El Tribuno*:

São tempos de mudança em quase todos os âmbitos da vida, e especialmente na arte. Assim, às vezes, dentro da mediocridade provinciana, nos surpreendemos com o surgimento esporádico de algumas expressões que, como lógica resistência às mudanças, olhamos com muita desconfiança e rara compreensão. O cidadão médio se protege, tachando de medíocre o que evidentemente não entende, porque além disso não foram dados os parâmetros para efetuar uma comparação. Se fosse esta uma cidade que vivesse em contínuo “Abril Cultural” (que logo nos deixa nostálgicos), poderíamos sim acertar o passo e, por comparação, entender ou comparar. Mas a obra que comentamos é simples, não exige outra coisa além da simples observação (*El Tribuno*, 18/4/1978. Sociedades e Cartelera VII).

Em primeiro lugar é curioso o título do artigo em relação ao seu conteúdo; ele é denominado “Giacomo: excelente trabalho do GTC”, porque supõe a aprovação do espetáculo por todos os espectadores. No entanto, nele a população saltenha é qualificada por sua “mediocridade”, “resistente às mudanças”. Essa resistência apresenta-se como um obstáculo na medida em que os espetáculos somente podem ser avaliados com “desconfiança e rara compreensão”.

O jornalista evita chamar o espectador de “medíocre”, ainda que o justifique, preferindo referir-se a um “cidadão médio”, talvez fazendo alusão a uma pessoa que não tenha posição no mundo da arte e nem os recursos simbólicos para apreciá-lo. O espectador, em função de sua “mediocridade provinciana”, não entende do que trata a obra; peça que resulta “fácil” para o autor do artigo, que somente requer uma “observação simples”.

Querendo evitar julgar demais o público, ou talvez incomodado pelos comentários que escutou sobre a obra de teatro, justifica dizendo que na realidade isto ocorre porque em Salta não se vive em um “contínuo Abril Cultural”. Ali parecia estar fundamentado o problema. E, como são “esporádicas” apresentações, não chega a se conformar um critério do que seja bom ou não. Ao mesmo tempo, essa valorização não deixa de ser um elogio à proposta de Pró-Cultura Salta, já que sugere o periodista que os Abris Culturais contribuem para a “elevação do nível cultural da população”. Isto me leva a considerar que o projeto civilizatório não é

⁸⁵ *El Tribuno*, 18/4/1978. Sociedades e Cartelera VI.

contínuo, ao contrário, em função de sua descontinuidade as hierarquizações e as distinções de classe se apagam ou pelo menos pretendem fazê-lo.

A obra "simples" "*resgata o melhor do teatro nacional*", nela se retrata

um choque de culturas, a da população de classe média argentina (a que Arturo Jauretche denominou de "medio pelo", pretendendo atingir um nível ótimo de vida, especulando com a herança que há de deixar o tio da Itália (Giacomo), que vive miseravelmente em um meio pobre, não somente física mas moralmente (*El Tribuno*, 18/4/1978. Sociedades e Cartelera VII).

A trama se desenrola com a visita de um "*parente do interior*". Este, vindo como o tio é tratado, inventa uma história sobre uma suposta herança que está escondida em um baú, dentro da mesma casa. Quando o resto da família fica sabendo da maravilhosa notícia, todos mudam de atitude, comportando-se de modo diferente com seu parente.

A obra representa a "ambição", a "hipocrisia", a "miséria humana" das pessoas, ao mesmo tempo em que pretende deixar um ensino que valoriza a sinceridade, o afeto caloroso, a compreensão... O personagem que colabora para que o drama da peça se desenvolva é um parente do "interior", uma pessoa que consegue visualizar o coração de cada membro da família. O "interior" é representado como "puro", "não-contaminado", enquanto os moradores da cidade encontram-se "empobrecidos moralmente".

Para o jornalista, a representação foi o que "*sabe ser o teatro argentino*", com um "*método interpretativo autêntico*", o "*mais puro teatro tradicional*". E, depois de ter dito que o cidadão médio não entendeu uma obra simples, conclui dizendo que "*mereceu, em geral, um reconhecimento total do público que, além disso, assim o reconheceu*"...

Outros desconfortos se fizeram presentes na hora de ouvir música clássica, aplausos nos momentos não previstos. As peças, que geralmente são executadas em um concerto desse gênero musical, são estruturadas como "tipo sonata", o que quer dizer que são compostas de três ou quatro movimentos, formando apenas uma obra (seja na modalidade de "sonata", "concerto" para um determinado instrumento ou "sinfonia"). Entre cada movimento não se aplaude. Entretanto, esse conhecimento supõe uma formação em música ou um hábito de escuta.

No concerto de "Musicámara", um grupo composto por membros da Orquestra Estável do Teatro Colón apresentou-se na Casa da Cultura e foi gerado um desconforto pelos aplausos produzidos fora de *hora*. A imprensa diz que

O público interrompeu os executantes com aplausos extemporâneos em inúmeras ocasiões, desviando, logicamente, sua indispensável concentração, obrigando-os a esboçar um sorriso em direção à plateia [...] o público não era público de música clássica. Era um grupo heterogêneo de gente, unida por um denominador comum: O desejo de ouvir e a necessidade de saber (*El Tribuno*, 21/4/1978. Cartelera IX).

Embora se esclareçam os equívocos que cometeram os espectadores, destaca-se como positivo o desejo e o interesse dos ouvintes em conhecer outro gênero musical. Por isso, menciona-se que “o *Abril Cultural* está dando os elementos para que essa faculdade vá se desenvolvendo”. Desse modo, é realizado um trabalho pedagógico ao qual fiz referência anteriormente.

Por último escolhi outro concerto em que são apontados outros aspectos. Foi um duo de violino e piano, com Alexandre Scholz e Miguel Rajcovich, respectivamente, em cada instrumento e apresentado na Casa da Cultura no III Abril Cultural Saltenho, um ano depois da performance anterior.

Os comentários que aparecem na imprensa são uma manifestação direta dos sentimentos da diretoria de Pró-Cultura Salta, isto é, que o periódico é literalmente o meio que informa. Em relação a isto se pode ler:

[...] a observação de Pró-Cultura deve fazer cultura de outras formas também, como educando o público e proibindo-lhe o acesso até os entreatos. Ganharam-se muito já (ninguém aplaudiu em momento inadequado) e os “outra, outra” foram substituídos por alguns tímidos “Bravos!”, conceito merecido por Scholz-Rajcovich, sem dúvida (*El Tribuno*, 8/4/1979. Cartelera IX).

Evidentemente não só causaram enfado os aplausos fora de hora, mas a impontualidade e o excesso de ovação. Poderiam ter sido chatos? Seriam desrespeitos com os artistas mais que elogiosos? Aparentemente o que perturbava era tanto a reclamação por um “bis” como os aplausos. Se na hora de acabar um concerto a ovação continua, como manifestação da alegria do público pela boa performance dos músicos, isto faz com que os artistas se apresentem mais uma vez no palco cumprimentando. Se os aplausos se prolongam “naturalmente”, os músicos tocam um bis, podendo ser este uma pequena peça não incluída no programa ou então a repetição de alguma já interpretada. Isto constitui a ritualização desse tipo de espetáculo e dos modos de comportamento esperados.

Suponho que os desconfortos gerados em certas pessoas refiram-se a estigmas depreciativos a respeito do resto dos espectadores, considerando-os pouco “educados”, desprovidos de “pietas e paideia”. Por isso se destaca que “*ganhou-se muito*” ao se respeitar os entretempos de cada movimento musical. Provavelmente de um ano para o outro a imprensa foi apontando quando eram os momentos para os aplausos e quais não, e quais eram os modos corretos de escutar e ver os espetáculos. Com o mesmo teor, não se pede “outra” em um concerto de música clássica; isto acontece e é permitido em shows de rock, música folclórica, em gêneros talvez considerados “populares”.⁸⁶

As imagens de Salta que são construídas através dos Abris Culturais promovem a formação de um tipo ideal de espectador culto e crítico na hora de avaliar se uma obra foi boa ou não, como os participantes devem se comportar nas salas, ao mesmo tempo em que essas condições constroem a boa

performance em todas as suas fases, desde o momento em que é preparada e executada por um elenco, durante seu processo de realização, até que se conclui e produz determinadas consequências nos espectadores.⁸⁷ Nessa pedagogia, é moldado o espectador ideal e o que se espera de um “saltenho”.

Outro conjunto de imagens, vinculadas às anteriores, acrescentam determinadas valorizações em relação a Salta, as representações que são feitas de si mesma enquanto “autêntica”, e aquelas que acentuam características como uma província do interior, “pura”, “não-contaminada” porque há elementos que ajudam a melhorar a qualidade de vida das

⁸⁶ Foto, *El Intransigente*, 24/4/1979. Locales 15.

⁸⁷ Aqui seria conveniente recordar as sete fases das performances propostas por Richard Schechner (2000), assim como as formulações de Moore e Myerhoff (1977) sobre os rituais seculares realizados em três momentos. Ver a seção intitulada neste capítulo “Inaugurações”. Ainda que Schechner esteja pensando tanto nas próprias montagens teatrais, não deixa de considerar como estas são produzidas em contextos sociais mais amplos, isto é, não deixa de refletir sobre a produção social. No caso das autoras recentemente citadas, elas se referem a como a sociedade pensa sobre si mesma e encontra, por meio dos rituais, sua forma de apresentação e realização.

pessoas. Entretanto, existe um esforço por parte de Pró-Cultura Salta de distanciar-se dessas representações enfatizando a exibição de “espetáculos de hierarquia”, para dar conta de como Salta “progride”, se “desenvolve” e se torna “cultura” apesar da riqueza da diversidade cultural, muitas vezes sentida negativamente.

Arte, cultura e moral

Um dos objetivos a que me propus para este capítulo foi mostrar como se educa o público enquanto se constroem noções como a de “ser humano” e “arte” e os vínculos estabelecidos entre elas. Por isso, considero importante continuar destacando outros aspectos moralizadores desse projeto cultural.

Um deles é vinculado à criação de uma “Comissão Assessora Municipal de Espetáculos Públicos” que teve como objetivo

[...] proibir a exibição de obras teatrais, circenses, televisivas ou de qualquer caráter, e películas cinematográficas que [...] ofendam a moral e os bons costumes, e as que não sejam imorais mas contenham atitudes e lendas grosseiras ou referentes que denigram os sentimentos da nacionalidade argentina ou das demais nações (*El Intransigente*, 12/4/1977. Locales 11).

Essa medida foi diretamente criada para regular todo tipo de atividade cultural. Um aspecto que é importante de ser ressaltado é que, embora corresponda a uma política da Prefeitura da Cidade de Salta, tal atitude pode ser estendida para toda província, porque, como chamei a atenção anteriormente, muitas atividades que são planejadas e realizadas na cidade como capital da província são implementadas em outras regiões por uma lógica centrífuga de funcionamento da administração pública e pela crença na centralidade do Estado. Isto não quer dizer que toda política municipal seja uma política provincial, mas que determinadas práticas possam ser sobrepostas entre uma esfera e outra. As regulações no plano da cultura podem ser o caso, já que a produção e as montagens teatrais são produzidas na cidade de Salta e depois apresentadas em outras localidades.

A Comissão Assessora propôs-se a regular e a controlar todo tipo de evento, evitando, dessa maneira, ofender “a moral e os bons costumes” da “nacionalidade argentina”, ou seja, cuidar para que os valores nacionais, que como tal “realizam o ser humano”, não sejam ameaçados. A moral que é preservada é um sentimento associado com o “ser nacional” que compreende o indivíduo. Se pensarmos através dos postulados levantados por Durkheim e expostos na introdução, veremos que ele resalta que faz parte das funções do Estado invocar

progressivamente a existência moral (1974, p. 93). A existência moral à qual se refere está relacionada diretamente com a coletividade e não com o indivíduo (*ibidem*, p. 116). É o Estado que “disciplina” através de diversas práticas, nelas este encarna o “ideal nacional” também como “ideal humano”.

As práticas de disciplinamento estão vinculadas àquelas que são mencionadas a seguir: os modos de se comportar no auditório; como os sujeitos que presenciam os eventos artísticos devem atuar não somente nas salas, mas também as maneiras de vivenciá-los; quais devem apreciar e quais não – isto é, trata-se de um disciplinamento do gosto. A criação da Comissão Assessora viria cumprir esta função e missão. Por exemplo, os usos e os controles das luzes foram normalizados, criando-se o clima propício das performances, assim se evitando que os salões ficassem completamente escuros, deixando uma luz tênue. Será que a penumbra é atribuída ao clandestino, ao pernicioso, ao imoral? Sobre isto nada se comenta, apenas se menciona que é colocada pouca luminosidade para “não incomodar” o espetáculo, ou melhor dito, para que todos os rostos possam ser vistos entre si.

A comissão foi instituída pela lei municipal nº 2583 e foi integrada pelos titulares da Secretaria de Governo e da Secretaria Geral, na qualidade de presidente e vice-presidente. O grupo de membros da comissão estava constituído por representantes do “*Movimento pela Afirmação de Valores Morais*”; um casal representante do “*Movimento Familiar Cristão*”; um representante da “*Liga Mães de Família*”; um jornalista e mais três membros. O mandato estava previsto pelo prazo de dois anos, sendo “*ad honorem*”, tendo suas resoluções caráter definitivo.⁸⁸

Dois anos depois, a Comissão Assessora Municipal de Espetáculos Públicos sofreu uma modificação. Seus integrantes renunciariam a seus cargos em função da “*discrepância com o governo municipal no que diz respeito à realização de certo tipo de espetáculos de nossa cidade*”. O secretário de Governo da Prefeitura, Dr. Enrique Silvester, foi encarregado de resolver esse problema. A imprensa denuncia que a Comissão como “*órgão de cultura*” deve combinar “*moral e conhecimento artístico*”; isto quer dizer que ela deve reunir “*sólidos antecedentes morais e profundos conhecimentos e sensibilidade artística*”.⁸⁹

Não se conhece o nome da pessoa que escreve sobre o assunto, ainda que seu relato se mostre irritado. Denuncia tanto os critérios morais quanto as formas de definir a arte. Nessa relação de arte e moral, a falta de conhecimento da primeira e a insolvência da segunda são prejudiciais para o “corpo social”.

⁸⁸ *El Intransigente*, 17/4/1977. Locales 12.

⁸⁹ *El Intransigente*, 15/4/1979. Suplemento Dominical XI.

A arte sem moral é nociva para o corpo social, mas o julgamento moral aplicado à obra de arte ou ao trabalho artístico sem conhecimentos estéticos suficientes resulta na maioria das vezes uma afronta à cultura [...] Nós saltenhos temos direito a que a Comissão Assessora de Espetáculos Públicos da Prefeitura nos proteja tanto da afronta imoral como da vulgaridade pseudoartística; e sobretudo que A QUALIFICAÇÃO MORAL SEJA COERENTE COM A ARTE E SUA LINGUAGEM. Isso é impossível se os futuros membros da Comissão não reúnem os dois requisitos exigidos: responsabilidade moral e vocação estética. Nesse sentido nos permitimos fazer uma respeitosa sugestão ao funcionário encarregado de resolver tão importante vaga: convocar os homens e as instituições representantes da cultura de Salta (tanto oficiais como privadas); os artistas de diferentes expressões e escolas; os homens de pensamento; os escritores e os jornalistas; os educadores e os sacerdotes e, enfim, todos aqueles que tenham demonstrado responsabilidade e sabedoria na questão artística [...] a arte é uma paixão que merece tudo e a moral é algo muito sério para que não fique nas melhores mãos. Se a Prefeitura de Salta consegue que a nova Comissão Assessora seja o fiel reflexo da cultura e da moral de nosso povo, terá feito uma primeira e valiosa contribuição ao espetáculo público saltenho; caso contrário, continuaremos confundindo moral com “cortesia” e arte com falta de arte. A Prefeitura tem agora a palavra (*El Intransigente*, 15/4/1979. Suplemento Dominical XI. Ênfase do original).

Parecia que os pilares da cultura saltenha sustentavam-se nestes itens: moral e arte. Da arte se pode dizer que não é qualquer coisa que deva ser considerada como tal e as pessoas encarregadas de estabelecê-lo devem mostrar responsabilidade na área, ter sensibilidade estética, enquanto a moral é um “*assunto muito sério*”, repousa esse conhecimento na igreja, na família, nas mães, nos educadores. A moral não é cortesia, a moral constrói sujeitos, homens, cidadãos.

Esse conjunto de noções é a base sobre a qual se constituiu o estatuto social de Pró-Cultura Salta. As pessoas que aspiram a ser membros da diretoria devem cumprir o requisito “*responsabilidade moral*” e, embora não esteja explicitado, ter sensibilidade estética. A proposta cultural que é construída pretende a formação de cidadãos.

Parecia que a arte, por outro lado, precisava carregar um sentido moral pois, caso contrário, seria prejudicial à sociedade, ou então, como aqui é chamado, o “corpo social”. Talvez o exemplo desta ideia seja a obra de teatro descrita anteriormente, “Giacomo”, na qual foi representada a hipocrisia, a miséria humana, a ambição das pessoas. O tio que chega para visitar a família mostra-lhe sua falta de “virtude”, de sinceridade e afeto, ou seja, a regulação do que se pode exhibir e apresentar na cidade de Salta de alguma maneira deve conter uma mensagem que contribua para a “*espiritualização do povo*”. Neste ponto tanto Pró-Cultura Salta como a Municipalidade da Cidade estão compartilhando do mesmo objetivo, ao mesmo tempo em que se complementam, uma e outra, na largada dos eventos artísticos.

Esses ideais, nos quais arte e moralidade convergem, estão relacionados com o desenvolvimento propriamente, o processo de transformação dos sujeitos em cultos e civilizados. Então se poderia dizer que a arte promove o “desenvolvimento humano”. Esta noção foi afirmada por Yúdice (2002) para dar conta de como diferentes instituições internacionais, quando se encontram dispostas a fomentar a promoção cultural, apelam para o “desenvolvimento humano” como um parâmetro de intervenção nesses assuntos, isto é, subsidiam ou não projetos culturais na medida em que estes possam contribuir para a “coesão social”. Embora o que estou apresentando aqui não esteja ligado diretamente com a articulação de redes internacionais de fomento (pelo menos no que diz respeito a esse período), a arte não deixa de ser vista como o meio pelo qual o “*corpo social*” se fortalece – através e na primeira instância – pelo desenvolvimento individual de cada ser humano enquanto tal.

Quando esses discursos se referem a “*homens*”, não aludem apenas aos seres humanos, mas muitas vezes se acentua sua condição sexual e genérica. Até agora não mostrei o caráter masculino da gestão cultural para esses anos e para esse grupo que teve a ideia de dar início aos Abris Culturais Saltenhos.

É nos discursos produzidos por eles que se reforçam os sentidos comuns em torno do mundo masculino associado à “cultura”, ao “público”, ao espaço de socialização, enquanto o feminino fica restrito ao “privado”, à “natureza”, ao âmbito da reprodução.⁹⁰

Tanto é assim que serão as mulheres as encarregadas de cuidar da moral junto com os educadores que, na sua maioria, costumam ser educados por elas, ou pela Igreja Católica, como detentora dos valores supremos ao se basear na palavra de Deus.

As mulheres “velam” por essa moral porque ocupam um lugar intermediário entre a natureza e a cultura. Por sua condição reprodutiva, encontram-se associadas à natureza e ao âmbito doméstico. Ali ficam encarregadas de cuidar da prole, inculcando nos filhos os valores culturais. Nessa interface são constituídas as primeiras agentes de socialização e, por isso, podem pertencer e atuar no âmbito da cultura. Em termos de Sherry Ortner, essa intermediação produz uma ambiguidade simbólica pela possibilidade de atribuir significados contraditórios em um mesmo sistema cultural que vai da natureza à cultura. Enquanto ficam responsáveis pelo cuidado das crianças e pela administração do lar, elas as educam, as sociabilizam, as desenvolvem. Esta é a ambiguidade sobre a qual descansa sua “natureza”.⁹¹

⁹⁰ Sobre isso consultar Ortner (1996) e MacComarck (1980).

⁹¹ Não devemos perder de vista que Ortner elabora postulados universais para refletir em torno da desvalorização da mulher e sua atribuição à natureza. Ainda aponta que seus postulados deveriam ser

Entender que sua mediação no âmbito doméstico faz parte da educação ajuda a compreender porque tantas mulheres se ocupam ou ocuparam da atividade pedagógica-institucional, enquanto os “*homens de pensamento*” poderão, junto com outros profissionais, avaliar e estabelecer o que é arte e o que é cultura, já que estes são os âmbitos “naturais do homem” (Ortner, 1996, p. 33).

Como se pode então conceber arte e cultura? Essas definições provavelmente estão marcadas pelo gênero, produzindo em certos casos combinações pelo menos curiosas. Retomemos a Comissão Assessora, integrada por “ligas de Mães de Família”, “Movimento Familiar Cristão”, “Movimentos pela afirmação de Valores Morais”. Nessa formação social que resulta em uma comissão, os guardiães da moral e da cultura estão sob a posse da família, das mães e da religião. Ainda que sejam os “homens de pensamento” aqueles que administram e realizam a cultura, serão as mulheres as encarregadas de preservar a moral a ela atribuída em função de sua posição intermediária. Não é à toa que Raquel Peñalva tenha destacado, em várias oportunidades, no encontro que mantivemos sua atividade pedagógica em um colégio católico e prestigiado da cidade, ao mesmo tempo em que reiterou como muitos dos funcionários públicos foram seus alunos, inclusive alguns que trabalharam com ela quando foi subsecretária da Comissão de Cultura da Prefeitura no período 1989-1990.⁹²

Entre outros casos, certas “obras mestras” apenas podem ser concebidas como manifestação de Deus; suas obras majestosas e suas excelências são incompreensíveis para a inteligibilidade de um mortal comum. Grandes artistas ingressam nessa linguagem pelas condições de sua genialidade, ao restante dos seres vivos resta somente apreciá-las. Assim apresentou Zenaide Lisi de Crivelli, pianista dedicada à atividade pedagógica e esposa de um dos fundadores de Pró-Cultura Salta, Benito Crivelli, no Réquiem de Mozart.

colocados em discussão em contextos específicos e particulares. Ortner em *Is Female to Male as Nature to Culture?* (1996) propõe-se a explicar a lógica de pensamento e a hipótese que assume a inferioridade da mulher enquanto afirmação de tipo universal. Um dos elementos que fundamentam tal hipótese é a própria fisionomia feminina, sua condição de amamentação, e por tais motivos a aproximação com a “natureza”, enquanto ao homem é atribuída a “cultura” quando participam de universos simbólicos, religiosos, artísticos, morais e políticos. Para fazer esta argumentação, considera a problemática levantada por Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949). Natureza e cultura, em seu entender, são categorias conceituais que permitem que nos aproximemos de como cada sociedade as articula, as coloca em funcionamento. No entanto, deduz que o distinto da cultura, em termos genéricos, é transcender as condições naturais e torná-las seu propósito. Nesse sentido, a superioridade e a subordinação de um gênero sobre outro estabelecem-se na medida em que se pode “socializar” e “cultivar” a natureza (Ortner, 1996, p. 26-27). Problemáticas semelhantes foram levantadas por MacComarck (1980).

⁹² Cabe destacar que Raquel Peñalva em 4/12/2008 foi homenageada pelo Conselho Deliberativo da Cidade de Salta como “Cidadã destacada”.

Este Réquiem⁹³ foi um concerto executado durante as primeiras atividades do Primeiro Abril Cultural Saltenho, realizado na Igreja de São Francisco e interpretado pelo coro e pela Orquestra Sinfônica da Universidade Nacional de Tucumán.

A respeito dessa obra Zenaide, Lisi disse:

O Réquiem, obra póstuma de Mozart [...] por acaso, pressentiu Mozart que seu fim estava chegando? Nenhuma de suas obras mostra um dramatismo igual. Apenas uma alma comovida até o mais íntimo de seu ser, sua veemente crença no sobrenatural e uma imensa humildade diante de Deus podem moldar tal súplica diante do irreversível, em uma confirmação constante de sua esperança diante da Misericórdia Divina (*El Tribuno*, 13/4/1977. Sociales e Cartelera VII).

Zenaide Lisi participou do Abril Cultural Saltenho como crítica musical, seu discurso oficial intermediou a compreensão de uma obra mestra associando-a às forças divinas, convertendo-a no veículo mediante o qual os ouvintes podem refletir sobre seus pecados, purificando-se em uma linda igreja da cidade de Salta. A apresentação do Réquiem de Mozart diante do público saltenho não foi somente uma “obra de arte”, mas o meio que as pessoas dispuseram para cuidar de si mesmos, velar por suas almas, redimir-se.

A senhora Lisi articula outras dimensões da arte. Torna compreensíveis complexos simbólicos que ligam diretamente os indivíduos com a espiritualidade. A arte propicia o “cultivo do espírito”; ao mesmo tempo em que se torna um objeto de “culto”, é “honrada com veneração”, segundo dois dos sentidos apontados por Raymond Williams (2000) das derivações do radical do termo “cultura”.

O culto constitui um universo social e simbólico específico, a religião. Assim como os homens de pensamento se manifestaram e estabeleceram alguns sentidos para o termo cultura ou as mulheres aqui apresentadas, a partir de sua atividade pedagógica, contribuíram para dar outros significados ao mesmo termo, a Igreja Católica, através de seus servidores, os sacerdotes, fortaleceu algumas noções já expostas pela associação Pró-Cultura Salta. Esta está vinculada à ideia de cultura como uma forma de se constituir em cidadãos de uma nação.

Em uma homilia transcrita pelo diário *El Intransigente*, monsenhor Vicente Zazpe, da província de Santa Fé, destaca os valores da cultura como “a memória de um povo”. Não se trata de um assunto individual, mas algo que “condiciona todos os cidadãos desde o

⁹³ Um réquiem é uma missa funerária, cantada e instrumentada. Por ser uma missa, segue determinada estrutura formal; nela se suplica a Deus misericórdia e é rogada a salvação da alma do defunto.

nascimento, e é continuamente gestado e recriado pelo conjunto da comunidade nacional ou regional”, nesse sentido, a cultura se torna a “matriz de seus valores”.⁹⁴

Para monsenhor Zazpe a Nação não é somente

[...] o conjunto de habitantes que compõem um território, mas sim uma comunidade que tenta uma gestão comum, que teme uma participação comum e uma mesma cultura. O que é fundamentalmente a cultura? [...] o modo habitual de valores, as coisas, os fatos, as pessoas, o modo de viver, uma hierarquia de valores. Não é a existência mesma, mas é um modo de existência. Constitui o ser íntimo de um povo, sua raiz profunda, que encontra sua expressão visível nos costumes dos cidadãos, nas normas que os afetam e às quais sujeitam seu comportamento nas diversas formas da vida religiosa, artística, econômica, política ou familiar [...] O conceito que tinha um azteca ou um mocoví pré-colombianos [...] variou fundamentalmente depois que o cristianismo modificou sua constituição. Ainda dentro das nações cristãs se percebe uma diversidade de atitudes, as quais, entre outras causas, se devem à diferente intensidade da evangelização como proposta da fé como resposta (*El Intransigente*, 24/4/1978. Cables 2).⁹⁵



A cultura para este sacerdote está relacionada a um conjunto comum de valores e práticas sociais associadas a estilos de vidas, num sentido aproximado ao dos “velhos conceitos antropológicos de cultura”, como apontou Susan Wright (1998) e como destaquei na introdução desta dissertação. Esse conjunto de práticas e valores sociais constitui uma nação, que

não se define pela mera sujeição dos cidadãos a um território delimitado, mas sim porque compartilham um mesmo universo artístico, econômico, religioso, familiar e político. Eles têm uma “gestão comum”, expressão que chama a minha atenção porque remete às formas de sujeição e subjetivação realizadas pelo Estado Nacional através dessas complexas relações de administração e produção de políticas governamentais. A nação se realiza como comunidade porque envolve os indivíduos, une-os mediante um sentimento afetivo sustentado na crença

⁹⁴ *El Intransigente*, 24/4/1978. Cables 2.

⁹⁵ Foto, *El Intransigente*, 24/4/1978. Cables 2. Na parte superior, monsenhor dando uma conferência na Casa da Cultura no dia seguinte de sua homilia. Da esquerda para a direita se pode ver: Ramiro Peñalva (diretor geral de Cultura), Benito Crivelli (presidente de Pró-Cultura Salta), o governador da província, capitão de mar-e-guerra Roberto Augusto Ulloa, sua esposa e Raquel Peñalva.

religiosa e na crença de pertencer a um lugar formado por um mesmo processo histórico e social. Nesses termos, define monsenhor Zazpe a cultura e a comunidade, esta última noção associada aos processos de comunização.

Nos discursos presentes nas celebrações das atividades de cada Abril Cultural foi enfatizada a arte como a maneira que os indivíduos têm para se converter em pessoas dignas e cultas. Em Zazpe evidencia-se a marca da doutrina católica, pois a fé religiosa será um dos parâmetros para estabelecer os valores culturais de uma comunidade. O culto na homilia do monsenhor não serão os atributos adquiridos pelas pessoas para se distinguirem de outras, mas sim a prática da fé. A religião aparece para fortalecer os sentimentos suscitados em uma comunidade política e que permitem assegurar a crença na legitimidade do poder.

Neste capítulo quis mostrar como Pró-Cultura Salta foi construindo seus projetos culturais mediante a realização dos Abris Culturais Saltenhos. No primeiro capítulo, entre outras coisas, aponte os princípios de ação que a associação se propôs; aqui desejei evidenciar como eles foram produzidos. A imprensa foi uma grande aliada, permitiu o processo de formação de um público. A partir desse trabalho, assim como por meio do caráter e dos planejamentos das atividades apresentadas, foram sendo concebidas noções em torno da cultura fundamentalmente associada ao desenvolvimento propriamente. Isto foi possível na medida em que Pró-Cultura Salta se atribuiu a missão de espiritualizar o povo e, nesse sentido, penso que suas propostas de cultura produziram sujeitos morais.

Considerando isso, posso afirmar que Pró-Cultura Salta realizou uma política governamental conforme os interesses do Estado Provincial, que ofereceu todo o seu apoio para que esses projetos fossem efetuados. Isto foi possível no contexto das relações interpessoais, intermediado com certeza pelas funções que cada um de seus integrantes realizava “fora” da associação (Câmara de Comércio, relações pessoais com o dono dos meios de comunicação, diretor de Cultura, entre outros). Nesse vínculo de proximidade afetiva e institucional, Pró-Cultura transforma-se no órgão de pensamento do Estado, articulando negociações de eventos no interior da província com os “chefes comunais” ou com países limítrofes.

Dessa maneira, Pró-Cultura foi consolidando “imagens de nós”, um “nós” culto e civilizado, contribuiu para a consolidação de cidadãos saltenhos. Nessa produção da cultura, foram criadas também imagens em torno da província, da região e das tensões entre processos de formação de Estados provinciais e nacional. Salta foi vista como “autêntica”, “pura”, “do interior”, ao mesmo tempo em que ela constrói seus próprios interiores na medida

em que busca permanentemente apaziguar sua diversidade sociocultural, que somente pode ser apreciada através de “vestígios arqueológicos” ou de “mitos”.

Política, cultura, religião e comércio vão se articulando de diferentes maneiras, produzindo diversas imagens: cultura, turismo e comércio, cultura como espiritualização do povo, e matizes entre cultura, culto e cultural. Pró-Cultura Salta foi criando uma moral ao mesmo tempo em que foi sendo concebida como guardiã dos valores cívicos.

A maioria dos propósitos anunciados em seu estatuto social foi realizada nos três Abris Culturais apresentados. Um artigo não se cumpriu, pelo contrário, não conseguiu se desligar: a proibição de “manifestações, expressões ou discussões de caráter político, racial ou religioso”. A questão política aparece dissimulada em redes que pretendem não existir; a questão racial, que poderia muito bem ser entendida como étnica, encontra-se continuamente atenuada; por outro lado, a religião tem uma presença importante. Em diversas oportunidades foram convidados sacerdotes para dar conferências, foi dado espaço para que a Igreja Católica realizasse conjuntamente atividades, ou foi cedido um lugar em colaboração para a “missa de domingo de ramos”, como ocorreu durante o III Abril Cultural Saltenho.

Capítulo III. Organização: Pró-Cultura Salta

Neste capítulo analisarei diversos programas de atividades, centrando-me particularmente nos anos 1998-2006. Para chegar a esse período, me apropriarei de transformações produzidas ao longo dos XXX Abris Culturais. Em primeira instância, acredito ser conveniente definir o que seja um “programa”: faz parte dos folhetos de circulação feitos por Pró-Cultura Salta para cada Abril Cultural. Neles detalham-se as atividades previstas, os lugares de realização e os agradecimentos. Em alguns casos se especifica quem faz o quê: organização, adesão, patrocínios, termos que tratarei de extrair ao longo do estudo para dar conta da complexidade das relações que tornam possível o mês cultural. Tais programas constituem o arquivo construído para esta investigação.

A maioria dos programas aqui reunidos foi apresentada e recolhida para o “XXXIII Abril Cultural Saltenho” (2009), no qual foram expostos, em um espaço dentro do Complexo de Arquivos e Bibliotecas Históricas da Província,⁹⁶ distintos tipos de materiais referentes às ações de Pró-Cultura Salta e aos Abris Culturais Saltenhos, tais como pôsteres, programas e publicações.⁹⁷

Principalmente neste capítulo proponho-me a ver as variações a partir das quais Pró-Cultura Salta se refere a si mesma como “organização”, “adesão”, “patrocínio”; suas relações com as distintas administrações do governo provincial, municipal, eventualmente nacional. Dessas vinculações deduzo as transformações do protagonismo de Pró-Cultura e a presença, que tende à preeminência, das instituições estatais nos Abris Culturais.

Em menor medida analiso, vinculado com o anterior, a organização dos eventos, a participação de grupos locais e o que estas relações têm para nos dizer em torno da (re)produção do universo artístico. Neste estudo, procuro localizar os artistas que participam,

⁹⁶ Esse edifício foi um Tribunal da Província. Entre os projetos de renovação do prédio feita pelo governador Juan Carlos Romero, foi criada uma “Cidade Judicial”, localizada na zona norte da cidade, próxima à Universidade Nacional de Salta. Os juzgados que conformavam o Poder Judicial foram transferidos para esse novo prédio, ficando assim muitas propriedades da província à disposição. Em seguida, as “bibliotecas e os arquivos” da província foram concentrados somente em um. A obra de construção do local denominado “Complexo de Arquivos e Bibliotecas Históricas da Província” começou a ser levada a cabo aproximadamente entre 2006-2008, nos últimos anos do governo deste senhor. Tal complexo foi inaugurado em 2008 pelo atual governador da província, Manuel Urtubey (2007-2011).

⁹⁷ A documentação foi facilitada gentilmente por Manuel Agüero, encarregado do “Centro de Documentação das Artes Saltenhas”, centro dependente da Iconoteca/ Área de Fotografia/ Complexo de Arquivos e Bibliotecas Históricas da Província de Salta.

suas procedências e os elementos a partir dos quais se lhes rende homenagem (mediante mostras retrospectivas ou a colocação do nome de uma pessoa em um concurso anual, em uma disciplina artística), seja por Pró-Cultura Salta, seja pelo Governo da Província ou por ambos.

Os diversos programas que dão conta da “história institucional” foram agrupados para sua apresentação no marco dos XXXIII Abris Culturais; nessa ordenação são escassas as programações entre os anos 1977-1995. Apenas se dispõe dos cartazes publicitários. A partir do ano 1996 não falta nenhum, seja talvez pela proximidade no tempo, seja pela quantidade de folhetos de distribuição produzidos, ou pelo interesse de arquivá-los, porque “talvez algum dia sirvam para algo”. Entretanto, esta prática arquivista permite que a associação realize duas comemorações de sua própria trajetória, festejando as iniciativas de seus organizadores e construindo “imagens de si”. Em cada celebração, assim como em cada Abril Cultural, representa-se como “cultura”.

A continuidade dos Abris Culturais no tempo leva a refletir como estes se incorporam ao calendário da província, às preocupações de distintas administrações públicas, e sobretudo ao hábito dos saltenhos. Considero que isto faz parte do processo de “rotinização” do mês cultural que, indubitavelmente, produz diversas consequências sociais e políticas.

A par com a rotinização dos Abris Culturais na cidade de Salta e a paulatina incorporação destes em diversos municípios da província, nota-se um incremento progressivo do número de atividades culturais propostas, uma presença maior de grupos locais na programação ao mesmo tempo em que se reduz o restabelecimento das obras, provavelmente como efeito da quantidade de elencos em cena. Este último não significa necessariamente que os grupos se apresentem menos vezes, mas sim que as possibilidades de lugares de atuação se ampliaram – movimento que se nota principalmente em finais dos anos 90 e início do século XXI.

Com o transcurso do tempo, a presença e a construção de símbolos irão substituindo as palavras. O governo da província, por exemplo, deixará de ser enunciado deste modo para apresentar-se mediante um logotipo: o monumento a Güemes.⁹⁸ Símbolos que permitem a elaboração de referentes comuns e a partir dos quais se situam procedências, ligações, conjugam-se temporalidades, processos políticos, criam-se marcas de um determinado momento e de uma política.

⁹⁸ Recordemos os elementos apresentados sobre Güemes na introdução.

A Secretaria de Cultura, por sua vez, aparecerá representada por um círculo de figuras repetidas: a “bailarina de Tastil”, imagem que faz parte da iconografia pré-hispânica e que pode ser achada nos vestígios do sítio arqueológico que leva o mesmo nome (associado ao período incaico no noroeste argentino).⁹⁹ Na renovação de elementos pictóricos e na construção de símbolos, Pró-Cultura em troca mantém desde o seu princípio as suas iniciais. Cada uma das letras se entrelaça com certo movimento à seguinte.

Os programas do “Abril Cultural Saltenho”

Abris Culturais entre 1980-1983

Não me proponho aqui a realizar uma análise de todos os programas dos Abris Culturais Saltenhos, já que fizemos um recorte... Mas irei estabelecendo algumas transformações a partir de como e quando se produziram.

No programa de 1980 destaca-se que este ciclo de atividades é *“único em todo o país”*, sendo a *“comunidade saltenha toda”* quem *“estreita filas atrás dos altos objetivos de promoção integral do fazer cultural, que são, em definitivo, os da promoção do homem”*. Também se pode adicionar à análise, a partir do programa, que em sua maioria as instituições que o tornaram possível foram entidades governamentais (governo nacional, provincial através de diversas direções; municipalidades – tanto de Salta como de Buenos Aires-); associações econômicas (companhias, sociedades anônimas, empresas); meios de comunicação (rádios, jornais, televisão); grupos profissionais.¹⁰⁰

No programa de 1981, resulta como novidade a presença do governo provincial mediante seu emblema, na forma de “adesão”, figura que aparece na contracapa.¹⁰¹ Na parte inferior, no mesmo alinhamento ao do emblema, encontra-se escrita *“Salta. Tradição do futuro”*. Curiosa conjugação de palavras que, em vez de reificar a presença do passado na “tradição”, se constrói olhando para o futuro, sendo Salta “futuro”.

⁹⁹ A bailarina de Tastil é um desenho que se refere a uma figura ritual, pois se encontra ornamentado com um vestuário similar a uma saia e apresenta um penteado em sua cabeça. A alusão feminina a esse personagem talvez tenha mais a ver com o caráter falocêntrico dos arqueólogos e das arqueólogas do que com uma certeza do sexo do indivíduo – comentário feito por Gustavo Blázquez enquanto percorríamos a cidade de Salta e lhe mostrava algumas simbologias utilizadas e surgidas nos discursos que configuram a localidade. A propósito de falocentrismo, ver Judith Butler, 2003.

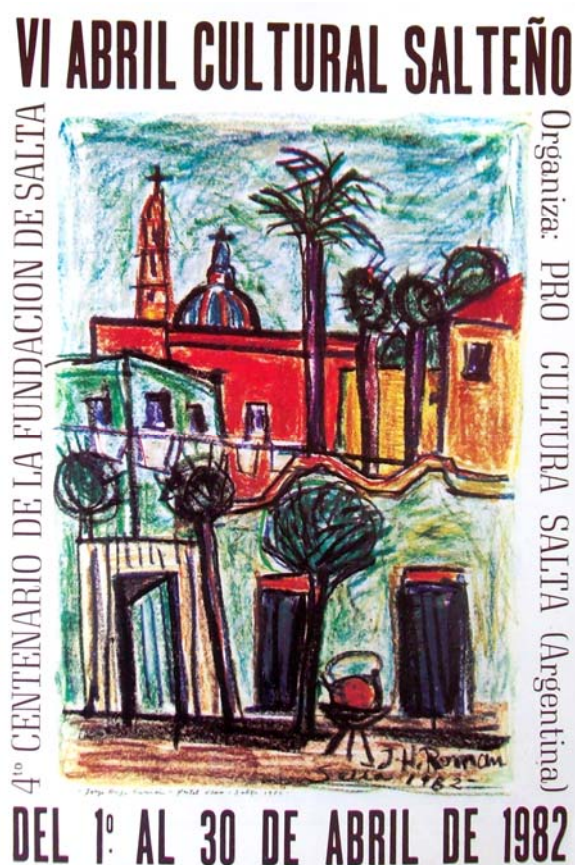
¹⁰⁰ Ver Anexo “Programas dos Abris Culturais Saltenhos”, correspondente ao IV Abril Cultural.

¹⁰¹ Convém destacar que o emblema não é o logotipo que aparecerá depois. São dois ícones diferentes.

Em 1982 incorpora-se como categoria “patrocínio”. Nos anteriores, as instituições aparecem como “agradecimentos” ou pela “colaboração prestada”, sugerindo-as aqui como se fossem produtoras dos eventos, na sua qualidade de financiadoras. Uma variável categórica é “adesão” que, no ano anterior, esteve reservada ao Governo da Província de Salta.

Neste Abril a adesão que se encontra na contracapa é a de “*Massalin Particulares S.A. (e.c)*”, sendo esta a empresa de tabaco da Philip Morris Internacional na Argentina. Ao final de todos os agradecimentos, destaca-se de um modo particular, por usar seu logotipo, a “*Fundação do Banco do Noroeste Coop. Ltda.*”, fundação que começara a colaborar a partir de

1978.¹⁰²



O discurso presente nesta programação difere dos anteriores porque, primeiro, Pró-Cultura Salta define-se como “coletora” das diferentes atividades que a comunidade realiza e, nessa qualidade, propõe-se a “fomentar e estimular em relação a seus membros os valores da cultura universal”. Segundo, destaca-se o “esforço pessoal” de seus organizadores. Terceiro, sublinha-se tanto a “permanência como a importância” do “apoio do Governo Provincial”, que compreende o que significa “subsidiar” e, de acordo com essa compreensão, adere à finalidade de Pró-Cultura. Quarto, no marco dos 400 anos da fundação de Salta,

homenageiam-se “as gerações que nos precederam na história que é nossa, na confiança de que contribuiremos para construir seu futuro”.¹⁰³

Assim como Salta se projeta como “a tradição do futuro”, ao mesmo tempo se propõe, mediante Pró-Cultura, a construir esse futuro, controla o presente enquanto relê seu passado. A partir destes elementos, reelabora uma nova história. Por outro lado, nessa afirmação, a instituição não só se propõe a levar a cabo atividades artísticas, como também se confere a

¹⁰² Cartaz do VI Abril Cultural Saltenho. Baseado em uma pintura ao óleo de Jorge Hugo Román.

¹⁰³ Programa do VII Abril Cultural Saltenho.

missão de “construir o futuro” para Salta, admitindo a “confiança” de todos os habitantes da província.

Em 1983, a programação começa a destacar quem são os patrocinadores, geralmente quando não se trata do governo provincial. Os patrocinadores que aqui aparecem são a Universidade Nacional de Salta; a Fundação do Banco do Noroeste Coop. Ltda.; o copatrocinio da Aliança Francesa e da Associação Francesa de Ação Artística. Este programa não apresenta um discurso do diretório, ou tampouco agradecimentos. Em uma das folhas finais aparece a “adesão” do “Banco de Empréstimos e Assistência Social, o Banco da Família”.

XVIII Abril Cultural Saltenho – 1994

Como assinalei em parágrafos precedentes, os programas entre 1983-1995 não se encontram igualmente sistematizados, motivo pelo qual não trabalhei com eles, embora o salto no tempo também dê conta das transformações produzidas no interior da instituição. Entre 1994-1998 começam a se modificar as formas de atuação e de participação de Pró-Cultura Salta e as relações que esta mantém com o governo provincial. E, ao estar interessada em ver como elas se realizam, foco mais atentamente a minha atenção a partir desses anos.

Da mesma forma que a programação de 1983, esta tampouco tem um discurso de Pró-Cultura Salta, embora tenha agradecimentos. Nela se encontram bem especificadas as intervenções de outras instituições nas atividades culturais. Em geral, essas outras entidades aparecem como “adesionistas” ou “patrocinadoras” e, para certos eventos, esclarece-se se a organização esteve a cargo de outras entidades, ficando neste caso Pró-Cultura Salta como “adesão”, embora isto não seja explicitado. Este elemento será uma modificação importante que irá *in crescendo* ao longo dos anos.

A partir da leitura dos programas disponíveis noto que, onze anos depois, o XVIII Abril Cultural sofre um processo de transformação substancial em relação aos modos com que desde seu início vinham levando a cabo os eventos. Isto se relaciona com o incremento de elencos locais, seja nas artes plásticas, seja na música (sendo que estas disciplinas são as que têm maior quantidade de atividades na programação). Neste Abril Cultural, poucos números artísticos procedem de outras províncias: uma peça de teatro de Córdoba; uma artista plástica tucumana; uma “jazz band” de Buenos Aires ou uma pianista saltenha que vive nessa cidade. Muitas vezes esta modificação é vista por seus atores como “negativa”, hierarquizando os eventos realizados em Buenos Aires como de melhor qualidade, junto com o incremento de grupos em cena, às vezes percebidos como “não existe um critério de seleção”, acarretando

que alguns membros do diretório, ou simpatizantes, falem dos Abris Culturais como uma “rotinização”, uma “burocratização”, uma “máquina cansada”.¹⁰⁴

Em outros casos, a lógica de organização se mantém ao usar recursos sociais e econômicos de entidades que também perseguem fins culturais. Um exemplo disto seria a “Associação Dante Alighieri de Salta” que neste ano trouxe um pianista da mesma nacionalidade, porque certamente tal artista já tinha uma agenda de concertos por distintas localidades do país. Em outros casos, buscou-se utilizar os recursos e as relações sociais de determinadas pessoas interessadas em difundir certas práticas culturais, como aquela que se atribui ao “mundo andino” ou, como é costume se dizer coloquialmente, à “cultura andina”. O andino também se projeta como uma forma de representar Salta, em referência à identidade local que não se separa de seu legado indígena.¹⁰⁵

Esta programação estará centrada na Bolívia, seja mediante fotos das “Diabladas de Oruro”, danças típicas como “a morenada” ou “os capatazes”. Quem se encarrega dessa gestão e promoção é uma peruana residente em Salta, a bacharelada Katia Gibaja, que na ocasião fez uma conferência sobre “A cultura quéchua em Cuzco, Oruro e Santiago del Estero”.

O XVIII Abril Cultural Saltenho foi inaugurado com uma mostra em homenagem ao pintor Osvaldo Juane no Museu Provincial de Belas artes. As ilustrações dos programas “I Abril Cultural”, “II Abril Cultural” e “XVIII Abril Cultural” foram de sua autoria. Nesse ano se fazia uma amostra retrospectiva de sua obra em homenagem a ele. Embora suas gravuras, xilografias e desenhos fossem utilizados em várias programações, ele nunca fez parte da comissão diretiva de Pró-Cultura Salta. Resulta curioso o



¹⁰⁴ Estes comentários foram apontados no capítulo I, quando me referia ao fato de que o projeto inicial da instituição havia gerado “uma revolução cultural”.

¹⁰⁵ Imagem à direita do Programa Geral do XVIII Abril Cultural Saltenho, 1994.

trânsito do artista em relação a Pró-Cultura Salta. Na história narrada pela própria instituição, a partir do livro publicado para os XXX Abris Culturais Saltenhos, são mencionados e mostrados só os desenhos do I e do II Abril Cultural. Existe neste livro uma seção denominada “Principais Exposições Artísticas nos Abris Culturais” e nela não é citado Osvaldo Juane.¹⁰⁶ Trata-se de um artista com certa presença nas artes plásticas em Salta, mas rapidamente silenciado, ao menos por esta associação. Diga-se de passagem que o diretório que celebra a homenagem é completamente diferente daquele que publicaria o livro dos XXX Abris.

Outro elemento de relevância a partir deste momento, ou que ao menos aparece neste programa, é o incremento de atividades no “Teatro da Cidade”, também chamado “Teatro (Cinema) Alberdi”.¹⁰⁷ Sua relevância tem raízes na gestão e na administração do teatro pela senhora Eleonora Rabinowicz de Ferrer. Anos depois, esta mulher iria integrar Pró-Cultura Salta, primeiro, como assessora (1997) e, a seguir, como membro do conselho (1998 até a atualidade), para se tornar, entre 1999-2007, secretária de Cultura da Província de Salta (Decreto Nº 19/99).¹⁰⁸

A partir deste folheto, posso notar a substituição da enunciação literal das entidades que colaboram na “concretização” do Abril Cultural, no sentido de ir ganhando terreno o uso de logotipos e simbologias, ao menos por parte das empresas “colaboradoras”.¹⁰⁹

XX Abril Cultural Saltenho – 1996

Este ano se cumpre o XX Abril Cultural, entretanto, não há na programação nenhuma comemoração. O discurso presente na programação, proferido pelo presidente da associação,

¹⁰⁶ Em 1977 a Universidade Nacional de Salta criou um “Museu de Arte Moderna”, produzindo durante vários anos consecutivos “Salões Nacionais da UNSa.”, nos quais Juane foi, em reiteradas oportunidades, seu jurado. Inclusive, ele é autor do “logotipo” da instituição, cancelado durante alguns anos e reutilizado a partir de 1999. Isto significa que o trânsito de Osvaldo Juane por essa instituição é similar àquele que acontece em relação à Pró-Cultura. Seria interessante analisar posteriormente a trajetória deste artista na cidade de Salta.

¹⁰⁷ Chama-se “Teatro da Cidade” porque sua administração depende da Municipalidade da Cidade de Salta. Também denominado “Teatro Cinema Alberdi” porque se localiza na rua de pedestres Alberdi e, ao ser inaugurado este edifício, foi como cinema. Não dispomos, nesta oportunidade, da data em que se abriu este cinema. Convém destacar que foi uma propriedade privada, expropriada em algum momento pela Municipalidade; dessa maneira, esta passa a administrá-la.

¹⁰⁸ Temos somente documentação oficial referida ao governo provincial, e não da Municipalidade da Cidade de Salta, pois isto teria demandado outro trabalho de arquivo que não abarquei nesta etapa da investigação. As referências das autoridades municipais surgem a partir dos diálogos estabelecidos com distintos interlocutores que amavelmente conversaram a respeito.

¹⁰⁹ É possível começar a assinalar que neste ano tem início o agradecimento à “inestimável colaboração” da Fundação Argentina Solidária, entre outras instituições. Sobre esta Fundação farei referência posteriormente.

Fernando Magadán, menciona a “*permanência*” e a “*qualidade*” dos Abris Culturais. “*No começo da vida de Pró-Cultura e seu Abril Cultural*”, inicia o contador Magadán, representando um conjunto de pessoas que levaram adiante esse projeto e que do primeiro diretório só ficaram ele e Benito Crivelli, acentuando que a pretensão foi antes de mais nada “*qualidade*” em vez de “*permanência*”. Entretanto, ao se estar realizando o XX Abril Cultural, não resta mais que refletir sobre “*o que fazemos, como o fazemos e como poderíamos fazê-lo melhor*”.

“*O ambiente cultural de Salta*” transformou-se “*para melhor*”, assinala enquanto remarca que “*o povo tem apreendido uma sensibilizada permeabilidade aos fenômenos estéticos*”. Nessa transformação, que também alude aos processos de informatização, abrem-se outras “*demandas*”. Por isso, chama a atenção para o fato de que “*o desafio do futuro para as entidades que difundem a cultura será interpretar essas demandas em termos de ação para responder com qualidade, quantidade e oportunidade*”. Caso isso esteja se tornando realidade, adverte que “*só assim justificaremos que a permanência de Pró-Cultura Salta transcenda o século XX*”. Depois agradece “*às entidades que participam ativamente, oficiais, privadas, empresas, pessoas*” e ao público “*que sempre nos acompanhou lhes oferecemos o XX Abril Cultural Saltenho para que o desfrutem*”.

Retomando a programação, pode se notar uma maior presença de grupos de Salta e uma participação de diferentes instituições estatais (Municipalidade da Cidade de Salta, Secretaria de Arte e Cultura da UNSa., Secretaria de Cultura da Província), na maioria dos casos como “*organizadoras*” ou como “*patrocinadoras*”. Em troca, não se menciona o lugar que ocupa Pró-Cultura Salta no Abril Cultural em geral; quando aparece, é como “*patrocinadora*”. A partir desse ano, a intervenção do governo provincial, através de sua Secretaria de Cultura, crescerá, participação que atribuo ao governo de Juan Carlos Romero.¹¹⁰

Neste Abril Cultural rende-se homenagem à senhora Teresa Cadena de Hessling,¹¹¹ mulher (mestra e professora de história e geografia) que teve uma ativa participação na produção de manuais e referências históricas de Salta, tendo sido também membro e

¹¹⁰ Juan Carlos Romero foi governador da província de Salta nos anos 1995-2007. Antes de assumir este cargo foi senador nacional pela província de Salta, 1986-1992, reeleito para esta função nos anos 1992-1995, momento em que toma posse no governo. No ano de 1992 assumiu a presidência do Partido Justicialista Distrito Salta, função que se prolongou até o ano de 2010. Entre os anos 2003-2007 foi membro do Conselho Nacional do Partido Justicialista – Distrito Nacional. No ano de 2003 apresentou-se junto com Carlos Saúl Menem nas campanhas eleitorais presidenciais, candidatando-se a vice-presidente da nação. Atualmente desempenha o cargo de senador da nação pela Província de Salta e é vice-presidente do Senado; período de sua função: de 2007 a 2013. Sua biografia pode ser consultada na página www.romerojuancarlos.com.ar

¹¹¹ Nasceu na cidade de Salta em 15/10/1924 e faleceu em 30/8/1994. Poderíamos dizer que sua prática de historiadora esteve associada às elites locais e aos grupos de poder. Pode se consultar uma detalhada referência biográfica em: www.camdipsalta.gov.ar/senda/sitial14.htm

investigadora do Instituto Güemesiano.¹¹² Como parte deste evento, inaugura uma placa no Museu da Cidade Casa de Hernández que leva seu nome.

Esta homenagem é interessante porque a senhora pertence a alguns dos círculos mais tradicionais da história local. Também poderia se dizer que seu reconhecimento não é aleatório, na medida em que, a partir do Instituto Güemesiano, como forma de construir a história de Salta e de narrar seu presente, fortalece-se a figura do herói ao mesmo tempo em que se consolida como ícone do governo da província durante o governo de Juan Carlos Romero. Neste sentido, com a homenagem, fortalecem-se os símbolos que contribuem para a construção de legitimidade e crença tanto no governante como em sua política.

Se retomarmos a ideia proposta por Steinmetz (1999) de que toda política governamental é também uma política cultural na medida em que produz uma cultura, teremos, neste caso, uma política cultural organizada por uma associação que orienta sua ação nessa área, contribuindo para o fortalecimento de uma política governamental vinculada especificamente à produção simbólica. Nesse sentido, Pró-Cultura Salta, com a tática da homenagem, produz os “efeitos do Estado” de fazer acreditar na separação de Estado e sociedade, e não só esse efeito, mas também a participação que esta tem na construção da crença na legitimidade do Estado (Mitchell, 1999).

XXI Abril Cultural Salteño – 1997

Este Abril Cultural se inicia com uma amostra de 60 pinturas originais de artistas plásticos argentinos consagrados: Policelo [Polisello],¹¹³ Berni, Alonso, Baddi, Bedel. Também contou com uma homenagem ao escritor portenho Miguel Briante.¹¹⁴

Poder-se-ia dizer que a literatura esse ano ocupou um lugar privilegiado ao convocar três personagens de reconhecida trajetória, embora de perfis diferentes; além de estar nesse ano homenageando um escritor. As pessoas convidadas a fazer uma palestra na conferência chamada “*Julgamento* de M.J. Castilla” foram José María Castiñeira de Dios,¹¹⁵ Héctor Tizón¹¹⁶

¹¹² O Instituto Güemesiano é uma instituição acadêmica que se propõe a investigar a vida e a obra do herói local Martín Miguel do Güemes. Também se encarrega de realizar e promover comemorações e “perpetuar” determinados “valores” em torno deste prócer. Foi mediante esta organização que no ano de 2004 foi declarado feriado nacional o dia de sua morte: o 17 de junho, feriado este que só acontece na província de Salta. Tal instituto dispõe de uma página web: www.institutoguemesiano.gov.ar/boletin.htm

¹¹³ Na programação o nome do artista aparece como “Policelo”, sendo ele Rogelio Polisello.

¹¹⁴ Escritor argentino (1944-1995). Trabalhou em diferentes revistas e jornais, entre eles em *Página 12*, desde 1987 até sua morte. “Policelo” aparece no respectivo programa.

¹¹⁵ Nasceu em Ushuaia (Terra do Fogo) em 1922. Membro da Academia Argentina de Letras, membro correspondente da Real Academia Espanhola, da Academia Nacional de Jornalismo e da Academia Sanmartiana. Foi presidente da Sociedade Argentina de Escritores. Ocupou cargos públicos de diretor geral de Cultura da Nação, secretário de Estado de Cultura da Nação, diretor da Biblioteca Nacional,



e Horacio Salas.¹¹⁷ Também houve outra palestra a cargo de María Kodama,¹¹⁸ intitulada "Jorge Luis Borges".

Salta é apresentada a partir de sua vertente literária, porque é terra de "poetas". Nesta afirmação também tem lugar a participação de mulher de igual importância, María Kodama, dando uma palestra sobre seu marido, Jorge Luis Borges. Ela, de algum modo, é uma representante emblemática da cultura argentina.

Outro elemento distintivo esse ano foi a apresentação da Orquestra Sinfônica Nacional no Monumento a Güemes. Uma ocasião especial porque será o motivo citado em inaugurações

posteriores, por exemplo, no concerto inaugural da Orquestra Sinfônica de Salta. Se pensarmos em termos de "performance" como foi proposta por Richard Schechner (2000), e sabendo que as performances se constroem como uma "fita de conduta restaurada", posta em ação duas vezes, uma conduta repetida, ensaiada, então a Orquestra Sinfônica Nacional criará

secretário de Estado de Imprensa e Difusão. Também foi presidente da Comissão para a Educação e a Cultura da OEA e vice-presidente da Comissão Nacional Argentina da Unesco. Integrou a "Junta Pró-Candidatura do Coronel Perón".

¹¹⁶ Nasceu em 1929, em Yala, província de Jujuy. Advogado, escritor, diplomata. Foi diplomata entre 1958-1962 e foi exilado entre 1976-1982 (durante a última ditadura militar). Tem diversas obras literárias publicadas. Também exerceu a função de juiz da Corte Suprema de Justiça da Província de Jujuy. Afiliado ao partido União Cívica Radical, esteve envolvido na sanção da reforma constitucional de 1994. Ver: <http://www.literatura.org/Tizon/Tizon.html>

¹¹⁷ Nasceu em Buenos Aires em 1938. Trabalhou em jornais e revistas (*Qué, Información literária, Clarim, Dinamis*, entre alguns), em universidades (Universidade Argentina da Empresa, El Salvador, Universidade de Cinema de Buenos Aires). Entre 1973-1976 desempenhou o papel de chefe de Imprensa e Publicação de Jazidas Petrolíferas Fiscais. Também foi chefe da seção Hispano-americana da revista *Nova História de Madrid*. Em 2003 assumiu o cargo de diretor da Biblioteca Nacional, cargo que deixaria em 2004. Para uma biografia mais completa e detalhada, ver: http://www.buenosaires.gov.ar/areas/com_social/audiovideoteca/literatura/salas_bio2_es.php

¹¹⁸ Nasceu em Buenos Aires em 1945. Licenciada em literatura e tradutora de islandês. Conhece Jorge Luis Borges em 1975. Casa-se com o escritor em 1986, poucos meses antes da morte deste.

o cenário para que depois Salta se “orgulhe” da sua. Desse modo, Salta virá a ser “terras de músicos”.¹¹⁹

A partir de 1997 aparece discriminado nas programações o diretório de Pró-Cultura Salta. Neste ano, seu presidente, Fernando Magadán, fez um discurso em que destacou que “*não era mero costume permanecer, ano após ano, na mesma*”, mas sim que “*impulso é igual a convencimento*”, por parte de “*instituições civis, empresas do meio e pessoas em caráter individual*” para realizar “*a atividade cultural em um ciclo anual que, ao final, chamou-se 'Abril Cultural Saltenho'*”.

Continua dizendo: “*por isso aqui estamos com as empresas e o governo*”, enquanto reafirma: “*é nosso dever com a comunidade e queremos cumpri-lo. Só espero que esta assim o aceite e o apoie com sua presença, sua opinião e sua contribuição*”.

O discurso é semelhante ao anterior e ele agradece usando as mesmas palavras: “estamos com as empresas e o governo”. Na contracapa apresenta-se a descrição dos membros do diretório da instituição, destaca-se: “*Nos ajudam e assessoram; Fazem-no possível*”, sendo que quem o torna possível são entidades governamentais, artistas e empresas de Salta.¹²⁰

Abris Culturais Saltenhos entre 1998-2001

Embora algumas transformações começassem a ser traçadas em anos anteriores, 1998 seria um ano de importantes mudanças. Aquilo que era enunciado na inauguração do Abril Cultural anterior torna-se possível graças ao apoio de instituições estatais, em compensação, a participação de Pró-Cultura na organização das atividades diminui, ao menos assim se lê na discriminação de cada evento. Então, qual é o lugar que ocupa Pró-Cultura no Abril Cultural?

Sobram atividades para fazer, muitas delas organizadas, promovidas, patrocinadas pela Secretaria de Cultura da Província, pelo Governo Provincial, pela Municipalidade da Cidade de Salta ou conjuntamente coordenadas com outras instituições civis, sem que elas sejam Pró-Cultura Salta. De quem é o “dever” de levar a cabo o Abril Cultural? Quem vai assumir essa responsabilidade? Quem se ocupa disso?

O diretório do ano anterior já dizia que “estamos com as empresas e o governo”. Algo que não surpreende porque, como mostrei, sempre estiveram presentes. Mas o que se produz

¹¹⁹ À esquerda cartaz do XXI Abril Cultural Saltenho, 1997. Baseado em um tecido de José Luis “Pajita” García Bes.

¹²⁰ Os detalhes de quem assessora e torna possível podem ser lidos num Anexo “Programas dos Abris Culturais Saltenhos”, XXI Abril Cultural Saltenho.

entre estes dois anos é uma renovação da maioria dos integrantes do diretório, dando lugar a um planejamento e a uma gestão diferentes.

A Municipalidade da Cidade de Salta foi cedendo seus espaços sem restrições; o Teatro da Cidade foi cenário de vários eventos, como também o Museu da cidade, Casa Hernández. Isto pode estar relacionado com a participação de uma de suas funcionárias, seu interesse pelas práticas culturais e políticas. Nos agradecimentos que se fizeram em 1997 às pessoas que “nos ajudam e assessoram”, seu nome figura em primeiro lugar. Em 1998 seria o primeiro membro da comissão diretiva de Pró-Cultura Salta e permanece nesse lugar até hoje.

Como ela, outras cinco pessoas assumiriam distintas funções no diretório:

Quadro nº 3

<i>Nos ajudam e tornam possível (1997)</i>	Algumas funções do Diretório em 1998
Eleonora Rabinowicz de Ferrer	Membro 1
Tibor Czabanyi Avellaneda	
Tania Ortiz	Membro Suplente 2
Virginia Arias	Membro 3
Pablo López	
Juan A. Alurralde	Tesoureiro
Rosa Amerisse	Membro Suplente 3

Como assinalou Roberto Salvatierra,¹²¹ que também seria incorporado esse ano na função de Membro Suplente 1, a incorporação desta mulher em Pró-Cultura foi “*estratégica*”, “*necessária*” para dinamizar e dar um novo rumo à instituição. Certamente isto foi visto desta forma pelos membros que estavam se retirando do diretório de Pró-Cultura, porque já

¹²¹ Roberto Salvatierra (22/06/1960). Professor de literatura, coordena um programa de rádio e realiza atividades literárias na prisão da cidade de Salta. Em fins dos anos 80 e grande parte dos 90 teve um bar cultural, o “Café 11 40”. Atualmente se encarrega da gestão do “Ático”, espaço onde acontecem oficinas artísticas de diversos tipos e que funciona como um café onde se fazem concertos, apresentações de livros e pintura. Ele se localiza na galeria O Palácio, na rua Mitre, em frente à Praça 9 de Julho. Integra-se ao diretório de Pró Cultura Salta em 1998, atualmente sendo secretário. A entrevista foi realizada em 27/5/2009.

estavam com uma idade avançada, cansados e doentes. Eles queriam deixar em Pró-Cultura Salta pessoas que pudessem dar continuidade ao projeto que haviam começado.

Dessa maneira, são incorporadas três pessoas que, aos olhos do Roberto Salvatierra, seriam “*peças-chave*”, em primeiro lugar, porque todas compartilhavam um denominador comum: suas trajetórias na administração pública e suas carreiras políticas. Uma delas é Carmen Martorell que, além disso, foi considerada por sua formação em artes plásticas, tendo sido uma das primeiras a se incorporar. A segunda pessoa, a senhora Eleonora Ravinowicz de Ferrer, que teve cargos na Municipalidade e, no ano seguinte à sua incorporação em Pró-Cultura, seria designada secretária de Cultura, até o término do governo de Juan Carlos Romero, e por sua “*ideia empresarial*”. Por último, Agustín Usandivaras (h),¹²² por sua “*posição social e sua carreira pública*”, assinalou Roberto.

Carmen Martorell¹²³ já tinha sido convocada para participar do diretório em 1995, e provavelmente foi ela, junto com Benito Crivelli e Fernando Magadán, quem apostou na incorporação de personalidades estratégicas. No livro *XXX Abril Culturais* ela narra como passou a integrar Pró-Cultura Salta. Segundo seu relato, Benito e Fernando foram procurá-la em sua casa para que presidisse a associação. Não aceitou porque

a presidência de Pró-Cultura Salta sempre requereu, além de uma total solvência cultural, amor pela arte e respeito comunitário, de pessoas que a presidam vinculadas a empresas em todos os níveis, propensos ao mecenato. Eu não me considerava idônea neste último aspecto, razão fundamental de minha decisão (*XXX Abril Culturais*, 2006, p. 21-22).

Na conversa que manteve com aqueles senhores, ela lhes indicou a pessoa adequada para isso. Desse modo, Carmen Martorell menciona

[...] de comum acordo conversamos com Agustín Usandivaras (h), presidente de Pró-Cultura desde 1998 até aquela data, homem imbuído daquele perfil e reconhecido em Salta e fora dela como um ser fortemente comprometido com a cultura em todos os seus aspectos e que, não obstante suas múltiplas ocupações governamentais, assumiu o compromisso de levar adiante este projeto iniciado há três décadas.

¹²² O “h” que vem em seguida ao sobrenome Usandivaras assinala filiação, “filho”.

¹²³ Carmen Martorell (23/7/1939). Exerceu a docência nas áreas de pintura e escultura na Escola de Belas artes durante vinte anos, aproximadamente desde 1980-1981. Trabalhou na administração pública a partir da década de 70. Em 1999 é designada diretora de Patrimônio Cultural, Secretaria de Cultura da Província, por meio do decreto nº 97/99, cargo a que renuncia em 2002. Foi vice-presidente do diretório de Pró-Cultura Salta entre os anos 1995-2004. É autora do livro *Pró-Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos e Vida Plástica Saltenha*, entre outros. Muitas referências biográficas de artistas plásticos que se encontram na página da web www.portaldesalta.gov.ar são de sua autoria. É acadêmica pela Academia de Belas Artes da República Argentina, maneira pela qual prefere ser apresentada.

Assim pudemos avançar, em equipes sequenciais de trabalho, consolidados e com grande impulso. Iniciou-se novamente uma época brilhante que transcendeu os limites provinciais (*XXX Abril Cultural*, 2006, p. 22).

Carmen Martorell recusou a presidência da organização porque não se achava capaz de negociar com as empresas, tampouco gostava de fazer esse papel. Entretanto, Agustín Usandivaras era a “pessoa ideal” e além disso desempenhava a função pública de “Protocolos



e Cerimoniais”. No encontro que tive com José Mario Carrer, ele assinalou que foi esta posição que permitiu a "Agustín pegar o telefone e pedir a alguma empresa que colaborasse", referindo-se ao fato de lhe deverem muitos favores. Em função desta alusão, Carrer aproveitou para tomar distância dessa forma de organização da qual ele participara, como vimos no primeiro capítulo.

Esta narração em torno de como novos integrantes passam a fazer parte do diretório que está sendo renovado leva-me novamente a refletir sobre as relações interpessoais e as amizades como mecanismos a

partir dos quais se constroem as associações políticas. Através de cada um dos sujeitos podem se estabelecer as redes construídas (Barnes, 1987), ou seja, como cada um ativa diferentes recursos sociais, econômicos e políticos para ingressar em Pró-Cultura ou para garantir, através de sua posição, um conjunto maior de vínculos sociais. Embora Carmen Martorell, no livro comemorativo dos XXX Abris Culturais, fale que Agustín era a pessoa ideal para este assunto, algo que repetiu durante a entrevista não parece partilhar, da mesma forma que José Mario, sua “amizade”. Este comentário surgiu a partir das observações que fazia sobre o desenho dos pôsteres e dos programas, assinalando que durante muito tempo Pró-Cultura

Salta havia convocado artistas plásticos para a sua confecção, mas, desde que Agustín ali ingressou, ele resolve este assunto mais rapidamente, chamando e perguntando qual de seus amigos pode realizá-lo. Em relação à produção dos folhetos publicitários, menciona Martorell que essas formas de realização produziram a “perda dos elementos plásticos”.¹²⁴

Em que pesem essas disputas, diferentes pessoas iriam assumir a “responsabilidade” de tornar realidade uma nova edição do Abril Cultural, ativando cada uma delas seus recursos. A partir deste ano, como me referi em parágrafos precedentes, a maioria dos eventos aparece organizada pelo Governo Provincial através de distintas dependências: Secretaria de Cultura; Direção de Patrimônio Cultural; Direção de Ação Cultural da Secretaria de Cultura; Departamento de Preservação do Patrimônio Arquitetônico Urbano.

Essa paulatina e crescente participação do Estado provincial me leva a sustentar que este começou a dar uma particular atenção à cultura como uma ação de governo,¹²⁵ pois a partir de 1998 começa uma remodelação do centro da cidade, pinturas e reformas de prédios públicos, criação de museus, orquestra, balé, entre outras ações.¹²⁶

No relato de algumas pessoas que fizeram parte do novo diretório de Pró-Cultura, aparece como uma das grandes atividades por elas realizadas os “Salões Nacionais de Pintura”, porque se promovem determinadas formas de produção artística, dando lugar à competência de diversos criadores procedentes de vários lugares do país, resultando no meio que tem a província de incrementar seu patrimônio nessa área. Enquanto os artistas são glorificados, aumentam seus capitais simbólicos, seus prestígios, eles constroem suas carreiras e ganham dinheiro com os prêmios.

Ao ler atentamente os programas, pude notar que os “Grandes Prêmios de Honra de Salões Nacionais”¹²⁷ foram “organizados” pela Secretaria de Cultura da Província e patrocinados pela Secretaria de Cultura da Nação. Embora a envergadura do evento precisasse

¹²⁴ Cartaz do XXII Abril Cultural Saltenho, 1998. Sem referencia do autor do desenho.

¹²⁵ Cabe recordar aqui as colocações apresentadas a partir das discussões levantadas por Shore e Wright (1997), e Souza Lima e Macedo e Castro (2008).

¹²⁶ Fazemos referência às ações de governo do Dr. Juan Carlos Romero. Vale recordar aqui que em 1999 Carmen Martorell assumiu a Direção de Patrimônio Cultural da Província de Salta.

¹²⁷ A partir dos relatos tanto de Carmen Martorell como de Agustín Usandivaras (h), os Salões levam o qualificativo de “Nacional” porque se faz uma convocatória extensiva a todas as províncias argentinas. O júri é composto por três representantes de cada região: Noroeste, Nordeste, Cuyo, Patagônia, Pampeana. O jurado é eleito por ser membro da Academia Nacional de Belas Artes. Nem todos esses Salões Nacionais de Pintura se realizaram durante o Abril Cultural; um deles foi no ano de 1994. É provável que, por um lado, os membros do diretório se atribuam a ideia e, por outro, que a convocatória possa ter sido lançada no Abril Cultural, mas levada a cabo pelo Governo da Província, geralmente, entre os meses de setembro e outubro.

de uma considerável mobilização de pessoas, recursos para que se efetuassem, então, onde fica estabelecida a atribuição da “organização” pelos representantes de Pró-Cultura? Na ideia?

Nesse caso, Emile Durkheim (1974 [1912]) ajuda a problematizar estas questões. O autor assinalou que uma das tarefas do Estado é elaborar “representações coletivas”; isto faz com que se converta no “órgão de pensamento social”, embora se encarreguem de sua execução “grupos secundários”, distinguidos por sua vez em duas classes: profissionais ou territoriais – entre eles se encontram as administrações. Estes grupos secundários estão “*qualificados para pensar e atuar em lugar e por conta da sociedade*” (Durkheim, 1974, p. 94).

À luz desta leitura poderia afirmar que Pró-Cultura Salta se constitui como um grupo secundário encarregado de elaborar noções a respeito de “cultura” e planejar diferentes ações que depois são executadas pelas administrações públicas. Por isso, os membros do diretório se atribuem a “organização” dos Salões Nacionais de Pintura, aparecendo nos programas como realização da Secretaria de Cultura da Província e subsidiados pela Secretaria da Nação. Essa relação permite que os prêmios adquiridos na mostra sejam incorporados como “patrimônio da província”. Nessa tênue distinção entre organizações estatais e civis, suas respectivas funções diluem os limites de cada instituição e seus âmbitos de atuação, mas estes se entrelaçam.

Na contracapa do programa aparecem os logotipos: do governo da província, representado pelo monumento a Güemes; o emblema da Municipalidade de Salta e as logos das empresas Coca-Cola, Telecom, Hotel Portezuelo e Dinar Linhas Aéreas. Segue-se a comissão diretora de Pró-Cultura Salta.¹²⁸

¹²⁸ Mencionei que Agustín Usandivaras se incorpora nesse ano – suponho que tenha sido durante o ano, já que no programa quem aparece ainda como presidente é o contador Fernando Magadán. No livro *XXX Abris Culturais* existe uma parte que estabelece os distintos diretórios, abrangendo 1977-2006. Há uma comissão desde 1997-1998, presidida por Fernando Magadán, e outra desde 1998-2000, estando no cargo de presidente Agustín Usandivaras (h).

Imagem do Programa Geral do XXIII Abril Cultural Saltenho, 1999. Desenho gráfico do arquiteto Javier Zamarian e Martín Mendoza, baseado na pintura do artista Miro Barraza.

O programa do ano de 1999 apresenta seus “organizadores”: Pró-Cultura Salta, Governo de Salta e Secretaria de Cultura da Província. Ao abri-lo, imediatamente há um discurso do presidente de Pró-Cultura, o sr. Agustín Usandivaras (h). Este discurso repercute a inauguração de 1977. O presidente insiste na relação da “cultura” com o “povo”, sendo que os *"fatos da cultura definem os povos e os perpetuam para além de pessoas e instituições"*; esses fatos *"serão no futuro o legado de uma época"*. Por estes motivos, a entidade *"determina para si mesma o compromisso de impulsionar a cultura e seus fazedores para um plano popular, de maneira que a relação 'artista-povo' seja tão estreita e válida quanto essencial"*.



Essa apresentação relembra as palavras de abertura do ministro do governo Di Pasquo que assinalava, a propósito da poetisa Gabriela Mistral, o vínculo entre a criação artística e o povo, tal como o que a alma significa para o corpo de um indivíduo.

Como mostrei, o projeto que se abria no Primeiro Abril Cultural se propunha a modificar a consciência do povo saltenho. Através das atividades artísticas, as pessoas que as assistissem poderiam elevar seu espírito. No Abril Cultural do ano de 1999, o termo “povo” aparece novamente, sendo a relação “artista-povo” aquela que define o “legado de uma época”, pois as criações artísticas configuram uma “cultura” e, portanto, devem ser entregues

ao “povo”, por isso se convertem em “popular”. Nestes termos será inaugurada a Orquestra Sinfônica de Salta (2001).

A partir dos “fatos da cultura”, o “povo” se perpetua no tempo, constrói uma história particular, e é este lugar que ocupa Pró-Cultura Salta, já que colabora na construção de uma história ao pôr em marcha um novo Abril Cultural. Em seguida a esse rumo que assume a instituição, destaca-se que

A este desejo do diretório de Pró-Cultura Salta aderem gentilmente: o Governo da Província, na figura de seu governador, o Dr. Juan Carlos Romero, a Secretaria de Cultura da Nação, a Secretaria de Cultura da Província, a Municipalidade da Capital e “*importantes e generosas empresas* de nosso meio que, uma vez mais, confiaram e materializaram no **espaço** o que os artistas e a comunidade procuram com afã” (Programa do XXIII Abril Cultural Saltenho. Itálico meu; o negrito é do original).

O presidente da associação agradece a “generosidade” das empresas, destacando deste modo a sua importância, e honra a “adesão gentil” das instituições governamentais. Após esse discurso, apresenta-se outro do governador da província, Dr. Juan Carlos Romero. Até agora não se havia visto isto acontecer em nenhuma outra programação. Mostrando sua “gentil” colaboração, o governador assinala:

A XXIII edição do Abril Cultural Saltenho, que se celebra neste ano de encerramento do século, constitui a ratificação da importância que nossa Província dispensa às distintas vertentes da *arte* e da *cultura* como elementos fundamentais da formação e da configuração do homem e da sociedade. Estou convencido de que é através desses elementos, unidos à *educação*, que os indivíduos e os povos assumem em plenitude e traçam sua *identidade*, seus sonhos, seus pensamentos e obra, sua maneira de ser, aquilo que os une e diferencia dos outros.

...

O Governo da Província, comprometido e atuante em tudo o que se relaciona com o campo artístico e cultural, dedicou seu pleno *apoio* ao Abril Cultural, expresso tanto no lado econômico como nas ações enfrentadas através da Secretaria de Cultura e de seus distintos organismos. Associa-se assim ao esforço das numerosas entidades e particulares que participam deste acontecimento tecendo uma *rede espiritual* em benefício coletivo. Meu reconhecimento a Pró-Cultura, à Secretaria de Cultura da Presidência da Nação, a todos os homens e mulheres que sentem e exercem a cultura como um meio vivo e eficaz para que todos sejamos melhores como pessoas e como comunidade. E em especial ao povo de Salta, cuja presença e participação torna possível que os sonhos se convertam em auspiciosa realidade (Programa do XXIII Abril Cultural Saltenho. O itálico é meu).

Embora o governo provincial e a municipalidade da cidade já estivessem participando, fazendo-o com muita predisposição e afinco, no discurso deste ano se mostra “transparente” (palavra que usam estas instituições para dar conta de sua gestão).

O presidente de Pró-Cultura assinalou que os “fatos da cultura” definem um povo; o governador da província comenta que a “arte” e a “cultura” configuram o homem, sua sociedade e estas, junto com a educação, conformam uma “identidade”, pois mediante essas práticas cada um pode se converter em “melhor pessoa” e, portanto, ser um “povo” ou uma “comunidade” melhor. A associação de diversas “entidades e particulares” permitem que se teça uma “rede espiritual”, produzindo um melhoramento coletivo. Uma vez mais, a arte e a cultura são as maneiras de levar a cabo uma moralidade, direcionada estritamente ao “espírito” dos habitantes de uma localidade. Os atores não são os mesmos do diretório formado em 1977, entretanto, produzem uma relação de continuidade em torno dos objetivos e dos projetos da associação, enquanto suas práticas mostram as discontinuidades quanto às formas de fazer os Abris Culturais.

Uma homenagem

Na programação de 1999 a Comissão Diretiva de Pró-Cultura Salta, período 1998-2000, homenageia os fundadores da instituição. Para realizar esta análise, apoiei-me no folheto que circulou na noite do evento de celebração.

De sua materialidade-dispositiva

A capa do catálogo tem o símbolo da instituição “Pró-Cultura Salta”, em seguida, “XXIII Abril Cultura Saltenho”, abaixo desta apresentação encontra-se o desenho do programa do Primeiro Abril Cultural e as referências pertinentes (“capa de...”, “Desenho e gravura de Osvaldo Juane”); por último, “Homenagem aos fundadores – abril de 1999”. A contracapa apresenta uma foto do programa vigente, autoria do artista Miro Barraza,¹²⁹ e na parte inferior as “empresas promotoras”.

¹²⁹ José Delimiro “Miro” Barraza nasceu em Coquimbo, Chile, em 14/01/1940. Radicou-se em Salta desde 1954. Estudou na Escola de Belas Artes “Tomás Cabrera”, onde desempenhou a função de professor das oficinas de Pintura e Desenho. Também é conhecido por sua atividade como cenógrafo, gravador, além de ser perito em luminotecnia e em pintura. Ganhou diversas menções e prêmios de honra, em sua maioria outorgados por instituições saltenhas. Para maior detalhe, consultar: <http://www.miexposicion.com.ar/pintura/barraza/biomiro.htm>

Em seu interior, foi colocada a “primeira comissão diretiva de Pró-Cultura Salta”, em seguida é nomeado um grupo de pessoas que “*participaram ativamente da formação e da criação*” da associação. Na página seguinte, é feito um resumo intitulado “Aos Fundadores”. Nele, o “*atual Diretório de Pró-Cultura Salta*” menciona que entre suas prioridades se encontrava a de “*render uma sincera e reconhecida homenagem àqueles **pioneiros** que, unidos e desinteressadamente, conseguiram organizar um dos acontecimentos culturais anuais de maior envergadura e permanência [...] o “**Abril Cultural Saltenho**” (Programa “Homenagem aos Fundadores”); negritos meus).*

Tendo sido rendido tributo ao grupo de “pioneiros”, destaca-se que a criação de “Pró-Cultura Salta” se realizou na última ditadura militar. Para referir-se a ela, utilizam-se adjetivações contrastantes, tensões como “horizontes claros”, “negra ditadura governante”, “nefastos”, “mentes claras”, “persistência”, isto é, adjetivações que permitem a formação de uma narrativa particular, uma poética textual. Desta maneira, elabora-se um guia chamado “programa”, a partir do qual uma nova comissão diretiva honra seus antecessores enquanto atenua a contribuição desse governo na execução do projeto cultural e dos Abris Culturais.

O guia conta como homens e mulheres durante a ditadura militar tiveram que deixar o país para procurar “horizontes mais claros”, enquanto outras pessoas de “mente clara e pensamento positivo” permaneceram e conseguiram pôr em marcha o “Abril Cultural Saltenho” entre os dias 11 de abril e 15 de maio de 1977. Essas pessoas não só se propuseram a realizar esse evento, como também tiveram como objetivo “*mobilizar as estruturas culturais e sociais de Salta*”.

Depois destas afirmações, a homenagem se reafirma ao mostrar que a persistência dos “Abris Culturais” foi devida à “*perseverança de um minúsculo grupo de pessoas*”, fazendo da “perseverança” a característica que permite a consolidação dos “empreendimentos culturais”, embora esse “minúsculo” grupo se reduza a uns poucos indivíduos, posto que, como se lê na homenagem, “*muitos caminham para outros rumos*”, referindo-se não só a exilados durante esse período histórico, mas também a outras pessoas que fizeram parte de outras comissões diretivas.

Cada pessoa desse “minúsculo” grupo se destaca por algum motivo: Benito Crivelli por sua “*presença ativa*” e seu “*perambular por escritórios*” procurando “*apoio financeiro*”; “*o pensamento sempre atento de Ramiro Peñalva*”, “*sua palavra justa no momento oportuno*”; “*a significativa presença e organização de Fernando Magadán*”; “*o claro amor pela arte e a permanente atividade no campo da cultura de Ricardo Castro*”...

Neste resumo incorpora-se a versão de Ricardo Castro como *“mentor e pioneiro deste empreendimento”*, sobre as origens tanto dos “Abrigos Culturais” como de “Pró-Cultura Salta”, texto escrito especialmente para a ocasião.

Em seguida à narração realizada pro Ricardo Castro, o diretório de Pró-Cultura Salta, que rendia homenagem a seus fundadores, recupera um trecho da ata de fundação, destacando e nomeando cada uma das pessoas que estiveram ali, e os declara *“sócios fundadores”*. *“E para que este reconhecimento seja permanente através do tempo”* – dizem os membros do diretório – lança-se o “Concurso Literário”, que levará o nome de Benito Crivelli, em reconhecimento pelo trabalho cultural em sua livraria “O Colégio”, e também como membro do “Conselho de livreiros de Salta”.

Na cadência da homenagem afirma-se: *“a todos eles, a seu trabalho permanente e visionário, todo o nosso afeto e reconhecimento e, com o nosso, o de todo o povo de Salta amante da cultura. Muito obrigado. O Diretório de Pró-Cultura Salta. Abril de 1999”*.

Este folheto não termina com esta frase. Na folha contígua, umas fotos de Benito Crivelli e Ramiro Peñalva, ambos falecidos durante o ano anterior, 1998. O título deste trecho é *“a nossos amigos”*. Junto com suas fotos foi colocada uma pequena biografia de cada um deles, destacando suas atuações, suas formações e suas participações em distintas atividades de Salta.¹³⁰

Nas páginas seguintes apresentam-se as “Sucessivas comissões diretivas”, mencionando-se cada um de seus integrantes dos períodos: 1978; 1980; 1993; 1995; 1998. Depois, são colocadas em uma folha especial, diferenciada pelo seu tom, as autoridades do vigente governo da província (governador, vice-governador, ministro da Educação, secretária de Cultura, subsecretário de Cultura, diretora de Ação Cultural) e, finalmente, o Diretório de Pró-Cultura Salta do período 1998-2000.

A noite da homenagem

A homenagem teve lugar no marco do Abrigo Cultural Saltenho realizado no salão do “Clube 20 de Fevereiro”, no dia 28 de abril de 1999. Este clube social encontra-se associado à elite saltenha, conta com um edifício próprio situado no “passeio Güemes”, a avenida que tem

¹³⁰ Destacando-se as características positivas de cada uma das pessoas que tornaram possível a criação de Pró-Cultura Salta e dos Abrigos Culturais, procura-se apagar as marcas que a ditadura militar possa ter tido, entretanto, não se deixa de mencionar em “para nossos amigos” que Ramiro Peñalva foi diretor de Cultura da Província entre 1977-1983.

o monumento de igual nome.¹³¹ O edifício é utilizado para fazer distintos tipos de festas (jantar de formandos dos colégios secundários, casamentos, aniversários, concertos, apresentações de livros etc.).

Em início do século XX nele se fazia todo tipo de reuniões sociais, por exemplo, os bailes de “senhoritas”, moças que celebravam seus 15 anos e eram apresentadas à “sociedade”. Entre outras coisas, esses bailes eram a forma e o espaço mediante o qual se podiam conseguir futuros pares matrimoniais. A imprensa da época ressaltava desses bailes a beleza das senhoritas, enquanto dos moços se fala de suas profissões.¹³²

A realização nesse lugar não é aleatória, já que a comissão diretora celebrante mantém uma linhagem com os sobrenomes que por esses salões puderam transitar, como Usandivaras, Uriburu, Álvarez, Saravia, Arias, entre outros. Tampouco esse lugar está afastado das práticas políticas, já que foi durante décadas espaço de trânsito e reuniões de pessoas que ocuparam cargos públicos. Por isso, os novos funcionários do governo têm ali entrada.¹³³

Em seguida se concluiu a cerimônia com comidas e bebidas, provavelmente champagne Chandon, vinhos Michel Torino e Vasila Secreta, empresas que patrocinaram esse Abril Cultural.

O programa do XXIV Abril Cultural Saltenho (2000), como os anteriores, teve os logotipos dos organizadores: Ministério de Educação; Secretaria de Cultura da Província; Governo de Salta e Pró-Cultura Salta. A seguir vêm os símbolos dos “sócios institucionais”.

¹³¹ O monumento a Güemes localiza-se na base da colina San Bernardo, lugar que permite uma vista panorâmica de toda a cidade graças à sua geografia; recordemos que Salta é um vale. Como foi mencionado na introdução, a data em comemoração ao prócer associa-se com o dia de sua morte, em 17 de junho de 1821. O Clube 20 de Fevereiro refere-se ao dia da batalha de Salta (1816). Tanto o monumento a Güemes como o Clube 20 de Fevereiro evocam celebrações do calendário ritual saltenho. Ambos se encontram localizados no caminho da colina “San Bernardo”, nome do santo padroeiro quando da fundação de Salta. Narra a “novena do Senhor e da Virgem do Milagre” (celebrada nos dias 13, 14 e 15 de setembro, outras datas do calendário cerimonial da província) que as imagens do Senhor e da Virgem acalmaram a ira de Deus ao serem tiradas da igreja para fazer uma peregrinação pedindo clemência e perdão pelos pecados cometidos. A ira divina, manifestada através de movimentos sísmicos, já tinha provocado o desaparecimento da cidade colonial de Esteco. A partir desse momento, 1692, começam a ser celebradas as festas do Senhor e da Virgem do Milagre, convertendo-se nos patronos dos saltenhos. Dessa maneira, a cada ano se realiza uma procissão que vai da igreja catedral ao Passeio Güemes, em frente ao monumento que, diga-se de passagem, foi inaugurado em 20 de fevereiro de 1931.

¹³² Estas afirmações se baseiam em um trabalho final para a disciplina “Processos de América III” realizado pela estudante de antropologia Ana Luzia Mondada, intitulado “O poder do Sangue. A oligarquia saltenha em inícios do século XX” (2006). Cabe destacar a beleza e a densidade analítica do texto da autora.

¹³³ O Clube 20 de Fevereiro como tal localizou-se, até a década de 50, no que é hoje chamado de “Centro Cultural América”, espaço que também foi utilizado como Casa de Governo. Na mencionada década e com a assunção do Partido Justicialista em Salta, durante o governo de Carlos Xamena, os sócios do Clube foram expulsos, transferindo-se para a atual casa no Passeio Güemes.



Existe uma repetição na forma de apresentação através dos logotipos, embora a repetição varie, sendo a diferença a incorporação do logotipo do Ministério de Educação, subordinados a ele a Secretaria de Cultura e os “sócios institucionais”. Quanto a estes últimos, embora apareçam como uma nova categoria, ela estava prevista no estatuto social de 1979. Entretanto, naquela época não se apresentavam dessa maneira as contribuições das empresas, mas sim como “agradecimentos”. Provavelmente essa transformação seja condizente com a modificação do estatuto realizada em 1999, a que fiz referência no primeiro capítulo e em seu respectivo anexo.

Várias atividades deste Abril foram organizadas por, ou em benefício da Fundação Argentina Solidária. Soube sobre esta entidade através de um comentário de José Mario Carrer, que se referiu a ela como “a fundação de Romero”. Diante de meu desconhecimento, eu me pus a perguntar e a investigar. Esbarramos em algumas denúncias de milhões de pesos que, por meio desta instituição, estavam sendo utilizados para a campanha presidencial da chapa “Menem-Romero”,¹³⁴ tendo o primeiro como presidente e o segundo como vice-presidente, lista que se dissolveu em uma segunda volta, embora tivesse havido lançamento de campanha em diversas localidades, entre elas, na cidade de Salta e em La Rioja (2003), províncias de nascimento de ambos os sujeitos.

A “Fundação Argentina Solidária” iria participar de diversas organizações e atividades por alguns anos consecutivos.¹³⁵

A partir de 1998, pode se notar o incremento de atividades oferecidas, perdendo-se de vista quem realiza o quê. Nessa quantidade de eventos, à Pró-Cultura resta administrar e regular que apresentações acontecem ou não. Em alguns casos, programa uma atividade e,

¹³⁴ Carlos Saúl Menem presidiu a República Argentina entre os anos 1989-1999. Em 2003, junto com Juan Carlos Romero, lança sua campanha presidencial.

¹³⁵ Não sabemos quando foi criada nem com que propósitos. Sabemos que por “fraude” se dissolveu no ano de 2005. A partir dos comentários de José Mario Carrer, tomamos conhecimento que o Sr. Agustín Usandivaras (h), no ano que estamos analisando, era (e continua sendo) presidente de Pró Cultura Salta, tendo sido também em certa época presidente da mencionada Fundação.

quando isso ocorre, geralmente é considerada como “transcendente” ou ao menos de grande importância. Dessa maneira, seus “organizadores” conferem a si mesmos, assim como aos participantes que recebem um folheto, o propósito e o objetivo de estar levando a cabo “uma vez mais” este Abril Cultural. Entretanto, os diversos elencos que transitam pela cidade propõem à Pró-Cultura Salta, mediante um projeto apresentado na associação, suas propostas artísticas e, dessa maneira, a entidade, em caso de aprová-los, incorpora-os à programação do Abril Cultural.¹³⁶

A programação do ano de 2001 não integra nenhum discurso, somente se sublinha que “o aporte mensal dos sócios institucionais ajuda no sustento institucional”. Também se agradece a todas as entidades que tornaram possível o Abril Cultural, entre eles, os artistas e especialmente a imprensa.¹³⁷

Desde seu início a associação teve como objetivo transportar-se para os diferentes municípios com a colocação em cena de diversos grupos, embora no decorrer desses anos o número de atividades e a quantidade de municípios que participam tenha aumentado. Quando entrevistei durante o trabalho de campo diferentes pessoas que faziam parte dos diretórios, uma das perguntas que fiz foi: que tipo de atividades foram feitas em Pró-Cultura? E sua resposta foi: “levar a cultura a outros lugares”. Em face deste fato seus membros se conferem um papel fundamental na promoção cultural, tratando de “desmistificar”, embora isto nunca seja dito explicitamente, que a “cultura é só para a elite”.¹³⁸ Nesse sentido, são usadas frases como: “realizamos atividades nos bairros, nos povoados”.¹³⁹

Outra pergunta que fiz foi se as ações de Pró-Cultura Salta podem ser entendidas como uma “política cultural”. Na conversa que mantive com Agustín Usandivaras, ele distinguiu claramente entre as atividades que realizam em Pró-Cultura Salta e o que deve ser entendido como tal. Para este senhor, é uma “*responsabilidade do Estado*”, restringe-se exclusivamente às ações do Estado, deve basear-se em “*esboços claros*”. Assim, afirmou que

a política cultural em Salta se inicia com Romero [...] que continua. As políticas culturais devem ser... não podem trocar com cada governo, tem que haver uma política cultural, uma política de Estado... que nós devemos acompanhar, que o Estado deve falar conosco, entrar em consenso e tudo

¹³⁶ Imagem do Programa Geral do XXV Abril Cultural Saltenho, 2001.

¹³⁷ Ver Anexo “Programas dos Abris Culturais Saltenhos”, referido especificamente ao ano de 2001.

¹³⁸ Quem utiliza esta expressão é o professor Felipe Izcaray, dizendo que “a música clássica não é só para a elite”. Comentário que aparece em uma entrevista realizada por *El Tribuno*, em 23/04/2001. “A Sinfônica é uma realidade”. Felipe Izcaray, nacionalidade venezuelana, foi diretor da Orquestra Sinfônica de Salta entre os anos 2001-2006.

¹³⁹ Expressão usada por Carmen Martorell.

isso, mas acredito que a cultura é uma política de Estado, tem que ser (Entrevista 14/05/2009).

Entretanto, outros interlocutores afirmaram que as ações de Pró-Cultura Salta podem ser concebidas como uma política cultural, tanto as que se efetuam atualmente como aquelas levadas a cabo desde suas origens, mas nem por isso negam que deva ser uma preocupação do Estado. Por outro lado, diferente da análise que venho realizando, o atual presidente da associação afirma categoricamente que todas as atividades que se fazem durante o Abril Cultural são “organizadas” por Pró-Cultura, “o governo da província dá para as passagens, o alojamento, os gastos e nós, de Pró-Cultura, nos encarregamos da organização”, “criamos consenso”.¹⁴⁰

Luciano Tanto também apoia que a cultura deve ser uma política de Estado, enquanto assinala que “*jamais houve política cultural*”, razão que atribui ao fato de estar longe de Buenos Aires: “*Buenos Aires se basta e não lhe importa o resto do país*”, embora para ele, efetivamente, os Abris Culturais tenham sido pensados como uma política cultural, já que naquela época havia um “*vazio de ação cultural*”. Da mesma forma, José Mario Carrer considera que a cultura deve ser uma “*obrigação do Estado*”, no entanto, quando se iniciaram os Abris Culturais, eles foram concebidos como uma “*política cultural fundamental*”, o seu propósito era que “*colaborasse e contribuísse para que a própria Direção de Cultura gerasse as próprias políticas culturais*”, sendo “*Pró-Cultura a iniciativa, o pé*”.

Em geral, quando se toca neste assunto, entra em discussão a quem corresponde a responsabilidade pelos custos de produção. Vários interlocutores assinalaram que “*é óbvio que se pede grana ao governo*”, sem que isto signifique que as ações de Pró-Cultura Salta sejam uma política cultural ou estejam “organizadas” pelo Estado e, menos ainda, que por contar com dinheiro do Estado para a realização do evento, ele seja considerado o organizador, embora os pôsteres digam o contrário. Roberto Salvatierra, ao se referir à incorporação de novas pessoas na instituição, vista como uma decisão estratégica, mencionou que se precisava procurar novos financiadores, requeria-se armar uma gestão econômica, necessitava-se de “mecenass” mais que de patrocinadores, e que o “grande mecenas” fora o governo provincial. Entretanto, não deixou de refletir sobre como incorporar a política econômica ao feito cultural, e como “*redefinir a questão cultural em relação ao turismo*”.

Com a transformação paulatina da cidade, seu embelezamento, a criação de novas instituições culturais, ainda por produzir-se, o turismo era colocado na discussão, sobretudo

¹⁴⁰ Entrevista com Agustín Usandivaras (h).

em relação à cultura, algo que se acentuaria no discurso inaugural do Abril Cultural de 2004, proferido pela senhora Carmen Martorell. Nele, menciona que esse Abril poderia denominar-se “Turismo Cultural”, estendendo a atuação do Abril a distintos municípios “graças” ao apoio da Secretaria de Turismo da Província.

Se se pensar, a propósito de Yúdice (2002), que a cultura veio a ser um “recurso” a ser administrado, pode se notar que “cultura” e o “turismo” estreitam seus vínculos. A transformação da cidade não aconteceu como um fim em si mesmo, mas sim como um meio a partir do qual se ativaram o comércio e os setores de produção de serviços na província. A fabricação de artesanatos, objetos de decoração, suvenires, espetáculos folclóricos, a circulação de músicos andarilhos interpretando música étnica, os lugares de entretenimento e diversão formam um conjunto de relações sociais e materiais que contribuem para a construção de identidades e diversas maneiras de representar e se tornar saltenho. Ao mesmo tempo, acentuou-se a marginalização, porque “Salta embelezada” não tolera vagabundos, nem prostitutas, nem travestis, nem meninos pedindo ou dormindo nas ruas. Desapareceram da visibilidade, ao menos nas zonas mais próximas ao microcentro e nas áreas de maior concentração comercial. Para isso se aumentou o sistema de vigilância, compraram-se novos veículos para a polícia da província, formaram-se filas de “polícia turística”, introduziram-se câmaras nas dez quadras ao redor da praça principal.

Por outro lado, essas transformações precisam criar condições para receber diversos grupos de profissionais, artistas, comerciantes que queiram e possam ali residir, desenvolvendo suas expectativas de vida. Isto quer dizer que Salta se vê obrigada a tornar-se uma localidade “pluralista”, o mais diversa e ampla possível, gerando diferentes políticas para que isto aconteça e afirmando-se em seus discursos e práticas.

Os processos de execução de políticas culturais – levadas a cabo pelo governo provincial e apoiadas por Pró-Cultura Salta que bem poderiam ser interpretadas como se pensadas e produzidas pela associação civil e postas em marcha pelo Estado – vieram acompanhados de um conjunto de problemas sociais dissimulados constantemente a partir da glorificação e da autoafirmação do próprio poder. O Estado, mediante a associação que estou analisando, cria a crença em sua legitimidade, chama o indivíduo à existência moral (Durkheim, 1974), disciplinando-o, neste caso, através da aprendizagem de como transformar-se em um cidadão “culto” e “civilizado”. Essas formas de governo produzem os meios para que isto aconteça, criam-se diversas instituições para que isto se faça possível.

A inauguração da Orquestra Sinfônica de Salta como fechamento da programação do Abril Cultural do ano de 2001 é um exemplo desse processo. A Orquestra apresentou-se e foi

ouvida pela primeira vez no Monumento ao Gen. Martín Miguel de Güemes, no Teatro Nossa Senhora do Huerto e em um boliche dançante. A criação dessa entidade musical foi uma política governamental que contou com o apoio absoluto de Pró-Cultura Salta. A apresentação diante do público foi organizada pela Secretaria de Cultura da Província e por Pró-Cultura Salta. Por outro lado, este fato dava continuidade ao início das inaugurações que se produziram entre os anos 2000-2007.¹⁴¹ Sobre a inauguração da Orquestra Sinfônica, eu me deterei no próximo capítulo, como também farei uma breve menção à abertura do novo edifício da Casa da Cultura.

O programa desse ano de algum modo mostra que a imagem publicitária não esteve presente nos folhetos de Pró-Cultura Salta, mas sim nos da Orquestra Sinfônica. As imagens poderão ser apreciadas no próximo capítulo.

Abris Culturais Salteños entre 2002-2006

A foto do programa do XXVI Abril Cultural é da autoria de Silvio Segal, encarregado do órgão de fiscalização de Pró-Cultura Salta. O desenho esteve a cargo das senhoras Luzia Usandivaras¹⁴² e Virginia Davids Cornejo.

Os tetos que se apresentam poderiam ser os da catedral. As tonalidades da programação são o vermelho e uma gama de cinzas com contrastes brancos. Em enquadre vermelho com letras brancas lê-se XXVI Abril Cultural Saltenho.

O vermelho e o preto apresentam-se em uma variação, mostrando a arquitetura colonial, evocando o passado reconstruído pelo governo provincial. São as mesmas cores que começam a aparecer nos táxis da cidade por regulamento provincial desde 1995; na bandeira de Salta; no símbolo do monumento a Güemes como Governo de Salta; em pôsteres de obras públicas da Municipalidade que diziam “desculpem o transtorno, estamos trabalhando para você”; em “O orgulho de ser saltenho” (uma propaganda do governo que foi feita sobre a imagem da bandeira de Salta) – tonalidades que se repetem também nos diversos municípios.¹⁴³

¹⁴¹ No ano de 2000 é reinaugurada a Casa da Cultura; em 2001 apresenta-se a Orquestra Sinfônica de Salta; em 2004 são criados o Museu de Arqueologia de Alta Montanha (MAAM) e o Museu de Arte Contemporânea (MAC); em 2007 é formado o Balé Estável da Província e é remodelado e aberto o Teatro da Província.

¹⁴² Sobrinha de Agustín Usandivaras.

¹⁴³ Imagem do Programa Geral do XXVI Abril Cultural Saltenho, 2002.

Na contracapa do programa do Abril Cultural apresentam-se os logotipos da organização, os sócios institucionais e os patrocinadores.¹⁴⁴ Em seu interior, este programa está organizado em um quadro de várias entradas: Dia; Hora; Lugar; Atividade; Organização e Patrocínio. Os lugares concedidos para a realização das atividades referem-se deste modo aos vínculos que nesse momento existiam entre as diversas instituições, a Secretaria de Cultura da Província, a Municipalidade e Pró-Cultura Salta, ou seja, os laços entre Agustín Usandivaras, Eleonora Rabinowicz, Carmen Martorell, José Mario Carrer, que é encarregado da crítica musical da Orquestra Sinfônica de Salta. As proximidades destes sujeitos são tanto físicas e subjetivas como espaciais...

A orquestra oferece concertos regulares que, durante o governo de Juan Carlos Romero e a gestão de Eleonora R. de Ferrer, realizavam-se todas as quintas-feiras na Casa da Cultura. A partir de 2001-2002, “a bandeira cultural da província”, como foi denominada por diversos sujeitos sociais, foi incorporada à programação do Abril Cultural, eventualmente dando um concerto “especial”, por exemplo, trazendo um solista renomado ou fazendo um ciclo de concertos em torno de alguma temática. Ali, onde a orquestra¹⁴⁵ ensaiava diariamente, funciona a administração da Secretaria de Cultura, local em que Eleonora tinha seu escritório, que dá para a rua, o que lhe permite ver a entrada e a saída das pessoas. Localiza-se em um segundo andar, com varandas também voltadas para o hall, a confeitaria e as entradas da sala Juan Carlos Dávalos.

Por sua vez, Carmen Martorell começava a se encarregar da Direção de Patrimônio da Província, estando seu escritório localizado no Centro Cultural América, da mesma forma que a sala outorgada para Pró-Cultura Salta, onde habitualmente transitava Agustín Usandivaras, entre algumas das pessoas do diretório. José Mario Carrer era encontrado em sua ótica, na rua



¹⁴⁴ Os patrocinadores no Anexo “Programas dos Abris Culturais”, correspondente ao ano de 2002.

¹⁴⁵ Logo depois de ser inaugurado o Teatro Provincial, em novembro de 2007, a orquestra passou a ensaiar ali. Com a mudança de diretor também a partir desse ano, ela dá concertos regulares, mas não necessariamente nas quintas-feiras.

de pedestres Flórida, em frente ao Museu Provincial de Belas Artes “Casa Arias Rengel”,¹⁴⁶ como também em frente à Municipalidade da Cidade. Ali disponibiliza fotocópias das críticas que faz dos concertos da orquestra e que são publicadas no jornal *El Tribuno*. Além desses lugares, Carmen Martorell, José Mario Carrer e Raquel Peñalva circularam por mais de dez anos pela Fundação do Banco do Noroeste-Fundação Salta, entidade que, em alguns casos, organiza atividades junto com Pró-Cultura ou oferece propostas de eventos a serem incorporados nos Abris Culturais.

Para que tantas instituições se as pessoas que circulam por elas são basicamente as mesmas? A partir das leituras dos programas e das conversas mantidas com os atores dessas práticas sociais, posso inferir que se trata principalmente de maneiras de conseguir recursos. Tanto Pró-Cultura Salta como a Fundação Salta usam categorias semelhantes para dar conta do aporte mensal que recebem de distintas empresas privadas para sustentar as entidades e para pagar os salários do pessoal administrativo. Pró-Cultura usa a denominação de “sócios institucionais”, enquanto a Fundação os chama de “sócios fundadores”.¹⁴⁷ As outras categorias

¹⁴⁶ Atualmente o Museu Provincial de Belas Artes se encontra em outro edifício onde funcionava um tribunal da província, do outro lado da rua situa-se o Complexo Provincial de Bibliotecas e Arquivos da Província de Salta. Logo depois da inauguração do Museu de Belas Artes (2008), a Casa Arias Rengel transformou-se em “Casa Museu A. Rengel”.

¹⁴⁷ A Fundação do Banco do Noroeste a partir de 2000-2002, aproximadamente, mudaria seu nome para Fundação Salta. Ambas as fundações foram conformadas provavelmente por um mesmo grupo de empresários, embora as propriedades de cada delas tenham se modificado com o tempo. Estas fundações merecem um estudo por si mesmas, mas pode se destacar que se trata de negociações que diversos empresários e banqueiros foram construindo nos últimos 30 anos do século XX. Segundo Raquel Peñalva, ali funcionava o *Diário Norte*, que utilizou empréstimos do Banco do Noroeste para construir suas instalações. Ao fechar o periódico, o Banco fica com o estabelecimento e, em vez de fazer outra sede para o banco, seu diretor, o sr. Manuel Cabada, propõe ao resto da comissão diretora construir um “teatrinho” porque gostava muito das zarzuelas. Dessa maneira, estabelece-se a Fundação do Banco do Noroeste. Esta entidade dispôs, enquanto durou o banco, de um orçamento fixo para a promoção cultural. Aproximadamente nos anos 2001-2002 o banco funde-se com outro. Seu presidente, Juan Carlos Gottifredi, que foi em certa época reitor da Universidade Nacional de Salta, negociou a sua absorção pelo Banco Caseros de Buenos Aires, supondo que este último teria maior estabilidade econômica. Nesse momento, ambos caem em bancarrota, enquanto surgia o “Grupo Macro”, sendo um de seus investidores Juan Carlos Romero. O governador da província negocia com os antigos investidores do Banco do Noroeste a retenção de seus edifícios. À Fundação do Banco do Noroeste propõe deixar o edifício da rua General Güemes, onde funciona a fundação, por um prazo de 99 anos. Enquanto isso, a província absorve o Banco Província, localizado ao lado da catedral, e outro na rua Caseros, também a uma quadra da praça principal. Desse modo, a “Fundação do Banco do Noroeste” muda seu nome para “Fundação Salta, sendo constituída por um grupo de “empresas fundadoras” que contribuem mensalmente para a manutenção da instituição. Esses sócios são: “Água de Salta”; “Banco Macro”; “Canal 11”; “Central Térmica Güemes S.A.”; “EDESA S.A.”; “Mineira do Altiplano S.A.”; “Refinor S.A.”. Existem outras categorias de sócios, sendo uma delas a dos “protetores”, formada por: “Andes Linhas Aéreas S.A.”; “Dinar S.A. Câmbio, bolsa e turismo”; “Instituto Salta Seguros de Vida S.A.”; “Banco MASVENTAS”; “Mozarteum Argentino Filial Salta”. Também aí estão os sócios “contribuintes”: “Bodegas Etchart”; “Cable Express”; “Cornejo Costas & Vidal”; “Hotel Ayeres de Salta”; “Marc Chagall”; “Mensagem Publicidade S.R.L.”; “Salta Resfrescos S.A.”; “Zum Vídeo Clube”. As referências dessas

empregadas, como “patrocinadores” ou “sócios contribuintes”, referem-se principalmente ao tipo de contribuição que estas instituições realizam, não se trata da cota anual de uma quantia estipulada, mas sim ocasional, para o desenvolvimento de atividades específicas.

A questão econômica em relação à produção cultural não só é complexa como também borra as fronteiras das supostas ordens sociais. Economia, sociedade e Estado, para retomar a discussão levantada por Timothy Mitchell (1999), se atravessam, entremeando os vínculos interpessoais a partir dos quais fluem recursos. Um conjunto de códigos civis e comerciais regula as práticas sociais, tanto daquelas que são concebidas como sociedade, como as econômicas. Precisamente, *“a aparência de que Estado, sociedade ou economia estão separadas é a maneira como um sistema financeiro e econômico se mantém. A aparente fronteira do Estado não marca os limites dos processos de regulação. É em si o produto desses processos”* (Mitchell, 1999, p. 84).

Entretanto, a utilização das fronteiras do Estado, se pensada a partir de um conjunto de práticas legais, permite que os recursos econômicos de diversas instituições possam circular “sem dificuldade”. As estratégias com que o Estado cria a si mesmo como centro de poder são utilizadas para borrar seus próprios limites. Conforme se transformam o aparelho governamental e as formas de regulação das diversas práticas, ou seja, como determinadas políticas governamentais podem modificar a estrutura mesma do Estado – já que se trata de uma permanente formação – modificam-se as interações entre as instituições que podem parecer alheias a ele, como a economia. Ao mesmo tempo, nesse produzir constantemente a si mesmo, outras políticas (também entendidas como políticas governamentais, embora não necessariamente transformem suas estruturas) são utilizadas para transitar por ele.

Tudo isto para dizer que as mudanças do nome de uma fundação, como a Fundação Salta, dá conta das políticas produzidas pelos governos provincial e nacional, das negociações que estabelecem entre si os grupos econômicos e das dinâmicas no interior das fundações que eles geram. Essas relações entre grupos econômicos e administrações públicas não só têm a ver com a dinâmica da economia, como também são os financiamentos ou as contribuições de que dispõem para a produção cultural. Ao mesmo tempo, vinculam-se aos convênios mantidos com os órgãos de governo, já que se encontram legislados e existem procedimentos a seguir, em que os órgãos de execução do Estado podem intervir diretamente sobre os bens materiais.

empresas foram extraídas de um programa de atividades da entidade, e a narração do processo se deu a partir da entrevista realizada com Raquel Peñalva. Cabe mencionar também que a Fundação Salta conta com um subsídio anual do Instituto Nacional de Teatro e realiza um ciclo de cinema denominado “Cinema Arte Ricardo Castro”.

Precisamente nessas situações é que a proximidade das pessoas atua produzindo diversos desfechos possíveis.

Por outro lado, e relacionado com o anterior, as contribuições que as diferentes empresas possam fazer para o desenvolvimento cultural encontram-se reguladas por leis nacionais e provinciais; dessa maneira, escolhem-se os mecanismos apropriados para liberar recursos e reduzir seus impostos em relação aos lucros,¹⁴⁸ através de “contribuições” ou “doações” para que a sociedade se desenvolva. Por meio da lei nacional de imposto, as empresas não tributam 5% de seus lucros ao Estado, porque realizam uma “devolução à comunidade”, ou um “retorno”, dependendo de que tipo de associação se trate.¹⁴⁹ Também se produzem outros lucros, ao serem incluídas em diversos folhetos e pôsteres, promovem-se, incrementam seus prestígios e atribuem-se a preocupação pelo “bem” da comunidade, já que se importam com o “desenvolvimento humano e cultural”.

Isto permite que Pró-Cultura Salta afirme que as empresas “colaboram”, que “estamos com o governo e com as empresas” e que juntos podemos “atender” ao “desenvolvimento do homem”. Por outro lado, o governo provincial afirma que “*se **associa** assim ao esforço das numerosas entidades e particulares que participam deste acontecimento tecendo uma rede espiritual em benefício coletivo*” (Discurso do governador para a programação de 1999. Negrito meu).

Nesses discursos, dissolve-se qualquer tipo de interesse, entre eles, o econômico, fazendo com que o desenvolvimento das pessoas seja o objetivo primordial. O que mais importa é a “elevação” do espírito por meio das artes e, na medida em que os sujeitos alcancem esse propósito, a “comunidade”, o “povo” ou a “sociedade” (como se estes termos fossem sinônimos) em seu conjunto se desenvolvam, criando-se desta maneira uma (nova) “história”.

A partir de 1998, como venho assinalando, cada vez mais se diluem as atividades organizadas por Pró-Cultura, ao mesmo tempo em que se incrementam as realizadas no

¹⁴⁸ Lei Nacional Nº 20628/97, Art. 20. - “Estão isentos de encargos: [...] f) Os lucros que obtenham as associações, fundações e entidades civis de assistência social, saúde pública, caridade, beneficência, educação e instrução, científicas, literárias, artísticas, corporativas e as de cultura física ou intelectual, sempre que tais lucros e o patrimônio social se destinem aos fins de sua criação e em nenhum caso se distribuam, direta ou indiretamente, entre os sócios. Excluem-se desta isenção aquelas entidades que obtêm seus recursos, em tudo ou em parte, da exploração de espetáculos públicos, jogos de azar, corridas de cavalos e atividades similares.”

Ver: http://biblioteca.afip.gov.ar/afipres/Ganacias_Ley_20628_97.pdf

¹⁴⁹ Quem me explicou esta lei e seu funcionamento foi o sr. Oscar Aguirre (16/4/1968), estudante de Ciências Econômicas na Universidade Nacional de Salta. Seu conhecimento do funcionamento das instituições, mais que por sua estada na universidade, lhe foi dado por seus distintos trabalhos nas fundações do Canal 11, primeiro e depois como operador de cinema da Fundação do Banco do Noroeste, chamada mais tarde de Fundação Salta. Atualmente trabalha na bilheteria da Casa da Cultura.

interior da província. Os municípios foram adotando o Abril Cultural Saltenho, produzindo variações, como “Abril Cultural Moldenho”, em Coronel Moldes, ou aparecerá nos programas “fechamento do Abril Cultural”, em Rosario de Lerma, Cerrillos...¹⁵⁰ isto é, que os municípios acompanharam o movimento cultural iniciado na capital. San Ramón de la Nueva Orán reinaugurou sua Casa da Cultura; em Metán celebrou-se o “50º Aniversário de Inauguração do Palácio Municipal”, ou em Joaquín V. González foi inaugurada uma Casa da Cultura. Os Abris Culturais levados a cabo nos municípios são organizados por Pró-Cultura e as respectivas municipalidades, recebendo o patrocínio da Secretaria de Cultura da Província.

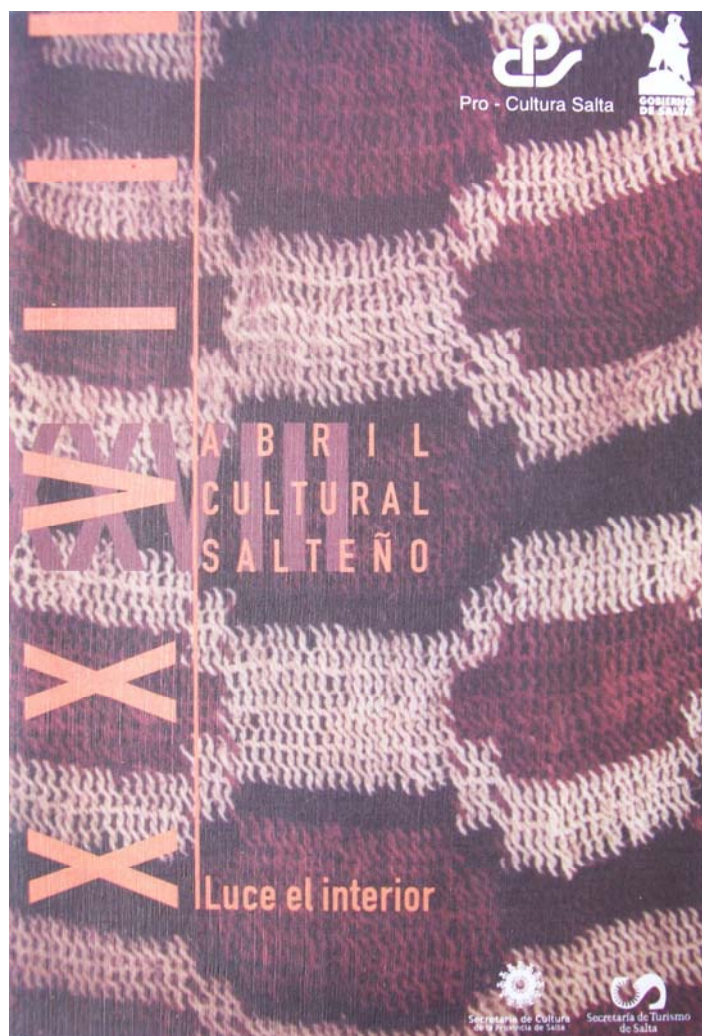
Posso supor que a dinâmica que se estabelece com os municípios talvez se deva à paulatina concentração do Estado provincial, como consequência, entre outras, de um projeto civilizatório iniciado na cidade, na medida em que se propõe a produzir uma cultura legítima que todos devem ter. Em outros casos, trata-se dos vínculos estabelecidos com o turismo. Embora a participação de diversos elencos em localidades do interior tenha sido contemplada desde os primeiros Abris Culturais, esses municípios não são exatamente os mesmos. Novos lugares se tornaram objeto de interesse, seja por destacarem as paisagens naturais a eles associadas, ou o legado indígena (San Antonio de los Cobres, Iruya, Colonia de Santa Rosa), ou porque, além de serem “lindos por natureza”, produzem “vinhos de qualidade” (Cafayate, principalmente, e em menor medida o circuito dos Vales Calchaquíes). Em cidades como Tartagal e Orán, a atenção talvez esteja em “sanar uma dívida social”, porque estas localidades, a partir de 1995-1997, sofreram a desestruturação de sua dinâmica econômica e social. Trata-se de cidades abastecidas pela exploração petrolífera e, ao serem as empresas estatais privatizadas, produziu-se um alto índice de desocupação.

Poder-se-iam recordar as argumentações de Yúdice (2002) sobre como a cultura vem a ser um recurso, na medida em que deve ocupar as funções que corresponderiam a um Estado que se transformou, deixou de ser “benfeitor” para reger-se por políticas neoliberais. Nesse sentido, a cultura pode criar seus próprios argumentos para “saldar dívidas”, para solucionar problemas sociais de marginalização e desocupação, entre alguns problemas, para contribuir

¹⁵⁰ A partir de um trabalho de campo realizado para a matéria “Técnicas e métodos de investigação II”, do curso de licenciatura em Antropologia Social, estive em 2005 na localidade de Coronel Moldes. Naquele tempo estava indagando sobre as atuações da Orquestra Sinfônica de Salta em diversas cidades. Tendo conhecimento que esta esteve ali, procurei entrevistar algumas pessoas, entre elas, o secretário de Cultura e Ação Cultural da mencionada Municipalidade, sr. Mario García. Ele comentou que há alguns anos em Coronel Molde desenvolviam-se os Abris Culturais. Ao que parece, eram de iniciativa própria. Hoje podemos constatar que essas atividades foram organizadas por Pró-Cultura Salta e patrocinadas pela Secretaria de Cultura da Província.

para o “desenvolvimento” humano, para favorecer o crescimento econômico através do “turismo cultural”, em que se disputam também identidades. Embora exista o apelo a diversos qualificativos a partir dos quais é utilizada a cultura, não se podem perder de vista duas coisas: em primeiro lugar, não deixa de ser um projeto civilizatório, na medida em que constrói sujeitos sociais e morais; em segundo, embora o Estado tenha se transformado e deixado de ser “benfeitor” para tornar-se “neoliberal”, é o próprio Estado saltenho que, em sua contradição de reproduzir incessantemente diferenças e desigualdades sociais, gera os mecanismos para dissimulá-las.

O Abril Cultural do ano 2004 foi apresentado mediante as complexas relações entre turismo e cultura e as construções de identidade que possam surgir dessas relações. À diferença de programas anteriores, aquele teve um título que aglutinou as apresentações desse Abril, sendo a designação uma inovação em relação aos XXVII Abris anteriores. Denominou-se “Brilha o interior”. A foto empregada, como pode ser apreciada, é um tecido indígena feito pelos “wichis”. Para a confecção desses artesanatos, logo vendidos, utiliza-se um vegetal denominado chaguar.¹⁵¹



¹⁵¹ Chaguar é um vegetal que cresce no chaco saltenho, sendo esta uma área geográfica onde se assentam diversos grupos étnicos, entre eles wichis, tobas, chorotes, chulupíes, guaranis. É uma planta que se encontra em extinção devido a processo de desmatamento paulatino em função do avanço de cultivos extensivos de soja e poroto [variedade de feijão, um tipo de cereal]. Esse processo teve fortes impactos não só ambientais, mas também sociais, já que as mencionadas populações foram e continuam sendo deslocadas constantemente. Estes povos estão assentados no departamento de San Martín, sendo as cidades mais importantes Tartagal, Aguaray, Embarcación, General Enrique Mosconi, General Ballivián, Professor Salvador Mazza.

No Abril “Brilha o interior” pode se notar o dinamismo das apresentações pelos diferentes municípios, tal como fiz referência em parágrafos precedentes. Por outro lado, realizaram-se exposições, como “Calchamix: exposição de cultura Calchaquí”¹⁵² ou “2ª mostra de moda étnica do NOA”. O indígena, apresentado como “étnico”, transforma-se em objetos de consumos e de atração turística, ao mesmo tempo em que esses grupos modificam suas formas de reprodução social, suas representações e as maneiras de se apresentarem como diversos atores sociais.

Seguindo esta política, a abertura do Abril Cultural de 2005 foi com a obra “Espelhos de minha terra”, um espetáculo de danças folclóricas e indígenas, provavelmente sem eles, a cargo do grupo de danças da localidade de Cerrillos, junto com o Coral Arsis, da cidade de Salta. Os elencos, deste modo, trocaram seus lugares de apresentação, afastaram-se alguns metros do Monumento a Güemes para o centro comercial, o Alto Noa Shopping.

Na entrada do século XXI, as adjetivações para referir-se à cultura associam-se cada vez mais à produção e ao consumo, incorporam-se à linguagem de Pró-Cultura noções como “gestão cultural” enquanto “filosofia” da “organização”. A filosofia de gestão cultural que se propõe a introduzir insiste em dois aspectos: “*a demanda de serviços culturais*” e “*o incentivo de produções locais*”. Isto se torna possível ao ampliar os “*circuitos de produção e consumo*” (Programa do XXXI Abril Cultural Saltenho, 2007), circuitos estes que foram criados paulatinamente.

A linguagem de “gestão cultural” incorpora palavras do âmbito econômico, gerando uma narrativa orientada menos para o “cultivo” do ser humano, ao menos na aparência, como uma maneira de tornar-se sujeito no mundo, e mais para as formas de governo que isto implica; a outra vinculada ao consumo e à produção da cultura. Esta “filosofia” de gestão cultural redefine as políticas culturais, estabelece uma descontinuidade associada também aos processos de subjetivação.

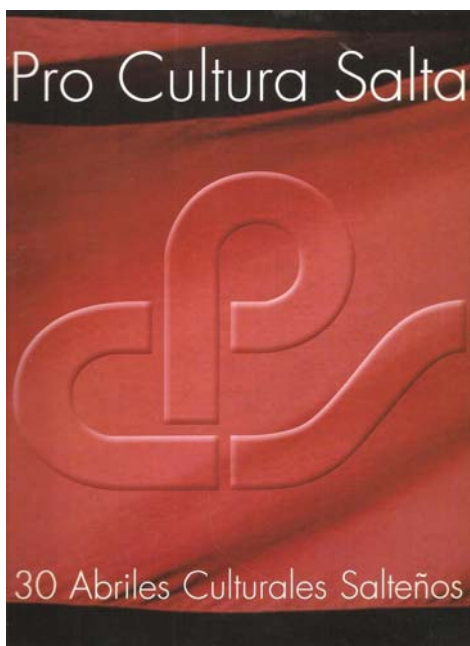
Salta é cultura

Imagem do Programa Geral do XXVIII Abril Cultural Saltenho, 2004. Fotografia de Sebastián Canepa, desenhado por Correveydile.

¹⁵² O vale Calchaquí conforma a região vale-serrana na província de Salta. É uma zona árida com uma importante percentagem de população indígena, hoje reconhecidos como “vallistos”. “Cultura calchaquí” faz referência à constituição atual dessa população, mas também diz respeito a povos pré-hispânicos, extremamente heterogêneos em sua composição.

No ano de 2006 Abril Culturais Saltenhos, uma celebração ocasião foi realizada uma denominada “7 artistas x escolheram sete artistas Como parte dessa livro chamado *Pró-Culturais Saltenhos*, a que

A primeira página diversos logotipos: Pró-Província, Secretarias de Municipalidade de Salta, Mozarteum Argentino



cumpriram-se os XXX momento propício para comemorativa. Para esta amostra inaugural 7 Obras”, em que se e sete de suas obras. mostra, foi editado um *Cultura Salta. XXX Abris* já fiz referência.

do livro apresenta os Cultura Salta, Governo da Turismo e de Cultura, a Fundação Salta, Filial Salta, Orquestra

Sinfônica de Salta e Escola de Música da Província. Depois aparecem os símbolos das empresas que patrocinaram o evento. Estas mesmas empresas voltam a ser reproduzidas na orelha da contracapa. Ao abrir o livro, estão os discursos do governador da província, senhor Dr. Juan Carlos Romero, denominado “Uma política cultural para fortalecer a coesão social”, e o do presidente do diretório, senhor Agustín Usandivaras (h), intitulado “Os Abris Culturais: trinta anos promovendo a cultura”. Ambos os discursos encontram-se acompanhados de uma foto de cada um deles.¹⁵³

Segue-se a história da instituição escrita por Carmen Martorell.¹⁵⁴ Na continuação são apresentados os sete artistas com as sete fotografias das obras que seriam exibidas na mostra e celebração. Os artistas são: Alina Neyman Zerda,¹⁵⁵ Carlos Luis “Pajita” García Bes,¹⁵⁶ Jorge

¹⁵³ Foto da capa do livro *Pró Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*, 2006.

¹⁵⁴ Como assinaléi ao longo dos capítulos, embora convenha reafirmá-lo, Carmen Martorell sucede oficialmente à historiadora de arte local. Nas diversas páginas eletrônicas da província de Salta é ela quem narra sobre a arte, a cultura e os artistas. Um exemplo disso é <http://www.portaldesalta.gov.ar/>

¹⁵⁵ Alina Neyman Zerda nasceu em Carmen de Patagones, província de Buenos Aires. Professora de desenho e pintura, formou-se pela Escola Provincial de Belas Artes de Salta “Tomás Cabrera”, sendo ali seus professores Carlos Luis García Bes e Luis Preti. Desde 1972 exerce a atividade docente na mencionada instituição. Recebeu prêmios e menções de distintos salões da província de Salta (Salão de Artes Plásticas, Prêmio Aquisição do Ministério de Bem-estar Social de Salta, Salão de Junho do Clube 20 de Fevereiro, Salão de Artes Plásticas da Universidade Nacional de Salta, Salão de Artes Plásticas da Província, Salão Jorge Martorell). Desempenhou-se como jurada em certames provinciais, regionais e nacionais. Foi membro do Conselho Assessor do Museu de Belas Artes de Salta. Suas obras encontram-se em coleções particulares: a Fundação Salta, os Museus Provinciais de Belas Artes de Salta, Gómez Cornet de Santiago del Estero, Arte Moderna da Universidade Nacional de Salta e em coleções privadas da Argentina, França, Holanda, Espanha e Estados Unidos. In: *Pró Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*, 2006, p. 25.

¹⁵⁶ Sobre este artista, fiz referência no capítulo II.



Hugo Román,¹⁵⁷ Alejandro de la Cruz,¹⁵⁸ Facundo da Zuviria,¹⁵⁹ Alberto Klix Cornejo,¹⁶⁰ Mariano Cornejo Lasteche.¹⁶¹ Para cada um deles há uma pequena referência biográfica e depois é introduzido um trecho de uma curadoria feita para alguma de suas exposições. Os autores desses trechos são diferentes.¹⁶²

A comemoração realizou-se no Centro Cultural América, um edifício neoclássico com grandes escadas. Ingressar no edifício implica subir uns degraus, depois deles chega-se a uma sala de espera, nesse mesmo pavimento há quatro aposentos. Dois que dão diretamente para a rua Mitre, em frente à Praça 9 de Julho. Um dos outros

dois é amplo, o último tem um pequeno cenário. Este situa-se à direita da escada principal.

¹⁵⁷ Nasceu em 1925 na Capital Federal. Estudou na escola de Belas Artes “Manuel Belgrano” e na escola “Pridiliano Pueyrredón”. Chegou a Salta em 1944 por meio de uma bolsa de estudos outorgada por Miguel Solá, então diretor da escola “P. Pueyrredón”. Recebeu o Grande Prêmio de Honra “Presidente da Nação Argentina” no Primeiro Salão Nacional de Desenho e Pintura, com o desenho “O juiz de Paz”. Entre os anos 1958-1978 foi professor de Desenho e Cor na Escola Provincial de Belas Artes de Salta, quando então se aposenta. Morreu em julho de 2004. In: *Pró Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*, 2006, p. 45.

¹⁵⁸ Nasceu em Buenos Aires em 30 de janeiro de 1959. Estudou nas Escolas Nacionais de Belas Artes Manuel Belgrano e Prilidiano Pueyrredón. Foi bolsista no Brasil para estudar gravura em Ouro Preto, Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1980 radicou-se em Salta e desde então exerceu a docência na Escola Provincial de Belas Artes “Tomás Cabrera”. Morreu em 6 de agosto de 2003. Participou de bienais, salões nacionais, encontros de escultores no país e no exterior. Ganhou prêmios nacionais e internacionais e numerosas bolsas de estudo. Em: *Pró Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*, 2006, p. 55.

¹⁵⁹ Nasceu em Buenos Aires em 1954. Em 1980 tornou-se advogado pela Universidade de Buenos Aires e depois se dedicou exclusivamente à fotografia. Entre 1983-1989 trabalhou como fotógrafo no Programa Cultural em Barrios, da Secretaria de Cultura da Cidade de Buenos Aires. Em 1987 projetou um Museu de Fotografia para a mencionada cidade. Entre 1989-1991 organizou e dirigiu projetos de preservação do patrimônio fotográfico argentino para a Fundação Antorchas. In: *Pró Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*, 2006, p. 65.

¹⁶⁰ Nasceu em Salta em agosto de 1944. Autodidata. Recebeu prêmios de Salões Nacionais de Artes Plásticas (1993, 1998). Expôs em: Museu Sívori, Sociedade Argentina de Artistas Plásticos, Fundo Nacional das Artes, Museu Provincial de Belas Artes de Salta, Museu de Belas Artes de Jujuy, Salões da OEA, Uruguai, Espanha e Alemanha. In: *Pró Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*, p. 2006.

¹⁶¹ Nasceu em Salta em 1963. Em criança teve aulas com Julio Coll Arias e Osvaldo Juane. Em 1980 ingressou na Escola Nacional de Belas Artes “Pridiliano Pueyrredón” e sai dela em 1985 como professor de Belas Artes, especialidade em Pintura. Desde 1978 participa de mostras coletivas (Salão Anual de Artes Plásticas de Salta, Salão de Pintura Rioplatense, Instituto Jung-Museu Sívori, Museu Provincial de Belas Artes de Salta, Concurso Nacional de Pintura da Caixa de Madrid, Museu Nacional de Belas Artes, em galerias dos Estados Unidos, Espanha e Alemanha). In: *Pró Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*, 2006, p. 75.

¹⁶² Foto da contracapa do livro *Pró Cultura Salta. XXX Abris Culturais Saltenhos*, 2006.

Todo o piso é de *parquet*, há grandes lustres pendurados nos tetos e uma imponente escada de mármore branco. Subindo por ela há um patamar e aí a escada se divide em duas. O segundo andar reproduz a mesma estrutura que a de baixo, embora em vez de haver dois quartos que dão para a rua, converte-se em um grande salão, o “Salão Branco” do Centro Cultural América. Esta sala tem um enorme lustre, cortinas que cobrem as portas-janelas que dão para a rua, e um grande espelho.

A apresentação da mostra “7 artistas por 7 obras” começou desde os primeiros degraus da entrada do edifício, em cada soleira eram repetidos sucessivamente os nomes dos artistas homenageados. As placas vermelhas de letras brancas conduziam à mostra. Na entrada, uma senhorita pedia os convites para o ingresso à festa. Ao pé da larga escada de mármore, coberta por um estreito tapete vermelho que levava ao Salão Branco, encontravam-se dois gaúchos levando a bandeira de Salta. No Salão, o governador fez um discurso inaugural.

Logo depois das palavras, a festa: champanhe, vinhos, empanadas e canapés. O governador, de braço com a secretária de Cultura, passeava admirando com grande sensibilidade as obras de arte, signos de “nossa identidade”.

O primeiro mandatário provincial junto com sua esposa Carmen Lucía Marcuzzi [...] o Intendente da cidade, Miguel Isa; o presidente de Pró-Cultura Salta, Agustín Usandivaras, a secretária de Cultura da Província, Eleonora Ferrer, pessoas ligadas ao ambiente cultural, artistas, empresários e convidados especiais (*O Tribuno*, 4/4/2006. Espetáculo IX).

As pessoas, muito bem vestidas para a festa, não advertiram um dos rapazes que, cambaleando, percorreu o Salão Branco, até quebrar uma garrafa de champanhe no chão. O governador tirava fotos junto à obra do García Bes, o mais consagrado dos artistas “saltenhos” por estar ligado aos princípios institucionais da plástica saltenha, criador da Escola de Belas Artes e funcionário do Estado.¹⁶³

Estavam presentes diversos funcionários de distintas repartições administrativas, os membros do diretório de Pró-Cultura Salta, parentes dos artistas, professores universitários, estudantes, músicos, artistas, fotógrafos, jornalistas...

Um dos dois quartos estava fechado e o outro foi destinado como “cozinha”. Ali estavam as bebidas e as comidas. Os rapazes utilizavam uma porta lateral para entrar e sair servindo os convidados. Em frente dos quartos havia duas mesas; na que ficava diante da cozinha foram colocados os livros dos “XXX Abris Culturais” para venda. Havia uma senhorita vestida de calça preta e jaqueta bordô encarregada desta tarefa. A outra mesa era ocupada com refrigerantes, taças, guardanapos, e ali iam sendo colocadas as coisas sujas.

¹⁶³ Esta descrição se complementa com alguns comentários compartilhados com Luna de la Cruz, antropóloga, que naquele momento realizava um exercício etnográfico para a disciplina “Antropologia Política”, além de ter sido convidada como parente do homenageado, o artista Alejandro de la Cruz.

A comemoração foi a ocasião para encenar as criações dos artistas a partir das quais se materializam as políticas culturais levadas a cabo tanto pelo governo como por Pró-Cultura Salta, ao mesmo tempo em que dão conta da preservação e do incremento do patrimônio cultural provincial. Nela se espetaculariza “Salta é Cultura” e, mediante as obras plásticas, produz-se “nossa plástica”. As obras de arte tornam-se os meios através dos quais se produz e se afirma a crença política, convertem-se nos símbolos de nossa identidade e, nessa conversão, inscreve-se o poder. A materialização de “nosso patrimônio” torna-se imperecível, incorpora o tempo, com o passado sendo presente e, às vezes, futuro.

A festa realiza-se para que “todos” apreciem “nossa plástica”, “nossa cultura”, embora se precise de uma “sensibilidade” que foi formada durante XXX Abris.

Minha preocupação naquela ocasião era ver como se esvaziava a cerimônia; seus inícios, eu os havia presenciado reiteradamente através da observação dos concertos da Orquestra Sinfônica. Daquela vez quis ficar até o final. As pessoas se foram, uma vez que as bebidas e as comidas acabaram, e porque se tratava de um dia útil, pois no outro dia a maioria das pessoas trabalhava. O governador, sua esposa, a secretária de Cultura, o presidente de Pro Cultura ficaram até o final. Passaram para buscar o governador em um carro preto, com vidros não-transparentes; dele desceram três ou quatro guardas que ficaram na porta de entrada do Centro Cultural América. Com o veículo estacionado na porta, o governador e sua esposa desceram e juntos se retiraram, seguindo atrás deles os guardas. Atrás do carro onde estava o governador, um segundo o seguia, protegendo-o.

Enquanto isso ocorria, as mesas eram limpas, os rapazes terminavam de retirar as coisas sujas, as moças, vestidas de negro e bordô, guardavam os livros que tinham estado à venda e os levavam para o escritório de Pró-Cultura, localizada no mesmo edifício.

Mediante esta celebração, uma vez mais se afirma Salta como “cultura”, desta vez através das obras plásticas que constituem o patrimônio provincial. O projeto político cultural do governo provincial mediado por Pró-Cultura estava chegando ao seu final. Um ano mais lhe restava, e como não fazer pompa desse projeto que tanto serviu para construir identidades e afirmar os “saltenhos” como pessoas cultas e civilizadas? Entretanto, a história não acaba aí, continua. O diretório de Pró-Cultura Salta se mantém no mesmo formato até o dia de hoje, mas antes de se retirarem, o governador e a secretária de Cultura de seu governo fizeram uma “doação” à instituição. O governo terminava seu mandato em dezembro de 2007; em novembro do mesmo ano, por regulamento provincial, deixaram em “comodato” uma casa por um período de vinte anos para que ali funcionasse a instituição que durante 30 Abris havia perambulado por diversos edifícios da administração pública.

A casa foi uma doação do poeta Ernesto Aráoz, tendo sido em uma ocasião estabelecimento da Escola Superior de Música, depois se tornou um cassino. Remodelada, no estilo dos outros edifícios do governo, transformou-se na sede de Pró-Cultura Salta. Ali

trabalham Agustín Usandivaras, Eleonora Ravinowicz de Ferrer e outras pessoas que foram funcionários do governo do Romero na Casa de Salta, em Buenos Aires.

Através principalmente da leitura dos programas, quis mostrar as transformações produzidas no interior de Pró-Cultura Salta, as relações estabelecidas por distintas pessoas, as “amizades” construídas entre elas e as ligações que esses vínculos lhe permitem estabelecer com o governo provincial através das práticas culturais. Essas práticas na maioria das vezes se dizem “não-governamentais” mas, seguindo os percursos transitados por cada uma das pessoas que integram o diretório, pude ver que a distância com o Estado se produz na aparência ou como uma estratégia política.

Relacionado com o anterior, tentei mostrar as modificações em torno do lugar que ocupa Pró-Cultura Salta na “organização” dos Abris Culturais, os espaços ganhos e negociados com as empresas, as distinções que essas associações econômicas geram na produção cultural e nas práticas políticas.

De algum modo, também quis destacar o caráter inventado de uma tradição que chama a si mesma de “cultura”, a partir da qual se dissimulam permanentemente as relações políticas e, sobretudo, a origem da instituição durante o governo militar.

Se os programas serviram para refletir sobre alguma coisa, foi em torno de como muitas vezes os Abris Culturais são percebidos por diversos saltenhos (amigos, entrevistados, funcionários, membros do diretório de Pró-Cultura Salta, músicos, artistas plásticos, atrizes) como uma tradição, no sentido de que se realizam sempre e, por isso, estão instituídos. Espera-se cada mês de abril com vontade de ver, escutar alguma coisa “interessante”. Se não acontecer desse modo, ouvem-se comentários, como “neste Abril não há nada para fazer”, “está horrível”, “não é o mesmo de antes”.

Esperar os Abris Culturais como um acontecimento é outorgar-lhe certa legitimidade que se baseia no “costume”, em sua permanência, na repetição de cada ano. É carregá-los de sacralidade e trazê-los para “este ano” sem tempo de início, pois se realizam “desde tempo imemorial” e, por isso, convertem-se em uma tradição, enquanto apelam para diversos elementos e técnicas mediante os quais são produzidos, ativados na vida de diferentes pessoas e na “vida cultural” em Salta.

Em cada ano há um esforço de reviver um passado que tornou possível o “Abril Cultural” e também “este” Abril. O passado serve para projetar e construir o futuro, para construir uma memória através da cultura por meio dos Abris Culturais Saltenhos. Ao mesmo tempo, a repetição sucessiva e incessante de cada ano realiza de um modo diferente cada Abril Cultural. Não são as mesmas formas de organização, nem de receber apoio, nem de aderir a determinadas práticas culturais. Tampouco são os mesmos discursos ou as mesmas relações sociais. O que alguma vez marcou sua originalidade, aquilo que fez um mês de abril qualquer diferente, perdeu-se por seu efeito de repetição, por sua rotinização.

A rotina, sua repetição incessante fazem os Abris Culturais uma tradição que permite ser invocada em qualquer momento... e, como se disse em 1981, converter Salta, mediante estas atividades, em uma “tradição do futuro”.

Capítulo IV: “Cultura” e os processos sociais de criação da Orquestra Sinfônica de Salta

No último capítulo analisado tentei mostrar, entre outras coisas, como os Abris Culturais Saltenhos foram sendo governamentalizados, a partir do protagonismo adotado pelo governo da província na “organização” dos eventos, graças ao conjunto de redes sociais construídas entre os sujeitos. Enquanto essas transformações ocorriam, a associação realizou duas celebrações que lhe permitiram construir uma memória da própria instituição, construir uma imagem de “Salta, culta”, ao mesmo tempo em que se legitimava em suas posições sociais e políticas. Nessa invenção de uma memória, foi criado um projeto cultural e moral. Neste capítulo, insisto nos modos de governar, isto é, em como são produzidos sujeitos morais. Por isso, escolhi analisar a criação da Orquestra Sinfônica de Salta, ainda que para chegar a este momento considere importante levar em conta outras transformações sociais. Uma das perguntas que guiarão esta análise é como a “cultura” é performatizada e como ela é instituída em “Salta é cultura”.

Embora o governo provincial tenha colocado a serviço todo o aparelho governamental para criar uma orquestra, isto foi possível em função de um trabalho social e pedagógico anterior. Por outro lado, “coincide” com as mudanças produzidas no interior de Pró-Cultura Salta a reestruturação de sua diretoria e os cargos públicos que cada um deles ocupava. É difícil poder estabelecer as distâncias entre o Estado e uma associação civil na medida em que são basicamente as mesmas pessoas as que têm o poder de “pensar” e “executar” as políticas produzidas de um lado ou de outro. Pelo contrário, o que se evidencia é precisamente o trabalho “de interesse comum”. O palco desse trabalho conjunto foram os Abris Culturais dos anos 1999-2001.

A criação da Orquestra Sinfônica de Salta não foi para nada “harmoniosa”, envolveu a reorganização não somente de músicos que ganhavam a vida como tal na cidade de Salta, mas também a transformação do próprio Estado provincial. Foi o resultado de uma complexa concentração de seus poderes e a consolidação de um projeto civilizatório. As mudanças às quais me refiro estão vinculadas à criação de um Instituto de Música e Dança e, como órgão dependente deste instituto, a Orquestra Sinfônica de Salta. Essas modificações ocorreram entre os anos 1999-2001. Neste capítulo, proponho-me a analisar, por um lado, a constituição de tal instituto e como os sujeitos experimentaram a dissolução das orquestras de Câmara Municipal e Estável da Província, enquanto processo de formação da Orquestra Sinfônica. Por

outro, as celebrações da “cultura” através da análise da reabertura do novo edifício da Casa da Cultura, como os concertos inaugurais da Orquestra Sinfônica.

A confirmação do Instituto de Música e Dança da Província de Salta e da Orquestra Sinfônica de Salta

O projeto de lei nº 7.072 de criação do Instituto de Música e Dança da Província e da Orquestra Sinfônica de Salta tem início em 14 de outubro de 1999 na Câmara de Deputados, depois passa para a Câmara de Senadores e retorna para a Câmara de Deputados para a sua aprovação definitiva. Finalmente, a aprovação é publicada no Diário Oficial do dia 2 de maio de 2000. Em tais discussões parlamentares, são atribuídos sentidos à “cultura”, que serão celebrados nas inaugurações da nova Casa da Cultura e nos concertos inaugurais da orquestra.

A lei nº 7.072 está dividida em três capítulos. O primeiro, composto por diversos artigos, apresenta o âmbito de ação do Instituto de Música e Dança. Compete a ele

preservar, promover e divulgar a arte como técnica musical e em dança, em seus *valores nacionais como universais*; coordenar a Orquestra Sinfônica de Salta e outros elencos que com o tempo vão sendo incorporados; facilitar e promover grupos independentes em matéria musical e de dança, cuidando da qualidade como *reflexo da identidade provincial no âmbito cultural* (Lei nº 7.072/2000. Grifo nosso).

O Instituto é descrito como um organismo autárquico e descentralizado, sendo-lhe permitido, entre outras coisas,

administrar seus recursos físicos, humanos, econômicos, financeiros e realizar contratos com pessoas físicas e/ou jurídicas dentro do território provincial, nacional e internacional, tendo para tanto que empreender convênios multissetoriais e/ou jurisdicionais que colaborem e apoiem a coprodução (Lei nº 7.072/2000).

O segundo capítulo da lei cria a Orquestra Sinfônica como órgão dependente do Instituto. Este organismo tem a finalidade de divulgar “*a música universal*” em todos seus gêneros, conservando e cultivando especialmente “*o patrimônio musical provincial, nacional e latino-americano*”. A orquestra tem por objetivo funcionar como centro de aperfeiçoamento de músicos, ao mesmo tempo em que contribui com as diferentes instituições culturais do meio. O terceiro capítulo propõe que as remunerações dos integrantes da orquestra sejam

solicitadas pelo Instituto de Música e Dança ao Poder Executivo e estabelece a dissolução da Orquestra Estável da Província, “*incorporando*” seus músicos à Orquestra Sinfônica.

No diário de sessão da Câmara de Senadores da província, o senador da região de Cafayate, Jesús Ricardo Strisich,¹⁶⁴ ressalta que tanto o Instituto como a Orquestra Sinfônica geram um espaço cultural e artístico que a província “*sentia como uma necessidade impostergável pela importância da projeção do perfil criativo de uma **identidade** que é **imagem permanente de Salta**”* (Diário de sessões. Câmara de Senadores, 14/10/1999, p. 663. Grifo nosso). Segundo o modo desse senador de se referir à província, Salta se conserva-preserva como inalterável, constituída desde sempre com os mesmos valores, por isso, a “*necessidade impostergável*” de criar os espaços adequados para que se “*cultive*” essa “*imagem*” e dali poderem fazer brotar sua “*própria identidade*” criativa (Diário de sessões. Câmara de Senadores, 14/10/1999, p. 663. Grifo nosso).

Esse mesmo senador menciona que o projeto foi solicitado pelo governador da província, sr. Juan Carlos Romero, e que “*isso diz respeito ao interesse*” dele por

cultura, educação, música, enfim, engrandecimento em todos os aspectos de nossa querida Salta [...] para isso colaborar e apoiar essa louvável iniciativa que será no futuro a *imagem* de uma Província que quer *crecer, permanecer* e, sobretudo, *perdurar* com sua cultura através dos tempos (Diário de sessões. Câmara de Senadores, 14/10/1999, p. 663-664. Grifo nosso).

Uma vez apresentados os argumentos pelo senador de Cafayate, o presidente da Câmara sanciona a lei que foi votada por unanimidade e envia-a à Câmara de Deputados. A lei, discutida na Câmara de Deputados em 4 de abril de 2000, nessa instância ela não apresenta modificações. Entretanto, é interessante estar atento às declarações dos deputados a respeito da necessidade da criação de ambas as instituições.

O Sr. Guillermo Martinelli,¹⁶⁵ integrante da Comissão de Legislação Geral, observa que na província “*há um espírito importante na cultura, **existia um vácuo, uma dívida**”, que precisavam ser canalizados, pois eram de interesse tanto de ordem pública como privada. Esse deputado considera que a promoção de organismos culturais é necessária não somente pelo “*prazer da cultura*”, *mas também “pela satisfação da criação*”. Para isso, alega que os movimentos culturais que foram geridos em diferentes momentos históricos na província,*

¹⁶⁴ Senador filiado ao Partido Justicialista. Diário de sessões. Câmara de Senadores. 14 de outubro de 1999, p. 663-664. Expediente 90-14.185/99.

¹⁶⁵ Deputado pela região de Salta pertencente ao Partido Justicialista. Diário de sessões da Câmara de Deputados de Salta. 4 de abril de 2000, p. 102. Expediente 90-14.185/99.

foram de caráter privado, no teatro, na literatura, na pintura; em consequência, a questão musical teve *“somente uma escola [...] que não desenvolveu nada mais que um nível onde seus artifices encontraram uma deficiência superadora”* (Diário de sessões da Câmara de Deputados de Salta, 4/4/2000, p. 102).

Nesse sentido, declara o funcionário, *“é necessidade desse Governo levar a cultura aos níveis correspondentes, em função das necessidades de criação que tem o povo”*. Para isso, menciona que uma das obras públicas importantes realizadas em matéria cultural é a criação da nova Casa da Cultura (que estaria para ser realizada em junho daquele ano), que se *“encaixa”* com o *“espírito”* dentro do próprio *“Estado”*, vindo o instituto a dar-lhe

vida, mobilidade e atualidade para as paredes [...] que não podem ser revividas com uma cultura que não conhecemos [...] mas sim um recinto onde soe realmente a harmonia, o compasso, mas que seja verdadeiramente para que a gente eleve o espírito a fim de que satisfaça suas necessidades culturais (Diário de sessões da Câmara de Deputados de Salta, 4/4/2000, p. 102).

Martinelli enfatiza que ainda que esse projeto seja proveniente do Poder Executivo, foi recebido por todos os setores legislativos, atitude que demonstra, segundo seu ponto de vista, a importância atribuída a essa *“grande obra cultural”*, para *“nós e para nossos filhos”*, mediante *“a possibilidade de nos irmarmos no conhecimento e no prazer das artes”*. Para finalizar, o deputado ressalta *“não somente o dever histórico [...] para com a cultura de Salta, mas que é uma glória que garantimos neste **abril cultural** para benefício de toda a Província”* (Diário de sessões da Câmara de Deputados de Salta, 4/4/2000, p. 102. Grifo nosso). Pelo fato de as discussões terem sido realizadas no mês de abril e ter sido tratada a questão cultural, nada melhor para o deputado do que acrescentar que a decisão do Poder Legislativo está no marco do *“Abril Cultural”*.

Em seguida, a deputada Fani Azucena Ceballos¹⁶⁶ não questiona a importância de criação e da promoção desses organismos, mas apresenta a *“crônica de uma morte anunciada”*. Talvez por seu caráter de oposição enquanto filiada a outro partido político, fala sobre o que oculta essa criação, por um lado, *“a morte das instituições únicas na Província”*, e dirá que *“a Prefeitura de Salta firmou um convênio com a Província para encobrir a crise econômica, dissolvendo uma instituição de 32 anos [...] que custava apenas 13 mil pesos*

¹⁶⁶ Deputada pela capital de Salta, pertencente ao Partido Renovador de Salta. Diário de sessões da Câmara de Deputados de Salta, 4 de abril de 2000, p. 102. Expediente 90-14.185/99. O Partido Renovador de Salta foi criado pelo sr. Augusto Ulloa, Interventor da província entre 1977-1983, depois eleito através desse partido como governador em 1991-1995.

mensais em face de 1 milhão de pesos”, gasto previsto para o funcionamento da Orquestra Sinfônica. Por outro lado, não deixa de ressaltar os custos do investimento.

Nesse contexto, a deputada diz que a Orquestra Estável não *“absorverá”* com segurança os trabalhadores da orquestra municipal nem tampouco serão estes trabalhadores *“absorvidos”* pela Orquestra Sinfônica. Menciona a participação de

nossos músicos em premiações interprovinciais e internacionais, pelo que não podem ser privados de sua dignidade de trabalhadores, e precisam ser considerados como tal na constituição dessa nova Orquestra Sinfônica, desse novo Instituto de Música e Dança, e assim não poderemos dizer que nossos músicos tiveram que ir *“com a música para outra parte”* (Diário de sessões da Câmara de Deputados de Salta, 4/4/2000, p. 102. Grifo nosso).¹⁶⁷

Uns ruídos interferiram no debate, apontando distintos aspectos, mas não eram objetos de discussão. Por não ter oposição para a criação do Instituto, a orquestra novamente foi sancionada pela lei por unanimidade e dias depois foi publicado em Diário Oficial. A criação desses organismos do Estado provincial e as discussões parlamentares sustentam os enunciados que estarão presentes nas celebrações de inauguração tanto da Casa da Cultura como da Orquestra Sinfônica de Salta.

Durante o mês de fevereiro de 2000 a Prefeitura firma um convênio com a Província, no qual faz referência à deputada Ceballos, em que ambas as partes se comprometiam a fazer uma *“fusão da Orquestra Municipal com a Orquestra Estável da Província, na constituição da Orquestra Estável da Província dependente da Direção de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Ministério de Educação”* (Decreto Provincial n° 503).

Tal fusão teve por *“objetivo integrar os recursos humanos e materiais com que contam ambas as agrupações musicais”* e, desse modo, otimizar *“a arte musical”*, sendo esses sucessos *“passos preliminares para a formação da Orquestra Sinfônica”* que estava sendo tratada no Poder Legislativo. Além disso, o decreto considerava que se conformava de maneira *“definitiva”* a Orquestra Estável da Província como *“consequência da incorporação dos músicos da Orquestra Municipal”*. Desse modo é decretado o *“plano de cargos”* com a totalidade dos músicos de ambas as orquestras, apresentando-se esta lista como anexo.

¹⁶⁷ Uma definição de *“música clássica”* dada pelo *Dicionário Pequeno Larousse*, entre algumas noções, é utilizada como *“figurativa e familiar”* a expressão *“com a música para outro lado”*, significando que *“se repreende e se expulsa aquele que vem incomodar”* (*Dicionário Pequeno Larousse*, 1972, p. 602). Talvez os que vêm incomodar na criação da Orquestra Sinfônica de Salta sejam os músicos e as orquestras Municipal e Estável. Por isso, teve que se buscar uma solução alternativa, e a que foi adotada foi a fusão das orquestras e a *“incorporação”* dos músicos à Orquestra Sinfônica.

Assim, a “Província”, representada pelo ministro da Educação, sr. Antônio Lovaglio Saravia, incorpora os músicos “*que não foram integrantes da Instituição Musical Provincial*” e designa o “*Diretor da Orquestra Municipal de Câmara como assessor na matéria cultural, incorporando-o no Cargo Político do Governo até que o Poder Executivo Provincial considere cumprida sua tarefa de assessoramento*” (Convênio Municipal n° 8916). Por outro lado, o “Município”, representado pelo intendente Enrique Tanoni, compromete-se a “*rescindir os contratos daqueles músicos executantes e copistas arquivistas que sejam ou não incorporados à Província*” e “*deixará sem efeito as designações dos agentes da planta permanente*”, de acordo com a norma de “*emergência econômica*” ainda vigente no Município da Cidade de Salta.¹⁶⁸

A lei de criação do Instituto de Música e Dança, por um lado, será a apoteose de processos sociais e práticas musicais que tiveram como antecedentes a lei municipal de criação da Orquestra de Câmara Municipal (Ordenança n° 4433/86) e o decreto provincial de criação da Orquestra Estável da Província (Decreto n° 123/91), na medida em que ambas as documentações legais contemplavam a criação de uma orquestra sinfônica; mas, por outro lado, gerará uma crise a partir da execução do decreto provincial n° 503/2000 no âmbito dos músicos municipais já que os deixaria desempregados.

Elegia

Os músicos entrevistados no decorrer da pesquisa, que pertenciam às orquestras Municipal e Estável que haviam sido dissolvidas, declararam que sua atuação e participação no meio criaram as condições para que uma orquestra sinfônica fosse bem-vinda. De algum modo, reclamaram seu reconhecimento como músicos e sua trajetória na história de formação e gestão dessas orquestras, ao mesmo tempo em que protestaram por sua situação como trabalhadores.

Essa transformação no plano trabalhista desencadeou uma situação conflitante para os músicos, porque um número considerável deles era membro das duas orquestras e depois da fusão ficou sem um posto de trabalho. Enquanto ocorria o trânsito da fusão, a formação definitiva da Orquestra Sinfônica, momento que pode ser caracterizado como liminar, ele foi acrescido de pânico e incerteza de poderem ser “absorvidos” por ela ou ficarem definitivamente desempregados. Na presente legislação constava que ao se estabelecer a Orquestra Sinfônica, a Orquestra Estável seria dissolvida como instituição do Estado.

¹⁶⁸ O convênio faz referência ao Decreto municipal n° 8916.

Embora em termos legais os procedimentos tenham sido “transparentes”,¹⁶⁹ a sanção desse decreto despertou uma série de sentimentos opostos nos músicos, desencadeando uma “crise” ao se produzir uma “ruptura” na arena social e pública.

Victor Turner (1982, 1988) elaborou o conceito de “drama social”, que ajuda a pensar sobre o caráter dramático e visível do processo que aqui analiso, que ocorre desde a execução do decreto provincial nº 503, fusão das orquestras Municipal e Estável da Província e a dissolução da Orquestra Municipal, até a incorporação dos músicos da Orquestra Estável nos “grupos de extensão” da Orquestra Sinfônica. Tal autor estabelece distintos momentos que acontecem nos “dramas sociais”: ruptura, crises, reparação e/ou reintegração. Por se tratar de uma categoria analítica, esse processo apresenta algumas dessas instâncias; as mais claramente identificáveis são: *ruptura*, *crises*, enquanto a *reparação* e a *reintegração* estão mais difusas ou mereceriam uma maior problematização.

O projeto de fusão das duas orquestras já tinha sido proposto pelo diretor da Orquestra Municipal, sr. Eduardo Storni. A finalidade dessa fusão era a formação de uma orquestra sinfônica, mas sem a demissão dos músicos. Na ocasião não ocorreu por causa de lutas existentes entre os diretores das orquestras Municipal e Estável, ainda que tal projeto tenha sido admitido para discussão parlamentar durante a década de 90. Como disse um dos entrevistados, foi um projeto “renovador”, ainda que depois terminasse sancionado por um governo “justicialista”.

Em diálogos mantidos com os músicos que formavam a Orquestra Municipal, estes narram que, no decorrer dos meses de fevereiro e março do ano 2000 (momento de sua reincorporação na atividade trabalhista), souberam sobre o convênio estabelecido entre a “Prefeitura” e a “Província”, o qual implicava a formação de uma só instituição. Fatos ocorridos dias antes de sua incorporação ao trabalho pelo início do ciclo letivo. Cada um dos músicos foi informado por meio de uma carta-documento, que foi enviada aos seus respectivos endereços pelo intendente Enrique Tanoni; nela se indicou: *“fica disponível para a liquidação final”*

Desse modo, os músicos apelaram na justiça para ganhar suas indenizações, mas não receberam respostas favoráveis, tendo a Municipalidade aludido sobre a condição de *“contratados por renovação”* sem que fosse estabelecida uma *“relação de dependência”*. Diante dessa situação, os músicos, por meio de um advogado de defesa, apresentaram um

¹⁶⁹ É pertinente mencionar que durante os anos 2000-2001 a imprensa promovia e caracterizava os concursos e as distintas atividades da Secretaria de Cultura como “transparentes”. Também se deve compreender que essa ênfase colocada na transparência era em função da crise que começava a ser vivida entre os músicos locais e as lutas que eles iniciavam em termos legais contra o governo municipal.

recurso de amparo do tipo “civil e comercial”, argumentando que a Municipalidade tinha realizado uma “*demissão em massa*”.

Na instância de tribunal, a fiscal determinou a favor da suspensão das demissões, pedindo o reconhecimento desses músicos como empregados municipais. O advogado de defesa disse que houve uma “*medida cautelar*” e, “*apesar da avaliação fiscal favorável*”, a juíza recusou o amparo e logo foi confirmada a sentença na Corte de Justiça.¹⁷⁰ Apenas dois músicos continuaram um julgamento de tipo “*contencioso administrativo*”, o resto dispersou após a sentença negativa da Corte, fosse buscando outro advogado ou diretamente se virando sozinhos, foi uma “*debandada terrível*”.¹⁷¹

Enquanto esses processos se iniciavam e seguiam seus cursos em tribunais e cortes, em contraponto, os músicos da Orquestra Municipal continuavam os ensaios no Teatro da Cidade, espaço onde habitualmente o faziam. Não tendo diretor, convidaram o diretor fundador, já aposentado, para que os dirigisse,¹⁷² dando então início a um repertório para um concerto a ser celebrado no mês de maio. Em 28 de abril de 2000, a Municipalidade da cidade de Salta envia uma carta ao diretor fundador para que não “*assista aos ensaios dos ex-integrantes*” da Orquestra Municipal, já que “*seu nome poderia ficar envolvido nesta questão*”, negando-lhe a entrada no Teatro “*para dirigir os ensaios ou o concerto da ex-Orquestra Municipal*”.¹⁷³

A partir de então, e também pela avançada doença do maestro,¹⁷⁴ os músicos novamente ficaram sem diretor. No entanto, os ensaios não foram suspensos, pelo contrário, deu-se início a um “*ciclo de concertos com diretores convidados*” que, entre o maestro Aguirre e Juan Ramón Jiménez (violoncelista, compositor e integrante das orquestras Municipal e Estável), foi alternada a condução. O Teatro ficou “*não disponível*”, cortando-se a luz em meio ao ensaio ou ainda deixando as portas do edifício fechadas com chave na hora em que os

¹⁷⁰ Entrevista com o Dr. Paz.

¹⁷¹ Observações feitas pelo Dr. Paz.

¹⁷² Foi feita referência a esse músico, o maestro José Alberto Sutti, no segundo capítulo.

¹⁷³ Carta de 28 de abril de 2000 enviada pela Municipalidade da cidade de Salta por meio da Direção de Cultura ao maestro José Alberto Sutti.

¹⁷⁴ “Maestro” é um atributo que qualifica positivamente os músicos. Está relacionado de forma positiva com a “maestria”, o virtuosismo, a possibilidade de fazer música e interpretá-la, qualidades que fazem do músico uma pessoa respeitável. Na língua espanhola, o termo também está associado ao ensino: o “maestro” é o professor. Nesse sentido, o maestro deve ser um músico que possa transmitir o saber musical através da “musicalidade”, sendo o estudante “talentoso” para compreender e poder imitar o gesto de seu maestro. Maestro e estudante estabelecem um vínculo particular que, à luz da antropologia da performance e de algumas leituras de rituais, o treinamento, como o chamará Richard Schechner, é o momento em que o neófito se nutre de diversos elementos e saberes específicos. O maestro não somente transmite conhecimento como também ensina o neófito a “performance” de músico, fazendo nesse “ensaio” do estudante, músico.

concertos eram realizados. Em um *ostinato* ou como *nota pedal*¹⁷⁵ os músicos decidiram continuar com os concertos públicos e ensaiar na rua de pedestres Alberdi (na entrada de uma galeria, em frente ao Teatro da Cidade). Para isso receberam o apoio do comércio local e, em algumas ocasiões, ali realizaram concertos. Em outras oportunidades os concertos aconteceram na Igreja “Medalha Milagrosa”.

Por volta dos dias em que a Corte de Justiça confirmou a sentença, não dando lugar ao recurso de amparo, os músicos municipais se apresentaram num “Último concerto”, que ocorreu numa quinta-feira, dia 26 de outubro de 2000, às 21 horas, no Teatro da Cidade. Para realizar esse concerto, o espaço foi cedido pela última vez, estando como diretor convidado da Orquestra Municipal, Juan Ramón Jiménez. Tal concerto foi realizado em homenagem a José Alberto Sutti.

Foi um concerto emocionante, pelo fechamento, pela homenagem ao diretor fundador, pela estreia da sinfonia “*Jubileu de 2000. Prelúdio, Coral e Fuga. Para conjunto de cumbia e orquestra*”, autoria de Pablo Herrera, dedicada ao maestro “Pepe” Sutti, pelo apoio dos artistas plásticos Roly Arias, Maria Laura Buccianti e a colaboração de Sofía Arias, os quais, na ocasião, fizeram um quadro que serviu de cenário, e também pela assistência do público que geralmente acorria aos concertos dessa orquestra.

O programa do concerto teve como ilustração de capa “Last concert”, um fragmento do quadro apresentado como cenário. Em seu interior o programa incluiu uma foto do maestro e uma nota do autor de “Malambo”, composta por José Alberto Sutti; uma descrição do programa integrado pelas peças “Abertura Los Esclavos Felices”, de Juan Crisóstomo de Arriaga, arranjos de J.A. Sutti; “Três Prelúdios”, de George Gershwin, versão orquestral de J.A. Sutti; “Jubileu de 2000. Prelúdio, Coral e Fuga. Para conjunto de cumbia e orquestra”, de Pablo Herrera; “Malambo”, de José Alberto Sutti; e “Abertura da Ópera *El murciélago*”, de Johann Strauss. Foi incorporada como parte do programa uma crítica musical à sinfonia de Herrera realizada pelo doutor em Artes Musicais Alejandro Bermúdez-Murillo, a carta que a Municipalidade enviou ao maestro Sutti, uma foto de Juan Ramón Jiménez, o “Loro”, caminhando com Pablo Herrera. No parte de trás do programa foram apresentados os patrocinadores.¹⁷⁶

Enquanto ocorria o último concerto da Orquestra Municipal, no mês de outubro, era convocado o concurso internacional para diretor da Orquestra Sinfônica de Salta – “a

¹⁷⁵ Em música chama-se nota pedal à nota em que recaem os fragmentos rítmico-melódicos, e se caracteriza por ser persuasiva e obstinada. Essa forma de construção musical era empregada com maior frequência durante o período barroco, e geralmente a produzem os sons graves.

¹⁷⁶ Longe esteve Pró-Cultura Salta de figurar entre eles.

Sinfônica” já era uma “realidade”.¹⁷⁷ A Orquestra Sinfônica da Universidade Nacional de Tucumán seria o instrumento para tal concurso. Na noite anterior, a mencionada orquestra deu um concerto ao ar livre na praça principal da cidade, em frente ao Cabildo ou Museu Histórico do Norte, junto com o balé da universidade. Eleito o diretor, foram publicadas nas manchetes do *El Tribuno* suas expectativas em relação à cidade, seus projetos com a orquestra, seu plano de trabalho, enquanto a sinfônica era apresentada como “*uma magnífica realidade saltenha*”.

Depois do concerto de fechamento da Orquestra Municipal, os músicos municipais passaram a ensaiar e a dar concertos como músicos da Orquestra Estável da Província. Para finalizar o ciclo de concertos do ano 2000 e a dissolução da orquestra, esta fez um último concerto no Teatro Nossa Senhora do Horto, lugar onde a Orquestra Sinfônica de Salta realizou seu primeiro concerto de “*Gala Inaugural*”.

No início do ano seguinte foram feitos concursos fechados para os músicos da Orquestra Estável, elegendo-se ali aqueles que constituiriam a Orquestra Sinfônica. Aqueles que não entraram naquele momento apelaram para uma segunda instância de classificação em um concurso internacional sem obter melhores respostas. As pessoas não qualificadas para constituir a Orquestra Sinfônica de Salta a partir desse ano passaram a formar os “grupos de extensão”, dependentes do Instituto de Música e Dança da Província.

Durante o ano de 2000 houve distintos modos de “reparação” por parte dos músicos, seja fazendo concertos ao ar livre, seja apresentando novas obras orquestrais, pedindo o reconhecimento como integrantes da orquestra mesmo sendo aposentados, ou convidando o diretor fundador para dirigi-los. Diversos músicos levaram adiante diferentes medidas de protestos, como Pablo Herrera ou Juan Ramón Jiménez. Foram eles que geriram a realização do último concerto; outros fizeram notas em rádios ou em alguns jornais, pois *El Tribuno* silenciava todo tipo de manifestações e repúdios, e avocava para si festejar a criação da Orquestra Sinfônica de Salta. O Estado buscou reparar essa situação de conflito, incorporou os músicos aos grupos de extensão, e eles gozaram de um salário que puderam aumentar com o incremento das remunerações dos empregados provinciais nos últimos anos. Apesar da violência simbólica que foi vivida com a dissolução das duas orquestras, os salários dos integrantes dos grupos de extensão melhoraram em relação ao daqueles que haviam feito parte delas, pelo menos assim aponta um dos músicos.

¹⁷⁷ Esse tipo de expressões aparecia nos títulos de *El Tribuno*.

Dos 60 músicos que formavam a Orquestra Estável depois da fusão, 10 entraram na Orquestra Sinfônica, 10 se aposentaram, 36 formam os grupos de extensão e somente quatro ficaram desempregados. Duas pessoas dessas 60 que trabalhavam na Orquestra Municipal e na Orquestra Estável, como aponte, continuaram processando o município.

Tocando cultura

Como todo processo é composto de diversos aspectos, nesse caso, problematizando a cultura, considero importante levar em conta outra celebração antes de retornar aos concertos inaugurais da Orquestra Sinfônica. Também ocorreu durante o ano 2000, enquanto eram dissolvidas as orquestras de Salta. Para isso, trabalhei com a expressão “Salta é cultura” e os resultados que ela produz.

Essa problemática teve início ao ver uma propaganda no canal “Argentinísima satelital”, de difusão em todo o território argentino. Nela eram mostradas paisagens do lugar, as atrações turísticas, algumas imagens de gaúchos e roupas de estilo andino. Como saltenha, pude reconhecer os vales calchaquíes, e o trem das nuvens, a cidade de Salta... Aguardava o final, a frase que trouxesse coerência à propaganda, esperava “naturalmente” “*visite Salta, a Linda*”... No entanto, ela deu uma reviravolta inesperada para mim, e a variação dessa fórmula me surpreendeu, concluindo: “Salta é Cultura”.

Aquele episódio não teria um sentido maior em outro momento de minha vida, mas agora já soava¹⁷⁸ em mim essa frase, vinculada à criação da Orquestra Sinfônica de Salta, a inauguração do novo edifício da Casa da Cultura, a remodelação do centro da cidade, a realização do Festival Nacional de Teatro e eventos artísticos similares. Então me perguntei: por que Salta já não é mais apresentada como a *linda*, mas como aquela que provê *cultura*? Qual é a necessidade de enunciar que Salta é Cultura? Para quem? Ou melhor dito: quem é representado nessa afirmação?

Assim se intensificou o meu interesse por conhecer sobre os sentidos do termo “cultura” na cidade, palavra que aparece geralmente associada à produção artística e, desde então, trato de estabelecer algumas relações entre *cultura* e certas celebrações.

¹⁷⁸ Sabemos que os modos de olhar, escutar e escrever para alguém formado em uma disciplina não são nada ingênuos, mas sim disciplinados pela própria formação acadêmica e pelas escolhas teórico-metodológicas do investigador. Para sua discussão, ver Cardozo de Oliveira, Roberto. “Olhar, ouvir, escrever”. In: *O trabalho do antropólogo. Revista de Antropologia*, vol. 39. São Paulo: USP, 1996.

Salta, Casa da Cultura

A cultura em Salta tem nova Casa¹⁷⁹

Para compreender as distintas acepções do termo cultura, escolhi uma série de artigos jornalísticos publicados em *El Tribuno* para a inauguração da Casa da Cultura. Para tal acontecimento foi dedicada toda a sessão “Provinciais”, além de um “Suplemento Especial” em que diferentes nomes autorizados do meio social e cultural (professores universitários, artistas plásticos, críticos musicais, poetas, jornalistas, arquitetos, diretores de bibliotecas, atores e músicos) narraram como ocorreu a reforma do novo edifício, sua importância, e o que “cultura” significaria para os saltenhos.¹⁸⁰



No Suplemento Especial, “Casa da Cultura. Salta abre hoje um novo espaço para as artes”, as diferentes matérias estabelecem alguns sentidos de cultura, ligados à produção literária, ao teatro, à música, às atividades das bibliotecas, à criação da Universidade Nacional de Salta e da Universidade Católica de Salta, aos processos sociais e políticos que intervieram para a consolidação de cada uma delas ou às dificuldades que se tornaram obstáculos para sua realização – uma série de eventos e produções culturais que contribuem para pensar a cultura em termos mais gerais, enquanto diversas práticas sociais.

No Suplemento Especial constrói-se, da mesma maneira, a acepção de cultura como um processo de referência que dá conta da “nossa imagem”, o propriamente *saltenho*, para culminar na apresentação de como chega a

¹⁷⁹ O título desta sessão do trabalho foi tirado de uma matéria de jornal do dia 18 de junho de 2000, em *El Tribuno*.

¹⁸⁰ O dia em que aconteceu a inauguração do novo edifício da Casa da Cultura era um sábado, 17 de junho de 2000. Para esse dia, *El Tribuno* dedicou toda a sessão de “Provinciais” ao evento. Entre as matérias apresentadas está “A nova Casa da Cultura, a magnífica realidade saltenha”, acompanhada na mesma folha de uma nota que informava o concerto que iria ocorrer na Camerata Bariloche, e outra que explicitava as atividades programadas para o fim de semana prolongado. Além dessas matérias, foi publicado um Suplemento Especial com o título “Casa da Cultura”. No dia seguinte, domingo, 18 de junho de 2000, o acontecimento estava presente nas manchetes de *El Tribuno*, além de toda a seção “Provinciais”, dedicada exclusivamente à crônica da inauguração.

ser hoje “Salta é cultura”, cultura estreitamente ligada à ideia de civilização. Algo que já vinha sendo fortalecido desde os inícios dos Abris Culturais.¹⁸¹

A matéria que inicia o suplemento, de redator desconhecido, tem como título “Um espaço para a criação”. Honrando o título, nela se comemora a abertura da Casa da Cultura como espaço “*para a criação artística e as inquietudes do espírito*”, um “*complexo cultural*” de acordo com as atividades que desenvolve a província. Ressalta-se ainda que a arte deixará de ser um tipo de produção particular, na qual seus produtores tenham que levar adiante qualquer projeto “*no grito*”, com pouca disponibilidade de recursos e sem nenhum tipo de apoio do Estado.

O artigo também apresenta um tipo de artista que se dedica à arte por “*vocação*”, desinteressado,¹⁸² e embora o “*mercantilismo*” muitas vezes “*usurpe seu sentido*”, o que orienta sua produção artística é a “*experiência nobre*” de “*criação*”. Os artistas são “*apaixonados pela arte*” e o que fizeram durante muitos anos foi somar esforços e “*vagar*” de um lado para outro. Agora o Estado lhes dará um espaço que os “*concentre*”, os “*proteja*”, e os “*presenteará*” com a possibilidade de a Casa da Cultura constituir-se no “*templo para a arte*”.

Na matéria é ressaltado que “*o templo para a arte*” encontra sua possibilidade em uma sociedade em que seu porta-voz se interessa por atender à “*qualidade de vida da gente*”, porque outras necessidades socioeconômicas primárias (alimentação e trabalho) já foram saciadas. Além disso, considera-se importante que a “*cultura*” seja válida em um tipo de sociedade de “*resignação pós-moderna*”, na qual seja priorizada a “*rentabilidade*” e a “*competitividade*”, e onde as cidades são construídas em torno de “*shoppings, comunicações eletrônicas interpessoais e espaços cibernéticos*”. Posto que a “*cultura*” é a “*alma*” do povo, seu “*espírito*”, cabe ao governo a decisão de construir um edifício que permita a “*celebração estética*”.

A Casa da Cultura não somente é o templo da arte, mas um “*lar para a cultura popular*”, para que os artistas possam desenvolver sua profissão. Por um lado, noto que a arte e os artistas são apresentados como um tipo de atividade filantrópica, vocacional, “*desinteressada*”. Enquanto, por outro lado, a carreira do artista é reconhecida como profissão dentro de um sistema de produção social. Palavras são recuperadas do âmbito econômico, tais como “*consumidores*”, “*produtores*”, “*investimento*” etc. São introduzidas na linguagem da “*gestão cultural*”, à qual fiz referência no capítulo anterior, isto é, a Casa da Cultura é

¹⁸¹ Foto, manchetes do *El Tribuno*, 18/6/2000.

¹⁸² No artigo se nota que o desinteresse pode tomar esta acepção, naturalizando que a produção artística seja realizada sem esperar nada em troca, fazendo parecer que os artistas não vivem de sua produção, e fazem tudo por “*amor à arte*”.

apresentada, por um lado, como “*templo*”, é sagrada, um lugar de veneração e acolhimento espiritual; por outro, como “*lar*”, um espaço cotidiano, onde sucedem atividades domésticas ligadas à família.

As diferentes indicações da Casa da Cultura me convidam a refletir sobre: quais seriam os consumidores mais imediatos das práticas artísticas que eram ali realizadas? Quais seriam também os artistas? O que designa o adjetivo “popular”, ou melhor, o que é o “povo”? Ao serem utilizadas palavras tão abstratas e gerais como “povo” ou “popular”, é ocultado qualquer tipo de distância social. Então, a apresentação do novo edifício, ou seja, o rito que estará por acontecer, instituirá “naturalmente” essas distâncias aparentando que não existe diferença alguma entre certos cidadãos (iniciados) e outros cidadãos (que jamais serão iniciados).

Na análise foi demonstrado que nos programas dos Abris Culturais, como durante o ano de 1997, a literatura terá uma presença significativa, talvez apoiada em afirmações que fazem parte dos discursos que circulam em Salta, sendo uma delas “*Salta, terra de músicos e poetas*”, expressão utilizada na inauguração da Casa da Cultura. Tal enunciado está associado à “naturalidade” do lugar como produtor de “músicos e poetas”. A natureza expressa-se na “terra” e, por não haver nada mais natural que a terra, o enunciado encontra sua realização. A literatura teve seu momento no Abril Cultural de 1997, agora se aproximava o momento da música.

A eficácia do enunciado “*Salta terra de músicos e poetas*” não somente está estruturada no fato de a inauguração do edifício colocar fim a esse paradoxo, mas sim que permitirá ainda mais consolidar essa “natureza”, fazendo os saltenhos se sentirem orgulhosos de sua província ser “terra de artistas”, e de que “todos” dispormos de um “templo da arte” e, ao frequentá-lo, isto nos permitirá “elevar nossa situação de vida”. Na “terra” pareciam ser cultivadas certas potencialidades do “espírito” que, prestando atenção ao desenvolvimento etimológico do termo *colore*, aquele que emerge, seriam os traços identitários do saltenho, ou seja, quando se afirma “*Salta terra de músicos e poetas*” é “cultura” enquanto processo de cultivo, pode se ler que aquilo que brota da “terra” é a arte poética e musical, que encarna o próprio brotar do saltenho.

Casa da Cultura: “Casa” como lar, albergue, lugar onde habitam as pessoas e decorrem suas vidas cotidianas, recinto da cultura. “Cultura” enquanto se cultivam “as potencialidades do espírito”, se honra com veneração. Na denominação do edifício como “Casa da Cultura” convergem sentidos diferentes embora unificados, um como cotidiano e talvez mais próximo a “terra”; outro como “templo”, espaço sagrado, de culto, objeto de veneração e honra, onde há

devoção à atividade criadora, podendo ali as pessoas cultivarem seu espírito, desenvolverem-se como seres humanos mediante o frequentar e o peregrinar pela Casa da Cultura, ações que “melhoram-elevam a qualidade de suas vidas”, transformando-as em pessoas cultas.

Na abertura do XXIII Abril Cultural (1999), realizado no Museu de Belas Artes, o governador Juan Carlos Romero manifestou seu apoio à reforma da Casa da Cultura, ao mesmo tempo em que anunciou a criação de uma orquestra sinfônica “*para colocar a província à altura dos Estados argentinos que mais preocupação demonstram pelas artes*”. Para aquela ocasião, ambos os acontecimentos por acontecer trariam realização para o Estado saltenho por meio de sua política cultural, orientada para a promoção da cultura, e também criando uma cultura para Salta, moldando uma identidade.

O governador destacou como o Estado provincial cresceu em outras esferas da atividade pública, fundamentalmente em matéria econômica, portanto, naquele momento, estava em condições de fomentar a arte como um âmbito a mais de produção, sobretudo para dar conta de que os saltenhos haviam deixado para trás um estágio de atraso. A valorização apontada estava implícita na frase “Salta é Cultura” como civilização, já que os valores culturais são a base do “*progresso das nações e do ser humano*”.

Em outra matéria do Suplemento Especial, com o título “O outro desenvolvimento”, é apontado que a cultura encontra seu espaço de realização onde existe o interesse de mudar o “*rótulo de subdesenvolvimento por desenvolvimento*”. Nesse sentido, pouco importa a orientação política e econômica da província, mas “*cultura e desenvolvimento são termos indissociáveis*”.

Desenvolvimento e cultura são termos indissociáveis na medida em que remetem ao “cultivo do espírito”, este último, por sua vez, no sentido da imprensa publicitária, é traduzido como “*investir na alma da gente*”. Cultivar enquanto se efetiva uma ação determinada para que algo possa crescer em seu curso; neste caso, trabalha-se com a alma das pessoas. *Desenvolvimento*, por outro lado, não deixa de ter uma conotação produtiva e, junto com cultura, produzem cidadãos cultos. Ambos os termos conjugados referem-se a um *processo* que culmina em “mudar o *rótulo de subdesenvolvimento*”, produzir “*cidadãos desenvolvidos*”, isto é, transformar o “homem vulgar desprovido de pietas e paideia” no *homus humanus* de Cícero.

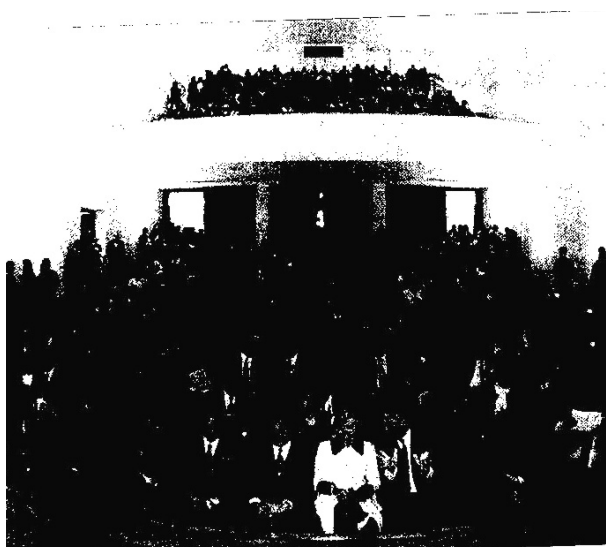
O governador, na inauguração, afirmou além de tudo que “*é uma época cheia de dificuldades e carências orçamentárias, mas somente cultivando o espírito poderemos ir todos juntos adiante*”. Embora sustente que seja uma época de “*dificuldades e carências orçamentárias*”, não menciona nenhum outro tipo de problemática social como fome, miséria,

precariedade habitacional, porque, talvez, o silêncio seja devido ao fato de que essas “necessidades já tenham sido satisfeitas”, como mencionei em parágrafos anteriores. Mais ainda, proclamou que qualquer dificuldade econômico-social poderá ser sanada cultivando o espírito das pessoas.

A matéria “O outro desenvolvimento” explicita *cultura* como “um sistema de valores, de gostos e tradições que definem a alma e a índole de um povo”. Ali se funda a pretensão de que o desenvolvimento econômico divorciado do fazer cultural só produz o “empobrecimento das pessoas”. É por isso que, para realizar esse projeto civilizatório, as condições técnicas de produção sofrem uma melhoria “para cumprir a tarefa de uma regulação social constante”.

A autoexigência da província foi realizada por dois motivos: um deles é o fato de que, com as outras regiões do país, somente se compete pelo crescimento de bens materiais, esquecendo-se das dimensões “espirituais, éticas e estéticas da vida”. O outro indica que se vive com a ameaça dos “processos globalizadores” presentes no mundo, pois “tendem a uniformizar perigosamente os valores culturais e a identidade de cada região”. Ambos os aspectos não seriam mais que evidências do empobrecimento das pessoas. Diante desse perigo, se atua com um “empurrão para o desenvolvimento cultural”, pois se trata de redimensionar certos “valores universais tão ligados à democracia”.

A partir dos elementos expostos, observo que não só foi inaugurado um novo edifício, mas foi construído um sistema de valores, uma moralidade civil, sendo a arte o modo que as pessoas têm para se tornar sujeitos dignos, sujeitos morais. Essa moralidade criada encontra



sua expressão em uma sacralidade laica fundada em uma essência da terra como lar. Dela emergem os gênios, os artistas; nela habitam pessoas comuns que constituem o povo. A terra como natureza sacraliza a essência de Salta, delimita um território geográfico e político e se ergue na Casa da Cultura, produzindo cultura. Desse modo, o lar se torna um santuário onde vivem pessoas comuns que comungam cultura. Se a “família é sagrada”, e o lugar da família é

o lar, esta casa que foi construída é sagrada, sendo, portanto, um templo de devoção à atividade criadora.¹⁸³

A Casa da Cultura como lar e templo permite a convivência democrática de tensões enquanto referidas a práticas culturais; por um lado, sons sinfônicos e, por outro, folclóricos, sem que se produza perturbação ou alteração entre eles, às vezes compondo-adaptando peças folclóricas à linguagem sinfônica, outras, fazendo da Casa um lugar de pertencimento comum.

Magnífica realidade saltenha¹⁸⁴

O sábado, 17 de junho de 2000, dia da morte do herói provincial Martín Miguel de Güemes, foi a data que se escolheu para a inauguração do novo edifício da Casa da Cultura. Nesse dia, o jornal local convidava os saltenhos a presenciarem um dos acontecimentos mais importantes do ano 2000, tanto para a imprensa como para a secretária de Cultura, a senhora Eleonora Rabinowicz de Ferrer – a inauguração era um “fato histórico”. À noite, quem presidiu a cerimônia foi o governador Juan Carlos Romero e o ministro da Educação Antonio Lovaglio; depois a festa terminou com um concerto da Camerata Bariloche.

Para esse fim de semana extenso, não apenas por se celebrar a morte de Güemes, mas também pela comemoração do “dia da bandeira”, previram-se distintos tipos de espetáculos gratuitos a serem desenvolvidos na Casa da Cultura: “duas jornadas de festa popular”.

A citação para a inauguração foi às 20h30 do sábado. A cerimônia se iniciou com algumas palavras alusivas do governador e com o corte de faixas feitas por ele, acompanhado de sua esposa, a senhora Betina Marcuzzi de Romero, o vice-governador Walter Wayar e esposa, o embaixador do Uruguai, Alberto Volonté Berros, o presidente da Corte de Justiça, Guillermo Posadas, o titular da Câmara de Deputados, Froilán Pedroza, a secretária de Cultura Eleonora Rabinowicz de Ferrer, o intendente Enrique Tanoni, ministros do gabinete provincial, legisladores nacionais e provinciais, entre outros funcionários; encontravam-se ali também representantes de entidades culturais e empresariais de Salta e convidados especiais.¹⁸⁵

Em seguida ao corte da faixa, o arcebispo de Salta, Mario Cargnello, benzeu as instalações da obra. Depois se ouviram as palavras do governador e do ministro da Educação no auditório Juan Carlos Dávalos. Uma vez finalizadas, tocou a Camerata Bariloche homenageando o evento.

¹⁸³ À direita foto da Sala “Juan Carlos Dávalos”, Casa da Cultura. *El Tribuno*, 18/6/2000.

¹⁸⁴ Subtítulo de uma nota jornalística em *El Tribuno*, 17 de junho de 2000.

¹⁸⁵ Os discursos do governador e do ministro da Educação foram tirados de *El Tribuno*, em 18 de junho de 2000. “A Casa da Cultura abriu suas portas à arte e aos artistas”.

No ato inaugural, o governador destacou que

o complexo cultural pertence a todos [...] porque a cultura não é patrimônio de um homem nem de um grupo de homens, é o rastro e o passo que deixamos nesta vida que transitamos e, por tudo isso, é o centro de cultura para todos os saltenhos [...] nossa cultura se nutriu de duas vertentes: a inca e a do vice-reinado espanhol; estas culturas unidas à contemporânea devem ser estimuladas e respeitadas para que a expressão da arte tenha cabimento em uma sociedade pluralista, aberta, pujante, talentosa, como o foram as múltiplas expressões em Salta e que hoje configuram o espírito de milhares e milhares de jovens.

[...] a obra que estamos habilitando é fruto da decisão política, mas também da necessidade vital de um povo que *quer, sente, tem orgulho de seu passado, mas também tem necessidade de construir um futuro melhor* (*El Tribuno*, 18/6/2000. Meu itálico).

Concluído o discurso do governador, continuou o ministro da Educação, Dr. Antonio Lovaglio, que asseverou *“Salta é Cultura. Nossa história esteve sempre povoada de manifestações e grandes personalidades que se destacaram no campo das artes, represadas em um marco de identidade própria”*. Depois elogiou o governador por levar a cabo esta ação cultural, assinalando que *“nosso governador interpretou o sentir de todos nós, a necessidade desta casa”*. Do mesmo modo, refletiu a respeito de por que se escolheu o 17 de junho como data para a celebração, destacando que *“não é uma simples coincidência. Güemes é, sem dúvida, um eixo vital ao redor do qual girou a roda da história da liberdade e a independência continental”*. Para finalizar, parafraseando o papa João Paulo II, disse que *“a história demonstra que em circunstâncias extremas é sua cultura que permite que uma nação sobreviva à perda da independência política e econômica”*.

O discurso se fechou com o agradecimento de Lovaglio a Romero, indicando que este tinha posto como prioridade de sua gestão a cultura e a educação, pois constituem *“as ferramentas mais apreciadas para gerar bem-estar e progresso”*.

Sem dar lugar a dúvidas, o governador Romero quis deixar, através de suas ações governamentais, inscritos os seus rastros, fazendo dela uma experiência de “todos” os saltenhos. E, como assinalaram Moore e Myerhoff (1977), por se tratar de um ritual secular, manifestam-se os objetivos da celebração. Güemes é citado por seus atributos, que são os do governo provincial: independência e liberdade. Reiterou-se de diversas maneiras que de nada serve o desenvolvimento econômico se não vier acompanhado de uma “preocupação” pelo povo, pela “alma da gente”, sendo por isso a cultura o meio de enriquecimento. Esta é a liberdade a que aludem, ao parafrasear o papa o ministro da Educação, liberdade também

promovida pelo herói local. A inauguração da Casa da Cultura explicita os princípios que exerce o governo sobre as pessoas, as técnicas empregadas para tornar as pessoas sujeitos morais.

Os concertos inaugurais da Orquestra Sinfônica de Salta

Da capo: na apresentação inaugural da Orquestra Municipal (1968) anunciava-se a “inadiável” orquestra sinfônica, que foi vista e criada como um passo anterior ao seu advento. Assim se fez, esta deixou de ser uma utopia ou uma simples expressão de desejo; mediante um ato performativo se realizaram e se transformaram as formas com que se vinha praticando música em Salta e se instituiu uma nova modalidade musical. Fazendo *ritornelo*,¹⁸⁶ retomam elementos discursivos de distintos contextos sociais relacionados com a criação de uma orquestra sinfônica, mas também momentos que se associam aos processos de modernização da província. Os concertos inaugurais, como a inauguração do novo edifício que acabo de apresentar, instituem uma ordem arbitrária socialmente construída. Neste sentido, realizam-se “rituais de instituição”.

A apresentação da Orquestra Sinfônica no cenário local é utilizada para afirmar que esse “progresso” medido em termos culturais dá a entender que Salta se converteu no país em “cabeceira” da região NOA, por seus avanços em matéria econômica, e que depois de haver “satisfeito” outras problemáticas sociais, o governo logra “completar-se” ao se interessar pela “cultura de seu povo”. Os concertos enquanto “inaugurais” iniciam um conjunto de práticas culturais específicas que são apresentadas como naturais e como tal desconsideram o caráter construído das mesmas. Estes têm a capacidade de conjugar diversos signos, ações e enunciados aparentemente contraditórios sem produzir nenhuma alteração, servem para citar momentos descontínuos que, como rituais, se apresentam como um tempo sem começo. Iniciam algo novo, transformam uma realidade existente mediante a apresentação de uma nova instituição, tomando elementos de um passado conhecido.

As inaugurações fazem parte de um conjunto de práticas e processos sociais mais amplos. Neles se realizam elementos, enunciados e ações que permitem que sejam reapropriados e ressignificados a cada vez e, na forma de *ensaio*, são praticados em um horizonte espacial e temporário particular para se apresentarem posteriormente como performance pública e, desta maneira, serem celebrados.

¹⁸⁶ *Ritornelo* significa em música voltar para um determinado lugar da partitura, para isso existem símbolos que indicam essa passagem ou ação.

Deste modo, os concertos inaugurais foram apresentados em diversos espaços, tocando-se em cada um deles repertório particular. Neles se nomeiam distintas dimensões da vida social e cultural saltenha que, em algum momento, se escutaram, porque foram ditas, mas que, por seu caráter inaugural, soam como se fosse pela primeira vez. Esta “inovação” é uma característica dos rituais de instituição.¹⁸⁷



Performances dos concertos inaugurais

Os concertos de apresentação da orquestra diante dos saltenhos foram três. Dois deles foram anunciados através de distintos meios de comunicação, enquanto o outro esteve destinado a um grupo seletivo de pessoas. O primeiro concerto da orquestra, que chamo *antecipação*, realizou-se em um boliche dançante a portas fechadas. O seu objetivo foi convocar empresários e outras pessoas para conformar um grupo de sócios, “amigos da música ou da orquestra”, para arrecadar dinheiro destinado ao seu patrocínio, caso a província, para determinados concertos ou atuações, não conseguisse cobrir todos os gastos.

Nessa atuação, foram tocadas algumas obras que depois seriam interpretadas nos outros dois concertos, embora nem todas tenham se repetido nas três atuações. Esta performance não contou com a participação do solista convidado, que esteve presente nos outros concertos.

A imprensa local denomina tal performance de “pré-estreia”,¹⁸⁸ uma “antecipação”. Uma antecipação em sentido musical e em composição significa que uma nota soa antes, sem

¹⁸⁷ Foto publicitaria. *El Tribuno*, 27/4/2001.

¹⁸⁸ *El Tribuno*, 28 de abril de 2001. “Um Privilégio para Salta”.

corresponder à harmonia do acorde que se executa, e seu caráter transitivo “antecipa” o acorde seguinte, resolvendo geralmente a tensão harmônica do acorde anterior em que esta tem lugar.

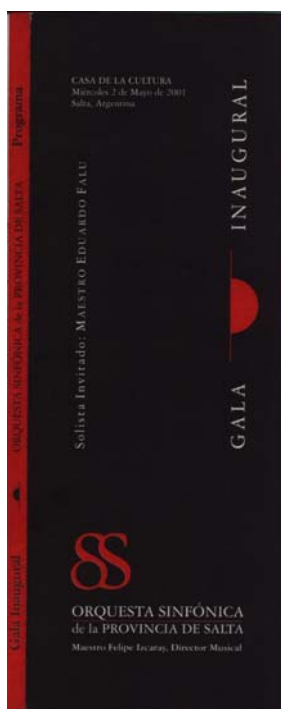
Durante os meses de fevereiro e março de 2001, a imprensa local difundiu a inauguração da orquestra, criando um clima de expectativas nos leitores. Paulatinamente, foram se apresentando aos músicos locais aqueles que procediam de distintos rincões do país e do mundo, junto com seus projetos musicais e de vida. Ao mesmo tempo, anunciou-se Salta como uma nova “*escola musical*”, a “*semente de grandes coisas*” e se resgatou também a “*tradição*” de Salta como “*terra de músicos e poetas*”, pondo a ênfase na particularidade local de criar músicos de trajetória internacional.

Esse primeiro concerto funcionou como uma “*antecipação*”, relaxando pelo menos músicos, diretores, funcionários do governo e certo público da apresentação da Orquestra Sinfônica na “*estreia*” oficial, sem perder por isso seu caráter oficial. Esta antecipação resolveu ou reparou, em termos de “*drama social*”, aquela dissonância social que foi gerada nos processos de dissolução das Orquestras de Câmara Municipal e Estável da Província, quando os músicos destas acreditaram que a sinfônica era só uma utopia.

A imprensa caracterizou esse concerto como um “*privilégio para Salta*”, “*privilégio duplamente comovedor*”,¹⁸⁹ na medida em que alguns ouvintes tiveram a “*oportunidade*” de ter sido escolhidos e convidados para o evento, tendo a orquestra a um “*metro de distância*”. Na ocasião, diz a imprensa, “*já soava como uma das melhores*”. Este público “*seleto*”, dotado de uma série de privilégios exclusivos ou signos de “*distinção*”, que nem todos os saltenhos gozam, parecia ser um tipo de cidadão diferente do resto da população; portanto, foi permitido assistir à “*pré-estreia*”, antecipando-se à inauguração que estava por produzir-se. Este fato e seu efeito social reproduzem os efeitos mágicos que gera a “*distinção social*”.

Nas entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, foi mencionado que quando se executou “*Star Wars*”, de John Williams, última peça do programa, conseguiu-se despertar o assombro dos assistentes, já que pelo tamanho reduzido do lugar a orquestra soou intensamente, criando então “*efeitos especiais*” e fazendo da performance um momento “*espetacular*”, quase mágico (e hollywoodiano). Sem dúvida, enquanto os *efeitos* se referem à surpresa e à comoção provocada nos assistentes, a conotação de *especiais* vincula-se à presença de certo público, o que foi eleito como público “*distinto*” para esse concerto. Os músicos destacam sobre este concerto que foram transportados até o boliche “*Zen*” em um

¹⁸⁹ Idem.



caminhão da Polícia. Uma vez finalizado, e à guisa de celebração, alguns deles, junto com os choferes, saíram para comer e tomar algumas bebidas, festejando durante a noite.

Os concertos seguintes foram programados para os dias 29 e 30 de abril de 2001, as funções correspondendo ao domingo e à segunda-feira, respectivamente, como evento de encerramento do Abril Cultural Saltenho. A realização do primeiro concerto foi prevista para o ar livre; tratava-se de um “concerto popular” de entrada livre e gratuita destinado a todos os saltenhos no monumento a Güemes, denominado pela imprensa de “concerto inaugural”. O segundo concerto foi programado para o dia seguinte, no Teatro Nossa Senhora do Horto, destinado à “sociedade saltenha”,¹⁹⁰ nele só se ingressou com convite. Este foi chamado de “gala inaugural”.

O concerto inaugural de gala repetiu-se no dia 2 de maio, no auditório Juan Carlos Dávalos da Casa da Cultura. Em ambos os concertos não só se realizou a orquestra, mas também se convidou e homenageou o violonista saltenho Eduardo Falú.¹⁹¹ Essas noites inaugurariam a orquestra e uma obra de sua autoria, que não havia podido ser apresentada antes “*por limitações musicais na província*”.¹⁹²

Supunha-se que o concerto no monumento a Güemes seria a primeira atuação da formação musical, mas ele foi suspenso em função do frio desse domingo, adiando-se para o dia depois da apresentação no teatro Nossa Senhora do Horto. Entretanto, quando se tocou no monumento dois dias depois, o frio continuava intenso, sendo um dos dias com a mais baixa temperatura do ano. Para sanar este “problema natural”, foram colocados aquecedores no cenário, os instrumentos não conseguiram temperar, alguns músicos tocaram com luvas, e o músico convidado estava um pouco incomodado com esta situação. Ao pé do monumento, o público se achava extremamente abrigado, talvez o que produzisse o seu aquecimento fosse o êxtase de presenciar o concerto inaugural. Este episódio não impediu que muitas pessoas acessem ao evento.¹⁹³

¹⁹⁰ “Sociedade saltenha” faz referência a um grupo de pessoas que se nomeia como tal. O uso da expressão dá conta do caráter restritivo que tem a categoria. A esse respeito pode se consultar Botana (1998).

¹⁹¹ Cabe mencionar que, enquanto realizava a leitura dos artigos jornalísticos sobre Pró-Cultura Salta, apareceram muitas publicidades dos concertos deste músico, entretanto, nunca foi convocado para fazer parte das programações dos Abris Culturais.

¹⁹² *El Tribuno*, 28 de março de 2001. “Falú, de El Galpón ao mundo. Cordas da alma”.

¹⁹³ Foto do Programa do Concerto Inaugural da Orquestra Sinfônica de Salta, 2/5/2001.

No concerto de “gala inaugural”, o repertório foi mais reduzido em relação ao “concerto inaugural”, somente se executaram três obras. Na primeira parte do programa, apresentou-se a “Suíte Ballet Estancia”, de Alberto Ginastera; esta, da mesma forma que a composição de Falú, são suítes de compositores argentinos, vinculadas à paisagem, ao campo e à vida rural. A composição de Falú chama-se “Suíte Argentina”. Na segunda parte, foi tocada “Scherezade, Suíte Sinfônica Opus 35”, de Nicolai Rimski-Korsakov, ficando para o bis “Danzón N° 2”, obra “popular” do compositor mexicano Arturo Márquez.

No “concerto inaugural”, ao ar livre, o repertório foi mais extenso e com maior número de peças folclóricas. O programa se iniciou com “Abertura Festiva”, de Dimitri Shostakovich, seguiu-se-lhe “Clair de Lune”, de Claude Debussy, orquestrada por Felipe Izcaray. Depois teve lugar a participação do solista convidado com sua “Suíte Argentina”; “Danzón N° 2” de Arturo Márquez; “La Pomeña”, zamba de Gustavo “Cuchi” Leguizamón,¹⁹⁴ orquestrada pelo compositor residente da Orquestra Sinfônica, o professor Eduardo Alonso Crespo;¹⁹⁵ a zamba “O Carnaval”, também de Gustavo Leguizamón, orquestrada pelo diretor musical Felipe Izcaray; e, como última peça do programa, “Star Wars”, de John Williams. Nesse concerto não se executou “Suíte Estancia”, de Alberto Ginastera, de modo completo, somente se interpretou a última peça como bis, “Malambo”, acompanhada de fogos de artifício. Antes de se produzir esse final, já foram se antecipando os fogos de artifício, enquanto soava “Star Wars”. A música, acompanhada dos fogos, acentuou a espetacularidade do acontecimento cultural, sua “inauguração”, o caráter festivo da celebração, fora do tempo e do espaço ordinários.

Para os dois concertos inaugurais, o diretor musical Felipe Izcaray vestiu um traje branco de gala, diferente dos concertos regulares e até mesmo de atuações especiais denominadas “gala”, em que geralmente usava um traje preto. Os músicos destacam que o diretor interpretou algumas obra de cor e que, para o concerto de “gala inaugural”, utilizou luvas brancas, acessório que destaca a importância do acontecimento. Finalizados os

¹⁹⁴ Gustavo “Cuchi” Leguizamón foi advogado e compositor saltenho, vinculado sobretudo ao folclore. É uma figura celebrada e sempre é chamado na hora de construir uma imagem de cultura e de próceres da cultura.

¹⁹⁵ Durante o trabalho de campo, escutando outras orquestras do país e de outros países, e comparando sua estrutura, notamos que o cargo de “compositor residente” só aparece na Orquestra Sinfônica de Salta. Em geral, as orquestras sinfônicas não dispõem desta categoria de músico. Em relação aos concertos inaugurais no ano de 2001, o professor Eduardo Alonso Crespo fazia parte do Diretório do Instituto. No marco da lei n° 7072 Art. 5° que lhe dá origem, o Poder Executivo tem a faculdade de nomear “dois representantes de prestígio no âmbito da música e/ou da dança [...] na qualidade de diretores do Conselho de Direção”. De 2003 até hoje, este professor aparece nos distintos programas de concertos como Compositor Residente e Diretor Convidado Principal.

concertos inaugurais, os músicos, que já tinham estabelecido relações de amizade com seus companheiros da orquestra, celebraram as apresentações, festejando em distintos *pubs* da cidade, virando a noite, dançando. Alguns o fizeram em um dos locais de músicas folclóricas mais conhecidos da época, “La vieja estación”.

Em torno do “popular”: o músico convidado e o projeto cultural da Orquestra Sinfônica de Salta

Eduardo Falú nasceu em El Galpón, localidade do interior da província de Salta. Este músico narra, em uma matéria feita por *El Tribuno*, sua trajetória como músico.¹⁹⁶ Ali destaca que iniciou tocando o violão de seu irmão ainda muito jovem, pois seu pai escondia o seu, já que “*ser músico era o melhor passaporte para a farra e a desocupação*”. No Metán, onde viveu grande parte de sua vida, as pessoas que tocavam violão tinham ofícios que talvez, para os olhos de seu pai ou de sua família, não eram uma profissão, daí o “passaporte para a farra e a desocupação”.¹⁹⁷ Esses seus amigos que tocavam o instrumento eram pintores “*de paredes*”, cabeleireiros, donos de casas de móveis de vimes, entre aqueles que menciona.

Estudou harmonia com Carlos Guastavino, músico, compositor e professor reconhecido na Argentina. Através desta experiência, como também a partir da leitura da guitarrística espanhola (autores como Sor, Aguado, ou Domingo Prats), Eduardo Falú pôde tecer uma “*ponte entre o popular e o clássico, e dar outra dimensão ao folclórico*”,¹⁹⁸ embora o violonista destaque que sua “verdadeira escola” foram as casas de seus amigos, onde se juntavam para tocar, compor e fazer de alguns poemas as letras para as canções folclóricas. Entre essas casas encontram-se a dos Marrupe;¹⁹⁹ por ali circulavam pessoas como os Dávalos,²⁰⁰ “El Burro” Lamadrid, Roberto Albeza, Manuel J. Castilla, César Perdigueiro... “*era tempo de músicos, de poetas*”, assinala Falú na entrevista realizada por *El Tribuno*.²⁰¹

A participação deste solista tece uma ponte, como ele mesmo denomina, “entre o clássico e o popular”; não obstante, trata-se de um tecido que só ele pode compor, porque

¹⁹⁶ *El Tribuno*, 28 de março de 2001. “Falú, de El Galpón ao mundo. Cordas da alma”.

¹⁹⁷ *Idem*.

¹⁹⁸ *Idem*.

¹⁹⁹ Família conhecida na província por sua vinculação com movimentos artísticos e por pertencer à elite local.

²⁰⁰ A família Dávalos, também pertencente à elite local, é configurada em sua maioria por artistas. Juan Carlos Dávalos, pai de Jaime-músico e Ramiro-pintor.

²⁰¹ No discurso de Eduardo Falú, Salta como “terra de músicos e poetas”, é produzido em tempo passado; enquanto para a retórica analisada, essa Salta que se torna “Salta é Cultura” atualiza-se naquela representação e são os componentes que a constituem como tal.

dispõe de capitais econômicos, sociais e culturais que lhe permitem e permitiram ter acesso ao “centro” de profissionalização em Buenos Aires e estudar com um professor de reconhecida trajetória. Este elo que se estabelece aparentemente entre duas poéticas sonoras, a música clássica e o folclore, relaciona-se também com os espaços sociais de produção cultural. Sua “verdadeira escola”, as casas de alguns amigos da elite, evoca um campo idealizado como recinto das “tradições” e das harmonias folclóricas. Essa bagagem cultural, e por que não lúdica, que recupera ao recordar seus amigos, lhe permitirá capitalizar essas harmonias segundo os modos de composição de uma sinfonia, e é ali que o folclore, ao utilizar uma orquestração sinfônica, converte-se em música clássica.

A partir deste tipo de noções, implícitas em enunciados da imprensa e nas observações do músico, pretende-se esgotar toda a distância social, na medida em que se tenta “romper com o mito de que a música clássica é só para a elite”.²⁰² Entretanto, não se deixa de associar o folclore aos setores populares, e talvez a música clássica entre estas pessoas não seja a sua preferência. Então, que sentido tem sustentar que não existem diferenças possíveis entre “o culto e o popular”? A afirmação acaso não reestabelece essa distância? Por que então a imprensa denominou o concerto no monumento a Güemes de “popular” (gratuito e ao ar livre) e o do Teatro do Horto de “gala inaugural” (só com convite)? Ou mais ainda, o que se está dizendo quando se refere ao fato de que “o calor popular ganhou do frio no monumento”?

Em distintos artigos jornalísticos vinculados à Orquestra Sinfônica explicita-se o projeto que o diretor venezuelano Felipe Izcaray tem para ela.²⁰³ Este projeto relaciona-se à orquestra tocar concertos de “traço clássico-popular”, com o fim de chegar a distintos setores da província, já que em muitas oportunidades as pessoas não podem vir até a cidade de Salta e “pagar uma entrada”. Pelo mesmo, fica incluído no projeto o fato de que a orquestra viaje para as localidades do interior para que “a boa música seja acessível a todas as pessoas”.

No projeto que o diretor assinala para a orquestra, o “popular” vincula-se a classes subalternas, desprezadas, às quais se concede “o direito” e “o privilégio” de conhecer “a música de qualidade”, já que esta música também pode ser “popular”. “Popular” na medida em que abrange um maior número de pessoas (“Mozart foi um gênio e o mais “popular” de sua época” enquanto conhecido).²⁰⁴ Também é “popular” quando os representantes dessa “música de qualidade”, no interior da província, podem “explicar-lhes em termos simples do

²⁰² Comentário de Felipe Izcaray em uma entrevista realizada por *El Tribuno*, em 23 de abril de 2001: “A Sinfônica é uma realidade”.

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ Idem.

que se trata". Quem são essas "outras" pessoas às quais se dirige o projeto? Despreza-se sua sensibilidade para que se explique para elas em "termos simples" a música? Não é por acaso a música uma *linguagem universal, música que irmana, um milagre que borra as fronteiras*? Talvez não seja possível que essas "outras" pessoas prefiram outras poéticas musicais e outras práticas de socialização? Este projeto não teria um sentido "civilizador", educador, ao aproximar a "música de qualidade", ao "elevar o nível cultural de nossa gente"?

Por outro lado, o diretor indica que o projeto proposto se sustenta com concertos semanais "*porque os saltenhos merecem ter acesso à cultura e a certas salas (Mecano, Teatro Huerto ou Vitória)*". Depois de explicitar algumas dimensões do projeto, o diretor diz que a Orquestra marcará um "antes" e um "depois" na história de Salta, tendo sido a última orquestra criada no país em 1954, em Santa Fé. Nesse sentido, sua criação se converte no *acontecimento cultural local mais importante dos últimos anos*", pois se distancia do estritamente musical, na medida em que se realiza "*a vontade de um governo e de um povo de contar com uma orquestra sinfônica*",²⁰⁵ porque como "*emblema*" se soma a esse "*patrimônio poético e musical*". Também essa vontade do governo deixa de lado qualquer frivolidade tensionada pela "*tecnologia e a globalização*",²⁰⁶ já que sua missão avoca para si o cultivo da música como "*uma das artes mais espiritualistas das artes do espírito, e o amor à música é uma garantia de espiritualidade*" (Bourdieu, 1991, p. 16).²⁰⁷

Em relação à representação de "popular" exposto pelo diretor no projeto para a Orquestra Sinfônica, não parecia que este estivesse associado ao folclore como poética musical, embora se manifeste nos interesses do violonista convidado. Aparece então uma diversidade de sentidos em torno do próprio termo "popular" para um mesmo acontecimento: criação, celebração e apresentação da Orquestra Sinfônica de Salta.

Outra dimensão associada ao "popular" é estabelecida em relação aos concertos regulares que a Orquestra daria todas as semanas no auditório Juan Carlos Dávalos, na Casa da Cultura. Nesta dimensão, seu diretor assinalava que a criação de uma orquestra sinfônica "*deve encher um vazio*".²⁰⁸ Em que pese Salta ser um lugar conhecido por seus poetas e sua música "*popular*", "*carecia de uma forte música clássica*". Assim é que o projeto do diretor se

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ *El Tribuno*, 28 de abril de 2001. "O programa de amanhã. Malambo com violinos. A ameaça da frivolidade".

²⁰⁷ Neste sentido, ao serem executados os dois concertos inaugurais, o jornal local assinala que a "*missão da arte não é só entreter... mas sim sacudir as consciências das pessoas, enriquecendo-as cultural e espiritualmente*". *El Tribuno*, 2 de maio de 2001. "A Orquestra Sinfônica debutou diante de sua gente. Sonho completo. O concerto no Horto. O calor popular ganhou do frio no Monumento".

²⁰⁸ *El Tribuno*, 29 de abril de 2001. "Felipe Izcaray, o diretor da Orquestra Sinfônica. "Uma verdadeira escola musical". Porque "sinfônica". Concertos populares".

funde com o do governo provincial, contribuindo para que *Salta tenha a categoria cultural que merece*".

Afirma também o diretor que não se trata de um projeto elitista, mas sim que *"deve oferecer às pessoas, a toda a gente, a possibilidade de desfrutar de gêneros a que não podia ter acesso até agora"*, apenas por *"um peso!"*; e, não só concerto regulares, mas também com solistas convidados de trajetória internacional, além de óperas, balés e zarzuelas.

As formas de apresentação enquanto *popularidade e/ou popularização* da atividade orquestral fazem dela uma instituição pedagógica, na medida em que esta incide tanto no meio social e no público em geral, como também na produção e na reprodução do universo musical, independentemente de os diversos músicos saltenhos praticarem ou não música clássica. Uma maneira que encontra o diretor de levar a cabo a atividade pedagógica é através da criação de orquestras juvenis e infantis, como as que realizava em seu país natal, já que viu como se converteram em um *"verdadeiro programa de assistência e contenção social"*.²⁰⁹ Além disso, para que uma orquestra *"faça escola"*, acrescentou o diretor, é necessário que se desenvolva um *"entusiasmo musical"*, criando-se novas formações musicais; inclusive, que os músicos despertem o interesse em outros músicos e por outras formas de combinação dos sons; neste sentido, indicou que *"há músicos que já estão se formando para tocar música popular"*.

De uma perspectiva diferente daquela apresentada, o violonista convidado, Eduardo Falú, utiliza o termo *"popular"* para se referir geralmente ao folclore. Em relação à produção artística, sua atenção se focaliza nos modos de praticar o folclore; neste sentido, o violonista nota que as performances folclóricas não estão tão interessadas na música, mas sim em como se leva a cabo a prática no cenário; assim, sabe que sua música não pode ser apreciada por certo público que espera que se faça rodar *"o poncho"* (prática que a solista folclórica Soledad instituiu em cada um de seus espetáculos, sendo este gesto corporal o que a caracteriza).²¹⁰

Estas diferenças poéticas para Eduardo Falú mostram o empobrecimento da vida das pessoas; por isto, o artista destaca a importância que tem *"para a gente"* a criação de uma orquestra sinfônica e a Casa da Cultura como *"foros inapreciáveis de cultura e educação"*.²¹¹ Embora Falú, em sua busca pelo folclore, tenha se orientado para os *"elementos da terra"*, considera que a música, ao ser uma *"linguagem universal"*, exige a mesma clareza tanto para

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ *El Tribuno*, 28 de março de 2001. "Falú, de El Galpón ao mundo. Cordas de alma".

²¹¹ Idem.

um “bailecito”²¹² como para uma sinfonia, embora “*as grandes composições não sejam outra coisa que a semente germinada da dança e do canto popular*”, acrescentou o compositor. Neste sentido, o músico considera que “*a única forma de ser universal é ser fiel a si mesmo*”, “*ser autêntico, fiel ao espírito da arte e do povo*”.

Estas condições, somadas à sua trajetória na música, e fundamentalmente o fato de ser saltenho, fizeram de Eduardo Falú a pessoa indicada como músico convidado dos concertos inaugurais da Orquestra Sinfônica. Por haver Salta superado “*suas limitações musicais*”, poderá apresentar pela primeira vez na província sua Suíte Argentina,²¹³ para violão e orquestra, obra composta em 1986, que se compõe de danças e peças como “Carnavalito”, “Misa chico”, “Bailecito”, “Zamba”, “Estilo” e “Malambo”.

O autor realizou esta peça orquestral “*para que a interpretem as orquestras de todo o mundo e testemunhem a universalidade da música*”.²¹⁴ Essa universalidade é possível na medida em que se compõe para um organismo sinfônico e é a instrumentação que legitima seu caráter universal. As danças que Falú escolherá para sua suíte retomam ritmos, harmonia e motivos melódicos argentinos, criando paisagens e (re)construindo a Argentina. Entretanto, como antecipara em parágrafos anteriores, esta composição não será a única peça folclórica/popular sinfônica que se executará nos concertos inaugurais.

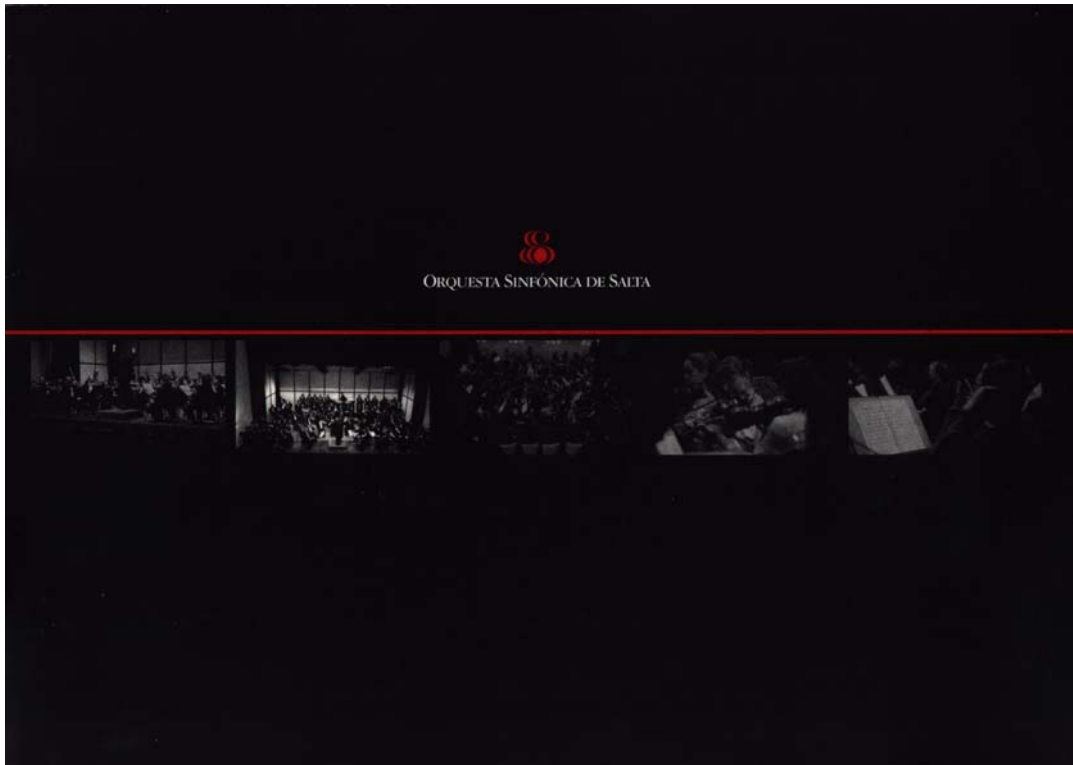
Nos sentidos mencionados, podem se considerar também peças populares, além das folclóricas adaptadas para uma orquestra sinfônica (“La Pomeña”, “Zamba del Carnaval”), “Danzón n° 2 e “Stars Wars”. Esta última remete mais ao caráter de *popularização*, enquanto pretende motivar os assistentes ao reproduzir sonoridades conhecidas graças à expansão do mercado cinematográfico, produzindo-se ali a eficácia do ritual, reforçada pelos fogos de artifício.

Em termos musicais, “Scherezade, suíte sinfônica”, de Rimsky-Korsakov, retoma elementos do cancionero popular nessa sinfonia, mas o objetivo de apresentar essa obra não se relaciona tanto à vinculação com o “popular”, mas sim com a exposição de uma orquestra, ou seja, destaca-se a orquestração utilizada nessa composição. O mesmo acontece com “Clair

²¹² O “bailecito” é uma forma de peça musical folclórica, como a zamba, o chamamé, o carnavalito etc.

²¹³ Uma suíte se estrutura de diferentes danças, cada uma delas remete a distintas localidades. Durante o período renascentista, as suítes eram compostas para dançar, enquanto a partir do barroco elas deixam de ser dançadas para serem somente escutadas. Cada dança tem um ritmo (compasso) e velocidade, e na estrutura de uma suíte intercalam-se movimentos rápidos seguidos de outros lentos, retomando outro rápido e finalizando geralmente com um veloz. Por exemplo, uma suíte pode ser integrada por um *prelúdio*, *gavota*, *sarabanda* ou *siciliana*, *alemanda* e *giga*. Também podem suceder-se ritmos, sejam estes binários ou ternários.

²¹⁴ *El Tribuno*, 28 de abril de 2001. “O programa de amanhã. Malambo com violinos. A ameaça da frivolidade”.



de Lune”, de Claude Debussy, pois com ela se busca apresentar as cores timbradas de uma orquestra e o clima que esta pode produzir.

Deste modo, a escolha do repertório “traço clássico-popular” cita sonoridades conhecidas com as quais o público está familiarizado; assim, os ritmos e as melodias se convertem no espetáculo. Neste marco, e em particular com a execução de Scherezade” ou “Clair de Lune”, apresentam-se a orquestra e suas possibilidades sonoras.

Inaugurando uma orquestra, apresentando Salta

Quanto ao concerto realizado no monumento a Güemes, a imprensa enfatiza o fato de assistir à “*apresentação em sociedade da Sinfônica*”, já que a importância do acontecimento “*transcende o musical*”.²¹⁵

Essa transcendência se refere ao *progresso* medido em termos de “*material cultural*”. A Orquestra se converteria, segundo o relato da imprensa local, no “*estandarte do NOA*”, no elemento distintivo da província. Nem todas as províncias do país contam com uma orquestra sinfônica, e ter uma é o atributo que permitiu a Salta (ou pelo menos a seus governantes) distinguir-se e reposicionar-se a respeito de certas representações sociais produzidas historicamente a partir de processos de formações provinciais de alteridade (Briones, 2008).

²¹⁵ Foto do Programa do Concerto Inaugural da Orquestra Sinfônica de Salta, 30/4/2001.

A incorporação de uma nova instituição cultural e o valor conferido a essa formação musical, uma orquestra sinfônica, permitem situar Salta à “*altura de outras províncias com maior patrimônio cultural no país*”.²¹⁶ Esta “altura” alcançada habilita os funcionários públicos, vinculados a esta prática cultural através da imprensa, a recordarem para os cidadãos que Salta é “*uma comunidade definida por seu patrimônio poético e musical*”. Neste sentido, o governante, junto com sua equipe de funcionários, cumpriu seu mandato não só segundo a lógica de uma carreira político-administrativa, mas também fazendo com que o *slogan* “Salta terra de músicos e poetas” se apresente como natural, sendo estes últimos os escolhidos para dar lugar ao “leito natural” da ordem social e cosmológica.

Posto que estar à “altura” implica, do mesmo modo, sustentar certo critério de gestão cultural para ir paulatinamente ganhando espaços na vida social dos saltenhos e do resto do país, convidaram-se distintos músicos, de reconhecimento nacional e também internacional, para que “*a comunidade cultural saltenha se revista de bons músicos, clássicos e populares*”, como mencionou Izcaray.²¹⁷ A frase põe a descoberto que o “*patrimônio poético e musical*” se enriquecerá com a incorporação da Orquestra Sinfônica, convertendo-se esta no “*estandarte*” dos saltenhos, como assinalaram os senadores e os deputados no momento de criar a instituição.

As apresentações da Orquestra marcam as suas peculiaridades com respeito aos meios para levar a cabo seu projeto enquanto instituição cultural: preços econômicos, concertos didáticos e espaço de crescimento em matéria musical e cultural para os jovens, os músicos locais e a comunidade em geral. Desta maneira, mediante a celebração dos concertos inaugurais e a abertura da Casa da Cultura, introduz-se uma “nova” prática musical que realiza um modo de ser *saltenho*.

Neste capítulo quis mostrar os processos sociais que implicaram a criação da Orquestra Sinfônica de Salta. Por um lado, relacionou-se à dissolução de duas orquestras, um

²¹⁶ *El Tribuno*, 23 de abril de 2001. “A Sinfônica prepara sua estreia”.

²¹⁷ Entre as atividades da Orquestra Sinfônica, cabe assinalar as funções realizadas fora da província e em determinados lugares considerados importantes em práticas culturais-musicais do país. Esta gestão tornou possível que a orquestra adquirisse reputação no contexto nacional no prazo de seis anos. Neste sentido, destaca-se a execução da Orquestra Sinfônica de Salta no salão principal do Teatro Colón (2002), sua participação no Festival Llao-Llao (2003) e no encontro tripartite em Assunción, no Paraguai (2004), sua atuação ao ar livre na Capital Federal junto com o Coro Polifônico Nacional (2004), e no Festival de Ushuaia (2005). A estas apresentações se somam todos os concertos celebrados nas quintas-feiras de cada semana na Casa da Cultura. Dos concertos apresentados na província participaram figuras de conhecida trajetória internacional, como a já mencionada pianista Martha Argerich, junto com os músicos premiados em seu concurso, o violonista Eduardo Falú, presente nos concertos inaugurais, e Manuel Rego, entre outros.

momento de muito conflito entre o governo provincial e os músicos, embora não tenha se restringido somente a eles, mas despertando um não-conformismo generalizado, em função de ter implicado a instauração da instituição e o não-atendimento do governo provincial a outros problemas sociais. Esta discrepância manifestou-se nos comentários da deputada Fanny Ceballos, que com sua intervenção deu voz aos descontentamentos que rondavam a cidade. Entretanto, o governo da província festejou em diversas oportunidades a grandiosidade de sua política, com a inauguração da Casa da Cultura, nas discussões parlamentares sobre a criação da Orquestra e depois nos próprios concertos apresentados por ela.

Também quis dar conta de como principalmente a música (por ser esta o objeto de análise do capítulo), a literatura, as artes plásticas, o cinema, a fotografia relacionam-se com os “valores universais” da cultura, porque de alguma forma remetem à história das artes europeias. Esse deslocamento no tempo e no espaço permite que o governo provincial delas se aproprie para construir uma “identidade provincial”, para afirmar que é “o propriamente saltenho”. Por sua vez, reitera-se obstinadamente que em Salta existia um “vazio” que precisava ser atendido; não só é assim manifestado pelas pessoas envolvidas nos processos aqui analisados, mas também porque se trata de uma concepção que atravessou os últimos 30 anos, se repensarmos e retomarmos a forma como foram concebidos os Abris Culturais Saltenhos.

Por outro lado, poderia afirmar que o trabalho social, pedagógico e cultural desenvolvido por Pró-Cultura Salta permitiu que esse projeto cultural, associado à cultura das belas artes, à música clássica, à literatura, criasse a possibilidade para que o governo provincial executasse “políticas culturais”, e que estas fossem vistas, percebidas e concebidas como uma “política de Estado”, como colocou Agustín Usandivaras. Ao mesmo tempo, as medidas tomadas em relação à cultura são realizadas e celebradas nos Abris Culturais. Nos discursos inaugurais apresentam-se as ações a seguir, estabelecem-se os esboços. Neste sentido, como assinalou o deputado Martinelli, não existe nada melhor do que aprovar a criação do Instituto de Música e Dança e a Orquestra Sinfônica no Abril Cultural, já que existia uma “dívida”, era um “dever histórico”. Desta forma, considero que os Abris Culturais, ao se governamentalizarem, convertem-se no cenário para que o projeto cultural da província seja mostrado.

Algumas considerações finais

Nesta investigação me propus a discutir como são concebidas as práticas em relação à cultura, problematizando a respeito de “políticas culturais”. Ao focar a análise de Pró-Cultura Salta, pude notar que os sujeitos que formaram e formam a instituição concebem seu trabalho como uma prática desinteressada, faz-se o que se faz pelo gosto, o amor e a paixão que se tem e se sente pela arte. Neste sentido, essas ações sociais são percebidas como apolíticas. Entretanto, analisando como surge a instituição e o tipo de relações que as pessoas mantêm entre si, pude notar o caráter ficcional dessa enunciação. Pelo contrário, as pessoas que “idearam” Pró-Cultura Salta como os Abris Culturais Saltenhos encontram-se posicionadas em determinados lugares não só estratégicos, mas também vinculados à administração pública e a diversas instituições civis que lhes permitem ativar variados tipos de recursos.

No primeiro capítulo, dediquei-me fundamentalmente a situar as pessoas e a ver como elas construíram suas relações, suas redes, as diversas instituições que participaram do projeto, os fundamentos da associação, ao mesmo tempo em que tentei contextualizar quais foram as condições sociais e culturais de Salta que possibilitaram o surgimento de Pró-Cultura e dos Abris Culturais. Também me dei conta do “mito de origem”, narração que é atualizada em cada comemoração, na memória que se constrói da própria instituição. Pela análise das amizades e das relações estabelecidas, pelo contexto cultural geral da época e, através das narrativas construídas em torno do surgimento do projeto cultural, assenta-se uma imagem de Salta como “carente de cultura”, “vazia”, “chata”, nega-se qualquer proposta cultural prévia ou ela é desqualificada. Ela é mencionada de passagem, embora isto também ateste as estratégias discursivas que permitem a uns posicionar-se como superiores em relação a outros, ao mesmo tempo em que, como mencionei em diversas oportunidades tomando como referência Norbert Elias (2000, p. 35, 43-44), vincula-se como justificativa das distribuições desiguais de poder enquanto as afirma.

No segundo capítulo, analisei entre várias coisas a proposta cultural, tomando como referência os três primeiros Abris Culturais. Neles se constroem diversas imagens de Salta, criam-se sujeitos morais, forma-se um público, cria-se um tipo de cidadão. O instrumento desse trabalho pedagógico e moral foi a imprensa. Através dela não só se informa o que está acontecendo, mas também se dão as linhas e os valores a respeito de como se pretende que seja esse saltenho. Resulta no meio a partir do qual se afirmam diversas noções que outros,

visitantes que chegam à cidade para encenar seus espetáculos, imaginam uma “província do interior”.

As imagens produzidas nos Abris Culturais muitas vezes são contraditórias, algumas vezes se encenam espetáculos que idealizam um interior como “não-poluído”; outras vezes se menciona a “autenticidade” de Salta, enquanto se reclama sobre estar sempre olhando a Europa em vez de se produzir arte com os elementos de um passado indígena. Por vezes apresenta-se Salta como aberta ao mundo, localiza-se na região, no país e em relação ao exterior. Entre a autenticidade e a pureza existe uma grande distância. A primeira alude a um passado que só é tolerado através de vestígios arqueológicos, nos museus, nos mitos. A pureza refere-se à distância espacial e temporária em relação às grandes cidades, os processos de modernização não degeneraram o ser humano e isto faz com que a província seja privilegiada. Enquanto isso, projetam-se os Abris Culturais como “transcendentes”, algo que marcará a história não só de Salta, mas no país.

Salta fantasia “cultura” e imagina a si mesma “como cultura”, os membros da associação se dispõem a tornar realidade esse projeto, fazem de seu desejo o desejo de todos, atribuem-se uma missão social e política. A cultura legítima que imaginam é aquela dos valores universais e das artes europeias. Nesse sentido, aquilo que começa como uma ideia de “sete loucos” torna-se um projeto de civilização que busca transformar o indivíduo através do cultivo de si, sendo a arte a maneira de espiritualizar-se.

Pró-Cultura Salta se coloca a serviço de, encarrega-se de administrar essa tarefa, intermediar as empresas, o governo e conseguir recursos para oferecer os Abris Culturais à população. Pratica uma política governamental, entra em ritmo com as transformações do Estado provincial e articula os diversos setores da administração pública. Isto porque constrói suas relações por vínculos de proximidade, interpessoais e, graças ao fato de que diversos membros cumprem funções fora da associação (Câmara de Comércio, relações pessoais com o dono dos meios de comunicação, diretor de Cultura, entre outros), consegue levar adiante esse projeto. Pró-Cultura transforma-se no órgão de pensamento do Estado, articulando negociações de eventos no interior da província, seja com os “chefes comunais”, ou com países limítrofes, pela proximidade afetiva e institucional de seus membros.

A partir deste capítulo, estabeleço as associações entre as diversas dimensões do mundo social: cultura, espiritualidade, economia e política. Ao longo dos anos, suas articulações serão ressignificadas junto às formas de governo. Mas se há algo que me interessa colocar, é o projeto moral que foi instituído. Um de seus objetivos foi espiritualizar o povo

mediante a cultura, contribuindo para a normalização dos saltenhos. Neste sentido, Pró-Cultura Salta foi se convertendo no guardião dos valores cívicos.

Se se pensar a partir das discussões propostas por Shore e Wright (1997) e também Mitchell (1999), todos eles tomando como referência Michel Foucault (1997), trata-se de considerar a disseminação do poder como uma “arte de governo”, na qual confluem política e moralidade, dando lugar a processos de sujeição externa e subjetivação. A sujeição externa associa-se às normas através das quais os indivíduos constituem a si mesmos e são governados, enquanto a subjetivação implica as capacidades autorreguladoras dos sujeitos normalizados através dos exercícios de poder. Pró-Cultura Salta pretende constituir essas normas e esses sujeitos sociais através das práticas culturais, forjando hierarquias; eles mesmos se hierarquizam e eles mesmos a reproduzem. Não só se estabelecem essas hierarquias entre diversos grupos, mas o fazem também com as práticas artísticas. Dessa maneira, pretende-se disciplinar o gosto e as formas de um vir a ser sujeitos no mundo. Esse disciplinamento relaciona-se com a educação do público mediante oficinas didáticas, conferências, jornadas; ensina-se através dos meios de comunicação como as pessoas devem comportar-se no auditório, conseqüentemente, se constrói uma boa performance que envolve os participantes e os elencos; estabelece-se quais são os espetáculos que valem e quais não.

No terceiro capítulo, detive-me na análise dos programas dos Abris Culturais Saltenhos, considerando as transformações da categoria de “organização”, as distintas acepções que assume o termo em relação à produção dos eventos artísticos, as negociações estabelecidas com as empresas e os vínculos com o Estado provincial. Ali indago sobre os limites entre Estado, economia e sociedade, as eficácias dessas separações e as conseqüências políticas de tais distinções. Essas mudanças associam-se com os vínculos que os membros do diretório mantêm entre si. As dinâmicas de suas relações permitem a consolidação de uma política cultural “administrada” pelo Estado. Os Abris Culturais se governamentalizaram. Considero que esse processo se produziu porque o diretório, mais que a primeira comissão (1977-1979), teve um maior número de integrantes como funcionários públicos, configuração que contribuiu para a formação de uma política de Estado em torno da cultura.

Por sua vez, a cultura que se promovia dentro da instituição sofreu outras alterações, surge menos como a ideia de cultivo e mais vinculada à ideia de “recurso” associada à dinâmica do turismo e do comércio, a partir das quais se formaram outras identidades. Pró-Cultura fez dos Abris Culturais um projeto mais amplo, abrangendo diversos municípios que, por sua vez os incorporaram em suas agendas. Relaciono que a participação dos municípios teve a ver com o desenvolvimento das localidades em centros de atração turística; em outros,

a cultura como recurso foi a forma de suprir problemas sociais, aparecendo dessa maneira denominações como “desenvolvimento cultural”.

Neste capítulo, aproprio-me de duas celebrações. A primeira vincula-se a uma homenagem que foi realizada pelo novo diretório para os fundadores. A partir dela, o diretório que havia assumido consagrou-se como os herdeiros legítimos do projeto instaurado e, dessa maneira, se permitem contar a história da associação, consagrá-la e reorientá-la. Essa celebração marca o ponto entre os antigos integrantes e as formas com que tinham de levar a cabo os Abris Culturais para delegá-los ao governo. A mudança de diretório simboliza e é essa passagem. Alguns dos fundadores então presentes assentiram nessa transformação. A partir desse momento, o governo da província acrescenta o uso de simbologias, cores, ícones.

Assim é que o livro dos “XXX Abris Culturais” apresenta os dois lados da mesma bandeira, Pró-Cultura Salta e o Governo da Província. A segunda celebração analisada relaciona-se com o festejo dos XXX Abris Culturais, sendo a apoteose da política cultural do governo da província. Nela se afirmam os elementos que durante todos esses anos haviam sido apresentados. O livro que acompanha a mostra volta a narrar a história da instituição. Se na comemoração anterior a formação de Pró-Cultura durante o governo militar tinha sido amenizada, no livro dos XXX Abris ela é completamente silenciada, fazendo com que seus protagonistas apareçam como grandes amantes da arte e entregues desinteressadamente à sua tarefa. Essa cerimônia encerra a celebração de uma série de acontecimentos que apresentavam a cultura novamente como o cultivo de si.

Dessa maneira, no capítulo quatro refiro-me diretamente à criação da Orquestra Sinfônica de Salta e à reinauguração da Casa da Cultura. A celebração do novo edifício da Casa da Cultura retoma “cultura” como o processo de transformação do indivíduo em “civilizado”, certamente enfatizando o caráter moralizador do projeto. A Casa se converte em um templo de devoção à atividade criadora. Nesse ritual secular, consagra-se “Salta é cultura”, que se reafirmará com a apresentação da Orquestra Sinfônica de Salta. Nos concertos inaugurais, estabelece-se como se levará a cabo esse projeto social, transformando-se no emblema da província ao mesmo tempo em que é “popular”.

Nessas celebrações performatiza-se cultura, constroem-se imagens em torno dos saltenhos como cultos e civilizados, afirma-se, mediante os “valores universais-europeus”, o “propriamente saltenho”. Salta precisa afastar-se de qualquer conotação de atraso e subdesenvolvimento, uma orquestra sinfônica lhe dá a possibilidade de transformar-se em uma das “províncias de mais alto nível cultural do país”. Convida-se Marta Argerich para tocar em três oportunidades na província, leva-se a Orquestra a tocar em festivais de altos níveis de

consumo turístico internacional: “Gala no fim do mundo”, Usuahia e no hotel Llao-Llao de Bariloche. Apresenta-se no Teatro Colón e dá um concerto ao ar livre, em outra oportunidade, em plena cidade de Buenos Aires. Acompanha um encontro “Tripartite: Argentina, Paraguai e Brasil”. Faz-se da Orquestra uma das “melhores do país”.

Essas mobilizações da Orquestra, os cenários onde se apresentam não são apenas atividades musicais, mas que compassam a política governamental de Juan Carlos Romero: comércio internacional e relações diplomáticas, políticas de turismo e desenvolvimento de certos setores da economia a ele vinculados, consolidação de Salta como “capital” do Noroeste argentino. A Orquestra, com suas viagens, desenha os mapas das políticas de governo, evidencia as relações e as redes territorializadas que se constroem no país, entre as províncias vizinhas, conformando uma região e, juntas, consolidando-se em um polo político em relação ao resto das províncias do país e da capital da República.

Steimentz (1999) comentou que as políticas governamentais são definitivamente políticas culturais; na medida em que reconfiguram as relações sociais, políticas e econômicas, produzem a crença na centralidade do poder. Refletindo a partir desta afirmação, considero que o fomento à arte como uma política de Estado faz dessa política cultural a cultura saltenha, constrói Salta como uma comunidade a partir de laços afetivos, forjando o sentimento de pertença a esta coletividade. A criação da cultura de uma comunidade faz parte de processos políticos e sociais e, principalmente, de um processo civilizatório. Foram esses processos que quis narrar aqui.

O que aconteceu com Pró-Cultura nesses anos que fez com que o governo e a política de governo vinculada à cultura se acentuassem? Pró-Cultura Salta, no meu entender, tornou-se gestora dos recursos, administrando as práticas culturais, ao menos durante o Abril Cultural. Se existiu uma característica que a fez singular desde seu início, foi seu lugar limítrofe, “entre” ser legalmente uma associação civil sem fins lucrativos e seus membros serem funcionários da administração pública. Esta posição é a que permite à instituição estabelecer distintos tipos de negociações e, por meio delas, ser reconhecida pela sociedade” em função do trabalho “benéfico” para a comunidade saltenha. Dessa maneira, seu trabalho é reconhecido, dá prestígio e honra a seus membros, motivos pelos quais se ocupam da reprodução da instituição.

Entretanto, em que pese a sua mutação ao longo dos anos, não deixou de ser um órgão de pensamento de Estado. E os Abris Culturais, a partir da crescente participação do governo provincial desde 1998, transformam-se no momento em que o governo apresenta seus esboços políticos, suas ações culturais, ao mesmo tempo em que se vangloria,

representando a vontade coletiva. Os Abris Culturais passaram a fazer parte do calendário ritual da província, transformaram-se em outra data cívica, para que se celebre e legitime o Estado e se afirme a crença coletiva. Embora as formas de realizar os Abris Culturais tenha se modificado substancialmente, como projeto cultural ainda se interessa pela moralização das pessoas através da arte.

De algum modo, esta investigação transitou ao longo dos quatro capítulos por lugares comuns: as relações interpessoais que os sujeitos constroem, conseqüentemente, o que isto significa na hora de diferenciar entre Estado e sociedade ou economia; como através da arte são produzidos sujeitos, cidadãos, um ideal de saltenho que se afirma em um passado europeu, vivido ao mesmo tempo que inventado. Essa cultura universal, da qual alguns saltenhos se envaidecem, não deixa de citar a marca a partir da qual historicamente a Argentina se pensou como um Estado branco e vindo dos navios. Isto faz com que o projeto cultural da associação civil seja um projeto civilizatório.

Queria lhes contar uma anedota... Como mencionei na introdução desta dissertação, em algum momento fui guia do Museu de Arqueologia de Alta Montanha (MAAM) e estar ali me permitiu conhecer um pouco mais a dinâmica da Secretaria de Cultura, como muitas coisas eram realizadas e administradas. Mas houve um fato que causou minha surpresa, entre o momento em que entregava “Tocando Cultura” e esperava a defesa para me licenciar. Isto foi em fins do mandato de Juan Carlos Romero e da assunção de Juan Manuel Urtubey como próximo governador da província.

De repente, encontrava-me levando notas de uma instituição à outra, enquanto presenciava o processo de “desarmamento” de todo um governo que meses atrás tinha sido meu objeto de estudo. Via retirar quadros que tinha analisado, como o “dos próceres da cultura”, intitulado por esse governo como “Salta é Cultura”.

O Museu de Arqueologia de Alta Montanha entregava ao Museu de Belas Artes obras de Elsa Sality, que durante anos constituíram a cenografia do museu. Fui compreendendo que não se tratava de “simples decorações”, mas sim dos elementos simbólicos a partir dos quais se montava toda uma política cultural governamental. Eles a realizavam.

A tensão que se vivia não apenas era a interrogação se “continuarei trabalhando aqui”, mas sim a urgência de deixar todas as repartições com seus respectivos patrimônios. Foi o momento oportuno para escutar críticas de “todos contra todos”. Uns aproveitavam para dizer “que bom que fulano se vai! claro, era um funcionário fiel de Romero”; outros preferiam não

esboçar nenhum sorriso, para não ficarem mal vistos pelas possíveis autoridades que assumiriam, garantindo de alguma forma sua permanência no cargo.

Essas modificações eu as entendia, sabia que os quadros que faziam parte das instituições eram as próprias simbologias empregadas para produzir crença na legitimidade do governo que se realizava e que fazia sua política cultural. Todo esse processo foi se transformando, as paredes das instituições precisavam ficar limpas para que outras marcas pudessem inscrever-se. Nesse momento, entendi por fim a força que todo esse processo teve.

A urgência de Romero de não sair do governo sem ter o “Teatro da Província” inaugurado, lugar prometido para que a Orquestra ensaiasse, era porque se supunha ser ele o edifício apropriado. Não podia deixar o governo sem ter inaugurado o “Balé Estável da Província”. Como a Orquestra é uma instituição dependente do “Instituto de Música e Dança”, por muito tempo só se escutaram ritmos, mas não se viram os compassos em movimentos. Se Romero tinha que deixar o governo em 10 de dezembro de 2007, essas inaugurações foram feitas em novembro.

A Casa da Cultura, sede da Secretaria de Cultura, depois de 10 de dezembro de 2007, não era mais “o lar da cultura popular”, nem o “templo da arte”. Estes atributos constituíam os recursos empregados e mobilizados pela ação de um governo que estava deixando de sê-lo. Outras metáforas esperavam para serem realizadas...

Hoje, já tendo se passado dois anos e iniciado o terceiro, ainda aguardam metáforas por realizar-se – este foi o cenário ouvido e assinalado durante o trabalho de campo. Avalia-se o atual governo sem nenhum tipo de “política cultural”, que apenas se encarrega de manter as instituições construídas pelo governo anterior. Em dois anos e meio, passaram aproximadamente quatro pessoas pelo cargo de “secretário de Cultura”, e esta Secretaria deixou de ser subordinada ao Ministério de Educação para constituir-se no Ministério de Turismo e Cultura, como acontecia em 1963.

As pessoas que entrevistei reclamam, como antes do governo de Romero, do pouco interesse do Estado pelas políticas culturais. Apontam diferenças, criticam os enganos, assinalam deteriorações. Acusa-se a expropriação, assim por dizer, do lugar da cultura como um âmbito em si mesmo para passar a ser um “recurso” do turismo. Experimentam-se essas mudanças como uma desvalorização, sentem que deram um passo atrás, que perderam o que tinham conquistado. Os músicos da Sinfônica afligem-se diante dos comentários, sempre erráticos, *“não há orçamento para a Orquestra”, “não se pode sustentar a ilusão e a fanfarronice do governo anterior”, “existem problemas sociais por resolver”*. Tampouco faltam comentários otimistas que afirmem que nada disso vai acontecer, porque *“convidei no outro*

dia para minha casa o secretário de Cultura para que falássemos um pouco de como se devem levar a cabo os concursos e fazer as coisas na orquestra”.

Pró-Cultura Salta tem casa própria, foi concedida por 20 anos em novembro de 2007. Ali, Agustín Usandivaras passa seus dias, “organiza” as programações das atividades da instituição. Eventualmente Eleonora Ferrer comparece às reuniões da comissão diretora. Agustín não falta a nenhum concerto da Sinfônica, veste seu paletó azul com um prendedor com a bandeira da província. Tampouco falta às inaugurações das mostras dos museus.

A gestão de Pró-Cultura Salta é percebida como “não acontece nada”, “não há nada para fazer neste Abril Cultural”. Eventualmente realiza homenagens, destaca certas personalidades do âmbito cultural saltenho ou efetua sua própria festividade, encontra uma pessoa que trabalha em alguma instituição e juntos fazem outra celebração. Nesse contexto, foi realizada a mostra de cartazes, programas e publicações da associação no marco do XXXIII Abril Cultural de 2009, levado a cabo nas Bibliotecas e nos Arquivos Históricos da Província.

A sede de Pró-Cultura se sustenta com as contribuições das empresas, por exemplo, Cerveja Salta doou um cenário, chamando-se esse lugar “Sala Cerveja Salta”; Feyling construções doou as luzes, por outro lado se conseguiram o som, as cadeiras, as mesas...

Com sede própria, abriu o local para que ali aconteçam diversos tipos de oficinas, deixou de usar o espaço da Fundação Salta. Pró-Cultura fica com uma percentagem das inscrições. Além do Abril Cultural, realiza algumas exposições e eventos. Quando me encontrei com Agustín tinha sido montada uma mostra de “orquídeas e bonsais”, porque a “natureza também é cultura”.

Referências bibliográficas

ABRAMS, Philip. "Notes on the difficulty of studying the state". *Journal of Historical Sociology*, 1(1), p. 58-89, 1988.

ARENDE, Hannah. *Entre el pasado y el futuro. Ocho ejercicios sobre la reflexión política*. Barcelona: Ed. Península, 2003.

ATTALI, Jacques. *Ruidos. Ensayo sobre economía política de la música*. México: Ed. Siglo XXI, 1995.

BARNES, J. A. "Redes sociais e processo político". In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas-Métodos*. São Paulo: Global, 1987. p. 159- 193.

BEZERRA, Marcos Otávio. *Corrupção. Um estudo sobre o poder público e relações pessoais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ ANPOCS, 1995.

BOISSEVAIN, Jeremy. "Patronage in Sicily". *MAN*, 1 (1), p. 18-33, 1966.

BOURDIEU, Pierre. *Qué significa hablar*. Madrid: Ed. Akal, 1985.

_____. *Sociología y Cultura*. México: Ed. Grijalbo, 1990.

_____. *La distinción. Criterios y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus Humanidades, 1991.

_____. *Cosas dichas*. México: Editorial Grijalbo, 1995.

BRIONES, Claudia. "Formaciones de alteridad: contextos globales, procesos nacionales y provinciales". In: ____ (comp.). *Cartografías Argentinas. Políticas indigenistas y formaciones provinciales de alteridad*. Buenos Aires: Ed. Antropofagia, 2008. p. 9-35.

BUTLER, Judith. *Sujeitos do sexo/gênero/desejo*. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 15-60.

_____. *Introducción. Cuerpos que importan. Sobre los limites materiales del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 17-49.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do antropólogo". *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 39, 1996.

CORREA, Rubén. *Corto Gobierno: Miguel Ragone y años turbulentos*. Inédito, Escuela de Historia, Universidad Nacional de Salta.

DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO. *Pequeño Larousse en color*. Barcelona: Ediciones Larousse, Editorial Noguer, 1972.

DURKHEIM, Emile. *Lecciones de Sociología*. Buenos Aires: La Pleyade, 1974. p. 87-158.

ELIAS, Norbert. *El proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 119-158.

_____. "Processos de formação do Estado e de construção da nação". In: _____. *Escritos e ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 153-166.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 19-50.

FLORES, Mónica. *La construcción de Salta "La Linda". Apuntes para una antropología del turismo*. Salta (Licenciatura en Antropología), Escuela de Antropología, Universidad Nacional de Salta, Argentina, 2001.

FOSTER, George. "The diadic contract: a model for structure of a Mexican peasant village". In: POTTER, Kack; DIAZ, May & FOSTER, George. *Peasant society. A reader*. Boston: Little Brown, 1967. p. 213-230.

FOUCAULT, Michel. "Questions of methods". In: BURCHELL, Graham; GORDON, Colin & MILLER, Peter (eds.). *The Foucault effect. Studies in governmentality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. p. 73-86.

_____. *Il faut défendre la société*. Cours au Collège de France, 1976. Paris: Hautes Études/Seuil/Gallimard, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. "Políticas culturales y crisis de desarrollo: un balance latinoamericano". In: _____. (ed.). *Políticas culturales en América Latina*. Buenos Aires: Grijalbo, 1987. p. 13-61.

GUZMÁN, Raquel del Valle. "El Intransigente o el sueño de la revolución". In: IBAÑEZ, Marta Ofelia; GUZMÁN, Raquel; MOYANO, Elisa & RODRIGUEZ, Susana. *Periodismo y literatura. El campo cultural salteño del '60 al 2000*. Salta: EDUNSa, 2007. p. 43-63.

JELIN, Elizabeth. "Los derechos humanos entre el Estado y la sociedad". In: SURIANO, Juan (dir.). *Dictadura y democracia (1976-2001)*. Nueva Historia Argentina. Vol. 10, 2005. p. 507-557.

LANDI, Oscar. "Campo cultural y democratización". In: GARCÍA CANCLINI, Néstor (ed.). *Políticas culturales en América Latina*. Buenos Aires: Grijalbo, 1987. p. 145-203.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropología estructural*. Buenos Aires: Ed. Eudeba, 1958.

LIMA, Antonio Carlos de SOUZA & CASTRO J.P.M.E. "Política(s) Pública(s)". In: PINHO, Osmundo & SANSONE, Livio (eds.). *Raça: Perspectivas Antropológicas*. Salvo (BA): EDUFBA, 2008. p. 141-193.

LISÉ, Gloria. *Con los pies en el escenario. Trayectoria del Grupo Arte Dramático y su Director Salo Lisé*. Salta: Artes Gráficas Crivelli, 2003.

MACCORMACK, Carol. "Nature, cultura, gender: a critique". In: MACCORMACK, Carol & STRATHERN, Marilyn (eds.). *Nature, culture and gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. p. 1-24.

MARTÍNEZ, Miguel. *La antropología en Salta (1970-1982)*. (Licenciatura en Antropología), Escuela de Antropología, Universidad Nacional de Salta, 2005.

MICELI, Sergio. "Estado, Mercado y necesidades populares: las políticas culturales en Brasil". In: GARCÍA CANCLINI, Néstor (ed.). *Políticas culturales en América Latina*. Buenos Aires: Grijalbo, 1987. p. 127-143.

MITCHELL, Timothy. "State, Economy, and the State Effect". In: STEIMENTZ, George (ed.). *State/culture: state formation after de cultural turn*. Cornell: Cornell University Press, 1999. p. 77-97.

MONDADA, Ana Lucía. "El poder de la Sangre. La oligarquía salteña a inicios del siglo XX". Trabajo final de la disciplina "Procesos de América III", Escuela de Antropología, Universidad Nacional de Salta, 2006.

MOORE, Sally F. & MYERHOFF, Barbara. "Introduction: Secular ritual: Forms and meanings". In: _____. *Secular rituals*. Netherlands: Van Gorcum, 1977. p. 3-24.

MOYANO, Elisa. "Lo posible en los '60: transformar o conservar las hegemonías discursivas y sociales". In: IBAÑEZ, Marta Ofelia; GUZMÁN, Raquel; MOYANO, Elisa & RODRIGUEZ, Susana. *Periodismo y literatura. El campo cultural salteño del '60 al 2000*. Salta: EDUNSa, 2007. p. 17-41.

NAVALLO, Laura Belén. *Tocando Cultura. Políticas y poéticas del término "cultura" a partir de un análisis de los procesos sociales de creación de la Orquesta Sinfónica de Salta*. (Licenciatura en Antropología), Escuela de Antropología, Universidad Nacional de Salta, 2007.

PANOFKY, Erwing. *El significado en las artes visuales*. Madrid: Alianza Forma, 1985 [1979].

PÉREZ, Marta; QUINTANA, Sergio & FRUTOS, María Elva. *El papel de la prensa escrita en Salta a través de las editoriales y notas periodísticas durante 1975*. Inédito, Escuela de Historia Universidad Nacional de Salta. Proyecto CIUNSa, 4400.

PITT, Rivers, Julian. "Friends and authority". In: _____. *People of the Sierra*. London: The University Chicago Press, 1971. p. 137-160.

PRO CULTURA SALTA. *XXX Abriles Culturales Salteños*. Buenos Aires: Edge Pre Media, 2006.

SCHECHNER, Richard. *Performance. Teoría y prácticas interculturales*. Buenos Aires: Libros del Rojas, Universidad de Buenos Aires, 2000.

SCHMITT- LEVI (coord). *Historia de los jóvenes 1. De la Antigüedad a la edad moderna*. Madrid: Ed. Taurus, 1995.

SHORE, Chris & WRIGHT, Susan. "Policy: a new field of anthropology". In: ____ (eds.). *Anthropology of policy. Critical perspective on governance and power*. London and New York: Routledge, 1997. p. 3-39.

STEIMENTZ, George. "Culture and the state". In: ____ (ed.). *State/culture: state formation after de cultural turn*. Cornell: Cornell University Press, 1999. p. 1-49.

SURIANO, Juan. "Introducción: Una Argentina Diferente". In: ____ (dir.). *Dictadura y democracia (1976-2001)*. *Nueva Historia Argentina*. Vol. 10, 2005. p. 11-31.

TURNER, Victor. *La selva de los símbolos. Aspectos del ritual Ndembu*. Madrid: Ed. Siglo XXI, 1967.

_____. *From ritual to theater*. New York: Performing Art Journal Press, 1982.

_____. *The anthropology of performance*. New York: Performing Art Journal Press, 1988.

VAN GENNEP, Arnol. *Los ritos de pasaje*. Madrid: Ed. Taurus, 1977 [1908].

WILLIAMS, Raymond. *Palabras clave. Un vocabulario de la cultura y la sociedad*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2000.

WOLF, Eric. "Kinship, Friendship, and Patron Client Relations in Complex Societies". In: BANTON, Michael (org). *The social anthropology of complex societies*. Londres: Tavivistock Publication Limited, 1966. p. 1-22.

_____. "Parentezco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas". In: FELDMAN-BIANCO, Bela & RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). *Antropologia e Poder*, Brasília: Ed. UnB, 2003. p. 93-114.

_____. "Aspects of a group Relations in a complex society in Mexico". In: SHANIN, Teodor (ed.). *Peasant and Peasant Societies*, Harmondsworth: Penguin, 1971. p. 50-68.

WORTMAN, Ana. *Repensando las políticas culturales de la transición*. Revista Sociedad , nº 9, p. 63-84, Buenos Aires.

WRIGHT, Susan. "Politization of 'cultura'". *Anthropology Today*, vol. 14 (1), p. 7-15, 1998.

YÚDICE, George. *El recurso de la cultura. Usos de la cultura en la era global*, Barcelona: Ed. Gedisa, 2002. p. 13-105.

WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005. p. 5-45, 315-327.

Sites consultados

http://biblioteca.afip.gov.ar/afipres/Ganacias_Ley_20628_97.pdf

www.buenosaires.gov.ar/areas/com_social/audiovideoteca/literatura/salas_bio2_es.php

www.camdipsalta.gov.ar/sendasit14.htm

www.culturahispanicacba.com.ar/

www.institutoguemesiano.gov.ar/boletin.htm

<http://www.leonismoargentino.com.ar>

<http://www.literatura.org/Tizon/Tizon.html>

<http://www.miexposicion.com.ar/pintura/barraza/biomiromo.htm>

www.mundoclasico.com

www.museonor.gov.ar

www.portaldesalta.gov.ar

www.romerojuancarlos.com.ar

Documentação Administrativa

- Ordenanza Municipal n° 2583
- Ordenanza Municipal n° 4433/1986
- Decreto Municipal n° 8916
- Decreto Provincial n° 2477/77
- Decreto Provincial n° 74/76
- Decreto Provincial n° 2172/ 76
- Decreto Provincial n °123/1991
- Decreto Provincial n° 19/99
- Decreto Provincial n° 503/2000
- Ley Provincial n° 6583/1990
- Ley Provincial n° 7072/2000
- Resolución n° 294/99

Diário de Sessões da Câmara de Senadores

- 14 de octubre de 1999. Expte. 90-14.185/99

Diário de Sessões da Câmara de Deputados

- 4 de abril de 2000. Expte. 90-14.185/99

Diário *El Intransigente*

- El Intransigente 12/4/1977. Vida Social V
- El Intransigente 17/4/1977. Locales 12
- El Intransigente 17/4/1977. Literaria 15
- El Intransigente 17/4/1977. Cables 4
- El Intransigente 17/4/1977. Sociales y Espectáculos 12
- El Intransigente 27/4/1977. Vida Social IV-V
- El Intransigente 3/4/1978
- El Intransigente 5/4/1978. Contratapa
- El Intransigente 12/4/1977. Locales 11

- El Intransigente 19/4/1978. Locales 11
- El Intransigente 27/4/1978. Locales 11
- El Intransigente 24/4/1978. Cables 2
- El Intransigente 14/4/1979. Locales 17
- El Intransigente 15/4/1979. Suplemento Dominical XI

Diário *El Tribuno*

- El Tribuno 4/4/1977. Cartelera 9
- El Tribuno 4/4/1977. Cartelera 9
- El Tribuno 13/4/1977. Sociales y Cartelera VII
- El Tribuno 18/4/1977. Locales 12
- El Tribuno 20/4/1977. Sociales y Cartelera VII
- El Tribuno 25/4/1977. Sociales y Cartelera X
- El Tribuno 2/4/1978. Sociales-Cartelera VI
- El Tribuno 3/4/1978. Locales 14
- El Tribuno 12/4/1978. Sociales y Cartelera VI
- El Tribuno 19/4/1978. Tribuno Regional 20
- El Tribuno 11/4/1978. Sociales y Cartelera VI
- El Tribuno 11/4/1978. Tribuno Regional 20
- El Tribuno 18/4/1978. Sociedades y Cartelera VI
- El Tribuno 18/4/1978. Sociedades y Cartelera VII
- El Tribuno 21/4/1978. Cartelera IX
- El Tribuno 8/4/1979. Cartelera IX
- El Tribuno 15/4/1979. Locales 15
- 17 de junio de 2000. "Suplemento Especial. Casa de la Cultura"
- 17 de junio de 2000. "Magnífica realidad salteña. Gala Lírica de la Camerata Bariloche"
- 18 de junio de 2000. "La Cultura en Salta tiene Nueva Casa".
- 18 de junio de 2000. "La Casa de la Cultura abrió sus puertas al arte y a los artistas"
- 12 de febrero de 2001. "La Sinfónica de Salta acelera sus tiempos. La formación. Prioridades. Los primeros sonidos. El director. La costumbre de escuchar. Proyectos"
- 3 de marzo de 2001. "Comienzan las audiciones para la Sinfónica de Salta. Pruebas de oposición"
- 4 de marzo de 2001. "Orquesta Sinfónica. Continúan hoy las audiciones"

- 4 de marzo de 2001. "Exitosas audiciones para la Sinfónica"
- 12 de marzo de 2001. "Orquesta Sinfónica"
- 22 de marzo de 2001. "La música está de duelo. Murió en maestro Sutti"
- 28 de marzo de 2001. "Falú, de El Galón al mundo. Cuerda del alma. Romance de medio siglo. Tocaré junto a la Sinfónica. El programa de mañana. Malambo con violines. La amenaza de la frivolidad"
- 29 de marzo de 2001. "Publicidad de presentación de la Orquesta Sinfónica de Salta"
- 9 de abril de 2001. "La Orquesta Sinfónica reúne a una parte del mundo en Salta. Esa música que hermana. Las cosas del Espíritu. El equipaje: la viola y los sueños. Los amigos. Ha recorrido largo camino. Se radicó luego de pasar por San Luis y Catamarca. Antony Popov llegó desde Bulgaria. Oportunidades. Excelencia. Un matrimonio de cuerdas vino desde Ucrania. Contactos"
- 15 de abril de 2001. "De Salta, con orgullo. Los 14 músicos locales que integran la Sinfónica esperan ansiosos el debut. Seis integrantes en la fila de cuerdas. Reconocer lo que hicieron antes. Un músico de Campo Santo. Carrera. Percusión: un esfuerzo que tuvo premio"
- 20 de abril de 2001. "La Orquesta será un estandarte del NOA. La Sinfónica es una realidad. Objetivos. Un "estandarte". Conciertos todas las semanas"
- 23 de abril de 2001. "Dirigida por Felipe Izcaray realiza un intenso programa de ensayos. La Sinfónica prepara su debut. Conciertos para la temporada 2001"
- 28 de abril. "Falú con la Sinfónica. Un privilegio para Salta"
- 29 de abril de 2001. "Con dos conciertos, hoy a las 20, en el monumento a Güemes, y mañana en el Huerto, culmina el XXV Abril Cultural. Debuta la Orquesta Sinfónica de Salta. Disposición de los instrumentos. Su creación. Los músicos de la Orquesta Sinfónica de Salta. El Programa. Patrimonio cultural. Para toda la provincia. Instituto"
- 29 de abril de 2001. "Felipe Izcaray, el director de la Sinfónica. "Una verdadera escuela musical". Por qué "sinfónica". Conciertos populares"

Programas dos Abris Culturais Saltenhos

- I Abril Cultural Salteño, 1977
- IV Abril Cultural Salteño, 1980
- V Abril Cultural Salteño, 1981
- VII Abril Cultural Salteño, 1983
- VII Abril Cultural Salteño, 1982

- XVIII Abril Cultural Salteño, 1994
- XX Abril Cultural Salteño, 1996
- XXI Abril Cultural Salteño, 1997
- XXII Abril Cultural Salteño, 1998
- XXIII Abril Cultural Salteño, 1999 – Homenaje a los fundadores
- XXIII Abril Cultural Salteño, 1999
- XXIV Abril Cultural Salteño, 2000
- XXV Abril Cultural Salteño, 2001
- XXVI Abril Cultural Salteño, 2002
- XXVII Abril Cultural Salteño, 2003
- XXVIII Abril Cultural Salteño, 2004
- XXIX Abril Cultural Salteño, 2005
- XXX Abril Cultural Salteño, 2006

Anexo do Capítulo I

Estatuto Social

En este anexo realicé una síntesis del contenido del “estatuto social” que rige Pro Cultura Salta a partir de 1980. Ese estatuto, creado durante 1979, fue modificado en 1999, transformación que se produjo con la asignación de un nuevo directorio. Los cambios son sutiles, pero de alguna manera reconfigura las relaciones de la institución con entidades públicas y privadas, las personas que se reconocen como “fundadoras”, el número de integrantes del directorio. Conforme aparezcan esas variaciones serán señaladas.

Dicho estatuto está compuesto de veinticinco artículos que puede a su vez ser dividido en once partes, siendo éstas:

- 1) Denominación, domicilio, duración y finalidades: Comprende los artículos 1°, 2° y 3°.

Creándose la asociación civil sin fines de lucro “Pro Cultura Salta” con domicilio legal en la ciudad de Salta (domicilio que no se especifica), se propone durar noventa y nueve años, con posibilidad de prorrogarse.

Las finalidades de la asociación son amplias y diversas. Como finalidad específica se propone “*propender a la **elevación** y desarrollo del **nivel cultural** de la **población** de la Provincia*”, mediante diferentes actividades como a) “organizar y promover durante el mes de abril de cada año un ciclo de actividades culturales integrado por: conferencias, cursillos, seminarios, mesas redondas, etc., sobre temas referidos a la música, las artes plásticas, el teatro, la literatura, la fotografía, el cine y otras disciplinas; un salón de pintura, escultura, grabado y dibujo; exposiciones individuales y colectivas de arte; un salón de fotografía; concursos literarios; presentación de espectáculos teatrales y cinematográficos; publicación de conferencias, cursillos, seminarios y mesas redondas aludidas y de las obras premiadas en los concursos literarios; muestras de documentación histórica; audiovisuales sobre distintos temas; muestras de artesanías, etc.; *todo ello dentro de la más elevada jerarquía y la mayor calidad posible*, bajo la denominación de “Abril Cultural Salteño” y conforme a las reglamentaciones que para cada caso se dicten, b) difundir con la mayor amplitud y por todos los medios disponibles la organización y programación del ciclo en general (...) a fin de que acceda a la misma la mayor cantidad de público, tanto de la ciudad de Salta y del interior de la Provincia como de otros lugares del país y de naciones vecinas; c) promover una *armónica difusión*, en torno a “Pro Cultura Salta”, de todas las instituciones y organismos culturales, turísticos, empresarios, industriales, profesionales, gremiales, deportivos, etc. tanto privados como oficiales y de todas las personas con inquietudes por el arte y la cultura, de modo tal que

la realización del “Abril Cultural Salteño” sea el resultado de un mancomunado esfuerzo de toda Salta; d) Propiciar ante las autoridades educativas, provinciales, nacionales y de los establecimientos privados, que se impulse la actividad cultural de los alumnos, en los niveles primarios y secundarios, revisando, para ello, los programas de formación plástica y musical; realizando visitas guiadas (...); alentando la concurrencia (...); orientando la formación de grupos de teatros en las escuelas y colegios (...) Para el mejor logro de los objetivos “Pro Cultura Salta” ofrecerá a las referidas autoridades toda la colaboración a su alcance a través de comisiones que se creen para las distintas disciplinas; e) alentar la continuidad y el incremento de las actividades culturales ya iniciadas por las universidades existentes en Salta, ofreciendo también a las mismas toda la colaboración posible; f) interesar a los propietarios y directores de los medios de difusión, *como vehículos de cultura que son*, para la elevación del nivel de los mismos, tanto en lo que hace al contenido de las publicaciones y espacios televisivos y radiales como al correcto uso del idioma; g) estimular la conservación e incremento del patrimonio cultural de la Provincia, *proponiendo a los poderes públicos* el dictado de leyes, decretos, ordenanzas, reglamentos y disposiciones que sean necesarios para el fin de bregar por su cumplimiento; h) Promover la creación de un museo provincial de artes plásticas al cual “Pro Cultura Salta” contribuirá con donaciones de obras que resultasen acreedoras a los “premios adquisición” (...) y todas aquellas otras que adquiera por cualquier concepto; i) Propiciar y contribuir a la creación y construcción de un complejo cultural en la ciudad de Salta que conste de un teatro, salas de exposiciones, de conferencias, de proyecciones, etc. y otro tanto en las principales ciudades del interior de la Provincia; j) alentar y colaborar en la *irradiación* hacia el interior de la provincia las actividades culturales que se realicen en la ciudad de Salta; k) encarar, alentar o promover toda otra actividad, iniciativa, proyecto o realización que esté vinculada o tienda a las finalidades de la Asociación” (Folios: 3-6. El destacado me pertenece)

2) Capacidad y patrimonio social: Artículos 4° y 5°

Al asentarse Pro Cultura Salta como una “asociación sin fines de lucro” y con personería jurídica propia, esto le permite tener “plena capacidad jurídica para realizar todos los actos conducentes al logro de sus finalidades y objetivos, sin otras limitaciones que las que surjan de disposiciones legales”. Por ello puede “adquirir toda clase de bienes muebles e inmuebles, enajenarlos, hipotecarlos, permutarlos, etc.; realizar cualquier tipo de operaciones bancarias, oficiales o privadas, y preferentemente con el Banco Provincial de Salta; contraer obligaciones, aceptar donaciones, legados, subsidios y subvenciones (...) Le está *prohibido*

aceptar donaciones, legados o subsidios que *impliquen el control de la Asociación* por partes de entidades ajenas a las mismas” (Destacado me pertenece).

“El patrimonio de la Asociación se compondrá de: a) cuotas que abonen los asociados; b) las contribuciones que aporten las entidades asociadas o adheridas; c) las donaciones, legados, subsidios o subvenciones que se le acuerden; d) las utilidades que resulten de las recaudaciones que se obtengan en los actos o espectáculos del “Abril Cultural Salteño” u otros que se realicen durante el año, de la venta de libros o publicaciones que encare, etc. e) los bienes que adquiera por cualquier título; f) todo otro ingreso que pueda tener por cualquier concepto lícito” (Folias 6-7)

3) De los socios: Artículo 6°

“Pro Cultura Salta tendrá las siguientes categorías de socios: a) Socios Institucionales: (...) las entidades o instituciones privadas, culturales, empresarias, profesionales, gremiales, deportivas, de bien público, etc. que se asocien, realicen los aportes que se establezcan y cumplan con las obligaciones que surjan de los estatutos y de las reglamentaciones que se dicten. Serán representados en las asambleas por un delegado con voz y voto que podrá ser elegido como miembro del Directorio; b) Socios Individuales: todas aquellas personas que, compartiendo los fines de la Asociación, su solicitud de asociación sea aceptada por el Directorio, abonen las cuotas sociales que se fijen y cumplan con las disposiciones de estos estatutos y reglamentaciones y resoluciones que se dicten. Tendrán voz y voto en las asambleas y podrán ser elegidos como miembros del Directorio. Podrán beneficiarse con bonificaciones en los actos o espectáculos que se realicen durante el “Abril Cultural Salteño” u otra época del año (...); c) Socios Adherentes: lo serán todas aquellas personas, instituciones, empresas, etc., que, sin estar comprometidos en las categorías anteriores, realicen aportes o contribuciones para el sostenimiento de “Pro Cultura Salta” o para la realización del “Abril Cultural Salteño”. Serán propuestos por un socio y podrán ser aceptados por el Directorio ad referendum de la Asamblea. No tendrá los derechos y obligaciones que establecen estos estatutos; d) *Socios Fundadores: Son todas las personas que intervinieron en las Asambleas realizadas el día diecisiete de diciembre de mil novecientos setenta y seis y la de la fecha;* e) Socios Honorarios: (...) aquellas personas que se hayan destacado o se destaquen por su actividad sobresaliente en el campo de la cultura prestigiando a la Provincia, que sean

propuestos por el Directorio y aceptados en Asamblea. Estarán exentos de la obligación de todo aporte” (Folias 7-8. El destacado me pertenece).²¹⁸

4) Participación de organismos oficiales y otras entidades: Artículos 7°, 8° y 9°

“(…) la Asociación invitará a participar de la programación, organización y realización de dicho ciclo a los organismos oficiales y privados vinculados con el quehacer cultural provinciales, municipales, nacionales con sede o delegación en la provincia y universitarios. A tal efecto suscribirá convenios con los mismos, en los que se contemple las designaciones de delegados o representantes”.

“(…) Podrá también gestionar y suscribir convenios con organismos oficiales y entidades privadas al quehacer cultural, nacionales, de la ciudad de Buenos Aires, de otras provincias y de otros países a los fines de colaboración, contribuciones, participación y/o coordinación en y de las actividades que se programen...”

“La Asociación (...) será dirigida y administrada por los siguientes organismos: a) Directorio; b) Órgano de fiscalización y c) Asamblea” (Folias 8-9)

5) Del Directorio: Artículos 10° y 11°

Como vimos en algunas configuraciones del Directorio, éste se compone de siete miembros titulares (presidente, vicepresidente, secretario, tesorero, tres vocales) y tres vocales suplentes.²¹⁹ Se eligen a sus miembros por medio de asamblea. Cada cargo está previsto por una duración de dos años, pudiendo ser reelegidos. El presidente es elegido por asamblea, una vez que éste asume en su primera reunión se distribuyen los seis cargos titulares.

El artículo 10° señala que los integrantes del Directorio deben ser “mayores de edad y de **solvencia moral intachable**”. En caso de renuncia o muerte de algunos de sus miembros, o bien por “inconducta”, “incumplimiento de sus funciones o ausencias reiteradas en las reuniones” pueden ser reemplazados por otros miembros según el orden establecido.

²¹⁸ Este estatuto se mantiene hasta 1999, momento en el que tiene modificaciones. Uno de ellas es declarar como socios fundadores a aquellas personas que formaron parte de la primera asamblea realizada el día 17 de diciembre de 1976 y a las personas que asisten de la asamblea celebrada en 1999, desconsiderando a todas las personas que participaron de la asamblea del 14 noviembre de 1979 y que en ese estatuto y asamblea eran declaradas “socios fundadores”.

²¹⁹ Con la modificación del estatuto en el año 1999, en vez de ser siete miembros los que constituyen el Directorio pasan a ser nueve.

Podrá llevarse a cabo una reunión con cuatro de sus miembros (El destacado me pertenece)²²⁰.

Entre los deberes y atribuciones del Directorio están: dirigir y administrar la Asociación conforme a lo establecido; cumplir con los fines de “Pro Cultura Salta” y programar con anticipación el “Abril Cultural Salteño”; realizar las tareas propuestas en los “fines de la asociación” (señalado aquí como sesión 1); crear las comisiones necesarias con personas de “reconocida solvencia en cada una de las disciplinas del arte y la cultura”; realizar las acciones jurídicas pertinentes para el desenvolvimiento de la entidad (poderes generales y especiales, estar en juicio como parte actora o demandada, gestión en poderes públicos); designar jurados de salones y concursos; preparar el presupuesto anual de la Asociación y del “Abril Cultural Salteño”; convocar a asambleas ordinarias y extraordinaria en caso que se crea necesario, hacer un balance general, un inventario y cuentas de gastos y recursos en asambleas ordinarias; designar un coordinador general rentado que pueda ejecutar todas las directivas impartidas por el presidente, el secretario y/o tesorero; contratar personal que se estime necesario estableciendo sus remuneraciones; se reunirá una vez cada quince días, cuando lo solicite el presidente o bien cuando cuatro de sus miembros lo soliciten por escrito; también otros asuntos considerados y descriptos en los puntos 2), 3) y 4) (Folias 9-11).

6) Del presidente: Artículo 12°

El presidente y/o el vicepresidente tienen como función “ejercer la representación legal de la asociación en todos los actos necesarios, firmando en ese carácter y juntamente con el secretario, todos los instrumentos o documentos públicos y privados (...), órdenes de pago y otros documento que se relacionen con los fondos de la Asociación, su firma deberá ser refrendada por el tesorero (...), convocar por sí al Directorio y dar cumplimiento a las convocatorias del Directorio solicitadas por cuatro de sus miembros; cumplir y hacer cumplir los acuerdos y resoluciones del Directorio y de las Asambleas; adoptar medidas urgentes (...) con cargo de dar cuenta de las mismas en la primera reunión de Directorio, firmar con el Secretario las actas de las reuniones de Directorio y de las Asambleas; redactar con el Secretario y el Tesorero la memoria anual; ser miembro ‘ex -oficio’ de todas las subcomisiones” (Folias 11-12).

7) Del secretario: Artículo 13°

²²⁰ A partir de 1999 se sesionará con cinco miembros.

El secretario, como mencioné, refrenda la firma del presidente, en caso de ausencia puede realizarlo uno de los vocales. Lleva el libro de actas de sesiones del Directorio y de las Asambleas, mantiene al día la correspondencia y, junto con el Tesorero, actualiza el registro de asociados (Folia 12).

8) Del tesorero: Artículo 14°

Podríamos decir que el tesorero se encarga de todos los asuntos que tengan que ver con la administración y contabilidad de los fondos y recursos económicos de la entidad. Entre las cosas que realiza consta la confección de balances generales, inventarios, cuenta de gastos, presupuesto anual de gastos de la asociación, firma junto con el presidente órdenes de pago, recibos y documentos relacionados con los fondos. Si no pudiera realizar dichas actividades quien se encarga de eso es un vocal autorizado por el Directorio (Folia 12-13).

9) De los vocales: Artículo 15°

La tarea de los vocales es asistir a las sesiones del Directorio teniendo en ella “voz y voto”, puede reemplazar, como se mencionó, al Tesorero y al Secretario y desempeñar tareas que el Directorio le confíe (Folia 13).

10) Del órgano de fiscalización: Artículos 16° y 17°

Ambas personas que conforman este órgano (titular y suplente) son elegidas por asamblea. Se encarga de vigilar y controlar la gestión financiera y económica, examinando libros y documentación cada tres meses. En caso de irregularidades debe informar al Directorio. Asiste con “fines consultivos” a las reuniones del Directorio y hace conocer cualquier dictamen en asamblea. Puede llamar a asamblea ordinaria en caso que el Directorio no lo haya hecho o bien a una extraordinaria en caso necesario. “Si el Directorio se negare a ello llevará el hecho a conocimiento de la Inspección Jurídica” (Folia 13-14).

11) De las asambleas: Artículos 18°-23°

En esta sesión se dan las pautas de cómo deben funcionar las asambleas, sean ellas ordinarias o extraordinarias, sus frecuencias, horario de inicio, cuántas personas pueden votar y cuántos votos se necesitan para tomar una decisión. Cuando hablé del Directorio mencioné que una asamblea puede llevarse a cabo con cuatro miembros con posibilidad de voto, quedando por ello establecido que para resolver algún asunto son ese número de personas las

que se necesita, siendo que se aprueba por la mitad de los votos más uno, en ese caso el presidente tiene más un voto extra.

Las asambleas pueden ser ordinarias o extraordinarias, integradas por un representante de cada uno de los “socios institucionales” con derecho a voto y los “socios individuales” que tengan sus cuotas sociales al día. Son presididas por el presidente del Directorio y las actas labradas por el secretario. Se estipula que la convocatoria sea realizada con veinte días de anticipación y ciento veinte días antes del cierre anual donde deben resolverse asuntos como: memoria, inventario, balance anual, cuenta de resultado; dictamen del órgano de fiscalización; elección o remoción del presidente; análisis de un plan de trabajo para el ejercicio siguiente o cualquier otro aspecto por el cual se haya llamado a la asamblea y se necesite de la decisión del Directorio o del órgano de fiscalización. Todos los motivos del llamado deben ser colocados en un orden del día.

Las asambleas extraordinarias son llamadas por el Directorio o el Órgano de fiscalización cuando son asuntos que generalmente no se tratan en una ordinaria y especialmente ante dos asuntos: modificación del Estatuto o bien la disolución de la Asociación. Para que se resuelva esto, al contrario de lo que pasaría en una reunión ordinaria, se precisa de dos terceras partes de los socios presentes.

En cualquier tipo de asamblea debe autorizar al Directorio a la compra, venta, permuta, constituciones de derechos reales, etc. o sobre bienes inmuebles y la construcción de edificios.

En caso que se resuelva la disolución de la entidad se designa una comisión liquidadora que “una vez pagadas las deudas, para lo cual dispondrá de los fondos existentes y, de ser insuficientes los mismos, podrá entregar los bienes inmuebles y muebles en pago de las mismas o proceder a su venta en forma directa o en subasta pública, entregará el remanente de los bienes de la Asociación a la Institución sin fines de lucro y con personería jurídica que designe la Asamblea, debiendo, preferentemente, tener por finalidad fundamental la realización o promoción de alguna actividad cultural. El órgano de fiscalización deberá vigilar y conformar las operaciones de liquidación de la Asociación” (Folias 14-16).²²¹

²²¹ En relación a este punto el estatuto social de 1999 presenta algunas variaciones. Una de ellas se refiere a la convocatoria donde se manifiesta que “deberá ser publicada dos días consecutivos en un diario local y un día en el Boletín Oficial de la Provincia, debiendo pasarse nota de comunicación a la Inspección General de Personas Jurídicas y adjuntar un ejemplar de cada publicación con la misma anticipación de veinte días”.

La otra afirma que las instituciones gubernamentales específicas se encargan del control y administración de una entidad de estas características. En ese sentido se señala que, en caso de disolución de la asociación los bienes de ésta deben ser otorgados a una institución designada por la

Una vez finalizada la elaboración general del Estatuto Social se establecen dos artículos más (24° y 25°) sin por ellos estar separados en una sección. Ellos establecen que ni el Directorio ni el Órgano de fiscalización recibirán ningún tipo de remuneración por el desarrollo de sus funciones.²²² También prohíben “manifestaciones, expresiones o discusiones de carácter político, racial o religioso, no pudiendo la Asociación intervenir en actividades de tal género”.

Finalmente las firmas del presidente del Directorio, el señor Benito Crivelli y del secretario Luis Eduardo López.

asamblea, que tenga personería jurídica, que esté “exenta de Impuesto a las Ganancias y esté reconocida como tal por la Administración Federal de Ingresos Públicos –Dirección General Impositiva (...) o bien se entregarán los mismos a la Nación, Provincia o Municipalidad” (Folia 5).

²²² Sobre este punto no se dice nada en el estatuto de 1999, más bien se suprime el artículo 24° que trata ese asunto. En vez de contar dicho estatuto con 25 artículos posee 24, por el motivo señalado.

Ese estatuto es firmado por el presidente de Pro Cultura Salta, el señor Agustín Usandivaras (h) y refrendado por la secretaria María Inés Uriburu de García Mansilla.

Anexo do capítulo III

Programas de los “Abriles Culturales Salteños”

Este anexo se realizó a través de los diversos programas de actividades para cada Abril Cultural Salteño. Para algunos años, como se señaló en el capítulo III, no existen sus programas pero aquí se decidió presentar los afiches publicitarios a los fines de mostrar las estéticas empleadas en los diseños y promoción de las actividades culturales llevadas a cabo por la asociación.

Básicamente el criterio seguido para su organización fue la agrupación y diferenciación de las diversas actividades por disciplina artística. Existen piezas que estuvieron previstas para escenificarse más de una vez, en ese caso se omitió la cantidad de presentaciones aunque se señalan los diversos lugares donde se realizaron.

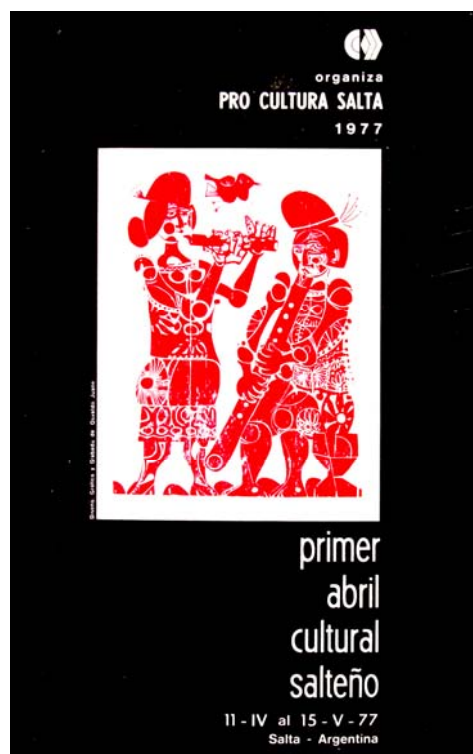
En la mayoría de los programas aquí reunidos se presentan los “auspicios”, “patrocinio”, “adhesión”, “organización” detalladamente para que el lector pueda acompañar las consideraciones suscitadas en el capítulo III. Si el programa presenta algunas variaciones relevantes en relación al resto son asimismo señaladas, como por ejemplo los miembros del directorio, las autoridades provinciales, la incorporación de un discurso, la forma que se escoge un año de organizar el programa en su interior, etc.

I Abril Cultural Salteño- 1977

Diseño del afiche del artista Osvaldo Juane

En ese abril cultural su folleto solamente se restringe a la mencionar a las instituciones y personas que hicieron posible la realización del evento. Se menciona la composición del directorio, las personas a título individual que colaboraron, los objetivos y los motivos por los cuales dicha institución se está creando.

“Pro Cultura Salta agradece la colaboración prestada para la concreción del Primer “Abril Cultural Salteño” por:



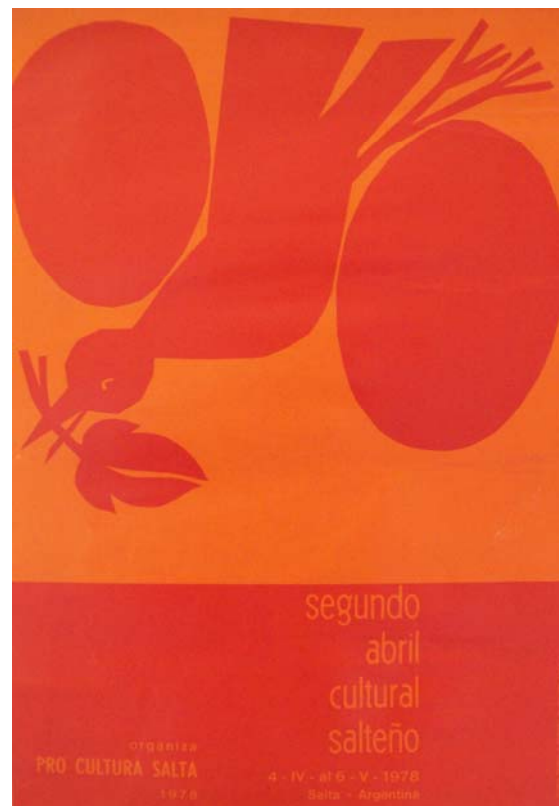
Gobierno de la Provincia de Salta; Secretaría de Estado de Educación y Cultura; Dirección de Cultura; Universidad Nacional de Salta; Fondo Nacional de las Artes; Museo Arqueológico de Salta; Archivo y Bibliotecas Históricas de la Provincia de Salta; Asociación Dante Alighieri de Salta; ISICANA; Diario El Tribuno; Diario El Intransigente; Radio Salta; Radio Nacional, Canal 11; Instituto Salteño de Cultura Hispánica; Asociación Cultural Argentino Británica; Club de Leones Salta; Galería El Paseo; Cinemateca Argentina; Fundación Gillette; Escuela Provincial de Bellas Artes "Tomás Cabrera"; La Veloz del Norte S.R.L.; Sendas Norteñas S.A.; Bodegas Echart S.A.; El Cardón S.A.; Mas Ventas S.A.; Cámara de Tabaco de Salta; Cámara de Hoteles de Salta; Artes Gráficas S.A.; Cámara de Librerías de Salta; Universidad del Norte de Chile (Sede Iquique); Mini Foto Club de Salta; Firma Ashur- Villa; Consejo de Profesionales de Ciencias Económicas; Instituto de Carreras Intermedias; Empresa Cine Rex; Restaurantes La Castiza; Restaurante La Posta.

Agradecemos en forma especial el importante y desinteresado aporte de los señores: Osvaldo Juane, Guido Torres, Armando Krieger y Jorge Miguel Cousello".

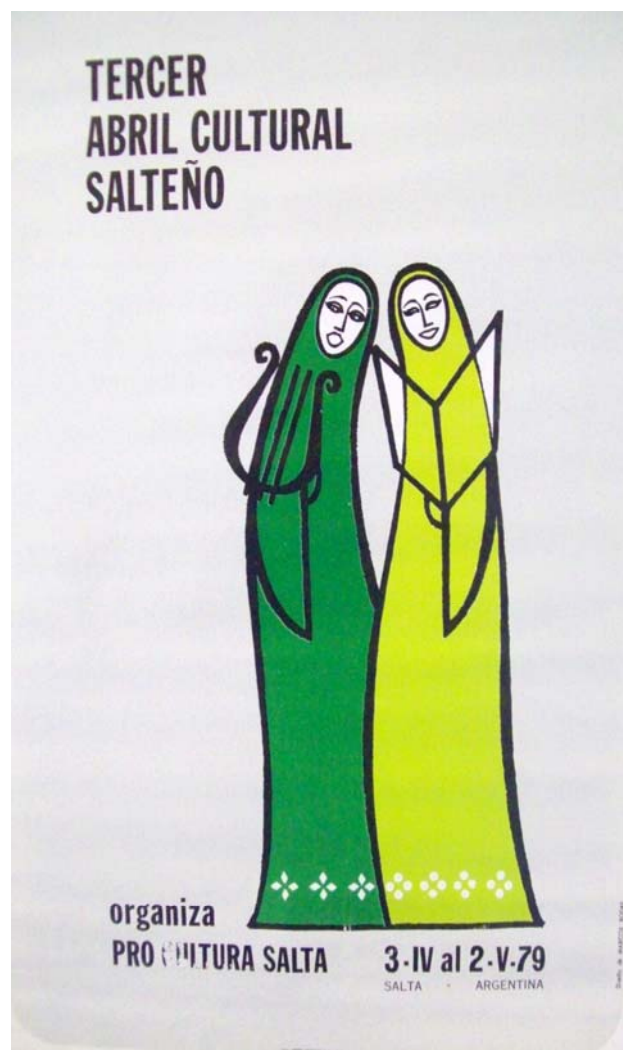
II Abril Cultural Salteño -1978

No contamos con un programa de este Abril, pero tenemos su diseño.

El diseño gráfico, al igual que el anterior, se basa en un grabado del artista Osvaldo Juane.



III Abril Cultural Salteño -1979



Estos afiches fueron impresos en ambos colores. El diseño gráfico fue realizado por Marcos Rodas.

IV Abril Cultural Salteño- 1980

Diseño de afiche: Eduardo Salguero

Se inicia con un acto inaugural en la Casa de la Cultura, el día lunes 7 de abril.

En su mayoría los espectáculos realizados son traídos de otras localidades, al menos eso aparenta.

La propuesta de ese año tiene un repertorio dirigido a niños: **cine infantil, teatro infantil** (tres productores diferentes:

Inés Citrinowsky; María Teresa Corral; La Galera Encantada). Plástica “realización y muestra de manchas infantiles”

Fotografía: Ernesto Ascheri (Sala Scotti de Casa de la Cultura); “Exposición fotográfica del IV Salón fotográfico del Abril Cultural” (Casa de la Cultura); Antonio Lagarreta (Galería El Tribuno. En: Zuviría 20).

Artes Plásticas: Pinturas del Litoral (Galería Art Nouveau. En: 20 de Febrero 12); Osvaldo Juane (subsuelo de la Fundación del Banco del Noroeste); Gabriela

Aberastury (En: Salón Scotti, Casa de la Cultura); “Jacques Bedel”, esculturas (En: Cabildo Histórico).

Exposición de libros antiguos (En: Museo Evaristo Uriburu).

Música: Paco de Lucía (Cine Teatro Victoria); Pro Arte de Flautas dulces (En: Auditorio Juan Carlos Dávalos, Casa de la Cultura); Concierto de clave de Mario Videla (En: Iglesia San Francisco); Sinfónica Nacional de Bolivia (concierto de gala en homenaje a la Fundación de



Salta. En: Teatro Victoria); Rodolfo Mederos y su quinteto (En: Teatro Alberdi e “interior”); Coro de la Municipalidad de San Nicolás (iglesia San Francisco); Don Pasquale (ópera de Gustavo Donizzetti. En: Teatro Victoria); Orquesta Atilio Stampone (En: Cine Teatro Ópera); Negro Spiritual: Ángeles Abad (En: Auditorio Juan Carlos Dávalos, Casa de la Cultura). Los Arroyeños (En: Orán; Auditorio Juan Carlos Dávalos, Casa de la Cultura).

Teatro: Y por casa... como andamos? (Mabel Manzotti. En: Cine teatro Ópera); Hola Fontanarrosa (Los Volantineros. En: Auditorio J.C. Dávalos, Casa de la Cultura); Emperador Gynt (En: Auditorio J.C. Dávalos, Casa de la Cultura e “interior”), Las dos cara de la luna (Cía. Rodriguez Muñoz. En: Auditorio J.C. Dávalos, Casa de la Cultura); El organito (de S. Discépolo, Teatro Estable de la Municipalidad de San Nicolás, Buenos Aires. En: Orán).

Ballet: Recital 80 de música española (ballet de Ángel Pericet. En: Cine Teatro Victoria), Teatro del silencio (Grupo coreográfico de mimo, La Rochelle, Francia. En: Cine Teatro Victoria); Dallas Ballet (En: Cine Teatro Victoria. Evento de cierre).

Charlas, jornadas, cursos: curso de cine animación (Victor Iturralde Rúa. En: Auditorio J. C. Dávalos, Casa de la Cultura); Introducción general al arte de nuestro tiempo (Blanca Pastor. En: Auditorio J.C. Dávalos, Casa de la Cultura); Charlas para docentes sobre teatro infantil (Prof. Dora Korman Serman. En: Auditorio J.C. Dávalos, Casa de la Cultura); Mesa redonda sobre plástica a cargo del arquitecto Jacques Bedel (Sin localización del evento); Jornadas sobre Cultura y Región, mesa redonda (En: Museo arqueológico de Salta).

En algunas actividades se menciona “interior” sin referir específicamente a la localidad. Hemos dado continuidad a ese criterio.

Instituciones que colaboraron e hicieron posible la realización del IV Abril Cultural Salteño (según los agradecimientos de Pro Cultura Salta):

Gobierno de la Provincia de Salta; Guarnición Militar; VII Agrupación Salta de Gendarmería Nacional; Ministerio de Gobierno, Justicia y Educación de Salta; Secretaría de Gobierno de la Provincia de Salta,; Secretaría de Estado de Educación y Cultura de la Provincia de Salta; Municipalidad de la Ciudad de Salta; Dirección General de Cultura de Salta; Casa de Salta en Buenos Aires; Secretaría de Estado de Cultura de la Nación; Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires; Secretaría de Cultura de la Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires; Universidad Católica de Salta; Universidad Nacional de Salta; Escuela Provincial de Bellas Artes “Tomás Cabrera”; Museo Arqueológico de Salta; Archivo y Bibliotecas Históricas de la Provincia de Salta; Complejo Museológico de Salta; Dirección de Turismo de Salta; Embajada de Canadá;

Instituto Boliviano de Cultura –La Paz (Bolivia); Municipalidad de San Nicolás (Buenos Aires); Coro Polifónico de Salta; Mozarteum Argentino; Aerolíneas Argentinas; Artes Gráficas S.A.; Autoservicio Cavanna; Banco de Préstamos y Asistencia Social; Canal 11 de Televisión Salta; Cámara de Comercio e Industria de Salta; Cámara de Hoteles de Salta; Cámara de Turismo de Salta; Cerámica Norte S.A.; Compañía Cinematográfica del Norte S.A.; Contador Héctor Mario Campastro; Consejo Profesional de Ciencias Económicas de Salta; Consejo Profesional de Agrónomos, Arquitectos e Ingenieros; Club 20 de Febrero; Chicoana Tours; Diario “El Tribuno”; Diario “El Intransigente”; EDNA S.A.; El Cardón S.A.; Empresa Honorario Abdenur y Cía.; Expreso Norte Argentino; Fundación del Banco del Noroeste; Imperio Muebles; Instituto Provincial de Seguros; Kuehl Data System; Mario Ernesto Peña y Asociados; La Mundial S.A.; LUFA S.A.; Michel Torino Hnos.; Óptica Salas; LRA 4 Radio Nacional Salta; LV9 Radio Salta; Restaurantes La Castiza; Salta Refrescos S.A.; Sendas Norteñas S.A.

V Abril Cultural Salteño -1981

Diseño: Rubén Hamada Y Efraín Lema



Inaugurado por: conferencia de Alicia Jurado “Jorge Luis Borges: el mito y la realidad”

Charlas, cursos, jornadas, conferencias: Jorge Romero Brest: “El arte visual en el pasado y en el presente”, “el arte visual en el futuro” (En: Cámara de Comercio e Industria); “II jornadas de cultura y región” (En: Museo Arqueológico de Salta); Charla con Oscar Capristo; Reverendo P. José Ceschi: “La familia en la sociedad contemporánea” (En: Auditorio Fray Mamerto Esquiú,

Convento San Francisco); Curso de Osvaldo López Chuchurra; Curso de Graciela Maturo “Ernesto Sábato y su obra” (En: Salón del Colegio de Escribanos) y “La integración latinoamericana desde el punto de vista de la cultura”; Curso de Blanca Pastor: “Introducción conceptual al arte de nuestro tiempo”, “El artista frente a la tecnología y a la sociedad de masas” (En: Casa de la Cultura); Conferencia a cargo de Juan Pedro Franze “Presencia y esencia de la música argentina durante un siglo de inquietudes y realizaciones” (En: Casa de la Cultura), “La herencia del arte total de Wagner” (En: Escuela de Música de la Provincia); Charla de Clara Saubidet dirigida a docentes sobre el tema “Historia del títere, confección de muñecos de marot” (En: Casa de la Cultura).

Teatro: “La caja cerrada” (infantil. En: Casa de la Cultura); “Las siete veces Eva” (Directora: Beatriz Seibel, actriz María Elina Ruas); “Inodoro Pereyra (El renegau)” (Grupo Litoral de Rosario. En: Casa de la Cultura), “Teatro Garabato” (para niños. En: Interior), “La Nona” Teatro de la Paz de Tucumán (En: Cine Teatro Alberdi).

Artes plásticas-escultóricas, exposiciones: Enio Iomi (En: Casa Arias Rengel); Oscar Capristo (En: Casa de la Cultura); Héctor Giuffre (En: Galería de la Fundación del Banco del Noroeste); “El tango en el cine”-exposición de carátulas y afiches (En: Galería Diario “El Tribuno”); Miguel Dávila; Carlos Alonso (En: Casa Arias Rengel); Blanca Pastor (En: Galería “Pajita García Bes”).

Concurso de dibujo, pintura y grabados para adultos (mayores de 15 años- Plaza 9 de julio)

Cine: Ciclo de cine “Maldito”: “El árbol de los zuecos” (Dir.: Ermanno Olmi. En: Cine Rex); “Siberiada” (de Andrej Mijalko-Konchalovski); “Tiendas de los milagros” (Nelson Pereira dos Santos, basada en la novela de Jorge Amado. En: Cine Rex), “Las señoritas de Wilko” (de Andrej Wajda. E: Cine Rex).

Audiovisual “Pablo y los Podesta” (Hugo Diranto y J.M. Couselo. En: Casa de la Cultura); “La conquista del desierto” (En: Casa de la Cultura).

Documentales “El tango en el cine” (G. Fernández Jurado, Rodolfo Corral y Mariano Calistro. En: Casa de la Cultura).

Infantil: A cargo de Victor Iturralde Rúa (En: Casa de la Cultura).

Ballet: Nadiezhda Pavlova y Vlascheslav Gordeiev con el Ballet Estable de la Provincia de Tucumán (En: Cine Teatro Victoria).

Música: Concierto de los solistas de la Camerata Bariloche (En: Cine teatro Alberdi); “De nuevo aquí” recital a cargo de María Rosa Gallo (En: Casa de la Cultura); Concierto de Pía Sebastiani (En: Casa de la Cultura); Concierto para violín y piano de Arnaldo Moserrat y Martha Salzman (En: Municipalidad de Orán y Casa de la Cultura); Concierto “Black and blue”, “Negro y triste”, una historia del jazz. Concierto de la Antigua Jazz Band y Opus 4 (En: Cine teatro Alberdi).

Fotografía: “V salón fotográfico”. Tema: “Maternidad” (En: Galería Diario “El Tribuno”).

Acto de clausura del V Abril Cultural: “La Nona” Teatro de la Paz de Tucumán. (En: Cine Teatro Alberdi).

Instituciones que colaboraron e hicieron posible la realización del V Abril Cultural Salteño
(según los agradecimientos de Pro Cultura Salta):

Gobierno de la Provincia de Salta; Guarnición Militar; VII Agrupación Salta de Gendarmería Nacional; Ministerio de Gobierno, Justicia y Educación de Salta; Secretaría de Gobierno de la Provincia de Salta; Secretaría de Estado de Educación y Cultura de la Provincia de Salta; Municipalidad de la Ciudad de Salta; Dirección General de Cultura de Salta; Casa de Salta en Buenos Aires; Secretaría de Estado de Cultura de la Nación; Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires; Secretaría de Cultura de la Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires; Universidad Nacional de Salta; Escuela Provincial de Bellas Artes “Tomás Cabrera”; Museo Arqueológico de Salta; Dirección de Turismo de Salta; Municipalidad de Orán; Coro Polifónico de Salta; Aerolíneas Argentinas; Artes Gráficas S.A.; Banco de la Nación Argentina; Banco de Préstamos y Asistencia Social; Canal 11 de Televisión Salta; Cámara de Comercio e Industria de Salta; Cámara de Hoteles de Salta; Cámara de Turismo de Salta; Cine-Arte Club de Leones de Salta; Cinemateca Argentina; Compañía Cinematográfica del Norte S.A.; Contador Héctor Mario Campastro; Consejo Profesional de Ciencias Económicas de Salta; Club 20 de Febrero; Club Kiwis de Salta; Chicoana Tours; Diario “El Tribuno”; Diario “El Intransigente”; EDNA S.A.; El Cardón S.A.; Empresa Honorario Abdenur y Cía.; Arnaldo Echart S.A.; Expreso Norte Argentino; Fundación del Banco del Noroeste; Fundación Gillette Argentina; Galería de Arte “Pajita García Bes”; Inmobiliaria Galagousky; Instituto Provincial de Seguros; Kuehl Data System; Laconi Martorell S.A.; Mario Ernesto Peña y Asociados; Óptica Salas; LRA 4 Radio Nacional Salta; LV9 Radio Salta; Restaurantes La Castiza; Salta Refrescos S.A.; Sendas Norteñas S.A.; Tienda San Juan.

VI Abril Cultural Salteño -1982

Diseño de afiche: Jorge Hugo Román

Acto inaugural día 1 de abril en Casa de la Cultura. Cierre del VI Abril Cultural Salteño el día 30 también en el mismo lugar.

Artes plásticas: “Obras gráficas de Raúl Soldi” (En: Museo Provincial de Bellas Artes, Arias Rengel); Grabados de Roberto Paez (En: Galería Permanente de Arte. Auspicio: Fundación del Banco del Noroeste); “Luis Fuentes-cerámicas” (En: Sala Scotti, Casa de la Cultura).

Teatro: “La casa de Bernarda Alba” (Grupo Litoral de Rosario. En: Casa de la Cultura).

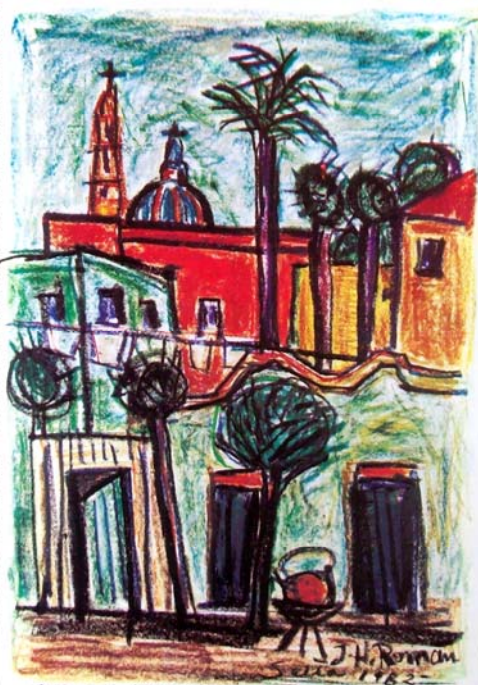
Ballet: “Pavlova-Gordeiev” y elenco del teatro Colón (En: Teatro Victoria); “Siete Rosas para María”, oratorio danzante de Tito de George; “Vía Crucis”, oratorio danzante de Henry Gheon (ambos en iglesia La Merced); “laora Tahiti” (Gran Ballet de Tahiti; Dirección Terii Gilles Hollande. En: Teatro Victoria); “Trilogía para los antiguos” (dirigido por Susana Marchissio. En: Colegio del Huerto, Orán. Auspicio: Municipalidad de Orán); “Rajko” Orquesta Juvenil de Hungría y Ballet gitano (En: Teatro Victoria).

Cine: Ciclo de cine Maldito “Don Juan” (Joseph Losey. Auspicio: Cine arte de Club de Leones. En: Ministerio de Bienestar Social); “Ifigenia” (Michael Kakoyanis. Auspicio: Cine arte de Club de Leones. En: Ministerio de Bienestar Social); “De la vida de marionetas” (Ingmar Bergman. Auspicio: Cine arte de Club de Leones. En: Ministerio de Bienestar Social); “Kagemusha” (Akira Kurosawa. Auspicio: Cine arte de Club de Leones. En: Ministerio de Bienestar Social)

Ciclo de cine infantil: a cargo de Prof. Victor Iturralde Rúa.

VI ABRIL CULTURAL SALTEÑO

4º CENTENARIO DE LA FUNDACION DE SALTA



Organiza: PRO CULTURA SALTA (Argentina)

DEL 1º AL 30 DE ABRIL DE 1982

Fotografía: “Salón de fotografía artística”.

Tema: El hombre y su trabajo (Inauguración y entrega de premios. En: Galería El Tribuno).

Presentaciones, conferencias, jornadas, cursos: “Lebrel de luz” por Carmen Agüero Vera (En: Auditorio Mamerto Esquiú, Complejo Cultural San Francisco); “Dialogando con Raúl Soldi” con el periodista Roberto Alifano (En: Casa de la Cultura); “Conversando con Borges”, diálogo con Jorge Luis Borges y el periodista Roberto Alifano (En: Casa de la Cultura); “La expresión plástica en el Niño”, curso para docentes por la Prof. Dora Acerete (En: Casa de la Cultura. Auspicio: Escuela Provincial de Bellas Artes “Tomás Cabrera”).

Música: “Música Ficta” (conjunto vocal -instrumental renacimiento y medieval. En: Teatro Alberti); “El Conde de Luxemburgo” y “El murciélago” -Ópera de Franz Lehar a cargo “artistas líricos argentinos del coro del teatro Colón” (En: Teatro Victoria); “Antigua Jazz Band” (En: Casa de la Cultura y en Orán. Auspiciado: Municipalidad de San Ramón de la Nueva Orán).

“Pro Cultura Salta agradece la colaboración prestada”:

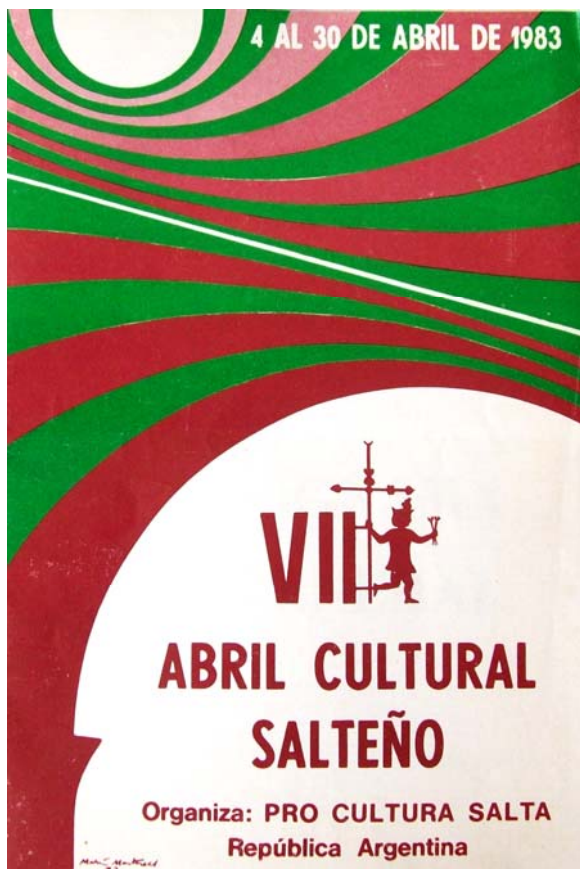
Gobierno de la Provincia de Salta; Guarnición Militar; VII Agrupación Salta de Gendarmería Nacional; Ministerio de Gobierno, Justicia y Educación de Salta; Secretaría de Gobierno de la Provincia de Salta; Secretaría de Estado de Educación y Cultura de la Provincia de Salta; Dirección General de Cultura de Salta; Municipalidad de la Ciudad de Salta; Comisión Ejecutiva “IV Centenario de la Fundación de Salta”; Policía de la Provincia; Casa de Salta en Buenos Aires; Universidad Nacional de Salta; Escuela Provincial de Bellas Artes “Tomás Cabrera”; Dirección de Turismo; Municipalidad de San Ramón de la Nueva Orán; Municipalidad de Tartagal; Artes Gráficas S.A.; Banco de Préstamos y asistencia Social; Banco Provincial de Salta; Bodegas Domingo Hnos.; Calliera S. A.; Canal 11 de Televisión Salta; Cámara de Comercio e Industria de Salta; Cámara de Tabaco de Salta; Cine-Arte Club de Leones de Salta; Coop. De Productores Tabacaleros de Salta; Colegio de Escribanos de Salta; Compañía Cinemateca del Norte S.A.; Contador Héctor Mario Campastro; Consejo Profesional de Ciencias Económicas de Salta; Chicoana Turismo; Diario “El Tribuno”; Diario “Crónica del NOA”; Diario “Pregón”; Don Isidro S. A.; Fundación del Banco del Noroeste; Hotel Colonial; Hotel Plaza; Hotel Salta; Hotel Regidor; Hotel Victoria Plaza; Instituto Provincial de Seguros; Casa Issa; LRA 4 Radio Nacional Salta; LV9 Radio Salta; Massalin Particulares S.A. (e.c.); Mario Ernesto Peña y Asociados; Restaurantes La Castiza; Restaurante Hotel Salta; Jorge Hugo Román; Salta Refrescos S.A.; Sendas Norteñas S.A.; Teatro Colón de Buenos Aires.

VII Abril Cultural Salteño- 1983

Pintura original de María Martorell

Actividades del Abril Cultural

Artes Plásticas: Miguel Ángel Vidal (En: Sala Scotti, Casa de la Cultura. Auspicia: UNSa.); "Hugo de Marziani" (contamos con un tenemos de la muestra, donde se especifican sus antecedentes



artísticos. En: Galería Permanente de la Fundación del Banco del Noroeste y auspicio de dicha fundación); "Ary Brizzi" (En: Museo Provincial de Bellas Artes); "Realización y muestra de manchas infantiles (En: Plaza 9 de julio); "Liberio Badii- charlas del autor (En: Museo de Bellas Artes); "Realización y muestra de pintura y dibujo de jóvenes" (En: Plaza 9 de Julio).

Música: "Bhakti" (Música hindú. En: Casa de la Cultura); "Cuarteto "Chivo" Borraro" (Jazz. En: Casa de la Cultura); "Recital de Susana Rinaldi" (En: Teatro Victoria); "Le piece de Meduse", comedia lírica (obra de Eric Satie por la Cía. de LÉlan de París. Co-auspician Alianza Francesa y Asociación Francesa de acción Artística. En: Teatro Alberdi).

Cine: ciclo de cine "Maldito" (En: Sala de Ministerio de Bienestar Social); Cine Infantil a cargo de Víctor Iturralde Rúa (En: Casa de la Cultura), Ciclo evocativo del cine mudo a cargo de Víctor Iturralde Rúa: "Biógrafo".

Conferencias, jornadas, cursos, charlas: "III jornadas de cultura y región" (En: Museo Arqueológico); "Introducción a la música electroacústica" a cargo de la compositora Hilda Dianda (En: Casa de la Cultura).

Teatro: "Siempre vuelo" (Teatro Unipersonal con Cipe Lincovsky. En: Teatro Alberdi); "El taller del orfebre" (obra de Karol Wojty. En: Teatro Alberdi).

Música: Concierto de la Orquesta Sinfónica de la Universidad Nacional de Tucumán (Dir. José Ignacio Calderón. En: Teatro Victoria).

Fotografía: VII salón de fotografía artística. Tema: La noche (exposición y entrega de premios. Donación de fotografías, propiedad de Pro Cultura Salta a la fototeca del Museo Provincial de Bellas Artes. En: Casa de la Cultura).

VIII Abril Cultural Salteño -1984

Dibujo original de Elsa Salfity

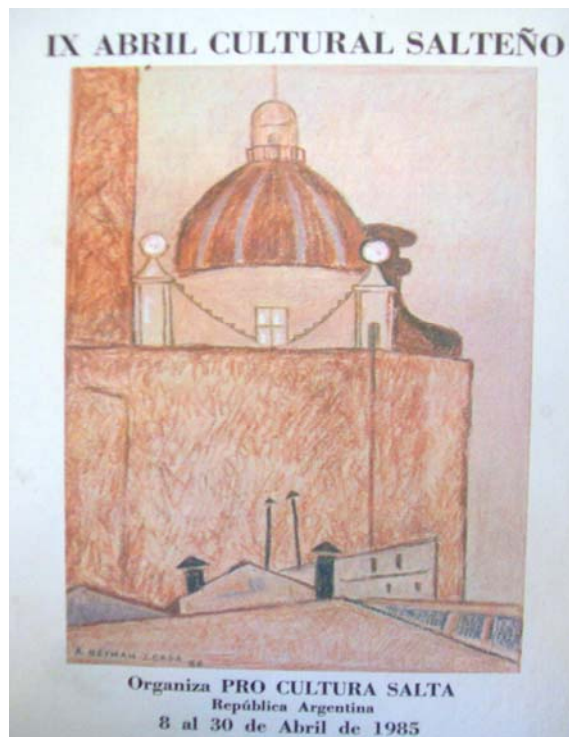
**OCTAVO
ABRIL CULTURAL SALTEÑO**



16 DE ABRIL AL 15 DE MAYO 1984
ORGANIZA PRO CULTURA SALTA REPUBLICA ARGENTINA

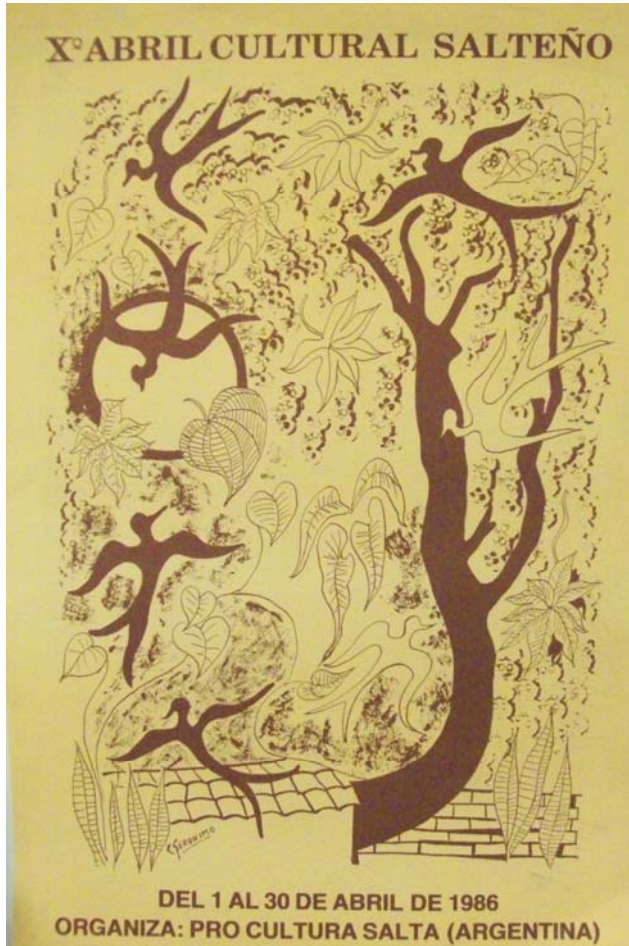
IX Abril Cultural Salteño -1985

Dibujo original de Alina Neyman Zerda. No tenemos programación para ninguno de esos Abriles Culturales.



X Abril Cultural Salteño -1986 XIV Abril Cultural Salteño -1990

Dibujo original de Carmen Gerónimo



Pintura original de Miro Barraza

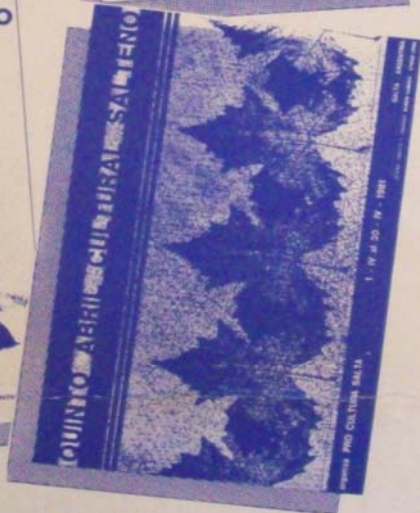


Existe un bache tanto en los afiches como en las programaciones entre 1986-1990, aunque los Abries Culturales no se dejaron de realizar.

XVI Abril Cultural Salteño -1992

XVI Abril Cultural Salteño

1 al 30 de abril de 1992



PRO CULTURA SALTA

Agradece especialmente el apoyo brindado por el Gobierno de la Provincia a través de la Dirección General de Cultura, cuyo aporte contribuye a la realización de este 16º ciclo cultural.

XVIII Abril Cultural Salteño -1994

Afiche y programa basado en una xilografía original de Osvaldo Juane: "El Triciclo"

Programa General

Acto inaugural con una muestra homenaje a Osvaldo Juane que tuvo lugar en el Museo de Bellas Artes, el día 4 de abril de 1994.

Artes plásticas: "IV Bienal Chandon" (En: Cabildo Histórico del Norte. Adhesión: Dirección de Arte y Cultura de la UNSa.); "Exposición de Néstor Roman Calvet" (En: Auditorio del Banco Credicoop. Adhesión: Departamento de Cultural de dicho banco); "Pinturas y dijes de Mamina De la Rosa" (procedentes de Tucumán. En: Museo de Bellas Artes); "Exposición de esculturas de Esdras Gianella (En: Museo Provincial de Bellas Artes); "Muestra de 'El tendadero'" (En: Plazoleta 4 siglos).

Música: "Concierto de la Orquesta Municipal (Dir.: Eduardo Storni. En: Teatro de la ciudad. Adhesión de la Orquesta Municipal); "Quinteto de vientos del Mozarteum Argentino" (Función de Gala festejando el aniversario del Teatro de la Ciudad); "Caoba Jazz Band" (procedentes de Buenos Aires. En: Teatro de la Ciudad); "Concierto para piano de Alessandro Cesara de Italia (En: Salón Blanco del Centro Cultural América. Auspicia: Dante Alighieri); "Concierto para piano de María Eugenia Pacheco" (de Buenos Aires. En: Salón Blanco del Centro Cultural América).

Conferencias, charlas, cursos, jornadas, panel: "Conferencia sobre la ópera 'La Boheme' de G. Puccini por José Mario Carrer y Guillermo Marguerita (Organiza: Asociación 'Dante Alighieri'); "Curso de tango de salón" con prof. Sandro Nunziata (Buenos Aires. Organiza: Escuela del Círculo Tango Club);

"Panel literario en homenaje a Joaquín Castellanos 133 años de su natalicio (Auspicia:



Comisión de Cultura del Banco Credicoop); Conferencia de Katia Gibaja “La cultura quechua en Cuzco, Oruro y Santiago del Estero” (En: Teatro de la Ciudad); Conferencia de Argentina Corranza sobre “La mujer: su inserción en la nueva sociedad” (En: Auditorium de Banco Credicoop. Auspicio: Instituto Argentino-Boliviano de Salta).

Teatro: “A mí no me pasa” (grupo “Las Nereidas” de Córdoba. En: Teatro de la Fundación del Banco del Noroeste).

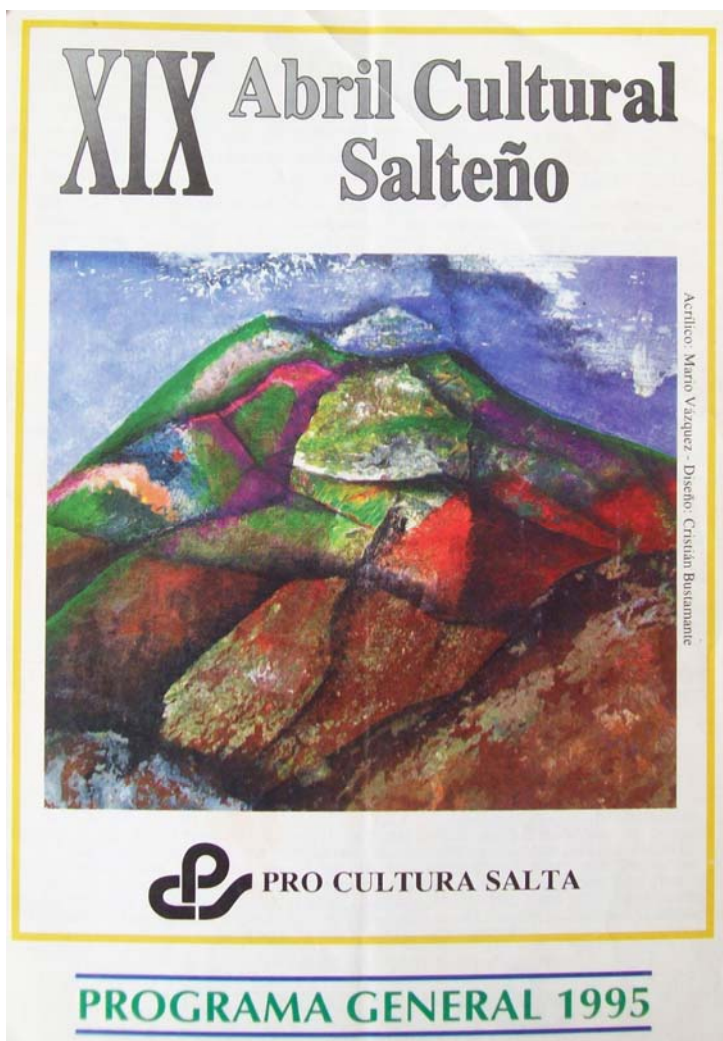
Fotografía: “Viva Bolivia –Carnaval de Oruro” (Teatro de la Ciudad)

Danza: Danzas de Bolivia a cargo de “La Morenada” y “Caporales” (Teatro de Ciudad).

“El Directorio de Pro Cultura Salta, agradece en manera especial a:

Escuela de Círculo Tango Club; Cine Arte de la Fundación (Fundación del Banco del Noroeste); CORTESA S.A. –Canal 11 de Salta; departamento de Arte y Cultura de la Universidad Nacional de Salta; Diario Eco del Norte; Diario El Tribuno; Dinar Líneas Aéreas; Dirección General de Cultura de la Provincia de Salta; Dirección de Cultura de la Municipalidad de la Ciudad de Salta; Fundación del Banco del Noroeste; Grupo El Tendedero; Hotel California; Hotel Regidor; La Veloz del Norte; LRA Radio Nacional Salta; LV9 Radio Salta; Municipalidad de la Ciudad de Salta; Museo Provincial de Bellas Artes; Radios F.M.: “ABC”; “Aries”; “Capricornio”; “Cien”; “Génesis”; “Güemes”; “La Nueva Radio”; “Laser NOA”; “Profesional”; “San Gabriel” Y “20 de Febrero”; Lloyd Aéreo Boliviano SAM; Pieve Servicios Sociales; Salta Resfrecos S.A.; Credimás; El Palacio de las Golosinas; Bodegas “Los Parrales” S.A.; Papelería Sarmiento”.

XIX Abril Cultural Salteño -1995



Diseño de afiche: Cristian Bustamante. Acrílico: Mario Vázquez.

XX Abril Cultural Salteño -1996

Exposiciones: “Trajes del teatro Colón” (Auspiciado por: Fundación Argentina Solidaria, Dinar Líneas Aéreas, Secretaría de Cultura de la Provincia. En: Centro Cultural América); “Esculturas de Osvaldo Decastelli (Auspicia: Pro Cultura Salta, Museo Provincial de Bellas Artes, Dinar Líneas Aéreas. En: Museo de Bellas Artes); “Así eran los comercios -1892” (fotos, grabados, objetos, conferencia por María Inés Guerido de Solá. En: Museo Casa de Hernández); “Óleos de Telma Palacio (Museo Casa de Hernández); “Petroglifos de Salta” -trabajos de Blanca Pastor, colabora Elsa Salfity (Museo Histórico del Norte y Secretaría de Cultura de la Provincia.); “Pinturas de Estela Susana de Schwender” (Auspicia: El Círculo. En: General Güemes 636); “Bienal Chandon” (En: Museo Histórico del Norte. Organiza: Dirección de Arte y Cultura de la UNSa.), “Pinturas de Elsa Verón” (Casa de la Cultura, Fundación Argentina Solidaria, Secretaría de Cultura de la Provincia.); “Caribe” muestra retrospectiva (Museo Casa

de Hernández. Organiza: Asociación de Amigos del Museo de la ciudad, Casa de Hernández y Fundación Argentina Solidaria).

Música: "Musicario del Milagro (J. Diaz Bavio y L. Nieva. Organiza: Secretaría de Cultura de la Provincia.); Orquesta Municipal (Teatro de la Ciudad. Auspicia: Dirección de Cultura de la Municipalidad de la ciudad de Salta); "Arraigo" (Teatro de la Ciudad. Organiza: Municipalidad de la ciudad de Salta. Auspicia: Secretaría de Cultura de la Provincia); "Concierto de Orquesta Sinfónica de Instrumentos Regionales" (Dirección: Sergio Godoy. Organiza: El Círculo); "Orquesta Estable de la Provincia de Salta" (Templo San Francisco); Orquesta de Cámara de Corrientes (Dirección: Marta Ruiz. Teatro de la Ciudad. Auspicia: Secretaría de la Nación y Secretaría de Cultura de la Provincia de Salta).

Música y Danza "Noche de gala" aniversario del Teatro de la Ciudad (Organiza: Municipalidad de la Ciudad de Salta); "Etnias del Norte" (Teatro de la Ciudad. Auspicio de Secretaría de Cultura de la Provincia.).

Charlas, conferencias, cursos, jornadas, homenajes: "Ópera" por Guillermo Margherita y Tania Ortiz (Centro Cultural América, Secretaría de Cultura de la Provincia, Pro Cultura Salta);

"Homenaje a Teresa Cadena de Hessling" (Museo de la Ciudad Casa de Hernández, con descubrimiento de placa de Sala B); "El Barroco" por Svetrana Livitan (Música y afines. Centro Cultural América. Auspicia: Secretaría de Cultura de la Provincia); "Jornadas de concientización y puesta en valor del patrimonio cultural de la ciudad de Salta" (Casa de la Cultura. Auspicia: Secretaría de Cultura de la Provincia.); "Taller de Plástica de Ana Eckel" (Museo Provincial de Bellas Artes. Auspicia: Secretaría de Cultura de la Nación y Secretaría de Cultura de la Provincia).



Teatro: "Solas en la Madriguera" (a cargo del grupo de teatro de la Peña Española); "Equus et deus" (De Jorge Renoldi. En: Fundación del Banco del Noroeste. Auspicia: Secretaría de Cultura de la Provincia.).

Ballet: "Festival Indoamericano en Salta" (Organiza: Ballet Horizonte).

XXI Abril Cultural Salteño -1997

Diseño basado en un tapiz original "La sol y el luna" de José Luis "Pajita" García Bes.

Conciertos: Orquesta de Cámara Municipal y otro con solistas (Teatro de la Fundación Salta), "Gala de tangos" (Teatro de la Ciudad); Rodolfo Mederos (Teatro de la Ciudad); Festival de la Quebrada (Patio de Comidas del Nuevo NOA Shopping); Orquesta de cámara de Mayo (Teatro de la Ciudad, concierto Aniversario del Teatro); Adriana Varela; Rapsodia (Teatro de la Fundación Salta); Óperas Recogidas (Eduardo Cogorno y Cía.; Teatro de San Telmo. En: Teatro de la Ciudad); El Retablo de Manuel y Federico (Teatro de la Ciudad); Recital de Piano y Flauta:

María Eugenia Pacheco y Mariana Sttraffa (Centro Cultural América); Concierto de la Orquesta Sinfónica Nacional (Dirección: Pedro Calderón, con fuegos artificiales. Lugar: Monumento a Gral. Güemes).

Danza: "III Festival Indoamericano 97" (canto y danza. Organiza: Ballet Horizonte. En: Centro Vecinal B° Miguel Ortiz); Gitano (Ballet El Tiempo. Recital de danzas españolas. En: Fundación Salta).

Teatro: Delirio mágico (mimo, ballet afro de Lito Luna. Teatro de la Fundación Salta); Las aventuras de Juan Moreira (grupo Juglares TMGSM. Teatro de la Ciudad).

Conferencias, jornadas, charlas, certámenes, seminarios: Jornadas de

concientización sobre S.I.D.A (Teatro de la Ciudad); Romance de la muerte de Juan Lavalle (Ernesto Sábato y Eduardo Falú. Adhesión: Gobierno de la Provincia de Salta y secretaria de Cultura de la Nación. Monumento a Gral. Güemes); Certamen de Zamba y certamen de canto



1997 (Organiza: "La orden del Poncho". En: Carpa de C. Abán. Av. Tavella 2488); Conferencia de Santiago Sylvester: "Identidad y poesía en el marco cultural del NOA" (Salón del Teatro de la Fundación Salta); "Certamen de Murales" (Organiza: Bachillerato artístico "Tomás Cabrera". En: Escuela Brig. Arenales, Villa San Antonio); María Kodama "Conferencia con Jorge Luis Borges" (Fundación Salta); "Juicio a Manuel J. Castilla" (José María Castiñeira de Dios y Héctor Tizón y Horacio Salas. Fundación Salta); "Seminario: El desafío de las organizaciones no gubernamentales" (Organiza: Fundación Compromiso y Pro Cultura, para dirigentes de Clubes, Fundaciones, Cooperadoras, Asociaciones, etc. Teatro de la Ciudad); "Entrega de premio de Gran Honor Literario Municipalidad de la Ciudad de Salta *Clara Saravia Linares de Arias*" (Museo de la ciudad Casa Hernández).

Artes Plásticas: Muestra de tapices de Carlos Luis "Pajita" García Bes (Museo Provincial de Bellas Artes); Muestra de Grabados de Elías, Carrique, Nuñez, Cajida, Acosta, Juárez, Teruelo (Nuevo NOA Shopping); Muestra de pintura de José Aramayo (Nuevo NOA Shopping); "Cuatro grabadores: Osvaldo Jalil, Sandra La Porta, Muriel Frega, Carlos Vigli" (Organiza: Museo de Bellas Artes).

Fotografía: "Valles Calchaquíes" (Auspicia: American Express. Centro Cultural América); Muestras de fotos del Teatro Colón (Organiza: Secretaría de Cultura de la Provincia. Auspicia Directorio del Teatro Colón. En: Centro Cultural América).

Talleres: "Taller infantil de esculturas con elementos desechables" (En: "Hogar de Hijos de María". Parroquia de V° de Fátima. Organiza: Bachillerato Artístico "Tomás Cabrera"); "Taller de Máscaras" (Organiza: Dirección de Bachillerato Artístico "Tomás Cabrera". Escuela Sgto. Cabral, V° Mitre).

"Nos ayudan y Asesoran: Eleonora Ravinowicz de Ferrer, Tibor Czabanyi Avellaneda, Tania Ortiz, Virginia Arias, Cristian Bustamente, Pablo López, Juan A. Alurralde, Rosa Amerisse".

"Lo Hacen Posible: El Gobierno de Salta, La Municipalidad de la Ciudad de Salta, Las entidades de Salta, Los Artistas".

Seguidamente a esos agradecimientos levantados arriba se presentan los símbolos de las instituciones que participaron del Abril Cultural. Siendo éstas:

BNL, Banca Nazionale de Lavore; Canal 11 Salta; Dinar Líneas Aéreas; Edesa S.A.; Pieve; Telecom Argentina; Pepsi; Mastercard; Portezuelo Hotel; Previnter, Precisión Internacional; Vasija Secreta; SCA; Correo Argentino.

XXII Abril Cultural Salteño -1998

Conciertos: “Concierto Quinteto de Cuerdas *Sinfonietta N.O.A.*” (Organiza: Pro Cultura. En: Fundación Salta); “Rodolfo Mederos-Quinteto” (Organiza: Pro Cultura Salta. Teatro de la Ciudad).

Festivales: “Festival *Todo lo Nuestro*” (danza, coros, solistas, conjuntos musicales. Organiza: Dirección de Acción Cultural de la Secretaría de Cultura de Salta y Pro Cultura Salta. Monumento a Güemes- cierre del XX Abril Cultural Salteño).

Exposiciones: “Primeras jornadas latinoamericanas del libro de artista” (Museo de la Ciudad); “Exposición de óleos *Tangos* de Chilo Tullisse (Organiza Biella S.A. y Pro Cultura Salta. Fundación Salta); “Exposición de esculturas de Alejandro de la Cruz” (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Patio del Museo de la Ciudad); “El Tendedero, manchas infantiles y títeres para niños” (Organiza: El Tendedero; Secretaría de Cultura de la Provincia y Pro



Cultura Salta. En: Plaza 9 de Julio); “Grandes Premios dde Honor de Salones Nacionales” (Organiza: Secretaría de Cultura de la Provincia. Auspicia: Secretaría de Cultura de la Nación y Salas Nacionales de Cultura. En: Museo Provincial de Bellas Artes).

Jornadas, presentaciones, conferencias, cursos; premios: “Jairo: un homenaje a Yupanqui” (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Monumento a Güemes);

Títeres, teatro: “Candombe en el conventillo” (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Teatro de la Ciudad).

Logos de agradecimientos: Gobierno de Salta; Coca Cola; Telecom; Municipalidad de la Ciudad de Salta; Portezuelo Hotel; Dinar Líneas Aéreas.

Directorio de Pro Cultura Salta: Contador Público Nacional Fernando Magadán (presidente); Profesora Carmen Martorell (vice-presidente); Sra. María Inés Uriburu (Secretaria); Dra. Beatriz Quiroga de Montoya (Pro-secretaria); Juan A. Alurralde (tesorero); Sra. Lucía Barrionuevo (pro-tesorera); Sra. Eleonora Rabinowicz de Ferrer (vocal 1); Arq. Javier Zamarian (vocal 2); Sra. Virginia Arias (vocal 3); Sr. Roberto Salvatierra (vocal suplente 1); Sra. Tania Ortiz (vocal suplente 2); Sra. Rosa Amerisse (vocal suplente 3); C.P.N. María Estela Arzelán de Macierl (órgano de fiscalización); Sr. Silvio Segal (órgano de fiscalización suplente).

XXIII Abril Cultural Salteño -1999



Diseño Gráfico: Arq. Javier Zamarian y Martín Mendoza. Pintura Original: Miro Barraza

El programa es que está clasificado por disciplinas artísticas en el siguiente orden: "Exposiciones plásticas, fotografía, artesanías, arquitectura; Conferencias, cine y video; Teatro; Espectáculos musicales: coros, solistas, tango, jazz, clásico, ballet; Libros, concursos, jornadas". En él se encuentran discriminadas las instituciones que organizan cada espectáculo: Pro Cultura Salta; Gobierno de la Provincia; Museo Histórico del Norte; Museo de la Ciudad; Colegio de Arquitectos de Salta; Dirección de Arte y Cultura de la UNSa.; Centro Cultural San Francisco; Museo Provincial de Bellas Artes; Escuela Provincial de Bellas Artes; Secretaría de

Cultura de la Provincia; Dirección de Cultura de la Municipal de la Ciudad de Salta (Salón Municipal de grabados); Asociación de Criadores de Caballos Peruanos; La Montaña Mágica; Gofica; Grupo Leomar; A.Te.Sa.; Grupo de Teatro de la Peña Española; El Séptimo (organización del I Festival Internacional de Teatro).

Aquí sólo señalaremos las organizadas por Pro Cultura y el lugar donde se llevaron a cabo.

Exposiciones plásticas, fotografías, artesanías, arquitectura: Exposición de imaginería colonial de Gutavo Iburguren (Gobierno de la Provincia y Pro Cultura Salta. Museo de Bellas Artes); Exposición retrospectiva –Homenaje al artista plástico Miro Barraza (Pro Cultura Salta. Museo de Bellas Artes); Exposición “Rodríguez -Genisans, nueva plástica Tucumana” (Pro Cultura Salta, Escuela Provincial de Bellas Artes. En: Galería de Arte “A”); Exposición con motivo del XVIII° Concurso Nacional de Caballos Peruanos de Paso (Pro Cultura Salta, Asociación de Caballos Peruanos de Paso. En: Sociedad Rural Salteña).

Conferencias, cine y video: Proyección de “El Sueños de los Héroes” (Pro Cultura Salta. En: Teatro de la Fundación Salta); Conferencia “Raíces de la cosmovisión del mundo”. Homenaje a Jorge Luis Borges (Disertante: Dra. María del Carmen Taconi de Gómez. Organiza: Pro Cultura Salta. EN: Teatro de la Fundación Salta); Conferencia del arquitecto Miguel Ángel Roca (Pro Cultura Salta, Colegio de Arquitectos de Salta. En: Centro Cultural América. Salón Blanco).

Teatro: I° Festival Internacional de Teatro “El teatro del mundo en Salta” (Pro Cultura Salta, ATESA, El Séptimo).

Espectáculos musicales: coros, solistas, tango, jazz, clásico, ballet: Concierto de Tango de la Orquesta de Juan de Dios Filiberto (Pro Cultura Salta, Secretaría de Cultura de la Provincia de Salta, Secretaría de Cultura de la Nación. En: Salta Capital, Gral. Güemes, Metán, Orán, Tartagal); Concierto “De Boca en Boca. *Músicas de mundos*” (Pro Cultura Salta. En: Teatro de la Fundación Salta); Mis mujeres cantan... cuando no girtan (Estudio Coral ARSIS, Pro Cultura Salta. En: Teatro de la Fundación Salta); Concierto de Jazz Band (Pro Cultura Salta, Mozarteum Argentino Filial Salta. En: teatro de la Ciudad); “El Lago de los Cisnes”. Ballet Estable del Teatro Colón (Pro Cultura Salta, Gobierno de la Provincia. En: Monumento al Gral. M. Miguel de Güemes).

Libros, concursos, jornadas: Jornadas de Lingüística. Lic. Susana Martorel de Laconi (Pro Cultura Salta, Universidad Católica de Salta. En: Fundación Salta, Primer Piso); Lanzamiento del Certamen Literario “Benito Crivelli”. Homenaje a los Fundadores (Pro Cultura Salta, Secretaría de la Provincia de Salta. En: Club 20 de Febrero).

“Pro Cultura Salta agradece el aporte de las siguientes Instituciones Gubernamentales, no Gubernamentales, Culturales y Empresas: Gobierno de la Provincia; Secretaría de Cultura de

la Provincia; Secretaría de Cultura de la Nación; Municipalidad de Salta; Municipalidad de Vaqueros; Municipalidad de San Lorenzo; Fundación Salta; Teatro de la Ciudad; Museo Histórico del Norte; Museo Provincial de Bellas Artes; Museo de la Ciudad; Complejo Cultural San Francisco; Universidad Católica de Salta; Universidad Nacional de Salta; ATESA; Colegio de Arquitectos de Salta; Escuela Provincial de Bellas Artes; Mozarteum Argentino- Filial Salta; Asociación de ciradores de Caballos Peruanos de Paso; INCAA; Dr. D. Arturo Arrizabalaga; Dinar Líneas Aéreas; Lloyds Bank; Edesa; Telecom; La Veloz del Norte; Central Térmica Güemes; Nuevo NOA Shopping; Hotel Portezuelo; Hotel Posada del Sol; Gofica; Michel Torino –Bodega “La Rosa”; Bodegas “Chandon”; “Vasija Secreta”; Canal 11; Diario El Tribuno”.

“Empresas auspiciantes: Nuevo NOA Shopping; Lloyds Bank; El Tribuno; Edesa, Con energía hacia el futuro; Telecom; Correo Argentino; Dinar Líneas Aéreas; Michel Torino, Bodega “La Rosa”; Central Térmica Güemes. S.A.”. Estas empresas aparecen nuevamente en otra carilla y solamente con sus íconos.

XXIV Abril Cultural Salteño -2000



Diseño de Afiche: Guillermo Pucci. Basado en el tapiz *Oso hormiguero* de Carlos L. García Bes.

“Organizan: Ministerio de Educación. Secretaría de Cultura de la Provincia de Salta; Gobierno de Salta; Pro Cultura Salta”. De ese modo se encuentra dispuesto en el afiche para la lectura, todo mediante los símbolos de cada entidad. Mientras que en el propio programa el orden de los organizadores se altera, comenzando por Pro Cultura, seguido del Gobierno de la Provincia y finalmente la Secretaría de Cultura.

Música: Nora Sarmoria. Espectáculo musical. (Organiza: Secretaría de cultura y Pro Cultura Salta. En: Fundación Salta); Programa dell' Accademia Bizantina- Mozarteum (Organiza: Secretaría de Cultura, Pro Cultura Salta, Mozarteum argentino filial Salta. En: Teatro de la Ciudad); Cierre del XXIV Abril Cultural Salteño "Tana q' te fuiste y serás" Susana Rinaldi y su gran Orquesta en Concierto (Organiza: Secretaría de cultura y Pro Cultura Salta. En: Plaza 9 de julio).

Exposiciones: 4° Encuentro Nacional de Plateros (Organiza: Gobierno de Salta, Fundación Argentina Solidaria, Secretaría de Cultura, Asociación de Amigos del Cabildo y Pro Cultura Salta. En: Museo Histórico del Norte); Exposición de Tapices de Carlos Luis García Bes – Adhesión a los 50 años de creación de la Escuela de Bellas Artes "Tomás Cabrera". (Organiza: Gobierno de salta y Pro Cultura Salta. En: Museo de Bellas Artes); Muestra del gran artista salteño Jorge Hugo Román (Pro Cultura Salta. En: Indalo Galería de Arte); Argentina siglo XX, en la visión de sus fotógrafos (Organiza: Fundación Pan Americana Cultural Exchange y Pro Cultura Salta. En: Museo de Bellas Artes).

Conferencias, jornadas, premios, presentaciones: Entrega de Premios del I° Certamen Literario Benito Crivelli. Poesía Lanzamiento del II° Certamen literario: cuentos. (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Centro Cultural América); "Consecuencias" Presentación Del libro de Fernando Saravia Toledo (h). (Organiza Secretaría de Cultura y Pro Cultura Salta. En: Centro Cultural América); "Cuentos con Bronca" Presentación del libro de Blanca Salcedo "La mujer escritora y los mitos" Charla con Blanca Salcedo. (Pro Cultura Salta. En: Museo de la Ciudad Casa de Hernández).

Danza: Carmina Burana (Dirección: Héctor Bohamia. Organiza: Pro Cultura, Productora La Máscara. En: Teatro de la Ciudad).

"Socios Institucionales: Central Térmica Güemes; Caruso Seguros; Telecom; Borax; Lyods Bank; La Veloz del Norte S.A."

"Auspician: El Tribuno; Central Térmica Güemes; Caruso Seguros; Edesa; Llyods Bank; Dinar Líneas Aéreas; Correo Argentino; Ing Insurance; Olmedo Motors; Vasija Secreta; Municipalidad de la Ciudad de Salta; Inmobiliaria Cervera S.A.; Hospital Privado Santa Clara de Asis; Hotel Portezuelo; Mas Ventas; Hotel Salta". Estas empresas se encuentran representadas mediante sus íconos.

"Colaboran: Complejo Cultural San Francisco; Fundación Salta; Museo Histórico del Norte; Museo Provincial de Bellas Artes; Museo de la Ciudad; Teatro de la Ciudad; Club 20 de Febrero; Nuevo NOA Shopping; Panadería La Mamama; Cosalta; Artesanías Marisa".

XXV Abril Cultural Salteño -2001



“**Organizan:** Pro Cultura Salta; Gobierno de la Provincia de Salta; Secretaría de Cultura de la Provincia”.

Exposiciones: Inauguración Oficial del XXV Abril Cultural Salteño. Retrospectiva de María Martorell (Auspicia: Telefónica de Argentina. Organiza: Pro Cultura Salta. En: Museo de Bellas Artes); Exposición de platería de José Santos Liendro (Pro Cultura Salta. En: Centro Cultural América. Sala Juana Manuela Gorriti); Muestra de la serie “Juegos de manos”, grabadora Matilde Marín (Organiza: Pro cultura Salta y Secretaría de Cultura de la Provincia. En: Casa de la Cultura); “Por siempre tejamos”. Muestra colectiva de arte textil, con las obras de tapicistas salteños: Rodrigo García Bes, Francisco Cruz, Liliana POnisio, Jesús Casimiro y otros de capital, Molinos y otras ciudades del interior (Organiza: Fundación Awaysun. En: Sala de Exposición del Mercado Artesanal. Auspicia: Pro Cultura Salta); Muestra fotográfica “Imágenes de los argentinos” realizada por Fotomundo, 60 obras de autores argentinos. Esta muestra se expone hoy por primera vez en la Argentina (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Museo de la Ciudad “Casa de Hernández”); “El Arte efímero” Desfile de moda en papel artesanal en el patio de comidas del Alto NOA shopping. (Organiza: Museo de Bellas Artes y Molino de Papel de OPJ. Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Nuevo NOA Shopping

Música: Espectáculo de Sandra Aguirre, con canciones inspiradas en la historia y naturaleza de la provincia (Organiza: Pro Cultura Salta y Municipalidades de: Joaquín V. González –en Mercado Artesanal; Rosario de la Frontera –en Teatro Municipal; Cachi –en Salón Municipal); Quinteto salteño de Jazz Moderno “La calle”. Docentes de la Escuela Música de la Provincia. (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Fundación Salta); Concierto de Cuerdas. Conjunto Almenarez de La Plata. (Auspicia: Pro Cultura Salta. Organiza: Mozarteum argentino- Filial Salta. En: Sala Juan Carlos Dávalos de la Casa de la Cultura); Calchaquí Ensemble (Docentes de la escuela de Música que participaron en el intercambio cultural en Alemania, auspiciado por Pro Cultura

Salta. Organiza: Pro Cultura Salta. En: Fundación Salta); Ildo Oatriarca –acordeonista (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Café 1140); Cierre del XXV Abril Cultural Salteño: “Primer Concierto de la Orquesta Sinfónica de la Provincia de Salta”, repertorio popular. (Organiza: Secretaría de Cultura de la Provincia y Pro Cultura Salta. En: Monumento al Gral. Martín Miguel de Güemes, Teatro Nuestra Señora del Huerto).

Conferencias, jornadas, premios: Conferencia “Desvío” a cargo de la artista plástica Matilde Marín (Organiza: Pro Cultura y Secretaría de Cultura de la Provincia. En: Casa de la Cultura); Entrega de Premios Phersu -durante año 2000 (Organiza: ATEsa y Pro Cultura Salta. En: Fundación Salta); Entrega de Premios del Certamen Literario “Benito Crivelli”- especialidad cuentos. El premio consiste en la edición de la obra premiada “El olor de la vida” de Carlos Eduardo Mathews y Lanzamiento del concurso Literario año 2001 en especialidad novela para artistas inéditos en el género (Pro Cultura Salta. En: Centro Cultural América); Conferencia de la Dra. en Letras Leonor Arias, presentación de su tesis doctoral “La Argentina y sus metáforas. Una aproximación al país que imaginaron e imaginan sus escritores” (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Casa de la Cultura);

Teatro: Teatro de Títeres para niños “La Faranda” (Auspician: Pro Cultura y Municipalidades de: la ciudad de Salta en- Anfiteatro del Parque San Martín y Tartagal); Teatro para niños “Leomar” (Auspician: Pro Cultura y Municipalidades de: Orán y de la ciudad de Salta –en Anfiteatro del Parque San Martín); “Confesiones en el barrio Chino” del artista cubano Nicolás Dorr. (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Fundación Salta);

Danza: Baile de graduados de Johann Strauss. Ballet del Instituto Superior de Arte del Teatro Colón, dirigido por Mabel Silvera (Organiza: Municipalidad de Salta y Pro Cultura Salta. En: Lago del Parque San Martín)

Afiche publicitario del XXV Abril Cultural Salteño. Basado en el óleo "C y D" de María Martorell.



Los **auspicios** para este Abril Cultural aparecen en tamaño reducido en la tapa del programa como en la contratapa, siendo ellos: Telefónica; Central Térmica Güemes; Enjasa; Edesa; Hotel Salta; Caruso Seguros; Dinar Líneas Aéreas; Cosalta; Cable Visión; Mas Ventas S.A.; La Veloz del Norte S.A.; Librería Sarmiento; Coca Cola; Transporte González; Foto Mundo; Disco; Banco Velox". También son los mismos auspicios que podemos ver en el afiche.

"Socios Institucionales: Central Térmica Güemes; Caruso Seguros; Telecom;

Borax; Lyods Bank; Hospital Privado Santa Clara de Asís; Termoandes". Se aclara "socio institucionales cuyo aporte coadyudan al sostenimiento institucional".

"Nuestros agradecimientos a las siguientes instituciones: Casa de la Cultura; Museo de Bellas Artes; Museo Histórico del Norte; Museo Antropológico; Centro Cultural América; Municipalidades de: Salta, Cachi, Campo Santo, Joaquín V. González, Orán, Tartagal, Rosario de la Frontera; Dirección de Arte y Cultura de la Universidad Nacional de Salta; Escuela de Música de la Provincia; Museo de la Ciudad; Teatro de la Ciudad; Mercado Artesanal; Galería "A" de la Escuela Provincial de Bellas Artes "Tomás Cabrera"; Sociedad Italiana; Sociedad Española; Fundación Salta; Fundación Enjasa; Teatro Nuestra Señora del Huerto; Mozarteum Argentino –Filial Salta; Café 1140; ATESa; Asociación de Amigos del Museo de Bellas Artes;

Asociación de Amigos del Cabildo; Alto NOA Shopping, Hotel Presidente; Asociación Cultural de Tango; Garden Club Argentino; El Círculo; Revista Fotomundo”.

XXVI Abril Cultural Salteño -2002

Foto: Silvio Segal. Diseño Gráfico: Lucía Usandivaras y Virginia Davids Cornejo

Organizan (símbolos): Gobierno de Salta; Pro Cultura Salta; Secretaría de Cultura de la Provincia; Museo Provincial de Bellas Artes.

Socios institucionales (símbolos): Caruso Seguros; Telecom; Central Térmica Güemes; Borax; Lloyds Bank

Auspician (símbolos): La Veloz del Norte; Fundación Enjasa; Dinar, Líneas Aéreas; Caruso Seguros; Asociación Amigos del Museo de Bellas Artes de Salta; Mas Ventas S.A.; Hotel Salta; Fiap; Disco; Fundación Salta; Farmacia Fleming; Syncar, correo privado.

El interior del programa está organizado en un cuadro de varias entradas: Día; Hora; Lugar; Actividad; Organiza y Auspicia.



Programación General

Música: Orquesta Sinfónica de Salta. Dir. Jorge Lhez. (Organiza y Auspicia: Secretaría de Cultura de la Provincia; Pro Cultura Salta. Local: Casa de la Cultura); Concierto de Música Clásica del Grupo de Cámara de Extensión de la Secretaría de Cultura de la Provincia (Organiza y auspicia: Sec. de Cultura de la Provincia y Pro Cultura Salta. En: Parroquia San José); Concierto Didáctico “Aires Antiguos”, Dir. Mónica Saborida (Organiza y auspicia: Mesa Redonda Panamericana Salta II; Pro Cultura. En: Sala Wayar Tedín. Centro Cultural América); Coro Arsis “El canto Sagrado de los Pueblos”. Dir. Myriam Dagum (Organiza y auspicia: Pro Cultura Salta; Coro Arsis; Sec. de Cultura de la Pcia. En: Sala J.C. Dávalos, Casa de la Cultura); Comedia musical “La espada maravillosa”, alumnos del colegio San Alfonso (Organiza y auspicia: Pro Cultura Salta; Municipalidad de la ciudad de Salta; Grupo Teatro “San Alfonso”. En: Teatro de la Ciudad);

Concierto de Orquesta Sinfónica de Salta. Dir. Jorge Lhez y Coro Ars Nova (Organiza y auspicia Sec. de Cultura de la Pcia; Pro Cultura Salta. En: Sala Juan Carlos Dávalos, Casa de la Cultura); Concierto de música clásica. Pianista Ma. Eugenia Pacheco Arévalo. (Organiza y auspicia: Pro Cultura Salta. En: Club 20 de Febrero); Concierto del grupo vocal “a nuestra manera”. Dir. Eduardo Díaz Torino. A beneficio de Fundación Alegría. (Organiza y auspicia: Fundación Alegría; Club 20 de febrero; UCS; Pro Cultura Salta. En: Club 20 de Febrero); **Cierre del XXVI Abril Cultural Salteño.** Concierto de la Orquesta Sinfónica de Salta. Dir. De Felipe Izcaray. Entrada: \$1. Coordina CARITAS Argentina- Filial Salta a beneficios de entidades de bien público dedicadas a la discapacidad en Salta. (Organiza y auspicia: Gobierno de la Provincia; Sec. de Cultura de Salta; Caritas Argentina-Filial Salta. Local: Estadio Delmi).

Teatro: “El Mundo de los Chicos” de Gustavo Parodi; obra “El cumpleaños de Pedrito”; “El Sapo no puede Dormir”; “La aventura del Elal” (Organiza y Auspicia: Instituto Nacional de Teatro; Museo de Bellas Artes, Pro Cultura Salta. En: Museo de Bellas Artes. También realizado junto con la Municipalidad de Rosario de la Frontera); “Las que aman hasta morir”. Teatro unipersonal de Ana Parodi. (Organiza y auspicia: Secretaría de Cultura de la Provincia.; Pro Cultura; Fundación Salta. En: Fundación Salta).

Exposiciones de pinturas, grabados, esculturas: Apertura del XXVI Abril Cultural Salteño. Exposición de grabados de Lía Rojas Paz, Lic. en Artes Plásticas/grabado (Organiza y Auspicia: Pro Cultura Salta; Facultad de Artes (UNT); IFIAP, Museo Bellas Artes. Local: Museo de Bellas Artes); Exposición Plástica “Plan Solidario de Mayores” (Organiza y Auspicia: Pro Cultura Salta; Secretaría de Cultura de la Provincia.; Plan Solidario de los Mayores. Local: Centro Cultural América); Exposición de acuarelas de Inés Patrón (Organiza y auspicia: Fundación Salta; Sec. de Cultura; Pro Cultura Salta. En: Fundación Salta); “Dalí, el Surrealismo” Exposición de 349 obras de Dalí. Declarado de interés Cultural y Provincial por el Gobierno de la Provincia de Salta. (Organiza y auspicia: Gobierno de la Provincia; Santiago Shanahan; Secretaría de Cultura de la Provincia; Museo de Bellas Artes; Pro Cultura Salta; Asociación de Amigos del Museo de Bellas Artes. EN: Museo de Bellas Artes); Exposición de óleos “Esencia de Mujeres”, de Jorge Klix Cornejo (Organiza y auspicia: Alianza Francesa, Pro Cultura Salta, Sec. de Cultura de Salta. En: Alianza Francesa); Pintura Joven en Salta. Participación: M.L Bucciatti, Rodolfo Vivas, Yayo Pellegrini, Poly Arias, Virginia Montaldi y Mercedes Ruiz de los Llanos (Organiza y auspicia: Escuela Provincial de Bellas Artes; Sec. de Cultura de la Pcia. y Pro Cultura Salta. En: Galería de Arte “A”, Escuela de Bellas Artes “Tomás Cabrera”); Exposición de Cuadros y lecturas de poesía a cargo de los internos del Hospital Psiquiátrico Christofedo Jakob. (Organiza y auspicia:

Hospital Psiquiátrico Christofedo Jakob; Nuevo NOA Shopping; Pro Cultura. En: Alto NOA Shopping).

Fotografía: Muestra de los primeros premios otorgados por la FAF (Federación Argentina de Fotografía), desde los '60 en adelante (Organiza y auspicia: Pro Cultura Salta, FAF, Fundación Salta; Sec. de Cultura de Provincia; Municipalidad de la ciudad de Salta. En: Fund. Salta).

Danza: "Tres en un cuarto". Dirección: Alma Canobbio y Andrea Montero. Danza-teatro (Organiza y auspicia: Pro Cultura Salta; Sec. de Cultura de la Provincia.; Taller Numen. En: Sala Mecano, Casa de la Cultura).

Conferencias, seminarios, homenajes, presentaciones: Homenaje de Pro Cultura a quien fuera presidente, el Cr. Fernando Magadán, con presentación de "Grupo de la Danza Nueva", de Liliana Biaggini (Organiza y Auspicia: Pro Cultura Salta, Secretaría de Cultura de la Provincia y Fundación Salta. En: Fundación Salta); Presentación de cds del IFIPAI (Instituto de Formación, Investigación y Producción de arte Impreso- UNT), cátedra de Lic. Lía Rojas Paz; Lic. Ana Badessi; Lic. Mónica Vallejo; Lic. María de la Paz Risso Patrón, Lic. Marisa Possinni; Lic. Alejandro Gómez Tolosa (Organiza y auspicia: Pro Cultura Salta; Facultad de Artes (UNT); IFIPAI; Sec. de Cultura de la Provincia.; Asociación Amigos del Museo de Bellas Artes. Local: Museo Bellas Artes); "Barro, tal vez", presenta Hernán Baggio; "Criaturas del Aire", Fernando Salvater (Organiza y auspicia: Barro, tal vez; Secretaría de Cultura de la Provincia; Pro Cultura Salta. En: Sala Mecano, Casa de la Cultura); Conferencia de la musicóloga rusa: Sra. Svetlana Levitan (Organiza y auspicia: El Círculo, Pro Cultura Salta. En: El Círculo); Seminario de pintura con acuarela, a cargo de Inés Patrón (Organiza y auspicia: Sec. de Cultura, Fundación Salta; Pro Cultura Salta. En: Fundación Salta); Presentación de la revista "Heteridad". Foro Tucumán Salta, representante internacional de Foros de Campo Lacaniano. (Organiza y auspicia: Foro Tucumán; Sec. de Cultura de la Pcia; Pro Cultura Salta. En: Sala de ensayo, Casa de la Cultura); "Homenaje de Pro Cultura Salta a personalidades e instituciones del medio que han colaborado con esta institución y han apoyado el desarrollo de la cultura en Salta" (Organiza y auspicia.: Pro Cultura Salta. En: Asociación Alianza Israelita); Entrega de Premios del Certamen Literario "Benito Crivelli" año 2001. (Organiza y auspicia: Pro Cultura Salta; Secretaría de Cultura de la Provincia. En: Centro Cultural América).

XXVII Abril Cultural Salteño -2003

Diseño basado en una escultura de Elsa Salfity

Programación General

Música: Camerata del Norte, dirección de Mtro. Jorge Lhez (En: Club 20 de Febrero. Organiza: Pro Cultura Salta); Concierto Homenaje al Contador Fernando Magadán, quien fuera presidente de Pro Cultura Salta. Opus 4 y Orquesta Sinfónica de la Provincia con la presencia de las madres del programa Pan Casero (En: Complejo El Tribuno. Organiza: Pro Cultura Salta); Grupo de Extensión Ensamble Académico “Cesar Casas”. (En: Iglesia San José. Organiza: Pro Cultura Salta); Coro de Cámara de la Universidad Católica de Salta, bajo la dirección del Mtro. Jorge Lhez. (En: Parroquia de Cerrillos. Organiza: Pro Cultura Salta); Estudio Coral Arsis “... O Juremos con Gloria a morir”, con Orquesta de Cámara y Banda de Música de la Ejército (En: Casa de la Cultura. Organiza: Estudio Coral ARSIS y Pro Cultura Salta); Concierto Grupo de Cámara de la Orquesta Sinfónica de Salta (En: Club 20 de Febrero. Organiza: Pro Cultura Salta); Calchamix II. Exposición de Cultura Calchaquí y 2° Muestra de Moda étnica del NOA. A beneficio de la Fundación Argentina Solidaria (Organiza: Calchamix. Adhesión: Pro Cultura Salta. En: Centro Cultural América); Espectáculo Folklórico de Sandra Aguirre (En: Metán, Cachi. Organiza: Pro Cultura Salta y Municipalidad de Metán y de Cachi); Ensamble Coral Esencia (En: Parroquia Santiago Apóstol, Campo Quijano; Centro Cultural San Francisco. Organiza: Asociación Coral Esencia; Pro Cultura Salta e Intendencia de Campo Quijano); Concierto de Orquesta Sinfónica de la Provincia de Salta (En: Teatro de la Fundación Salta y Teatro Mitre -Jujuy. Organiza: Mozarteum Argentino Filial Salta y Pro Cultura Salta); **Cierre del Abril Cultural:** Concierto de la Orquesta Sinfónica de la Provincia de Salta. Homenaje a la Radio Nacional Salta en sus bodas de Oro. Transmisión en directo a todo el país. A beneficio de la Fundación Fe y Alegría. (En:



Estadio Delmi. Organiza: Gobierno de la Provincia de Salta; Pro Cultura Salta y Fundación Fe y Alegría).

Conferencias, premios: El arte como factor de prevención de las adicciones. Disertantes: Ana Ragol (presidente L'USSA. La Urgencia Sanitaria y Socil Sudamericana. Paris, Francia. Lic. Patricia Suárez y Mariano Aybar del Plan Provincial o el abuso de alcohol y Drogas. (En: Fundación Salta. Organiza: Pro Cultura Salta).

Lanzamientos de concursos, talleres: Lanzamiento del Certamen Literario "Benito Crivelli" - Cuarta edición- Literatura Infantil (En: Centro Cultural América. Organiza: Pro Cultura Salta); Lanzamiento de Taller Interdisciplinario de Arte para niños de entre 9-12 años, bajo la conducción de marta Schwartz, Silvia Katz, Pachula Botelli y Virginia Terrile (En: Fundación Salta. Organiza: Pro Cultura Salta).

Títeres: A cargo de Gustavo Parodi a beneficio. (En: Museo Provincial de Bellas Artes; Comedor "Carlos Menem Jr.", departamento Gral. Güemes; Departamento Santa Victoria Este; Departamento de San Martín: Misión La Paz. Organiza: Pro Cultura Salta y Central Térmica Güemes).

Exposiciones: *Apertura XXVII Abril Cultural Salteño.* Muestra homenaje a la Artista salteña "Elsa Salfity". Adhiere al homenaje la Comunidad Franciscana de la Provincia y Exposición Retrospectiva de Francisco Ruiz, artista salteño residente en Colombia. (En: Museo de Bellas Artes. Organiza: Pro Cultura Salta); Muestra de Marianela Antonia López Facchin. Dibujos en tinta china y plumín sobre aspectos de las Culturas Precolombinas (En: Fundación Salta. Organiza: Pro Cultura Salta y Fundación Salta).

Danza: Espectáculo de Danza Contemporánea del Taller de Sandra Píccolo (En: Sala Juan Carlos Dávalos, Casa de la Cultura. Organiza: Taller de Danza Contemporánea de Sandra Píccolo y Pro Cultura Salta).

Cine: Homenaje a la Cineasta salteña Lucrecia Martel y proyección de la película "La Ciénaga" (En: Teatro de la Fundación Salta. Organiza: Pro Cultura Salta).

Logos de Tapa: Secretaría de Cultura de la Provincia de Salta; Gobierno de Salta; Pro Cultura Salta.

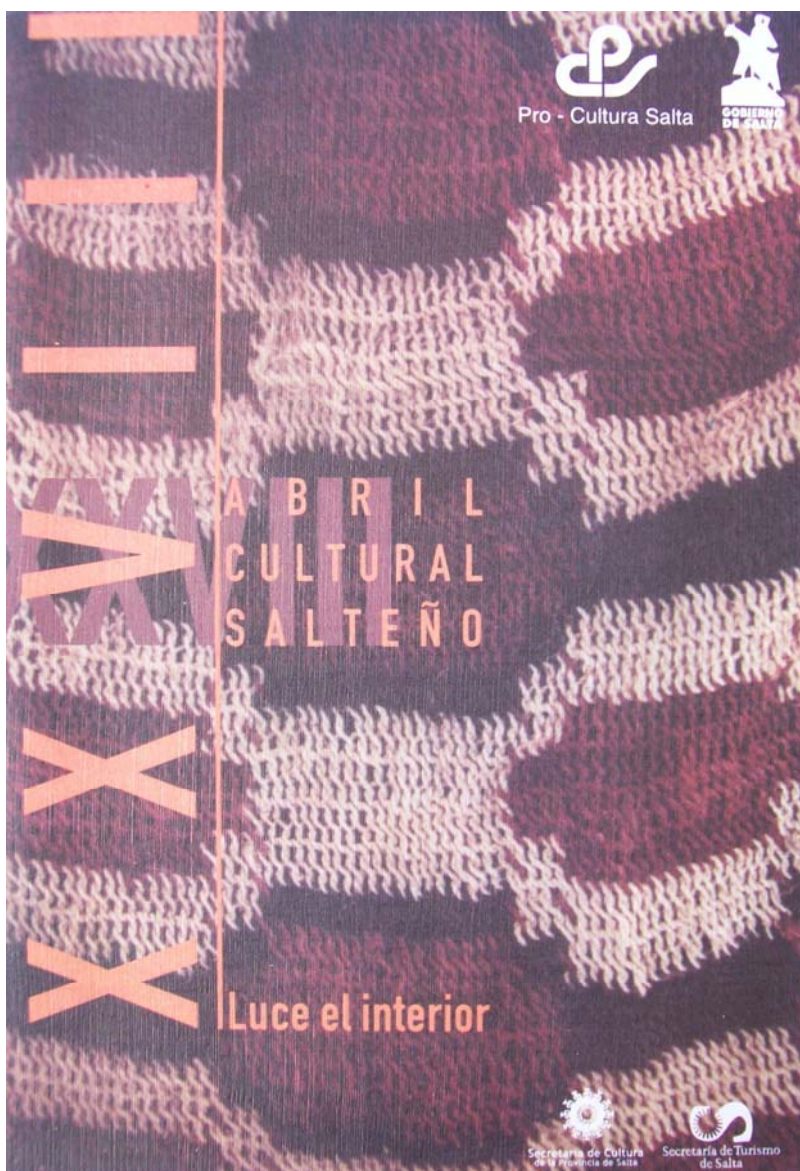
Socios institucionales: Caruso Seguros; Telecom; Central Térmica Güemes; Borax.

Auspician: La Veloz del Norte; Municipalidad de la Ciudad de Salta; Fundación Enjasa; Caruso Seguros; Mas Ventas S.A.; Hotel Colonial; Alto NOA Shopping; Hotel Portezuelo; Secretaría de Turismo de Salta; Telecom; Central Térmica Güemes; Borax; El Tribuno; Credimas; Syncar, correo privado; Lloyd Aéreo Boliviano; Edesa.

“Nuestros agradecimientos a las siguientes instituciones: Museo de Bellas Artes; Asociación Amigos del Museo de Bellas Artes; Museo Histórico del Norte; Centro Cultural América; Artenautas Periódico de Artes; Municipalidades de: Salta, Cachi, Metán, Orán, Tartagal; Dirección de Arte y Cultura de la Universidad Nacional de Salta; Museo de la Ciudad; Teatro de la Ciudad; Sociedad Italiana; Sociedad Española; Fundación Salta; Fundación Enjasa; Teatro Nuestra Señora del Huerto; Mozarteum Argentino, Filial Salta; A.Te.Sa.; Asociación Amigos del Cabildo; Alto NOA Shopping”.

XXVII Abril Cultural Salteño – 2004

Foto de Tapa de Sebastián Canepa (Correveydile Diseño)



Programación General

Música: Dúo de guitarras de Salvador Ruedas y Carlos Ibáñez. (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Centro Cultural América); Concierto “Hangar siete”, con Javier Anderlini en piano (Auspicia: Pro Cultura Salta y Fundación Salta. En: Fundación Salta); Concierto de la Big Band de la Escuela de Música. (Organiza: Pro Cultura Salta y la Escuela de Música. En: Paseo Mitre); Concierto de Juan Quinteros (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Casona del Molino); Recital poético musical “Cerrillos Música y poesía” en adhesión a la batalla de

Cerrillos. Participan: Instrumental Quijano; grupo Quijano poético musical, poetas y conjuntos

folklóricos locales y del Valle de Lerma. (Organiza: Grupo Literario Arco Iris. Auspicia: Pro Cultura y Municipalidad de Cerrillos. En: Predio Manuel J. Castilla, Estación Ferrocarril de Cerrillos); Coro de niños de la Escuela Música (Organiza: Pro Cultura Salta y Escuela de Música. En: Paseo Mitre); Recital folklórico de Sandra Aguirre (Organiza: Pro Cultura Salta. Auspicia: Municipalidad de Campo Quijano. En: Casa de la Cultura de Campo Quijano; Municipalidad de Coronel Moldes); Recital homenaje a “Leguizamón y Castilla” de Liliana Herrero y Juan Falú. (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Sala J.C. Dávalos, Casa de la Cultura); Espectáculo danza, música y poesía “Canto de Luna y trabajo” en Teatro Negro. Teatro Negro de Salta y el dúo Botelli-Alfaro. (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Sala Juan Carlos Dávalos, Casa de la Cultura); Actuación de la Orquesta Infantil de la Escuela de Música de la Pcia y presentación del grupo “Las joyitas”. Organiza: Pro Cultura Salta y Escuela de Música. En: Paseo Mitre); Concierto de la OSS. Solista Javier Anderlini. Dir. Felipe Izcaray. (Organiza: Mozarteum Argentino-Filial Salta y Pro Cultura Salta. En: Sala Juan Carlos Dávalos, Casa de la Cultura y en Teatro Mitre de Jujuy).

Teatro, títeres: I Festival de Títeres del Abril Cultural Salteño. Grupo “La Faranda” con “El joven Tigre y Hombre Viejo”; “Berta y Bepo”; “Quijote”; “Escuderos Hans” (para colegios EGB 3 y Polimodal); (Organiza: PCS. En: Centro Cultural América); Teatro de Títeres a cargo del grupo La Faranda (Organiza Municipalidad de Cafayate); I Festival de Títeres del Abril Cultural Salteño. Grupo *Paralamano* (Organiza: Pro Cultura Salta; Municipalidad de Colonia Santa Rosa; Municipalidad de Campo Quijano y Centro Cultural América. En: Centro Cultural América y en las respectivas municipalidades de esas localidades); Teatro “Gritos... y algo de Show”. A cargo de Hilda Kubiak (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Casa de la Cultura); Teatro “Chau cucos chau!” (Organiza: Pro Cultura Salta y municipalidad de San Antonio de los Cobres, Municipalidad de Tartagal; Municipalidad de Gral. Güemes; Municipalidad de Vaqueros); Teatro “Visita de novios” grupo Teatro Plenitud. Dir. Jorge Renoldi. (Organiza: Pro Cultura Salta y Secretaría de Cultura y Deporte de la Municipalidad de Coronel Moldes); Teatro “Personalmente Eistein” Dir. Juan Tribulo. Teatro de Tucumán. (Organiza y auspicia: Pro Cultura Salta. En: Sala Mecano, Casa de la Cultura); **Cierre del XXVIII Abril Cultural Salteño.** Al aire libre Espectacular montaje de “Quijote” a cargo de cía. La Faranda. (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Paseo Mitre).

Exposiciones de artes visuales: “Tejiendo con Arte: fotografías” Exposición de fotos que refleja una forma de vivir “tejiendo con arte”. Paisajes Textiles. (Organiza: Fundación Awaysun con el auspicio de Pro Cultura Salta y Secretaría de Extensión Universitaria de la U.N.Sa. En: Centro Cultural Aristenes Papi); Exposición muestra- instalación Romina Postigo (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Museo de Bellas Artes).

Presentaciones, conferencias: “Conjeturas”, libro de poemas de Juan Miuel Vian y mini recital a cargo de Eduardo Pertusi. (Auspicia y organiza: Pro Cultura Salta. En: Fundación Salta); Presentación de cd de lectura “La música y los músicos de Salta” del prof. Arturo Botelli. (Auspicia: Pro Cultura Salta, Esc. Superior de Música y Fundación Salta. En: Fundación Salta); Presentación del libro “Había una vez un circo” de Victor Hugo Lellín y Magui Coll. “Certamen Literario Benito Crivelli”. 4ta Edición otorgada por Pro Cultura Salta y lanzamiento de la quinta edición (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Casa de la Cultura).

Al igual que en el folleto anterior, en la tapa se presentan los logos de las instituciones que **organizan:** Pro Cultura Salta; el Gobierno de la Provincia de Salta; Secretarías de Cultura y Turismo de la Provincia de Salta.

En la contratapa se encuentran las empresas que **“auspician este Abril Cultural Salteño:** Caruso Seguros; Banco Macro Bansud; Central Térmica Güemes; Bodegas Chandon; Bórax; Telecom; Coca Cola; Super Vea; Edesa; Librería San Pablo; Fundación Salta; Sycar, correo privado; Cosalta; Agrotécnica Fuegoquina; Fundación Enjasa; Hotel Colonial; El Tribuno; La Veloz del Norte S.A.; Museo Provincial de Bellas Artes; U.P.C.N Salta.

La última página tiene una hoja dedicada a **“Socios institucionales.** Cuyo aporte mensual coayuda al sostenimiento institucional: Caruso Seguros; Central Térmica Güemes; Borax; Telecom”. En la parte inferior de la página se lee “nuestro agradecimiento a todas las instituciones, artistas y particulares que han sumado su esfuerzo a este XXVIII Abril Cultural Salteño. Un especial agradecimiento a la prensa oral, escrita y televisiva”.

En el folleto del evento de Viviana Ovalle se destacan las autoridades provinciales compuestas por: gobernador, Juan Carlos Romero; vice gobernador, Walter Wayar, Ministro de Educación, Juan José Fernández, secretaria de Cultura, Eleonora R. de Ferrer.

El Directorio de Pro Cultura Salta: presidente, Agustín Usandivaras (h); vice presidenta, Carmen Martorrel; secretaria, Judith Zeitune de Levín; pro secretaria, Laura Saha de Romero; tesorera, Alicia Lávaque; pro tesorera Ana María Pusseto; vocal 1, Eleonora R. de Ferrer; vocal 2, Roberto Salvatierra; vocal 3 Agustina Gallo Puló; vocal suplente Andrea Valera Magadán; órgano de fiscalización titular, Silvio Mario Segal; órgano de fiscalización suplente Jorge Faraldo.

XXIX Abril Cultural Salteño- 2005

Programación General

Artes Plásticas: “Murales” de Nora Patrchs y Juan Sánchez (Auspicia: Embajada de Canadá. Organiza: Museo de Arte Contemporáneo. Adhesión: Pro Cultura Salta); Muestra de pintura inspirada en los clásicos de la pintura (Organiza: Municipalidad de Metán y Pro Cultura Salta).

Música: Ensamble Académico César Casas, Coord.: Mtro. Antonio Montero. En calidad de reinauguración de la Casa de la Cultura de Orán (Organiza: Municipalidad de la Nueva Orán, Pro Cultura Salta. Auspicia: Secretaría de Cultura de la Provincia); “Ensamble Académico César Casas”, Coord.: Mtro. Antonio Montero (Organiza: Municipalidad de Irigoyen y Pro Cultura Salta. También realizado en las localidades de: Urundel; Colonia Santa Rosa; Cafayate. Auspicia: Secretaría de Cultura de la Provincia); “Ensamble de Vientos Rogelio Riggio”. (Organiza: Municipalidad de Metán y Pro Cultura Salta. Auspicia: Secretaría de cultura de la Pcia); Concierto didáctico sobre blues. Gabriel Gratzter junto a la cantante Adriana Mercurio (Organiza: Revista “Alas”; Escuela de Música de la Provincia. Auspicia: Pro Cultura Salta); **Cierre del Abril Cultural en Rosario de Lerma** con “Historias de Tangos”, relatos, música y baile. Dir.: Carlos Hugo Burgstailler. Producción: Juan Carlos Herrera; **Cierre Oficial XXIX Abril Cultural Salteño.** Recital de Grupo de Rock “Perro Ciego”. En: Balcarce y Ameghino.



Danza: Apertura oficial del XIX Abril Cultural Salteño. Estreno de la obra “Espejos de mi tierra”. Espectáculo de Danzas indígenas y folklóricas a cargo del grupo de danzas Don Marcos Thames de Cerrillos y junto al Coral Arsis y Eduardo Madeo. Dir: Guillermo Lobo y Myriam Dagum (En Alto NOA Shopping); **Cierra del Abril Cultural en Cerrillos** “Ballet Thames” (Organiza: Municipalidad de Coronel Moldes. Polideportivo de Coronel Moldes)

Teatro: “Adán, Eva o la manzana”. (Organiza: Municipalidad de Colonia de Sta. Rosa, Municipalidad de Orán y Pro Cultura Salta. En: Colonia Santa Rosa y Casa de la Cultura de Orán; Municipalidad de Orán); “El Principito”, actores en escena y música original. Teatro Suburbano. (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Sala Wayar Tedín, Centro Cultural América).

Libros: “Voces del Quichua en Salta”; Susana Martorell de Laconi (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Sala de ensayos de la Casa de la Cultura)

Charlas, Conferencias y Seminarios: Desfile de Modas “Salta Moda 2005” (Auspicia: Pro Cultura Salta. En: Mitre 23); Lanzamiento premio Benito Crivelli (Organizado por Pro Cultura Salta).

Fotografía: “Un cuerpo, una luz, un reflejo” Anne Marie Heinrich (Organiza: Museo de Arte Contemporáneo. Adhesión: Pro Cultura Salta)

Títeres: “Las ocurrencias de Pedrito”. Gustavo Parodi. En Escuelas de las Municipalidades de Orán, Pichanal, Tabacal, Irigoyen, Urundel y Colonia Santa Rosa.

En el frente del folleto se lee Pro Cultura Salta; Secretarías de Turismo y de Cultura de la Provincia de Salta; Gobierno de la Provincia de Salta.

En la contratapa del programa se lee los **socios institucionales:** Caruso Seguros, Central Térmica Güemes, Bórax, Telecom

“Auspician este Abril Cultural Salteño: Caruso Seguros; Banco Macro Bansud; Central Térmica Güemes; Bodegas Chandon; Bórax; Telecom; Edesa; Super Vea; Fundación Salta; Sycar, correo privado; Agrotécnica Fuegoquina; Fundación Enjasa; Hotel Almudena; Estándar, Tabaco Argentina S.A.; Pussetto Salta, S.A.; SIMELA; Agua Palau; Albahaca; COPROTAB; Universal Leaf Tabaco S.A.; Cámara de Tabaco; Asociación Mutual de Tabacaleros; Mas Ventas S.A.; Club 20 de Febrero; Marmolería Sendas; Minera del Altiplano S.A., Lithum; Cristalizando S.A.; El Cóndor S.A.; El Portal de Salta Hotel; Portezuelo Hotel; Marilian Hotel; Don Numas, Posada”.

XXX Abril Cultural Salteño- 2006

Programación General

Muestras: Inauguración **XXX Abril Cultural Salteño** Muestra “7 Artistas x 7 Obras” (Organiza: Pro Cultura Salta. En: Centro Cultural América); Nudos y Tramas. Textiles Precolombinos. Tramas y Urdimbres. Textiles Andinos (En: Museo de Arqueología de Alta Montaña).

Talleres, capacitaciones: Taller Archivo, Conservación de Material de Archivo, Bibliotecas y Colecciones. (En: Centro Cultura San Francisco); Ciclo de capacitación en museología “El museo, Institución cultural y de Proyección Educativa” por la mus. Ma. Esther Alfaro; “La memoria colectiva, forjadora de la identidad” por la Lic. Ma. Elvira Sanguedo. (En: Museo popular Municipalidad de Vaqueros); PIIEP Programa Integral para la Igualdad Educativa. Exposición de las escuelas del Barrio 20 de Febrero, Limache, en Cafayate, Cerrillos, Vaqueros, Orán, Rosario de la Frontera

Lanzamiento: Certamen Literario “Benito Crivelli”, especialidad en Periodismo (En: Centro Cultural América); Donación de libros de Pro Cultura Salta a la Biblioteca Popular Gral. Guemes

Música: Cierre del XXX Abril Cultural Salteño, Recital de tango de Maria Volonte (En: Plaza 9 de Julio); Festival Folclórico (En: Plaza San Martín, Colonia Santa Rosa).

En este programa no hay “socios institucionales” ni “auspiciantes”. Solo agradecimiento a diversas empresas, negocios, instituciones. En muy pocos casos se especifica las actividades organizadas por Pro Cultura.

“Pro Cultura Salta agradece a: Secretaria de Cultura de la Provincia de Salta; Secretaria de Turismo; Dirección de Cultura Municipal; Municipalidad de Salta; Fundación Salta; Mozarteum Argentino- Filial Salta; Orquesta Sinfónica de Salta; Repsol; Caruso Seguros; Borax; Macro;



Central
Térmica
Güemes;
Telecom;
Enjasa;
Cerámica del
Norte; Pusseto
Salta; Minera
Altiplano;
Petro Andina;
El Tribuno;
Club 20 de
Febrero;
Cámara de
Tabaco de

Salta; Constructora Feyling; Edesa; Cooperativa de Productores de Tabacaleros de Salta

Limitada; Bodegas El Porvenir de los Andes; ALTO NOA; SIMELA Medicina Laboral; Transportes González, SYNCAR Correo Privado; Agro Técnica Fueguina; Sheraton Salta; Cartoon, Industria Gráfica; Chandon, La Shell de 3 cerritos; www.mixposicion.com.ar, en Arte de Salta en Internet; Lacteos Mu; Autolux Toyota; Marmoleria Sendal Marinaro; San Juan; Cristalizando; Hotel Almeria; San Pablo Coca Cola; Osde.Binario”.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)